



ERNEST
CLINE

ARMADA

DO MESMO AUTOR DE
JOGADOR NÚMERO 1



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ERNEST
CLINE

ARMADA

DO MESMO AUTOR DE
JOGADOR NÚMERO 1



Ficha Técnica

Copyright © 2015 Dark All Day, Inc.

Copyright © 2015 Leya Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original

Armada

Curadoria

Affonso Solano Gim

Preparação de texto

Mariana Oliveira e Beatriz Sarlo

Revisão

Victor Almeida

Capa original

Will Staehle

Adaptação de capa

Leandro Dittz

Diagramação

Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
C572a

Cline, Ernest

Armada / Ernest Cline; tradução Fábio Fernandes. – 1. ed. – São Paulo: Leya, 2015.

Tradução de: Armada

ISBN 9788544103005

1. Ficção americana. I. Fernandes, Fábio. II. Título.

15-25882 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados à

LEYA EDITORA LTDA.

Av. Angélica, 2318 – 13º andar

01228-200 – São Paulo – SP

www.leya.com.br

*Para o major Eric T. Cline, do Corpo de Fuzileiros
Navais dos EUA, a pessoa mais corajosa que já conheci.*

Semper Fi, irmãozinho.

FASE UM

“O único uso legítimo para um computador é jogar.”

– Eugene Jarvis, criador do *Defender*

Eu estava olhando pela janela da sala de aula, sonhando com aventuras, quando avistei o disco voador.

Pisquei, mas ele ainda estava lá, um disco de cromo brilhante ziguezagueando no céu. Meus olhos se esforçavam pra rastrear o objeto através de curvas cada vez mais rápidas, extremamente fechadas, que teriam reduzido um ser humano a papinha se tivesse havido algum a bordo. O disco disparou na direção do horizonte e pairou, imóvel sobre a linha distante das árvores por alguns segundos, como se vasculhasse a área abaixo antes de se lançar bruscamente para o céu mais uma vez, fazendo outra série de mudanças de curso e velocidade que desafiavam as leis da física.

Tentei ficar tranquilo. Tentei permanecer cético. Lembrei-me de que eu era um homem das ciências, ainda que normalmente não tirasse mais de seis nessa matéria.

Voltei a olhar para o disco. Ainda não sabia dizer o que era, mas sabia o que não era: um meteoro. Nem um balão meteorológico, nem gás do pântano, ou raio globular. Não, o objeto voador não identificado para o qual eu estava olhando com meus próprios olhos definitivamente *não era desta Terra*.

A primeira coisa que pensei foi: *Putá merda, caralho!*

Seguida imediatamente por: *Não acredito que isso finalmente está acontecendo.*

Sabem, desde o primeiro dia do jardim de infância, eu vinha esperando e torcendo por algum evento fantástico e explosivo, que alterasse o mundo, algo que estilhaçasse a monotonia infinita da

minha educação pública. Eu havia passado centenas de horas olhando para a calma e domada paisagem suburbana que cercava a minha escola, desejando silenciosamente a irrupção de um apocalipse zumbi, um acidente maluco que me desse superpoderes, ou talvez a súbita aparição de um bando de anões cleptomaníacos viajantes do tempo.

Eu estimaria que aproximadamente um terço desses meus sombrios sonhos acordados tinha envolvido a chegada inesperada de seres de outro planeta.

Naturalmente, nunca acreditei que isso fosse acontecer de verdade. Mesmo que visitantes alienígenas decidissem *de fato* dar um pulo aqui neste profundamente insignificante planetinha azul e verde, nenhum extraterrestre respeitável escolheria minha cidade natal de Beaverton, Oregon – também conhecida como Tediópolis – como seu ponto de primeiro contato. A não ser que o plano deles fosse destruir nossa civilização erradicando de início nossos lugares menos interessantes. Se o universo tinha um centro reluzente e animado, eu estava no planeta mais distante dele. Por favor, passe o leite azul, tia Beru.

Mas agora alguma coisa milagrosa estava *mesmo* acontecendo! Havia um maldito disco voador lá fora. Eu estava olhando bem para ele.

E tinha certeza de que ele estava chegando mais perto.

Dei uma olhadinha furtiva para trás e vi meus dois melhores amigos, Cruz e Diehl, sentados atrás de mim. Mas naquele momento eles estavam entretidos numa discussão aos sussurros e nenhum deles olhava para a janela. Cheguei a pensar em tentar chamar a atenção deles, mas fiquei com medo de que o objeto pudesse sumir a qualquer segundo, e não queria perder a chance de eu mesmo ver isso.

Voltei rapidamente o olhar para fora, bem a tempo de ver outro clarão prateado brilhante quando a nave disparou lateralmente pela paisagem, depois parou e ficou flutuando sobre um trecho adjacente de terreno antes de se afastar mais uma vez. Flutuando, voando. Flutuando, voando.

Não havia dúvida de que ele estava chegando mais perto. Agora eu já conseguia ver seu formato com mais detalhes. O disco virou de lado por alguns segundos, e obtive meu primeiro vislumbre claro de seu perfil de cima para baixo. Na verdade não era um disco. Daquele ângulo, pude ver que seu casco simétrico lembrava a lâmina de um machado de guerra de dois gumes e que um prisma octogonal negro estava no centro, encaixado entre suas longas asas serrilhadas, reluzindo na luz do sol da manhã como uma joia escura.

Meu cérebro deve ter sofrido um curto-circuito, porque não havia como confundir o desenho único da nave. Afinal, eu o havia visto quase todas as noites nos últimos anos, através de uma mira telescópica. Eu estava olhando para um Sobrukai Glaive, uma das naves de caça pilotadas pelos vilões alienígenas em *Armada*, meu videogame favorito.

Coisa que, claro, era impossível. Tipo ver um caça TIE ou uma Ave-de-Rapina Klingon cruzando o céu. Os Sobrukai e seus caças Glaive eram criações fictícias. Eles *não podiam* existir de verdade. Videogames *não ganhavam* vida, e espaçonaves fictícias *não saíam* zunindo em disparada pela sua cidade natal. Merdas sem sentido assim só aconteciam em filmes bregas dos anos 1980 como *Tron*, *Jogos de Guerra* ou *O último guerreiro das estrelas*. O tipo de filme pelo qual meu falecido pai era louco.

A espaçonave reluzente voltou a virar de lado, e desta vez eu consegui vê-la ainda melhor: não havia dúvida. Eu estava olhando para uma Glaive, com suas peculiares ranhuras semelhantes a garras ao longo da fuselagem e seus canhões de plasma gêmeos que despontavam da proa como duas presas.

Só havia uma explicação lógica para o que eu estava vendo: alucinação. E eu sabia que tipo de pessoa sofre de alucinações em plena luz do dia sem ajuda de drogas ou álcool: gente maluca. Gente com uma séria deficiência de neurônios.

Por muito tempo eu me perguntei se meu pai tinha sido uma dessas pessoas, por causa do que encontrei em um dos seus velhos diários. As coisas que eu li me deram a impressão de que ele estava delirando perto do fim da vida, sem discernir videogames da realidade – o mesmo problema que eu parecia estar experimentando agora. O que eu sempre havia temido em segredo estava acontecendo: filho de peixe maluco, peixinho maluquinho é.

Será que alguém me drogou? Não, impossível. Tudo o que eu havia comido naquela manhã era um Pop-Tart de morango frio, engolido às pressas no carro a caminho da escola. Pior do que ter alucinações com uma espaçonave de videogame é colocar a culpa disso num doce congelado do café da manhã. Meu DNA era um culpado muito mais provável.

Eu podia ter tomado precauções, mas fiz o contrário. Assim como meu velho, eu passei a vida inteira numa overdose de escapismo sem censura, permitindo de bom grado que a fantasia se tornasse minha realidade. Agora, eu também estava pagando o preço pela minha falta de visão. Um trem de loucura pura estava descarrilhando. Dava quase pra ouvir Ozzy gritando: “*All aboard!*”

Não faça isso, implorei a mim mesmo. Não pire agora, quando temos somente dois meses até a formatura! Estamos na reta final,

Lightman! Segura a onda!

Lá fora, o caça Glaive tornou a disparar lateralmente. Ao se aproximar de um aglomerado de árvores altas, vi as folhas farfalharem em seu rastro. Então ele se lançou na direção de uma massa de nuvens, movendo-se tão rápido que fez um buraco perfeitamente circular em seu centro, arrastando vários fiapos compridos de vapor ao sair do outro lado.

Um segundo mais tarde, o veículo congelou no meio do ar uma última vez antes de disparar reto para cima num borrão prateado, sumindo de vista tão rapidamente quanto havia aparecido.

Fiquei sem reação por um momento, incapaz de fazer algo mais do que encarar o pedaço vazio de céu onde a nave havia estado um segundo antes. Então olhei ao redor para os outros alunos sentados perto de mim. Ninguém estava olhando para a janela. Se aquele caça Glaive estivera realmente lá fora, ninguém mais o tinha visto.

Voltei a vasculhar o céu vazio, rezando para que o estranho veículo prateado reaparecesse. Mas ele se fora de vez, e agora ali estava eu, forçado a lidar com o decorrer da situação.

Ver aquele caça Glaive, ou imaginar que o tinha visto, havia deflagrado um pequeno deslizamento de rochas na minha mente. Agora o deslizamento se tornara uma avalanche de emoções conflitantes e memórias fragmentadas... todas elas ligadas ao meu pai e àquele velho diário que eu havia encontrado no meio das coisas dele.

Na verdade, eu nem mesmo tinha certeza de que aquilo era um diário. Nunca terminei de lê-lo. Seu conteúdo me perturbou bastante, principalmente a condição mental do seu autor. Então coloquei um dos velhos cadernos de notas de volta onde o encontrei e tentei esquecer que ele existia. Até alguns segundos atrás, eu havia conseguido.

Mas agora eu não conseguia pensar em mais nada além disso.

Senti uma súbita compulsão de sair correndo da escola, dirigir até minha casa e encontrá-lo. Não levaria muito tempo. Eu morava a poucos minutos dali.

Dei uma olhada de relance na saída e no homem que a guardava, o Sr. Sayles, nosso velho professor de matemática. Ele tinha um corte rente de cabelo grisalho, óculos grossos de aro de tartaruga, e usava a mesma roupa monocromática de sempre: mocassins pretos, calças pretas, uma camisa social branca de mangas curtas e uma gravata preta de presilha. Ele lecionava naquela escola havia mais de 45 anos, e as velhas fotos dos anuários na biblioteca eram prova de que ele nunca tinha deixado de usar aquela mesma indumentária retrô. O Sr. S. estava finalmente se aposentando naquele ano, o que era ótimo, já que ele tinha

esgotado sua capacidade de dar a mínima para qualquer coisa em algum momento no século passado. Hoje ele tinha ditado nosso dever de casa nos primeiros cinco minutos, e depois nos dando o resto do período para trabalhar nele, enquanto desligava seu aparelho de audição e fazia suas palavras cruzadas. Ainda assim, ele me flagraria se eu tentasse escapar de fininho.

Meus olhos avistaram o antigo relógio embutido na parede de tijolos verde-limão, acima do obsoleto quadro-negro. Com sua inclemência de sempre, ele informava que ainda faltavam 32 minutos até o sinal tocar.

Eu não tinha como aguentar mais 32 minutos daquilo. Depois do que havia acabado de ver, teria sorte se conseguisse não surtar por mais 32 segundos.

À minha esquerda, Douglas Knotcher estava concentrado na sua humilhação diária de Casey Cox, o tímido garoto, infestado de acne, azarado o bastante para estar sentado na frente dele. Knotcher costumava se limitar a lançar insultos verbais ao coitado do garoto, mas hoje ele decidiu trabalhar à moda antiga e disparar bolas de cuspe nele. Knotcher tinha uma pilha de projéteis úmidos empilhados na mesa como balas de canhão, e naquele momento estava atirando uma atrás da outra na nuca de Casey. A parte de trás do cabelo do garoto já estava úmida de cuspe pelos ataques anteriores. Uns dois colegas de Knotcher estavam olhando do fundo da sala, e davam risinhos toda vez que ele acertava Casey com outro projétil, incentivando-o a continuar.

Eu ficava louco quando Knotcher praticava *bullying* em Casey daquela maneira – e essa, eu suspeitava, era uma das razões pelas quais o agressor gostava tanto de fazer isso. Ele sabia que eu não podia fazer absolutamente nada a respeito.

Olhei de relance para o Sr. Sayles, mas ele ainda estava absorto em suas palavras cruzadas, sem ter ideia do que está acontecendo, como sempre – um fato do qual Knotcher tirava vantagem todos os dias. E, todos os dias, eu precisava resistir à necessidade de fazê-lo engolir seus próprios dentes.

Doug Knotcher e eu tínhamos conseguido evitar um ao outro, na maior parte do tempo, desde “o Incidente” no final do ensino fundamental. Até este ano, quando um ato cruel do destino havia feito com que nós dois fôssemos parar na mesma aula de matemática. E ainda por cima sentados em fileiras adjacentes. Era quase como se o universo *quisesse* que meu último semestre do ensino médio fosse o mais infernal possível.

Isso também teria explicado porque minha ex-namorada, Ellen Adams, também estava nesta classe. Três fileiras à minha direita e duas fileiras atrás, sentada logo além do alcance da minha visão

periférica.

Ellen foi meu primeiro amor e nós perdemos a virgindade um com o outro. Já fazia quase dois anos desde que ela havia me largado por um atleta de luta livre de uma escola vizinha, mas todas as vezes que eu batia os olhos naquelas sardas na ponta do seu nariz – ou a via afastando aqueles cabelos ruivos cacheados dos olhos – sentia meu coração se despedaçar. Eu costumava passar a aula inteira tentando esquecer que ela estava na sala.

Ser forçado a me sentar entre meu inimigo mortal e minha ex-namorada todas as tardes fazia aquelas aulas de matemática parecerem meu Kobayashi Maru particular, um cenário brutal sem vencedores projetado para testar minha fortaleza emocional.

Felizmente o destino havia equilibrado um pouco essa apavorante equação colocando também meus dois melhores amigos nesta classe. Se Cruz e Diehl não tivessem sido colocados aqui, eu provavelmente teria surtado e começado a alucinar merdas no meio da primeira semana.

Voltei a olhar de relance para eles. Diehl, que era alto e magro, e Cruz, que era baixinho e atarracado, tinham o mesmo nome, Michael. Desde o primário eu os chamava pelos sobrenomes para evitar confusão. Os Mikes ainda estavam concentrados na mesma conversa em sussurros, que já rolava antes mesmo de eu viajar e começar a ver coisas, um debate sobre “a mais irada batalha de armas brancas na história do cinema”. Tentei me concentrar nas vozes deles novamente.

– Ferroada não era sequer uma *espada* – dizia Diehl. – Ela era mais parecida com uma faquinha Hobbit que brilha no escuro, usada para passar geleia em torradas.

Cruz revirou os olhos.

– “Sua predileção pela folha dos pequenos obviamente prejudicou seu raciocínio” – citou ele. – Ferroada era uma lâmina *élfica*, forjada em Gondolin na Primeira Era! Ela podia cortar quase qualquer coisa! E sua lâmina só brilhava quando detectava a presença de orcs por perto. O que o Mjöltnir detecta? Sotaques falsos e cabelos sedosos?

Eu queria contar a eles o que tinha acabado de ver, mas fossem melhores amigos ou não, eles nunca iriam acreditar em mim. Encarariam isso como outro sintoma da instabilidade psicológica do seu amigo Zack.

E talvez fosse mesmo.

– Thor não precisa detectar seus inimigos pra sair correndo e se esconder no seu buraquinho de Hobbit! – sussurrou Diehl. – O Mjöltnir é poderoso o bastante para destruir montanhas, e também pode emitir rajadas de energia, criar campos de força e invocar o

relâmpago. O martelo também retorna para a mão de Thor depois que ele o lança, mesmo que tenha de arrebentar um planeta inteiro para isso! E somente Thor consegue erguê-lo! – Ele se recostou.

– Cara, o Mjölnir é uma merdinha de canivete suíço mágico! – disse Cruz. – Ainda pior do que o anel do Lanterna Verde! Semana sim, semana não, eles dão um novo poder pra esse martelo, só pra tirar Thor de qualquer roubada idiota que escreveram. – Deu um sorrisinho irônico. – A propósito, muitas outras pessoas já pegaram no Mjölnir, inclusive a Mulher-Maravilha numa edição de *crossover* entre Marvel e DC. Pode buscar no Google! Todo o seu argumento é inválido, Diehl!

Para fins de registro, minha própria escolha pessoal teria sido provavelmente Excalibur, conforme mostrada no filme de mesmo nome. Mas eu não estava com vontade de entrar no debate. Em vez disso, minha atenção vagou de volta para Knotcher, que estava no processo de jogar outra gigantesca bola de cuspe em Casey. Ela o acertou bem no meio da nuca já úmida dele e depois caiu no chão, onde se juntou à pilha molhada de mísseis que já haviam sido disparados.

Casey ficou rígido por um segundo ao receber o impacto, mas não se virou. Simplesmente afundou na carteira enquanto seu carrasco preparava outra salva de saliva.

Havia uma relação óbvia entre o comportamento de Knotcher e o pai bêbado e abusivo dele, mas na minha opinião a causa de seu sadismo não justificava isso. Obviamente, eu também tinha algumas questões com meu pai, e ninguém me via arrancando asa de mosca.

Por outro lado, eu tinha, sim, um pequeno problema de gerenciamento de raiva, e um histórico relacionado à violência física, ambos bem-documentados pelo sistema público escolar.

E, ah, sim, esse negócio de “ter alucinações sobre espaçonaves alienígenas do meu videogame favorito”.

Talvez eu não estivesse na melhor posição para julgar a sanidade dos outros.

Todos meus colegas de classe estavam encarando Casey agora, provavelmente perguntando se aquele seria o dia em que ele finalmente se levantaria e encararia Knotcher. Mas Casey simplesmente olhava para o Sr. Sayles, que ainda estava concentrado nas palavras cruzadas, ignorando o intenso drama adolescente que se desdobrava bem ali.

Knotcher disparou outra bola de cuspe, e Casey se encolheu ainda mais na carteira, quase como se estivesse derretendo.

Tentei fazer o que fiz o semestre inteiro. Tentei gerenciar minha raiva. Concentrar minha atenção em outro lugar e cuidar da própria vida. Mas não pude e não fiz.

Ver Knotcher atormentar Casey enquanto o resto de nós ficava simplesmente sentado assistindo me enchia não só de desprezo por mim mesmo, mas também de nojo por toda a minha espécie. Se existiam outras civilizações lá fora, por que é que elas iriam querer fazer contato com a humanidade? Se era assim que tratávamos uns aos outros, quanta gentileza nós poderíamos mostrar a alguma raça de seres de olhos protuberantes vindos do espaço?

Uma imagem clara do caça Glaive reapareceu na minha mente, aumentando alguns pontos a mais a tensão nos meus nervos. Tentei acalmá-los – desta vez me lembrando da equação de Drake e do paradoxo de Fermi. Eu sabia que provavelmente existia vida em algum outro lugar. Mas devido ao vasto tamanho e à avançada idade do universo, também sabia que era astronomicamente improvável que algum dia fôssemos fazer contato com ela, ainda mais dentro da estreita janela do meu tempo de vida. Estávamos todos provavelmente presos aqui para sempre, na terceira pedra depois do nosso sol. Audaciosamente entrando em extinção.

Senti uma dor aguda no meu maxilar e percebi que estava trincando os dentes – com força o bastante para rachar os molares de trás. Custei um pouco a relaxar. Então voltei a olhar para Ellen, para ver se ela estava observando aquilo tudo. Ela encarava Casey com uma expressão indefesa, e seus olhos estavam cheios de pena.

Isso foi o que finalmente me fez passar dos limites.

– Zack, o que você está fazendo? – ouvi Diehl perguntar num sussurro de pânico. – Senta!

Olhei para baixo. Sem perceber, eu havia me levantado da minha mesa. Meus olhos ainda estavam fixos em Knotcher e Casey.

– Fica fora disso! – sussurrou Cruz por cima do meu outro ombro. – Qual é, cara.

Mas àquela altura uma película vermelha de ódio já havia descido sobre minha visão.

Quando cheguei até onde Knotcher estava, não fiz o que queria fazer, que era agarrá-lo pelos cabelos e bater o rosto dele na mesa com o máximo de força, sem parar.

Em vez disso, me abaixei e peguei a pilha molhada de bolas de cuspe cinzentas que repousavam no chão atrás da carteira de Casey. Usei ambas as mãos para juntá-las todas numa única bola molhada e depois lancei-a bem em cima da cabeça de Knotcher. Ela fez um som de *ploft* extremamente satisfatório.

Knotcher deu um pulo e veio enfrentar seu agressor, mas gelou quando viu meu rosto o encarando. Arregalou os olhos, e pareceu ter ficado ligeiramente pálido.

Um *Ooooooh!* coletivo emanou dos nossos colegas de classe. Todo mundo sabia o que havia acontecido entre mim e Knotcher, e

todos estavam eletrizados pela possibilidade de uma revanche. A aula de matemática havia acabado de ficar bem mais empolgante.

Knotcher se levantou e agarrou a bola molhada em cima de sua cabeça. Então a atirou, zangado, do outro lado da sala, resvalando sem querer em meia dúzia de pessoas. Olhamos fixo nos olhos um do outro. Reparei num riozinho do próprio cuspe de Knotcher pingando pelo lado esquerdo de seu rosto. Ele o enxugou, ainda sem tirar os olhos de mim.

– Finalmente decidi defender seu namorado, Lightman? – murmurou ele, mal conseguindo esconder o tremor na sua voz.

Trinquei os dentes e dei um passo à frente, fechando o punho direito. Isso provocou o efeito desejado. Knotcher não somente piscou: ele recuou, tropeçando na carteira e quase caindo no chão. Mas aí ele se endireitou e me encarou novamente, o rosto agora corado de vergonha.

A sala de aula estava agora num silêncio mortal, a não ser pelos estalidos incessantes do relógio de parede ancestral, marcando a passagem dos segundos.

Faça isso, pensei. Me dê uma desculpa. Me dê um soco.

Mas eu podia ver o medo crescendo nos olhos de Knotcher, substituindo a raiva. Talvez ele pudesse dizer pela expressão nos meus olhos que eu estava à beira de enlouquecer.

– Psicopata – sussurrou ele. Então se virou e se sentou, levantando o dedo médio pra mim por cima do ombro.

Percebi que meu punho direito ainda estava levantado. Quando finalmente o abaixei, pareceu que toda a classe voltou a respirar ao mesmo tempo. Olhei de relance para Casey, esperando que ele acenasse com a cabeça para mim em sinal de agradecimento. Mas ele ainda estava curvado em sua mesa, como um cachorro que acabou de apanhar, e não fez contato visual comigo.

Eu me virei rapidamente para Ellen. Ela estava me encarando desta vez, mas imediatamente desviou o olhar, recusando-se a me olhar nos olhos. Perscrutei o resto da classe. As únicas pessoas que faziam contato visual comigo eram Cruz e Diehl, ambos com cara de preocupação.

Foi quando o Sr. Sayles finalmente levantou a cabeça das palavras cruzadas e reparou que eu estava pairando sobre Knotcher como o assassino do machado. Ele mexeu no seu aparelho auditivo e tornou a ligá-lo; então olhou para mim, para Knotcher, e depois para mim novamente.

– O que está acontecendo, Lightman? – perguntou, apontando um dedo torto para mim. Como não respondi, ele franziu a testa. – Volte para sua carteira, agora.

Mas eu não podia fazer isso. Meu crânio ia implodir se ficasse ali

mais um segundo. Então saí da classe, passando bem na frente da mesa do Sr. Sayles no caminho para a porta aberta. Ele me viu sair, erguendo as sobranceiras sem acreditar.

– É melhor que você esteja indo para a sala do diretor, rapaz! – gritou ele atrás de mim.

Eu já estava correndo para a saída mais próxima, perturbando uma classe atrás da outra com o guincho entrecortado das solas dos meus tênis no piso encerado do corredor.

Depois do que pareceu uma eternidade, finalmente saí pela entrada principal da escola. Enquanto meus pés corriam para o estacionamento, meus olhos percorriam o céu de um horizonte para o outro. Para qualquer um que olhasse de dentro da escola, eu devia parecer um louco, assistindo a uma partida de tênis entre gigantes que só eu podia ver: ou, quem sabe, como Dom Quixote, medindo o tamanho de uns moinhos de vento antes de atacá-los.

Meu carro estava estacionado perto dos fundos do estacionamento. Era um Dodge Omni branco 1989 que tinha sido do meu pai, cheio de amassados e arranhões, com tinta descascando e grandes partes enferrujadas. Ele ficou esquecido debaixo de uma lona na nossa garagem durante toda minha infância, até minha mãe me dar as chaves no meu aniversário de dezesseis anos. Aceitei o presente sentindo coisas contraditórias, e não só porque era uma bodega enferrujada que praticamente não andava. Por acaso ele também tinha sido o carro no qual fui concebido – enquanto estava parado no mesmo estacionamento no qual eu coincidentemente me encontrava agora. Um infeliz fragmento de informação trivial que minha mãe deixou escapar em um dia dos namorados, depois de muito vinho e de ter assistido ao *Digam o que quiserem* muitas vezes seguidas. *In vino veritas*: duplamente verdade no caso da minha mãe quando um filme de Cameron Crowe era acrescentado à mistura.

De qualquer maneira, agora o Omni era meu. A vida é um ciclo, eu suponho. E carro grátis é carro grátis, especialmente para um garoto falido no ensino médio. Eu apenas fiz o melhor que pude para não pensar nos meus pais adolescentes transando no banco de trás enquanto Peter Gabriel cantava para eles no cassete.

Sim: o carro ainda tinha um cassete que funcionava. Eu tinha um cabo adaptador para ele, então podia tocar música do meu celular, mas preferia ouvir as velhas mixtapes do meu pai em vez disso. Suas bandas favoritas se tornaram as minhas favoritas também: ZZ Top, AC/DC, Van Halen, Queen. Liguei o poderoso motor de quatro cilindros, e o cover da música “Get It On (Bang a Gong)”, do Power Station, começou a soar pelas caixas de som meio detonadas.

Corri para casa o mais rápido que pude, costurando pelo

labirinto de sombrias ruas suburbanas – o que não era muito seguro, já que eu passava um trecho da viagem olhando para o alto em vez de para a estrada à minha frente. Ainda era apenas o meio da tarde, mas já dava para ver uma discreta lua quase cheia no alto, e toda hora meu olhar fixava nela quando eu vasculhava os céus. Como resultado, quase atravessei direto duas placas de “Pare” durante o curto caminho para casa, e em seguida cheguei a poucos centímetros de ser abalroado por um utilitário quando atravessei no sinal vermelho.

Depois disso, acendi meus faróis e dirigi os últimos quilômetros bem devagar – ainda enfiando o pescoço pra fora da janela, incapaz de tirar os olhos do céu.

Estacionei na rua vazia e desliguei o motor, mas não saí do carro. Agarrei o volante com as duas mãos, espiando em silêncio a janela do sótão de nossa casinha de tijolos coberta de hera, pensando na primeira vez que havia subido até lá para garimpar as coisas velhas do meu pai. Eu me sentia como um jovem Clark Kent, preparando-se para finalmente descobrir a verdade sobre suas origens pelo fantasma holográfico de Jor-El. Agora estava mais para Luke Skywalker, olhando para a boca da caverna em Dagobah enquanto o Mestre Yoda lhe falava sobre a lição do dia: *Forte no Lado Negro da Força aquele lugar é. Lá dentro você deve ir, seu fdp.*

Então entrei.

Quando abri a porta da frente da nossa casa e entrei na sala de estar, o Muffit, nosso velho beagle, olhou sonolento para mim do tapete, onde estava escarrapachado. Até poucos anos antes ele teria esperado por mim logo atrás da porta, latindo feito um louco. Mas o pobrezinho agora estava tão velho e surdo que minha chegada mal o havia despertado. Muffit rolou de costas, e fiz umas cosquinhas rápidas na barriga dele antes de subir. O velho cachorro me viu sair, mas não foi atrás.

Quando finalmente cheguei à porta do sótão, fiquei simplesmente parado no alto das escadas, com uma das mãos na maçaneta. Não abri a porta. Não entrei. Não naquele instante.

Eu precisava de um momento para me preparar.

Seu nome era Xavier Ulysses Lightman e ele morreu quando tinha apenas dezenove anos. Eu ainda era apenas um bebê na época, então não me lembro dele. Enquanto crescia, eu sempre me dizia que tinha sorte. Porque você não pode sentir saudade de quem não se lembra.

Mas a verdade era que eu sentia *mesmo* saudade dele. E tentava preencher sua ausência, absorvendo cada fragmento de informação a seu respeito. Às vezes era como se eu estivesse tentando ganhar o direito de sentir saudade com a mesma intensidade que minha mãe e os pais dele pareciam ter.

Aos dez anos, mais ou menos, entrei no que hoje considero ter sido minha “fase Garp”. Foi quando a curiosidade de uma vida inteira a respeito do meu falecido pai gradualmente desabrochou numa flor de obsessão.

Até aquele ponto, eu tinha conseguido me virar com uma imagem vaga e idealizada de meu jovem pai. Mas, na verdade, eu realmente só sabia quatro fatos básicos sobre ele: as mesmas quatro coisas que me eram repetidas sem parar ao longo da infância, em grande parte pelos meus avós:

1. Eu era a cara dele quando tinha (insira aqui minha idade atual).
2. Ele havia amado muito a mim e a minha mãe.
3. Ele morreu num acidente de trabalho na usina de tratamento de esgoto local.
4. O acidente supostamente não foi culpa dele.

Assim que minha idade chegou aos dois dígitos, esses detalhes vagos não foram mais suficientes para satisfazer minha curiosidade. Então comecei a encher minha mãe de perguntas. Diariamente. Incessantemente. Na época, eu era muito jovem e sem noção para perceber como era doloroso para ela ser interrogada a respeito do falecido marido pelo clone dele de dez anos de idade. Não, meu ego para lá de autocentrado parecia não ter condição de ligar esses pontinhos brilhantes de néon, então eu continuava fazendo perguntas, e minha mãe, como um bom soldado, foi respondendo do melhor jeito que podia, enquanto aguentou.

Um dia, ela me entregou uma pequena chave de bronze e me falou das caixas no nosso sótão.

Até então, eu sempre imaginara que minha mãe havia doado todas as coisas do meu pai depois de sua morte, porque parecia a primeira coisa que faria uma jovem viúva e mãe solteira que estava tentando retomar a vida. Mas naquele dia de verão, ela me explicou que não foi o caso. Em vez disso, ela colocou tudo o que ele

possuía em caixas de papelão e, quando nos mudamos alguns meses depois para nossa casa atual – adquirida com a pensão do acordo judicial do acidente –, guardou tudo no sótão. Ela disse que fez isso por mim, para que, quando eu crescesse e quisesse saber mais a respeito do meu pai, aquelas caixas estivessem lá esperando por mim.

Quando destranquei a porta e entrei correndo no sótão pela primeira vez, lá estavam elas: uma dezena de caixas de papelão de empresa de mudança, em perfeito estado, muito bem empilhadas num canto baixo das vigas inclinadas, iluminadas por um feixe brilhante de luz do sol. Por muito tempo minha única reação foi apenas olhar para aquela torre de cápsulas do tempo esperando que eu descobrisse seus segredos.

Eu havia passado o resto do verão naquele sótão, vasculhando tudo, como um arqueólogo desenterrando relíquias muito antigas. Passei um bom tempo lá. Para um cara que só tinha chegado até os dezenove anos, meu pai havia conseguido colecionar uma quantidade impressionante de coisas.

Cerca de um terço das caixas estava abarrotado com a coleção de videogames dele – na verdade, era mais um aglomerado de coisas do que uma coleção. Ele tivera cinco consoles diferentes de videogame, juntamente com centenas de jogos para cada um. Mas eu descobri o verdadeiro arsenal no seu velho PC, que continha milhares de jogos clássicos de arcade, emuladores de videogames de consoles e arquivos ROM – mais games do que uma pessoa poderia ter jogado numa única vida. Mas meu pai parece ter tentado.

Em outra caixa, encontrei um antigo aparelho de videocassete, daqueles de inserir a fita por cima. Descobri como plugá-lo na pequena TV do meu quarto e comecei a assistir a suas velhas fitas, uma depois da outra, na ordem em que as tirei da caixa. A maioria eram filmes e programas de TV antigos de ficção científica, junto com um bocado de programas de ciência gravados direto de um canal de TV.

Também havia caixas cheias com as suas roupas velhas. Tudo era grande demais para mim, mas isso não me impediu de tentar usar cada peça que ele já tinha possuído, respirando aquele cheiro enquanto eu me olhava no espelho empoeirado do sótão.

Fiquei muito empolgado quando encontrei uma caixa de cartões e cartas velhas no meio das coisas, junto com a caixa de sapato transbordando com bilhetinhos de amor cuidadosamente dobrados que minha mãe havia passado para ele durante seu namoro de sala de aula. Li todos eles, sem um pinga de pudor, engolindo novos detalhes sobre o homem que havia me gerado.

A última caixa que olhei continha todos os velhos materiais de

RPG do meu pai. Ela estava cheia de livros de regras, sacolas de dados poliédricos, folhas de personagens e uma grande pilha de seus velhos cadernos de campanha, cada um deles detalhando as minúcias de alguma realidade fictícia feita para ser o cenário de um de seus *role-playing games* – e cada um deles oferecendo um pequeno vislumbre da imaginação notoriamente hiperativa do meu pai.

Mas um daqueles cadernos era diferente dos demais. Tinha uma capa azul, e meu pai havia cuidadosamente escrito em letras de forma uma única palavra críptica no centro de sua capa gasta: PHAËTON.

As páginas amareladas do caderno continham uma estranha lista de datas e nomes, seguidas pelo que parecia ser uma série de entradas de diário fragmentadas, que descreviam os detalhes de uma conspiração global que meu pai acreditava ter descoberto: um projeto ultrassecreto envolvendo todos os quatro ramos das Forças Armadas dos Estados Unidos, que, segundo ele, estavam trabalhando em conluio com as indústrias de entretenimento e videogame, assim como membros seletos das Nações Unidas.

No começo, tentei me convencer de que estava lendo um resumo de algum cenário de RPG que ele havia imaginado, ou notas para algum conto nunca escrito. Mas, quanto mais eu lia, mais perturbador ficava. Aquilo não tinha o estilo de um texto de ficção. Parecia mais uma longa e confusa carta escrita por um paciente mental com altos delírios – alguém que, por acaso, tinha contribuído com metade do meu DNA.

O diário havia ajudado a destruir a imagem idealizada que eu construía do meu jovem pai. Essa foi uma das razões pelas quais jurei nunca mais olhar para aquilo.

Agora, a mesma coisa que havia acontecido com ele estava acontecendo comigo. Videogames estavam infectando minha realidade também. Será que meu pai também tivera alucinações? Será que ele era – será que *eu* era – esquizofrênico? Eu *precisava* saber o que ele pensava, tinha de mergulhar de volta em seus delírios e descobrir como eles poderiam estar ligados aos meus.

Quando finalmente reuni coragem para abrir a porta do sótão e entrar, avistei as caixas no mesmo instante. Eu as havia empilhado novamente no canto empoeirado onde as encontrara da primeira vez. Não tinham etiquetas, então levei alguns minutos mexendo nelas antes de encontrar a que estava repleta com os velhos RPG do meu pai.

Coloquei-a no chão e comecei a vasculhar seu interior, puxando livros de regras e suplementos para games com nomes tipo *Advanced Dungeons & Dragons*, *GURPs*, *Champions*, *Star Frontiers* e *Spacemaster*. Embaixo deles havia uma pilha com cerca de dez cadernos de anotações de campanhas velhas. O caderno que eu estava procurando estava bem lá no final, onde eu o havia escondido uns oito anos antes. Era um caderno azul de três matérias, amassado, com 120 páginas, pautado. Passei as pontas dos dedos sobre o nome que meu pai havia escrito na capa – um nome que havia me assombrado desde a primeira vez que eu o lera: PHAËTON.

Na mitologia grega, Phaëton, também conhecido como Faetonte, é um garoto idiota que convence seu pai, o deus Hélios, a deixá-lo levar sua carruagem solar para um passeio. Phaëton nem tinha tirado a carteira de habilitação, então ele rapidamente perde o controle do sol, e Zeus tem de destruí-lo com um raio para impedir que ele calcine a Terra.

Fiquei sentado de pernas cruzadas e coloquei o caderno no colo. Examinei sua capa um pouco mais de perto. No canto inferior direito, muito pequeno, meu pai também havia mandado imprimir *Propriedade de Xavier Lightman*, seguido pelo endereço de sua casa na época.

Ver aquele endereço acionou outra avalanche de memórias, porque era a mesma casinha na Oak Park Avenue onde vovô e vovó Lightman viveram. A mesma casa que eu costumava visitar quase todo fim de semana quando estava crescendo. Eu me sentava no sofá velho deles, comia biscoitos caseiros de manteiga de amendoim e escutava embevecido as histórias que eles contavam sobre seu filho perdido, meu pai perdido. Muito embora essas histórias tivessem um toque de tristeza e perda, eu sempre voltava para ouvi-las, sempre – até meus avós morrerem também, com um ano de diferença um do outro. Desde então, minha mãe foi forçada a carregar o terrível fardo de ser meu principal elo vivo com meu pai.

Respirei fundo e abri o caderno.

No lado de dentro da capa, meu pai havia criado uma espécie de linha do tempo elaborada – ou, como ele havia chamado, uma “Cronologia”. Essa densa lista de nomes e datas preenchia cada centímetro da contracapa. Meu pai a tinha criado ao longo de meses ou anos, usando uma série de canetas, lápis e marcadores diferentes. (Felizmente, nada de giz de cera.) Ele também havia circulado algumas das entradas antes de conectá-las às outras entradas em outras partes da linha do tempo, usando uma teia sobreposta de linhas e setas que fazia toda aquela coisa parecer

mais um fluxograma elaborado:

CRONOLOGIA

- 1962 – *Spacewar!* – um dos primeiros games (depois de *OXO* e *Tennis for Two*)
- 1966 – *Star Trek* estreia na NBC (passa de 8/9/1966 a 3/6/1969)
- 1968 – *2001: uma odisseia no espaço*
- 1971 – *Computer Space* – primeiro game de fliperama operado por moedas – descendente de *Spacewar!*
- 1972 – *Star Trek Text Game* – programa em BASIC para os primeiros computadores pessoais
- 1975 – *Interceptor* – feito pela *Taito*, era um simulador de voo para combate com perspectiva em primeira pessoa
- 1975 – *Panther* – primeiro simulador de tanque? Rede PLATO
- 1976 – *Starship I* – mais antigo videogame de combate espacial e de tiro em primeira pessoa. Inspirado em *Star Trek*
- 1977 – *Star Wars* estreia em 25/5/77. Filme de maior bilheteria daquele ano. Primeira onda de lavagem cerebral na preparação para chegada dos invasores?
- 1977 – *Contatos imediatos do terceiro grau* estreia. Usado para programar a população a fim de não temer a chegada iminente deles?
- 1977 – Sistema de computador de vídeo Atari 2600 lançado, colocando um simulador de treinamento de combate em milhões de lares! Naves com o game *Combat*.
- 1977 – *Starhawk*. Primeiro de muitos videogames inspirados em *Star Wars*
- 1977 – Conto *O jogo do exterminador* é publicado. Primeiro exemplo de videogames como simulações para

treinamento na ficção científica? Publicado no mesmo ano de *Star Wars* – coincidência?

1978 – *Space Invaders* – inspirado por *Star Wars* – primeiro game blockbuster

1979 – *Tail Gunner*, *Asteroids*, *Galaxian* e *Starfire* lançados

1979 – *Star Raiders* – lançado para Atari 400/800 – portado para outros sistemas

1980 – *O Império contra-ataca* é lançado nos cinemas.

1980 – *Battlezone*, da Atari – primeiro game simulador de tanque realista

1981 – Março: o Exército dos EUA contrata a Atari para converter *Battlezone* em *Bradley Trainer*, um simulador de treinamento de tanques. O Exército afirma que somente um protótipo foi feito, mas o manche de controle projetado é usado em muitos games futuros incluindo *Star Wars* e *Phaëton*!

1981 – Meados de julho: primeiros avistamentos de Polybius no MGP em Beaverton

1982 – *E.T.: o extraterrestre* supera a bilheteria de *Star Wars*

1982 – *O enigma do outro mundo*, *Star Trek II: a ira de Khan*

1983 – *O retorno de Jedi*!

1983 – *Starmaster* – simulador de combate espacial para Atari 2600

1983 – *Star Wars: The Arcade Game*, da Atari, e *Star Trek: Strategic Operations Simulator*, da Sega – os gabinetes simulam cockpits

1984 – *Elite* – lançado em 20/9

1984 – *2010: o ano em que faremos contato* – sequência de 2001

1984 – *O último guerreiro das estrelas* lançado em 13/7! Adaptação para videogame cancelada?

1985 – *Viagem ao mundo dos sonhos*, *Inimigo meu*

1985 – *O jogo do exterminador* (romance) publicado – mesma premissa do conto de 1977

- 1986 – *Águia de aço, Aliens: o resgate, O voo do navegador e Invasores de Marte*
- 1987 – *O escondido; Predador*
- 1988 – *Missão Alien, Eles vivem*
- 1989 – *O segredo do abismo!*
- 1989 – Gabinete *PHAËTON* avistado no MGP em 8/8. Nunca mais visto.
- 1989 – lançado *MechWarrior*, outro simulador de treinamento para uso militar?
- 1990 – *Wing Commander* – lançado pela Origin Systems – simulador de treinamento?
- 1991 – *Wing Commander II*
- 1993 – *Star Wars Rebel Assault, X-Wing, Privateer, Doom*
- 1993 – *Arquivo X* – encobrimento alienígena fictício criado para ocultar o de verdade?
- 1994 – *Star Wars: TIE Fighter, Wing Commander III, Doom II*
- 1994 – *Sob o domínio dos aliens, Stargate: a chave para o futuro da humanidade*
- 1995 – *Absolute Zero, Shockwave, Wing Commander IV*
- 1996 – *Marine Doom – Doom II* modificado para uso dos fuzileiros navais dos EUA
- 1996 – *Star Trek: Primeiro contato, Independence Day*
- 1997 – *Homens de preto, Tropas estelares, Contato*
- 1998 – Versão para videogame de *Independence Day* é lançado – Playstation e PC
- 1997 – *X-Wing vs. TIE Fighter*
- 1998 – *Cidade das sombras, Prova final, Perdidos no espaço*
- 1998 – *Wing Commander Secret Ops, Star Wars Trilogy Arcade*
- 1999 – *Star Wars: Episódio I*
- 1999 – *Heróis fora de órbita*

O lançamento do primeiro filme de *Star Wars* em 1977 parecia ser o ponto central da linha do tempo. Meu pai havia feito um círculo naquela entrada diversas vezes e desenhado uma série de setas ligando-a pelo menos a uma dezena de outros itens descendo a linha do tempo – incluindo uma série de videogames que a franquia de *Star Wars* tinha ajudado a inspirar, como *Space Invaders*, *Starhawk*, *Elite* e *Wing Commander*.

Armada não constava na linha do tempo do meu pai, é claro – tampouco qualquer outro game produzido nos dezoito anos seguintes. Sua última entrada era uma anotação do lançamento de *Galaxy Quest* em 1999. Eu nasci alguns meses depois e, quando fiz meu primeiro aniversário, meu pobre pai já estava fertilizando narcisos no cemitério local.

Passei mais alguns minutos intrigado com a linha do tempo antes de voltar minha atenção para a primeira página do caderno, que continha um desenho feito a lápis de um jogo de fliperama à moda antiga, operado por moedas – um que eu não reconheci. No painel de controle dele havia um único joystick e um botão branco sem marcação, e o gabinete era inteiro preto, sem nenhuma arte lateral ou marcas em qualquer lugar, a não ser pelo estranho título do jogo, que estava impresso com maiúsculas verdes sobre sua marquise preta: POLYBIUS.

Abaixo do desenho do jogo, meu pai havia feito as seguintes anotações:

- Nenhuma informação de copyright ou fabricante em nenhuma parte do gabinete do jogo.
- Segundo relatos, visto apenas por uma ou duas semanas em julho de 1981 no MGP.
- O gameplay era similar ao *Tempest*. Gráficos vetoriais. Dez níveis?
- Níveis mais altos faziam com que os jogadores sofressem espasmos, alucinações e pesadelos. Em alguns casos, a cobaia cometia assassinato e/ou suicídio.
- “Homens de preto” baixavam os escores do jogo todas as noites.
- Possível protótipo militar antigo criado para treinar

jogadores para guerra?

•

Criado pela mesma operação secreta por trás de *Bradley Trainer*?

Na época em que descobri os diários, fiz uma rápida busca na internet e descobri que *Polybius* era uma lenda urbana que circulava na rede havia décadas. Era o título de um estranho videogame que só apareceu em um fliperama de Portland durante o verão de 1981. Segundo a história, o game enlouqueceu vários garotos que o jogaram; depois a máquina desapareceu misteriosamente e nunca mais foi vista. Em algumas versões da história, “Homens de preto” também foram vistos visitando o fliperama depois da hora de fechar, para abrir a máquina *Polybius* e baixar os escores mais altos de seus bancos de dados.

Segundo a internet, no entanto, a lenda urbana de *Polybius* já havia sido desmascarada. Sua origem foi traçada a partir de um incidente no verão de 1981, em um já falecido fliperama bem aqui de Beaverton chamado Malibu Grand Prix. Um garoto desmaiou de exaustão depois de uma tentativa de bater o recorde de *Asteroids* e foi levado numa ambulância. Relatos desse incidente aparentemente foram cruzados com outro rumor que circulou nos fliperamas daquela época, sobre como o jogo *Tempest*, da Atari, fazia com que alguns garotos tivessem ataques epiléticos – o que de fato aconteceu.

A parte da lenda urbana referente aos “Homens de preto” também parecia ter fundamento na realidade. No começo dos anos 1980, aconteceu uma investigação federal de jogos ilegais em vários fliperamas da cidade de Portland, e por isso durante aquele tempo realmente alguns agentes do FBI foram vistos ao redor de salões de jogo locais depois da hora de fechar, abrindo as máquinas – mas isto era para checar dispositivos de jogos de azar, não para monitorar recordes de games.

Naturalmente, nenhuma dessas informações ainda havia sido divulgada quando meu pai desenhou seu esboço do jogo *Polybius* em seu caderno em algum momento no começo dos anos 1990. Naquela época, *Polybius* era apenas uma lenda urbana local que circulava ao redor do próprio fliperama onde o jogo havia nascido, o Malibu Grand Prix. O mesmo fliperama que meu pai frequentava na adolescência.

Na segunda página do caderno, meu pai havia desenhado uma estação de outro jogo fictício de fliperama, chamado *Phaëton*. O esboço que meu pai fizera de seu gabinete era bem mais elaborado e detalhado que o de *Polybius* – talvez porque ele afirmava ter visto

o jogo pessoalmente. No alto da página ele havia escrito: “Eu vi este jogo com meus próprios olhos no dia 9/8/1989 no Malibu Grand Prix, em Beaverton, Oregon.”

E depois assinou seu nome.

Segundo seu desenho, o *Phaëton* era um jogo de gabinete estilo cockpit com cadeira dentro de uma espécie de cápsula, como um *light cycle* de *Tron*, com canhões laser falsos embutidos em cada um dos lados, o que o tornava parecido com uma espaçonave. O mais estranho de tudo é que ele tinha *portas*. Segundo o esboço de meu pai, o gabinete tinha duas comportas em forma de concha feitas de plexiglass tingido, uma de cada lado da cadeira do cockpit, que abriam para cima, como as portas de um Lamborghini, e o deixavam fechado lá dentro enquanto você jogava o game. Ele também havia desenhado um esquema do seu painel de controle, que apresentava um manche de voo de quatro gatilhos, botões montados em cada braço da poltrona e outra bancada de chaves no teto do cockpit. Para mim mais parecia um simulador de voo que um videogame. O gabinete inteiro era preto, a não ser pelo título do game – impresso em letras brancas estilizadas na lateral.

Eu não havia conseguido encontrar nenhuma menção a um videogame com esse nome quando tentei procurá-lo na internet, sete anos atrás. Saquei meu celular e fiz outra busca rápida. Nada ainda. Nunca existiu um videogame chamado *Phaëton* em lugar algum, para nenhuma plataforma. Esse nome fora usado para muitas outras coisas, inclusive carros e personagens de quadrinhos. Mas nunca havia existido um jogo de fliperama lançado com esse título. O que significava que a coisa toda provavelmente era fruto da imaginação do meu pai – como o caça Glaive que eu havia visto meia hora atrás era fruto da minha.

Tornei a olhar para a ilustração que meu pai tinha feito daquele gabinete. Ele havia desenhado uma seta para o trema sobre o *E* maiúsculo da palavra *PHAËTON* impressa na lateral. Ao lado da seta, escreveu: “O trema esconde plugues de porta de dados ocultos para baixar escores!”

Assim como seu desenho do *Polybius*, ele havia feito diversas anotações itemizadas abaixo – uma lista aparente de “fatos” a respeito do jogo de ficção:

- Visto apenas no MGP em 9/8/1989 – removido e nunca mais visto.

- Nenhuma informação de copyright ou fabricante em parte alguma. Gabinete de jogo preto simples –

exatamente como as descrições de testemunhas oculares do *Polybius*.

•

Simulador de combate espacial em primeira pessoa – gameplay semelhante ao de *Battlezone* e *Tail Gunner 2*: gráficos vetoriais coloridos.

•

“Homens de preto” chegaram na hora de fechar e retiraram o jogo, colocando-o numa van de carga preta, algo também muito semelhante às histórias do *Polybius*.

•

Ligação entre *Bradley Trainer*, *Polybius* e *Phaëton*? Todos eles protótipos criados para treinar/testar games para recrutamento militar?

Comparei a ilustração do *Polybius* com a do *Phaëton* por vários minutos. Depois avancei pelo diário até a entrada onde estava escrito *Battlezone*.

1981 – Março: o Exército dos Estados Unidos contrata a Atari para converter *Battlezone* em *Bradley Trainer*, um simulador de treinamento para o Bradley Fighting Vehicle. Ele foi apresentado numa conferência mundial do TRADOC (o centro de treinamento e doutrina do Exército dos Estados Unidos) na mesma época. Depois disso, Atari afirma que o projeto foi “abandonado” e apenas um protótipo foi produzido. Mas o novo controle de seis eixos que a Atari criou para o *Bradley Trainer* foi usado em muitos de seus jogos posteriores, inclusive *Star Wars*.

Essa parte da teoria da conspiração de meu pai pelo menos era verdade. Pelo que eu tinha lido on-line, um grupo de “consultores do Exército dos Estados Unidos” realmente havia pago à Atari para retrabalhar o *Battlezone* em um simulador de treinamento para o Bradley Fighting Vehicle, e realmente haviam corrido atrás da ideia de utilizar videogames para treinar soldados desde 1980. Como meu pai também havia anotado em sua estranha linha do tempo, o Corpo de Fuzileiros Navais tinha executado operação semelhante em 1996, quando modificaram o inovador atirador em primeira pessoa do *Doom II* e o usaram para treinar soldados para combate real.

Se meu pai tivesse vivido para ver isso, sua linha do tempo

provavelmente também teria relacionado o lançamento de *America's Army* em 2002, um videogame *free-to-play* que fora uma das mais valiosas ferramentas de recrutamento do Exército dos Estados Unidos havia mais de uma década. Um recrutador do Exército havia até nos deixado passar meia hora jogando na escola, logo depois de termos terminado o obrigatório ASVAB – Armed Services Vocational Aptitude Battery (Bateria de Exames de Aptidão Vocacional dos Serviços Armados). Eu me lembro de ter pensado que era muito bizarro estarmos sendo incentivados a jogar um videogame de simulação de guerra logo depois de termos nossa aptidão testada para isso.

Continuei a folhear as páginas esmaecidas do caderno do meu pai, maravilhado com o tempo e a energia que ele tinha gasto pesquisando e se intrigando com os detalhes da elaborada conspiração que acreditava estar descobrindo. Listas de nomes, datas, títulos de filmes e teorias semiformadas estavam rabiscadas em todas as páginas. Meu eu de dez anos de idade foi precipitado em descartar tudo aquilo como bobagem. Havia pelo menos o vestígio de um método espreitando por trás de sua aparente loucura.

Parecia que existência de *Bradley Trainer* e *Marine Doom* eram duas das peças-chave de “evidência” por trás de sua vaga teoria de conspiração, assim como o clássico romance de ficção científica *O jogo do exterminador* e dois filmes velhos: *O último guerreiro das estrelas* e *Águia de aço*. Meu pai realçara as datas de lançamento desses itens em sua linha do tempo e dedicara várias páginas para descrever e dissecar suas histórias – como se elas contivessem pistas cruciais a respeito do grande mistério que estava tentando desvendar.

Olhei para a lista sorrindo. Eu nunca tinha sequer ouvido falar em *Águia de aço* até vê-lo no diário do meu pai e assistido à cópia em VHS que encontrei no meio de suas coisas. Instantaneamente, o filme se tornou um dos meus filmes preferidos – o que jamais admitiria em público. O herói de *Águia de aço* é Doug Masters, um filho de militar da Força Aérea que aprende a pilotar um caça F-16 matando as aulas para entrar no simulador de voo da base – na verdade apenas um videogame incrivelmente caro. Doug é um piloto nato, mas só se estiver ouvindo suas músicas favoritas. Quando seu pai é derrubado no exterior e feito prisioneiro pelo inimigo, Doug rouba dois F-16 e voa para resgatá-lo, com uma pequena ajuda de Lou Gossett Jr., seu walkman, Twisted Sister e Queen.

O resultado era uma obra-prima cinematográfica – embora, tristemente, parecesse não ter tido o reconhecimento de ninguém a

não ser de mim. Cruz e Diehl juraram nunca mais assistir. Muffit ainda ficava feliz de se enroscar e ver o filme comigo. Era seu segundo filme preferido, perdendo apenas para as animações de Snoopy que minha mãe insistia em colocar todos os natais. Estas, por sinal, serviram de inspiração para minha alcunha de piloto do *Armada: BeagleDeAço*. (Quando eu postava algo nos fóruns de jogadores do *Armada*, meu avatar era uma imagem do Snoopy com seu uniforme de ás voador da Primeira Guerra Mundial.)

Voltei a olhar para a linha do tempo. Meu pai havia traçado círculos ao redor das entradas de *Águia de aço*, *O jogo do exterminador* e *O último guerreiro das estrelas*, depois de ter acrescentado linhas que conectavam todos uns aos outros – e agora, pela primeira vez, eu finalmente entendia o motivo. Todas as três histórias eram sobre um garoto que treinava para combates na vida real jogando uma simulação em videogame.

Continuei a folhear as páginas até chegar à penúltima entrada do diário. No centro de uma página vazia meu pai havia escrito a seguinte pergunta:

E se eles estiverem usando videogames para nos treinar sem que nós sequer saibamos? Assim como o Sr. Miyagi em *Karatê Kid*, quando ele fez Daniel-san pintar sua casa, lixar seu deque e encerar todos os seus carros – ele o estava treinando e o garoto nem percebeu!

Encera daqui, encera dali – mas em escala global!

A última entrada do diário era um ensaio de quatro páginas sem data, confuso e meio ilegível no qual meu pai tentava resumir e reunir as linhas de raciocínio de sua teoria de conspiração incompleta.

“Toda a indústria do videogame está secretamente sob controle dos militares dos Estados Unidos”, escreveu ele. “Eles podem até ter inventado a indústria do videogame! POR QUÊ?”

Tirando seus desenhos fictícios do *Polybius* e do *Phaëton*, ele nunca forneceu muita coisa que servisse de evidência. Apenas suas próprias teorias loucas.

“Os militares – ou alguma organização secreta dentro do grupo de militares – estão rastreando e fazendo perfis de todos os maiores jogadores de videogame do mundo, usando uma série de métodos.” Então ele detalhou um dos exemplos: os emblemas da Activision para as pontuações mais altas.

Lá nos anos 1980, a empresa de games Activision tinha feito uma promoção popular na qual os jogadores que enviassem uma comprovação de um recorde, na forma de uma polaroide do placar

na tela de TV, receberiam emblemas bordados maneiros como recompensa. Meu pai acreditava que a promoção de emblemas da Activision havia sido um engodo elaborado, projetado para obter os nomes e endereços dos jogadores com as maiores pontuações do mundo.

No fim dessa entrada, usando uma caneta de cor diferente, meu pai tinha acrescentado: “Muito mais fácil rastrear jogadores de elite agora pela internet! Será que foi essa uma das razões para sua criação?”

Naturalmente, meu pai nunca chegou a especificar exatamente *para que* ele acreditava que os militares estavam recrutando todos os jogadores mais talentosos do mundo. Mas sua linha do tempo e as entradas de seu diário estavam repletas de referências sombrias a jogos, filmes e programas de TV sobre visitantes alienígenas, tanto amistosos quanto hostis: *Space Invaders*, *E.T.*, *O enigma do outro mundo*, *Viagem ao mundo dos sonhos*, *Inimigo meu*, *Aliens: o resgate*, *O segredo do abismo*, *Missão Alien*, *Eles vivem...*

Balancei a cabeça vigorosamente, como se fosse possível afastar aquela loucura da mente.

Quase duas décadas se passaram desde que meu pai escreveu tudo aquilo em seu diário, e em todo aquele tempo nenhuma conspiração de videogame secreta do governo foi revelada. E isso porque a ideia tinha sido um produto da imaginação hiperativa – talvez até mesmo levemente delirante – dele. O cara tinha crescido com um desejo tão forte de ser Luke Skywalker, Ender Wiggin ou Alex Rogan que havia elaborado essa fantasia numa tentativa de fazer isso acontecer.

E esse, eu disse a mim mesmo, era provavelmente o mesmo tipo de desejo de viajar para fora da realidade que tinha acionado minha alucinação do caça Glaive. Talvez todo esse incidente tenha sido inspirado pelo conteúdo do diário que agora eu tinha nas mãos. Talvez a lembrança da teoria de conspiração do meu pai tivesse ficado esquecida num canto do meu cérebro por todos aqueles anos, como um caixote descartado de bastões dinamite suando gotas de nitroglicerina no meu subconsciente.

Respirei fundo e soltei o ar devagar, reconfortado pelo meu autodiagnóstico de merda. Nada a não ser um leve surto de loucura congênita, provocado pela fixação de uma vida inteira que o meu falecido pai tinha havia muito tempo, além de uma superexposição autoinstituída à ficção científica.

E eu *realmente* passara muito tempo jogando videogames – em especial *Armada*. Eu jogava toda noite e o dia inteiro nos fins de semana. Cheguei até a matar aula algumas vezes para jogar missões de elite em servidores na Ásia, que estavam agendadas para o meio

do dia no horário daqui. Obviamente eu já estava exagerando fazia um tempo. Mas isso era fácil de remediar. Bastava sofrer um pouco de abstinência para clarear as ideias.

Sentado ali no sótão empoeirado, fiz um voto silencioso de não jogar *Armada* por duas semanas inteiras – começando logo depois da missão de elite marcada para aquela noite, é claro. Furar aquilo não era uma opção. Missões de elite só aconteciam poucas vezes por ano, e normalmente revelavam novos rumos na trama da história do jogo.

Além disso, eu já tinha passado a semana anterior praticando e me preparando para a missão daquela noite, jogando *Armada* ainda mais que o normal. Pode ser que eu estivesse vendo caças Glaive enquanto dormia. Não era de espantar que eu os estivesse vendo acordado agora também. Só precisava me afastar. Tirar uma folga. Então tudo estaria bem. Eu ficaria bem.

Eu estava repetindo essas palavras para mim mesmo, como um mantra, quando meu celular soou com um lembrete. *Merda*. Eu tinha passado tanto tempo ali em cima de sacanagem que estava atrasado para o trabalho.

Levantei e joguei o diário do meu pai de volta ao seu caixão de papelão. Basta. Havia chegado a hora de eu parar de viver no passado: especialmente no passado de meu pai. Muitas de suas coisas velhas tenham migrado para meu quarto – uma quantidade embaraçosa, para ser sincero. Meu quarto era praticamente um templo à memória dele. Já estava na hora de crescer e colocar algumas – se não todas – aquelas merdas de volta ali para cima, onde as tinha encontrado. Aonde elas pertenciam.

Eu ia começar naquela noite, disse a mim mesmo ao fechar a porta do sótão e sair.

Quando estacionei no shopping semideserto onde “A Base” ficava localizada, notei que estava a algumas vagas de distância do orgulho e da alegria de Ray, meu chefe, um Ford Galaxie 1964 vermelho com um adesivo desbotado que dizia: “CAPITÃES DE ESPAÇONAVE AGEM POR IMPULSO.”

Como de costume, grande parte do estacionamento estava vazio, a não ser por um pequeno aglomerado de carros na frente do Thai, o restaurante de comida tailandesa com um nome genérico que ficava na outra extremidade do shopping, onde Ray e eu pedíamos copiosas porções de comida para viagem. Tínhamos apelidado o lugar de “Caça Thai”, porque o *H* maiúsculo da sua placa tinha um inchaço circular no centro que fazia a letra lembrar um caça imperial com motores iônicos duplos.

A placa montada sobre a entrada da Starbase Ace era um pouco mais sofisticada. Ray a tinha desenhado para parecer como se uma verdadeira base estelar estivesse explodindo para fora da fachada de tijolos do edifício. Isso tinha custado uma fortuna, mas ficou sensacional.

Quando empurrei a porta da frente, o alarme eletrônico que Ray conectara a ela foi ativado, tocando um efeito sonoro de porta deslizante da série original de *Star Trek*, dando a impressão de que eu estava entrando na ponte da *Enterprise*. Isso ainda me fazia sorrir todas as vezes que eu chegava ao trabalho, mesmo hoje.

Quando entrei na loja, um par de torres laser de brinquedo montadas no teto giraram para me rastrear, acionado pelos seus

primitivos sensores de movimento. Ray havia grudado um sinal na parede do lado deles que dizia: “AVISO: QUALQUER UM APANHADO ROUBANDO SERÁ VAPORIZADO POR NOSSOS LASERS TURBO!”

Ray estava em seu lugar de sempre, no balcão, curvado atrás do “Big Bootay”, seu ancestral PC “envenenado” para jogos. Sua mão esquerda dançava pelo teclado enquanto a direita clicava no mouse.

– Zack está de volta para o ataque! – urrou Ray, sem tirar os olhos do game. – Como foi na escola, meu camarada?

– Sem grandes acontecimentos – menti, me juntando a ele atrás do balcão. – Como estão os negócios hoje?

– Tudo bom e devagar, do jeitinho que a gente gosta – respondeu ele. – Vós vos interessais por um Funyun?

E estendeu para mim uma sacola gigante com uma imitação de anéis de cebola. Aceitei um só para ser educado. Ray parecia subsistir basicamente de uma dieta de porcarias de alta frutose e videogames antigos. Era difícil não gostar do cara.

Quando eu ainda era novo demais para dirigir, costumava ir de bicicleta até a Starbase Ace todos os dias depois da escola, só para ficar falando merda sobre videogames velhos com o Ray e matar o tempo até minha mãe sair do trabalho no hospital. Ou ele me reconheceu como um espírito semelhante, ou simplesmente cansou daquela minha vadiação crônica de garoto que fica sozinho depois da escola e acabou me oferecendo emprego. Fiquei feliz da vida – mesmo antes de descobrir que meu novo cargo como gerente de vendas assistente envolvia cerca de dez por cento de trabalho de verdade e noventa por cento de passar o tempo com Ray enquanto jogávamos games, fazíamos piadas e comíamos porcarias o tempo todo.

Ray uma vez me contou que operava a Starbase Ace “pra zoar”. Depois de ganhar uma nota preta com ações do mercado de tecnologia durante o boom das pontocom, ele agora queria desfrutar da sua aposentadoria precoce no comando de seu antro nerd particular, onde podia passar o dia inteiro jogando e falando de videogames com sua clientela.

Ray afirmava que não dava a mínima se a loja nunca desse lucro – o que era bom, porque isso raramente acontecia. Ray pagava caro demais pelos jogos usados que comprávamos, e depois os vendia por um preço menor do que havia acabado de pagar por eles. Colocava tudo em liquidação o tempo todo. Ele vendia consoles, controles e hardware a preço de custo para, como dizia, “fomentar a fidelidade do cliente e promover a indústria de games”.

Ele também era péssimo no atendimento ao cliente. Fazia as pessoas esperarem no caixa se estivesse no meio do jogo. Também

adorava falar merda sobre as escolhas de jogos de uma pessoa enquanto estava vendendo para ela, se achasse que estava comprando um game fácil ou ruim. Eu já o vi afastar tanto crianças quanto adultos da loja com suas opiniões sobre tudo, desde macetes até círculos nas plantações. Ele não parecia se importar que seu comportamento grosseiro o levasse à falência. Mas eu sim, o que acabava criando uma estranha relação empregado-patrão, em que o empregado era a pessoa que tinha de chamar a atenção do patrão.

Pesquei meu crachá da Starbase Ace de uma gaveta e o preendi na camiseta. Alguns anos atrás, só de piada, Ray havia posto nele o seu apelido para mim, então agora estava escrito assim: *Olá! Meu nome é ZACK ATTACK*. Ele não sabia que Zack Attack também era o nome que os meus colegas haviam colocado em mim depois do “Incidente”.

Fiquei ali sem nada para fazer por mais uns minutos, depois me forcei a caminhar até Trocadinho, nosso segundo enorme PC de vendas. Cliquei no mouse algumas vezes e abri um site de busca. Dei uma olhada rápida para Ray a fim de garantir que ele não estava olhando em minha direção, e depois digitei as palavras: *Beaverton, Oregon, OVNI e disco voador*.

Os únicos resultados que obtive eram referências à Flying Saucer Pizza, um restaurante local. Não havia nenhum testemunho recente de OVNI mencionado na emissora de TV local ou nos sites dos jornais. Se mais alguém tinha visto a mesma nave que eu, ainda não havia relatado. Ou talvez existia um relato, mas ninguém o levou a sério.

Dei um suspiro e fechei a janela do navegador, depois voltei a olhar para Ray. Se havia alguém com quem eu podia falar sobre o caça Glaive, era ele. Ray parecia acreditar que tudo o que acontecia no mundo estava de algum modo conectado a Roswell, à Área 51 ou ao Hangar 18. Em várias ocasiões ele me disse que acreditava que aliens já tinham feito o primeiro contato com a humanidade décadas atrás, e que o governo ainda estava acobertando tudo isso durante todos esses anos porque “as ovelhinhas da Terra” não estavam prontas para ouvir a verdade.

Mas acobertar OVNI e abduções alienígenas era uma coisa. Ver uma espaçonave alienígena fictícia de uma série de videogames best-seller passando em disparada pela sua cidade fazia até mesmo as teorias conspiratórias mais loucas de Roswell parecerem sãs. Além disso, como é que eu ia chegar até ele e dizer com a cara limpa que tinha visto um caça Sobrukai passando pela nossa cidadezinha quando ele estava, naquele exato instante, travando uma batalha contra aquela mesma raça alienígena fictícia?

Cheguei mais perto para ter uma visão melhor de seu imenso

monitor. Ray estava jogando o mesmo videogame que jogava praticamente sem parar nos últimos anos: *Terra Firma*, um jogo de tiro em primeira pessoa extremamente popular lançado pela Chaos Terrain, o mesmo desenvolvedor de *Armada*. Ambos os jogos compartilhavam o mesmo roteiro de invasões alienígenas no futuro próximo, em que a Terra estava sendo atacada pelos “Sobrukai”, uma raça de criaturas mal-humoradas parecidas com lulas antropomórficas. Elas eram do planeta Tau Ceti V e estavam loucas para exterminar toda a humanidade, pela razão imbecil de sempre: queriam o nosso belo planetinha. Compartilhar as coisas simplesmente não fazia parte da natureza cefalópode deles.

Como quase toda raça de invasores alienígenas malignos na história da ficção científica, os Sobrukai eram de algum modo tecnologicamente avançados o bastante para construir imensas naves de guerra capazes de cruzar o espaço interestelar. Ainda assim, não eram inteligentes o suficiente para transformar um mundo sem vida adequado à necessidade deles, em vez de passar pela imensa dificuldade de tentar conquistar um que já era habitado – especialmente um habitado por bilhões de macacos com armamentos nucleares e que não gostavam de estrangeiros em seu território. Não, os Sobrukai tinham de ter a *Terra* por algum motivo, e estavam determinados a matar todos os humanos antes de tomarem posse. Para nossa sorte, assim como tantos malignos invasores alienígenas inventados antes deles, os Sobrukai também pareciam querer nos exterminar do modo mais lento e ineficiente possível. Em vez de simplesmente exterminar a humanidade com um meteoro, um vírus assassino ou armas nucleares de longo alcance à moda antiga, as lulas haviam optado por uma prolongada guerra terrestre e aérea ao estilo da Segunda Guerra Mundial – enquanto de algum modo permitiam que todas as suas armas avançadas, sistemas de propulsão e tecnologia de comunicações caíssem nas mãos primitivas de seu inimigo.

Tanto em *Armada* quanto em *Terra Firma*, você fazia o papel de um recruta na Aliança de Defesa da Terra ou ADT, com a tarefa de utilizar uma variedade de drones de combate terrestres para lutar contra a invasão. Cada drone nesse arsenal era projetado para servir como um correspondente direto para um tipo similar de drone usado pelo inimigo alienígena.

Terra Firma se concentrava na guerra terrestre da humanidade contra os Sobrukai depois que os drones dos alienígenas haviam alcançado a Terra. *Armada* era um simulador de combate aeroespacial lançado no ano seguinte, que permitia que os jogadores controlassem remotamente o arsenal global de drones de defesa da humanidade, e os utilizasse para lutar contra os invasores

Sobrukai no espaço e por sobre as cidades cercadas da Terra. Desde o lançamento, *Terra Firma* e *Armada* haviam se tornado dois dos jogos de ação multiplayer mais populares do mundo. Eu joguei *TF* religiosamente quando ele saiu – até a Chaos Terrain lançar *Armada* no ano seguinte. Desde então, esse jogo se tornou a minha principal obsessão em se tratando de videogames. Eu ainda jogava *Terra Firma* com Cruz e Diehl algumas vezes por semana – normalmente em troca de eles concordarem em jogar uma missão de *Armada* comigo.

Ray também me coagia com frequência a jogar *TF* ali no trabalho, então minhas habilidades de drone de infantaria ainda estavam afiadas. Isso era essencial, porque nesse jogo o tamanho e o poder dos drones que você tinha a permissão de controlar durante cada missão dependia da sua taxa de habilidade de combate total. Jogadores iniciantes só tinham autorização para operar os menores e mais baratos drones de combate do arsenal. Quando você evoluía de posto ou de habilidade, recebia permissão para pilotar drones cada vez maiores e mais avançados – hovertanques Spartan, submarinos de ataque Nautiloides, Sentinelas (super DHITABs, ou Drone Humanoide de Infantaria Tático Blindado, de três metros de altura com mais poder de fogo), e a maior e mais impressionante arma da Aliança: o Warmech Titan, um gigantesco robô humanoide que parecia saído de um velho animê.

Por acaso Ray controlava um Warmech naquele exato momento, e estava em apuros. Fiquei observando enquanto uma horda de caças Spider alienígenas se fechava em cima dele. Seu mecha finalmente sucumbiu ao dilúvio de fogo de laser e caiu para trás, em cima de um grande cortiço, demolindo-o. Eu e ele trememos na base: em *Terra Firma*, jogadores eram penalizados por todo o dano à propriedade provocado por seus drones em combate, fosse intencional ou não.

Embora a história do jogo abraçasse um bocado de alegorias batidas de invasão alienígena, também subvertia muitas delas. Por exemplo, os Sobrukai não estavam realmente invadindo a Terra em pessoa, mas estavam usando drones para fazer isso. E a humanidade havia construído o próprio arsenal de drones para confrontá-los. Então todos os caças aeroespaciais, mechas, tanques, submarinos e tropas de terra usados por ambos os lados eram máquinas de guerra de controle remoto – cada uma delas operada por um alienígena ou humano que estava fisicamente localizado em um lugar longe do campo de batalha.

De um ponto de vista puramente tático, usar drones fazia muito mais sentido que usar veículos e naves tripuladas por controle manual para deflagrar uma guerra interplanetária. Por que arriscar

as vidas de seus melhores pilotos mandando-os para o combate? Sempre que eu via um dos filmes da saga *Star Wars*, me pegava imaginando como o Império tinha tecnologia para fazer ligações telefônicas holográficas de longa distância entre planetas que ficavam a anos-luz de distância, e ninguém havia imaginado como fazer um caça TIE ou um X-Wing funcionar por controle remoto.

Uma mensagem de aviso piscou no display ocular de Ray: SEU DRONE FOI DESTRUÍDO! Então sua tela ficou escura por um segundo antes de uma nova mensagem surgir, informando que ele acabava de receber o controle de um novo drone. Mas, como todos os tanques e drones maiores de sua unidade já tinham sido destruídos, Ray foi forçado a assumir o controle da única coisa que havia sobrado: um DHITAB.

Do pescoço para baixo, um DHITAB era semelhante ao Exterminador original, depois que toda a carne cyborg do Arnie foi queimada, deixando apenas seu esqueleto de cromo blindado por baixo. Mas no lugar de uma cabeça humana, cada DHITAB tinha uma câmera estereoscópica fechada dentro de uma cúpula de acrílico blindada, o que lhe dava uma aparência que lembrava vagamente um inseto. Todo DHITAB estava armado com uma minimetralhadora Gauss montada em cada antebraço, um par de lança-mísseis acoplado no ombro, e um canhão laser embutido na placa peitoral.

Fiquei olhando por cima de Ray enquanto ele usava as minimetralhadoras gêmeas do seu DHITAB para abrir fogo em uma ofensiva de caças Spider Sobrukai – robôs antipersona de oito pernas – que o estavam atacando do telhado de um cortiço em chamas, em algum lugar perto do centro da cidade sitiada que ele ajudava a defender. Ele estava balançando a cabeça no compasso de sua canção de batalha favorita da trilha sonora de *TF*, “Vital Signs”, do Rush. Ray afirmava que sua assinatura única de tempo se encaixava perfeitamente nos padrões erráticos de enxame dos drones alienígenas dos caças Spider, o que tornava mais fácil para ele antecipar seus movimentos e taxas de ataque. Também afirmava que todas as outras canções do álbum *Moving Pictures*, do Rush, eram perfeitas para lutar contra um drone Sobrukai diferente. Eu particularmente sempre supus que aquilo era apenas uma desculpa que ele havia inventado para tocar aquele mesmo álbum em loop contínuo, dia após dia.

No monitor de Ray, dezenas de naves Sobrukai estavam descendo dos céus. Aqueles maciços octaedros metálicos eram o que o inimigo usava para depositar suas forças terrestres assim que alcançava a órbita da Terra. Cada um deles tinha armas de Sentinela automáticas montadas ao longo de todo o seu casco

fortemente blindado, que era quase invulnerável ao fogo de laser. É claro que, como era mais comum nos videogames, aquelas naves haviam sido criadas com um ponto fraco berrante: seus motores não tinham escudos de defesa e eram vulneráveis ao ataque – um fato que eu conhecia bem de tanto jogar *Armada*. Quando uma dessas naves de transporte em forma de diamante pousava, vinha com velocidade suficiente para enterrar sua metade inferior no solo com o impacto, como uma estaca gigante. Então a metade superior em forma de pirâmide se abria como uma enorme flor de metal de quatro pétalas, e os milhares de drones Sobrukai empacotados dentro dela saíam, como um exército de insetos recém-nascidos explodindo de um saco de ovos, louco para devorar tudo o que estivesse à frente.

A distância, um enxame de caças Sobrukai Glaive disparou pelo céu, virando em uníssono para mudar de curso, como um cardume de piranhas em busca da presa. Vista do alto, a fuselagem simétrica do Glaive lembrava um machado de duas lâminas, mas, vista de lado, seu perfil lembrava claramente aquele disco voador de um velho filme de ficção científica – um detalhe que havia entrado na minha alucinação anterior.

Eu havia destruído incontáveis caças Glaive durante os três anos em que joguei *Armada*. Até agora, nunca achei que eles fossem especialmente assustadores ou sombrios. Mas hoje, só de ver as animações de fundo da tela de Ray, fiquei tomado de uma sensação de pavor, como se as naves fossem realmente de algum modo uma ameaça a tudo o que eu mais amava, e não apenas uma coleção de polígonos texturizados representados numa tela de computador.

Ray deu um salto enérgico com seu DHITAB para descer do telhado em chamas e pular nas costas de um Basilisco Sobrukai, um tanque-robô de aspecto reptiliano com canhões laser no lugar dos olhos. Ray deu outro salto no ar, redirecionando seu DHITAB cerca de 180 graus um instante antes de derrubar o imenso Basilisco de metal com um bom e bem-colocado disparo de míssil em seu abdômen segmentado. O tanque explodiu embaixo dele numa imensa bola de fogo laranja, e Ray precisou disparar os jatos de salto de seu DHITAB novamente para pousar longe dela.

– Bravo, sargento – elogiei, chamando-o pelo seu posto na fictícia Aliança de Defesa da Terra.

– Obrigado, tenente – respondeu ele. – Estou fazendo o melhor que posso, senhor!

Ele sorriu e levantou a mão direita do mouse por tempo suficiente para me prestar uma continência rápida antes de voltar a se concentrar na batalha.

Segundo as leituras no seu display ocular, seu esquadrão já tinha

perdido todos os seus seis hovertanques e ambos os seus Titans. Eles tinham somente sete DHITABs na reserva e os ícones pulsantes de seu mapa tático indicavam que eles estavam armazenados em um depósito de armas da Aliança próximo, que estava, naquele momento, sendo atacado por um enxame de caças Spider. O esquadrão de Ray lutava uma batalha perdida. A cidade se renderia aos Sobrukai a qualquer minuto. Mas, como de costume, Ray continuava lutando, mesmo diante da derrota certa. Era uma de suas melhores qualidades.

Ele era de longe o melhor jogador de *Terra Firma* que eu já tinha conhecido pessoalmente. Alguns meses atrás, finalmente havia conseguido ganhar status de membro nos “Os Doze Condenados”, um clã de elite dos melhores 360 jogadores – e uma referência ao filme *Os doze condenados*. Desde então, eu o via conectado aos servidores do *Terra Firma* todos os dias, jogando uma missão de alto nível atrás da outra. E como Ray não tinha distrações, como escola ou dever de casa, podia dedicar todos os seus momentos conscientes ao jogo ou seja, muito mais tempo de combate logado que Cruz, Diehl e eu juntos.

– Filho da puta! – gritou Ray, batendo na lateral do monitor. Virei a cabeça e vi que os Sobrukai estavam passando por cima dos membros sobreviventes de seu esquadrão e exterminando o último de seus drones. Alguns segundos depois que o último DHITAB de reserva de Ray foi esmagado entre as mandíbulas duras como pedra de um caça Spider, as palavras FALHA NA MISSÃO piscaram na tela, e então ele recebeu uma animação em cutscene das forças Sobrukai destruindo o centro de Newark.

– Ai, ai – resmungou ele, empurrando mais um punhado de Funyuns na boca ao ponderar as ruínas fumegantes da cidade. – Pelo menos é só Newark, certo? Não foi uma grande perda.

Riu sozinho ao limpar migalhas de imitação de cebola dos dedos e da calça jeans; depois me deu um sorriso animado.

– Ei, adivinha o que chegou hoje? – perguntou. Então tirou uma grande caixa de debaixo do balcão e colocou na minha frente.

Se eu tivesse sido um personagem de desenho animado, meus olhos teriam saltado das órbitas.

Era um novíssimo Sistema de Controle de Voo do Interceptor do *Armada*: o mais avançado (e caro) controle de videogame já feito.

– Não brinca! – sussurrei, examinando as fotos e estatísticas impressas em sua caixa preta reluzente. – Achei que esse negócio só chegaria ao mercado mês que vem!

– Parece que a Chaos Terrain decidiu enviá-los mais cedo – respondeu Ray, esfregando as mãos, animado. – Quer tirar essa criança da caixa?

Balancei a cabeça afirmativamente cheio de entusiasmo, e Ray pegou uma faca. Abriu a caixa e depois me instruiu a segurá-la pelos lados enquanto ele puxava o cubo de isopor que abrigava os vários componentes do controle. Alguns segundos mais tarde, tudo havia sido liberado da embalagem e estava disposto sobre o balcão de vidro à nossa frente.

O Sistema de Controle de Voo do Interceptor do *Armada* (SCVI) continha um capacete de piloto de Interceptor (incorporando um conjunto de óculos de realidade virtual embutidos, headphones com isolamento de ruído e um microfone retrátil) e um joystick HOTAS (Hands-On Throttle And Stick), composto por um manche de voo de force-feedback todo metálico e um controle separado de dupla aceleração com painel de controle de armas embutido. O manche, o acelerador e o painel de armas eram repletos de botões econômicos, gatilhos, indicadores, seletores de modo, diais rotacionais e pinos de oito faces, cada um dos quais poderia ser configurado para dar a você controle total dos sistemas de voo, navegação e armas do Interceptor do *Armada*.

– Gostou, Zack? – perguntou Ray, depois de ficar me vendo babar por um tempo.

– Ray, eu quero casar com esse negócio.

– Temos mais uma dúzia lá atrás no estoque. Talvez a gente possa montar uma pirâmide com eles para colocar na vitrine ou coisa assim.

Apanhei o capacete e o levantei, impressionado com seu peso e detalhamento. Dava a impressão e a sensação de ser um capacete verdadeiro de um piloto de caça, e seus óculos de realidade virtual eram de última geração. (Eu tinha um mais ou menos decente em casa que o Ray tinha me dado de presente, mas ele já tinha certa idade, e a resolução do display havia aumentado drasticamente desde então.)

Depositei o capacete de volta ao balcão, resistindo à necessidade de experimentá-lo. Então estendi a mão esquerda e a repousei sobre o controle de aceleração enquanto envolvia a direita ao redor do metal frio do manche de voo vinculado. Os dois se encaixavam perfeitamente em minhas mãos, como se tivessem sido projetados para elas.

Eu jogava *Armada* havia anos, e todo esse tempo estava usando um manche de voo e controle de aceleração de plástico barato. Não fazia ideia do que estava perdendo. Eu cobijava um SCVI desde que alguém nos fóruns de *Armada* revelou que ele estava chegando. Mas o preço era algo acima de quinhentos paus – muito caro para o meu bolso, mesmo com meu desconto de dez por cento de funcionário.

Com relutância, tirei as mãos dos controles e as enfiei nos meus

bolsos.

– Se eu começar a poupar agora, pode ser que eu consiga comprar um no fim do verão – murmurei. – Isto é, se o meu merdamóvel não quebrar de novo.

Ray fez uma mímica de violino. Então sorriu e deslizou o capacete para mim por cima do balcão.

– Pode ficar com esse. Considere um presente de formatura adiantado. – Ele me cutucou com o cotovelo, brincalhão. – Você *vai* se formar, não é?

– Sério? – perguntei olhando para o controle sem acreditar. Então levantei a cabeça e olhei para Ray. – Quero dizer... Sim, eu vou me formar... Mas você não está brincando? Posso ficar com este aqui? De boa?

– De boa – Ray assentiu solenemente.

Tive vontade de abraçá-lo, então abracei. Joguei os braços ao redor do seu corpo roliço num abraço feroz. Ele riu, desconfortável, e ficou me dando palmadinhas nas costas até eu finalmente soltá-lo.

– Só estou fazendo isso porque é bom para o esforço de guerra! – disse ele, endireitando sua camisa de flanela e depois despenteando meu cabelo em retaliação. – Ter seu próprio sistema de controle de voo pode tornar você um piloto de Interceptor ainda melhor. Se é que isso é possível.

– Ray, isso é muita bondade sua. Obrigado.

– Ah, tudo bem, garoto.

Embora eu estivesse preocupado que o altruísmo descontrolado de Ray o levaria à falência, e que eu acabaria sendo forçado a encontrar um emprego de verdade em algum lugar, isso não me impediu de aceitar seu mais novo presente extravagante.

– Quer voltar para a Sala de Guerra e experimentar? – Ele fez um gesto na direção da pequena sala de fundos abarrotada de dezenas de PCs interligados e consoles de games. Clientes alugavam a Sala de Guerra para festas de LAN e eventos de clãs. – Você podia dar os últimos retoques antes da grande missão de elite esta noite...

– Não, obrigado. Acho que vou esperar e experimentar depois na minha configuração de casa. – *Porque eu posso surtar ou começar a espumar pela boca da próxima vez que vir um caça Glaive vindo em minha direção, e prefiro estar sozinho no meu quarto se isso acontecer.*

Ele levantou uma sobrancelha para mim.

– O que há de errado com você? – perguntou Ray. – Está doente?

Desviei o olhar.

– Não, estou legal – respondi. – Por quê?

– Seu chefe acabou de oferecer a você uma chance de jogar seu

videogame favorito na hora do trabalho e você dispensa? – Ele estendeu a mão para tocar minha testa. – Está com febre ou algo do tipo, garoto?

Dei uma risada desconfortável e balancei a cabeça negativamente.

– Não, é só que... jurei parar de ficar de bobeira aqui no trabalho, não importa o quanto você insistir para eu fazer isso.

– Por que você iria querer fazer isso?

– É tudo parte do meu grande plano – eu disse. – Para mostrar a você como me tornei responsável e confiável, para você me contratar como empregado em tempo integral depois que eu me formar.

Ele me deu o mesmo olhar perturbado que sempre parecia me dar toda vez que eu tocava nesse assunto.

– Zack, você pode trabalhar aqui pelo tempo que conseguirmos nos manter no negócio, mas, falando sério, você precisa saber que está destinado a coisas muito melhores. Certo?

– Obrigado, Ray – respondi, lutando para não revirar os olhos. Se aquele dia fosse servir de algum sinal, a única coisa para a qual eu estava destinado era uma camisa de força. Talvez um capacete acolchoado também.

– Você não pode fugir do seu destino – disse ele no seu melhor modo Obi-Wan. Então desabou novamente na sua banqueta e disparou outra missão de *Terra Firma* com um clique do mouse. A Chaos Terrain fabricou uma ampla variedade de controles para o *Terra Firma*, incluindo o best-seller Sistema de Controle Titan, um equipamento de manche de voo duplo que vendíamos bem aqui na loja. Mas Ray nunca brincava com nada que não fosse teclado ou mouse. Ele também ainda preferia um monitor de computador bidimensional a óculos de realidade virtual, que ele dizia que lhe davam vertigem. Como muitos dos jogadores de sua idade, Ray estava firmemente plantado nos seus hábitos.

Apesar do que eu havia acabado de dizer a ele, voltei até o Trocadinho e cliquei no ícone do *Terra Firma* na área de trabalho. A cena de abertura do jogo começou, e quase cliquei em “Pular introdução” por hábito. Mas depois deixei que ela passasse, e assisti novamente depois de anos.

A sombria abertura da introdução era narrada por Morgan Freeman (arrasando como sempre) e explicava rapidamente a história básica do jogo. Ela se passava em algum lugar “em meados do século XXI”, mais ou menos dez anos depois da Terra ter sido invadida pelos Sobrukai, uma raça aquática que vinha do sistema estelar Tau Ceti, um ponto de origem popular para alienígenas desde a aurora da ficção científica, devido à sua proximidade da

Terra. Os Sobrukai de algum modo lembravam as lulas gigantes da Terra, mas com o acréscimo de uma juba de tentáculos pontiagudos e uma boca vertical parecida com a de um tubarão, cercada por seis olhos negros sem alma.

A introdução do jogo continuava com uma transmissão de vídeo enviada pelos invasores no dia de sua chegada, contendo uma mensagem ameaçadora do senhor da guerra Sobrukai – os designers da Weta haviam se inspirado além da conta em Giger na minha humilde opinião. A criatura cinzenta de pele translúcida aparecia flutuando em seu escuro antro submarino, seus tentáculos abertos atrás dela, falando para a câmera em sua linguagem nativa rascante, que soava meio como uma canção de baleia, se a baleia em questão gostasse de death metal.

Felizmente, alguém ligou as legendas em inglês logo antes que o senhor da guerra começasse a tornar conhecidas suas intenções um tanto clichês da sua espécie alienígena maligna.

– Somos os Sobrukai – disse ele. – E declaramos que a espécie patética de vocês é indigna de sobrevivência. Portanto, vocês serão erradicados...

A mensagem do senhor da guerra tinha mais coisas, mas apertei a barra de espaço para pular. Eu me lembrava do principal. Aqueles malévolos e desalmados octópodes haviam viajado doze anos-luz pelo espaço interestelar para exterminar a humanidade e depois acabar com todos os nossos Pizza Hut, para poderem tomar nossa rara joia azul de planeta para eles. A minha missão era usar minhas habilidades poderosas de videogame para detê-los. U-hul. Aperte ATACAR para continuar.

Toda a história confusa que servia de pano de fundo da constante guerra da humanidade contra os Sobrukai estava disponível on-line, mas os jogadores tinham de juntar todas as peças garimpando uma rede elaborada de sites da Aliança de Defesa da Terra – um elemento de jogo de realidade alternativa feito para ajudar os jogadores a imergirem na narrativa do jogo. De acordo com a informação enterrada naqueles sites, em algum ponto durante o começo da invasão Sobrukai, uma década atrás, a Aliança havia de algum modo conseguido capturar uma das naves alienígenas sem causar danos, e então fizeram uma engenharia reversa em toda sua tecnologia incrivelmente avançada de armas, comunicação, suporte de vida e propulsão – aparentemente da noite para o dia – e depois a utilizaram para construir um maciço arsenal global de drones de combate que era capaz de encarar os Sobrukai de igual para igual.

Naturalmente, os desenvolvedores nunca se importaram em explicar como os cientistas da Aliança conseguiram realizar esses

feitos incríveis em tão pouco tempo enquanto se defendiam de ataques constantes da tecnologia vastamente superior dos Sobrukai. Na minha opinião, se você já estiver disposto a deixar o ceticismo de lado para poder acreditar que uma raça de lulas extraterrestres antropomórficas de Tau Ceti está usando uma armada de robôs por controle remoto para deflagrar uma guerra com a humanidade por uma década, seria muita bobagem ficar esmiuçando furos de roteiro e imprecisões científicas. Especialmente se elas justificavam malignos senhores da guerra alienígenas e lutas de naves no espaço.

Fechei a janela de *Terra Firma* e abri um navegador, depois entrei no site da Chaos Terrain. Fui clicando até chegar à página *Sobre Nós* e a examinei. Como superfã da CT de longa data, eu já sabia bastante coisa sobre a história da companhia. Ela tinha sido fundada em 2010 por um desenvolvedor de videogames da Califórnia chamado Finn Arbogast, que largou um emprego lucrativo na série *Battlefield* da Electronic Arts para se aventurar por conta própria. Fundou a Chaos Terrain com o grande objetivo de “criar a nova geração de games de realidade virtual multiplayer”.

Depois disso, Arbogast formou o time ideal de consultores criativos e prestadores de serviço para ajudar a tornar realidade o que ele alegava com tanta ousadia, atraindo algumas das maiores estrelas da indústria do videogame para longe de suas próprias empresas e projetos, com a única promessa de colaborar nos seus inovadores MMOGs. Foi assim que lendas do game como Chris Roberts, Richard Garriott, Hidetaka Miyazaki, Gabe Newell e Shigeru Miyamoto acabaram se tornando consultores tanto em *Terra Firma* quanto em *Armada* – juntamente com vários grandes cineastas de Hollywood, incluindo James Cameron, que havia contribuído para o design realista de naves e mechas, e Peter Jackson, cuja Weta Workshop havia reproduzido toda a estética cinematográfica do jogo.

A Chaos Terrain havia criado sua própria rede customizada de games tanto para *Terra Firma* quanto para *Armada*, utilizando muitos dos mesmos programadores que haviam trabalhado em séries de games de simulação de combate anteriores, como *Battlefield*, *Call of Duty* e *Modern Warfare*, e em simuladores de combate aeroespacial já existentes como *Star Citizen*, *Elite: Dangerous* e *EVE Online*.

Essa estratégia de desenvolvimento frankensteiniana e plagiária provou ser um grande sucesso. *Terra Firma* e *Armada* eram dois dos videogames multiplayer que mais vendiam no mundo inteiro, e por um bom motivo. Seu gameplay simples com estilo de fliperama fazia com que os dois títulos fossem fáceis de aprender e divertidos

para jogadores casuais, mas também eram escaláveis e dinâmicos o bastante para serem desafiadores aos olhos de jogadores experientes, como eu. Os dois jogos também apresentavam valores de produção arrasadores, e podiam ser jogados em qualquer plataforma moderna de jogos, incluindo smartphones e tablets. Melhor de tudo, os jogos não tinham um preço exorbitante, como a maioria dos MMOGs. Claro, a Chaos Terrain cobrava uma pequena taxa de assinatura mensal para jogar tanto *Terra Firma* quanto *Armada*, mas assim que você conseguisse jogar bem o bastante pra alcançar um posto de oficial em qualquer um dos jogos, a CT dispensava a taxa mensal e você passava a jogar de graça. E também não usavam microtransações dentro do jogo para tirar dos jogadores uma receita extra.

Fechei a janela e fiquei encarando os ícones na área de trabalho, tentando ordenar meus pensamentos. Até hoje, nunca havia me ocorrido fazer uma conexão entre a trama de invasores alienígenas dos jogos da Chaos Terrain e a teoria de conspiração traçada no caderno de notas do meu pai. Centenas de filmes, shows, livros e videogames sobre invasão alienígena eram lançados todos os anos, e *Armada* era apenas mais um deles. Além disso, o game só tinha sido lançado alguns anos atrás, então como poderia estar conectado às coisas que meu pai havia escrito naquele caderno há décadas?

Por outro lado, se o governo realmente quisesse treinar cidadãos comuns para operar drones em combate, então games de combate multiplayer como *Armada* e *Terra Firma* seriam exatamente o tipo de jogos criados para isso...

Quando a campanha de *Star Trek* soou alguns minutos depois, e um grupo de frequentadores semirregulares da escola mais próxima entrou na loja, enfiei meu novo capacete e controles de manche de voo e aceleração de volta na caixa e a guardei atrás do balcão antes que qualquer um dos hooligans pré-pubescentes pudesse colocar os olhos invejosos neles.

– Bem-vindos a Starbase Ace, onde o jogo nunca acaba – recitei a saudação enlatada da loja com o máximo de entusiasmo possível.
– Como posso ajudar os jovens cavalheiros esta noite?

Quando voltei para casa, o carro da minha mãe estava estacionado na entrada. Foi uma surpresa boa, porque ela vinha fazendo muitas horas extras no hospital neste ano, e na maioria das noites não chegava em casa antes de eu já ter capotado.

Mas saber que ela estava em casa também me deixava incomodado, porque ela sempre teve a capacidade de perceber quando alguma coisa está me preocupando. Quando eu era mais novo, tinha certeza de que ela possuía alguma espécie de telepatia materna mutante que a permitia ler minha mente, especialmente quando eu estava com alguma merda muito louca na cabeça.

Encontrei minha mãe esticada no sofá da sala de estar, com Muffit enroscado a seus pés, assistindo ao mais novo episódio de *Doctor Who*, um de seus muitos vícios televisivos. Nenhum dos dois me viu entrar, então coloquei a caixa do controle de *Armada* nos degraus e depois fiquei simplesmente ali parado por um momento, vendo minha mãe assistir ao programa dela.

Pamela Lightman (nascida Crandall) era a mulher mais maneira que já conheci, como também a mais durona. Ela me lembrava muito Sarah Connor ou Ellen Ripley – claro, ela podia ter alguns problemas, mas também era o tipo de mãe solteira que poderia se munir de artilharia pesada e derrubar cyborgs assassinos, se isso fosse necessário para proteger sua prole.

Minha mãe era também absurdamente linda. Eu sei que todas as pessoas vão dizer isso a respeito de suas mães, mas acontece que no meu caso isso era mesmo verdade. Poucos jovens conhecem o

tormento edipiano de crescer com uma mãe absurdamente gostosa e solteira para toda a eternidade. Ver homens ficarem constantemente loucos com o visual dela antes de sequer se importar em conhecê-la tinha me deixado com um pouco de nojo do meu próprio gênero – como se eu já não tivesse bagagem psicológica suficiente na minha cabeça.

Ter me criado sozinha foi muito difícil para ela, em muitos aspectos que provavelmente não eram óbvios para a maioria das pessoas. Para começo de conversa, fez isso sem nenhuma ajuda dos próprios pais. Ela perdeu o próprio pai para o câncer quando ainda estava na escola, e depois sua mãe ultrarreligiosa a deserdera por ter ficado grávida enquanto estava no ensino médio e se casado com o nerd de Nintendo imprestável que a havia deflorado.

Minha mãe me contou que a minha avó só tentou se reconciliar uma vez, alguns meses depois da morte de meu pai. Não deu muito certo. Ela cometeu o erro de dizer à minha mãe que a morte dele era “um mal que vinha para bem” porque significava que agora ela podia encontrar um “marido respeitável, com alguma perspectiva”.

Depois disso, foi minha mãe quem a deserdou.

Eu me preocupava com o fato de ela se sentir obrigada em olhar para meu rosto todos os dias. Devia ser uma das coisas mais difíceis para ela. Eu era a cara do meu pai, e até o momento a semelhança só havia parecido aumentar com o meu crescimento. Agora eu estava chegando perto da idade que ele tinha na época de sua morte, e tentei não me preocupar em como devia ser horrível para minha mãe ver aquele sócia de seu marido morto sorrindo para ela outro lado da mesa do café todos os dias. Uma parte de mim até chegou a se perguntar se não seria esse o motivo de ela ter se tornado tão *workaholic* nos últimos anos.

Minha mãe nunca fez o papel da viúva solitária – ela saía para dançar com as amigas o tempo todo, e eu sabia que de vez em quando tinha uns encontros também. Mas sempre parecia terminar os relacionamentos momentos antes de se tornarem sérios. Nunca me dei ao trabalho de perguntar por quê. O motivo era óbvio: ainda estava apaixonada pelo meu pai, ou pelo menos pela lembrança dele.

Quando era mais novo, eu tinha uma espécie de satisfação perversa pelo fato de saber o quanto ela sentia saudade dele, porque era prova de que meus pais foram apaixonados de verdade. Mas agora que eu havia crescido um pouquinho, estava a me preocupar: e se ela ficar solteira para sempre? Eu não gostava da ideia de ela vivendo aqui sozinha nesta casa depois que eu me formasse e me mudasse.

– Oi, mãe – disse eu, falando baixinho para não assustá-la.

– Ei, querido! – respondeu ela, tirando o som da TV e se sentando devagar. – Não vi você entrar. – Ela apontou para a bochecha direita e eu fui até lá e a beijei ali. – Obrigada! – continuou, despenteando-me. Então deu palmadinhas no sofá ao seu lado e eu me sentei, puxando Muffit para meu colo. – Como foi seu dia, menino?

– Não foi tão mal – respondi, reiterando a mentira com um dar de ombros despreocupado para ajudar a vender a história. – Como foi o seu?

– Ah, foi muito bom – retrucou, imitando minha voz e meu dar de ombros.

– Que bom saber – eu disse, muito embora suspeitasse de que ela também estava mentindo. Ela passava o tempo cuidando de pacientes com câncer, muitos deles em estado terminal. Eu não sabia direito como ela conseguia ter um dia bom naquele emprego.

– Você não estar trabalhando até tarde esta noite é um milagre de Natal.

Ela riu da nossa velha piada de família. Tudo na nossa casa era milagre de Natal o ano inteiro.

– Decidi tirar uma noite de folga. – Ela tirou os pés do sofá e se virou para me encarar. – Está com fome, meu amor? Estou louca para comer uma rabanada com bastante canela. – Levantou-se. – E você, garotão? Quer ter um pouco de café da manhã no jantar com sua mãe?

A pergunta dela fez meu sentido de aranha formigar. Minha mãe só se oferecia para me fazer café da manhã no jantar quando queria ter um “papo sério” comigo.

– Valeu, mas comi pizza no trabalho – respondi, tentando forçar um distanciamento. – Estou meio cheio.

Ela ficou entre mim e a escada, bloqueando minha fuga.

– Você não passará! – declarou ela, batendo o pé de um jeito teatral no tapete. – O vice-diretor me ligou agora há pouco e me disse que você abandonou a aula de matemática cedo hoje... logo depois de tentar puxar briga com Douglas Knotcher.

Olhei para o rosto dela e combati uma onda de raiva; em vez disso me forcei a ver como ela estava preocupada e aborrecida, e o quanto estava tentando disfarçar.

– Eu não estava tentando puxar briga, mamãe – retruquei. – Ele estava atormentando um outro garoto que senta perto de mim, implicando com esse menino há semanas. Saí correndo de lá porque era única maneira de impedir que eu arrancasse a cabeça do Knotcher. Você devia estar orgulhosa de mim.

Ela observou meu rosto por um momento; então suspirou e me deu um beijo na bochecha.

– Ok, garotão – disse ela, me dando um abraço. – Eu sei que não é fácil ficar preso naquele zoológico. É só aguentar mais alguns meses e depois você fica livre. Capitão do seu próprio destino.

– Eu sei, mãe. Dois meses. Eu vou conseguir. Relaxa.

– Lembre-se – acrescentou ela, mordendo o lábio. – Você não é mais menor de idade...

– Eu sei – interrompi. – Não se preocupe. Nada igual àquilo jamais vai acontecer de novo. Ok?

Ela concordou com a cabeça. Dava para ver que ela estava pensando no Incidente. O Incidente que eu havia acabado de prometer a ela, pela milésima vez, que nunca mais aconteceria.

Eis aqui o que nunca mais aconteceria:

Certa manhã, algumas semanas depois de ter começado a sétima série, eu estava passando por Knotcher e alguns dos seus amigos no corredor quando ele sorriu para mim e disse: “Ei, Lightman! É verdade que seu velho foi burro o bastante pra morrer na explosão de uma fábrica de merda?”

Não estou parafraseando. É uma citação direta. Havia testemunhas.

Daí só lembro que eu estava sentado no peito de Knotcher, olhando para seu rosto imóvel encharcado de sangue, no meio de uma cacofonia de gritos de nossos colegas de classe. Então senti vários braços fortes ao redor do meu pescoço e torso me puxando de cima dele e para longe – e me peguei perguntando por que meus dedos estavam doendo, e por que Knotcher estava encolhido numa poça ensanguentada no chão de mármore encerado à minha frente.

Depois disso, disseram que eu o havia atacado “como um animal selvagem” e batido nele até deixá-lo inconsciente. Disseram que eu continuei batendo nele, mesmo depois que ele ficou mole.

Aparentemente foram necessários dois outros garotos e um professor para finalmente me tirar de cima dele.

Knotcher passou uma semana no hospital se recuperando de uma concussão leve e o maxilar fraturado. Até que me livre bem, considerando o caso: uma suspensão de duas semanas e terapia de gerenciamento de risco obrigatória pelo resto do ano letivo, junto com o apelido “Zack Attack” e reputação permanente de psicopata da classe.

Bem pior do que qualquer uma dessas coisas foi o terrível intervalo de dez segundos que o Incidente deixou na minha memória, e a pergunta que isso me forçou a fazer quase todos os dias desde então: o que eu teria feito se não houvesse ninguém ali para me impedir?

Knotcher havia provavelmente visto na internet uma cópia do jornal com o velho obituário do meu pai. Era um dos poucos

resultados que apareciam quando você fazia uma busca pelo nome dele. Foi assim que descobri como ele morreu. Minha mãe e meus avós haviam evitado revelar os detalhes de sua morte para mim durante minha adolescência – e fico feliz que tenham feito isso, porque o obituário me assombrou desde o momento em que o li pela primeira vez. Eu ainda tinha cada palavra decorada:

Homem de Beaverton morre em acidente na usina de tratamento de dejetos

Beaverton Valley Times – 6 de outubro de 2000

Um homem de Beaverton morreu aproximadamente às 9 da manhã de sexta em um acidente na usina de tratamento de dejetos na South River Road. O morto é Xavier Ulisses Lightman, 19 anos, residente na 603 Bluebonnet Avenue, empregado da cidade de Beaverton. O Instituto Médico-Legal do Condado de Washington declarou Lightman como morto no local. Ele estava trabalhando perto de um tanque de armazenamento quando um vazamento de metano não detectado o deixou inconsciente. Investigadores supõem que uma fagulha de um circuito elétrico exposto causou a explosão, matando Lightman no mesmo instante. Morador de Beaverton a vida toda, Lightman deixa mulher, Pamela, e filho, Zachary. O enterro...

– Zack? Você está me ouvindo agora?

– Claro que sim, mamãe – menti. – O que você estava dizendo?

– Eu disse que seu orientador vocacional, o Sr. Russell, me deixou uma mensagem de voz também. – Cruzou os braços. – Ele falou que você faltou suas últimas duas sessões de orientação vocacional.

– Desculpe, devo ter esquecido. Eu vou na próxima, ok? Prometo.

Tentei passar por ela de novo, mas ela bloqueou o caminho e depois bateu o pé na minha frente mais uma vez, fingindo que era Gandalf e eu, o balrog.

– Você finalmente tomou uma decisão? – perguntou, me olhando bem.

– Você quer dizer se tomei uma decisão sobre o que quero fazer com o resto da minha vida?

Ela assentiu. Respirei fundo e disse a primeira coisa que me veio à cabeça.

– Bom, eu tenho pensado muito nisso, e depois de pensar bastante, decidi que não quero comprar nada, vender nada nem

processar nada.

Ela franziu a testa e começou a balançar a cabeça em protesto, mas eu continuei:

– Você sabe, como carreira eu não quero fazer isso – prossegui. – Eu não quero comprar nada vendido ou processado, não quero vender nada comprado ou processado...

– Nem processar nada vendido, comprado ou processado – completou ela. – Com quem você pensa que está lidando? Lloyd, Lloyd...

– Ok, você venceu – respondi levantando as mãos num gesto de rendição. – Foi no que deu você me fazer ver *Digam o que quiserem* sete gazilhões de vezes.

Ela cruzou os braços.

– Zack, tem dinheiro mais que suficiente no seu fundo universitário para cobrir quatro anos de mensalidade. Você pode ir para onde quiser, estudar o que quiser. Você sabe a sorte que tem?

Sim. Eu tinha sorte, tinha mesmo. Minha mãe tinha aberto aquele fundo universitário para mim quando eu ainda era apenas um bebê, usando parte do dinheiro da indenização pela morte do meu pai que sobrou depois que ela comprou nossa casa. Sobrou o bastante para pagar a escola de enfermagem dela também.

Tenho sorte, não é mesmo?

Quer ouvir outro grande golpe de sorte? O cadáver do meu pai ficou tão queimado na explosão que o Instituto Médico-Legal teve de usar os registros dentários dele para identificar o corpo, o que poupou minha mãe de ir até o necrotério e fazer a identificação.

Quanto mais sorte uma família pode suportar?

– Pensou no que discutimos da última vez? – questionou ela. – Você prometeu pensar em ir à faculdade para estudar como fazer videogames, como Mike Cruz está planejando fazer.

– Eu sou bom em *jogar* videogames, mãe, não em fazê-los – retruquei. Você precisa ser muito bom em programação ou arte digital, e eu sou péssimo nos dois. – Suspirei e olhei para meus pés.

– O importante é que você adora jogar – concluiu ela. – Você vai descobrir como fazer o resto. Vai curtir. – Ela sorriu e tocou meu rosto. – Sabe que eu tenho razão. Você herdou o DNA de gamer geek dos dois lados da família.

Era verdade. Só de olhar para ela você jamais saberia, mas minha mãe foi uma gamer hardcore no seu tempo também. Ela foi seriamente viciada em *World of Warcraft* por alguns anos. Agora ela era uma gamer mais casual, mas às vezes jogava missões de *Terra Firma* comigo.

– Não existem pessoas que são pagas para jogar videogames para testá-los?

– Sim, eles são chamados de *testers* de garantia de qualidade – respondi. – Na teoria o trabalho parece ser bom, mas na verdade é uma merda. O salário é horrível, e tudo que o cara faz é jogar o mesmo nível do mesmo jogo sem parar, milhares de vezes, para tentar encontrar bugs no código. Isso me deixaria louco.

Ela suspirou e concordou com a cabeça.

– É, a mim também. – Ela abaixou sua voz para um suspiro conspiratório, e depois sorriu. – Sabe, Zack, você pode se matricular na faculdade mesmo que ainda não tenha certeza do que quer estudar. É só fazer uma série de cursos diferentes e ver o que interessa. Você acaba descobrindo o que fazer.

Sorri e concordei com a cabeça. Mas ela continuou parada na minha frente.

– Não estou tentando pressionar você, meu amor. Só quero que você tenha um plano.

– Meu plano para este momento – respondi devagar – é continuar trabalhando na Starbase Ace. Talvez mudar de expediente para tempo integral...

– Esse é um emprego para depois da escola, Zack, não um plano de carreira de longo prazo. Pense no que seria daqui a cinco anos. Todo mundo vai estar terminando a faculdade e começando uma carreira, e você...

– Eu estaria sentado o dia inteiro a cinco quarteirões de onde me formei, trabalhando no mesmo trabalho de merda que eu tinha aos dezesseis? – finalizei por ela.

– Exatamente.

Tentei parecer magoado.

– Acho sua falta de fé preocupante.

– Você vai achar o meu pé enfiado perturbadoramente na sua bunda se não parar de me sacanear e começar a fazer um plano sério para seu futuro, senhor.

– Quando você começa a me chamar de “senhor” sei que está sendo superséria.

– Não estou dizendo que você tem de ir para a faculdade, meu amor. Entre para um monastério! Entre para o Corpo da Paz! Entre para os X-Men, caramba. Não me importo com o que você faça, contanto que faça alguma coisa. Ok?

Fingi soltar um suspiro pesado de alívio.

– Neste caso, talvez eu fuja e entre para o circo. Posso começar como adivinhador de peso, depois quem sabe subir na carreira até operar a Roda da Fortuna.

– Acho que você tem dentes demais para esse tipo de trabalho, espertinho – retrucou, me dando uma cotovelada de mentirinha. – Não estou tentando te pressionar. Só quero o melhor para você.

Você é tão inteligente e talentoso, meu amor. Pode fazer grandes coisas. – Ela me olhou nos olhos. – Sabe disso, certo?

– Sim, eu sei, mamãe – disse. – Tente não se preocupar, ok?

Ela continuou a bloquear meu caminho, de braços cruzados para indicar que passar por ela não ia ser assim tão fácil. Mas aí, como um presente dos deuses, recebi uma mensagem de texto – e o toque me salvou. Tirei-o do meu bolso e estudei sua tela: *Lembrete urgente – Comando da Aliança de Defesa da Terra – Tenente Lightman, você tem ordens de fazer login para sua instrução de missão às 8h. Horário do Pacífico.*

Também vi que Cruz e Diehl haviam cada um enviado várias mensagens de texto, perguntando o que tinha acontecido na sala de aula, e se eu ainda estava disposto a jogar nossa missão de *Armada*.

– Desculpe, mãe, tenho que correr! – afirmei, estendendo meu telefone como se fosse uma espécie de ingresso VIP. – Estou atrasado pra minha missão de *Armada*, vai começar em alguns minutos!

– Tá, tá – cedeu ela, revirando os olhos. – Eu sei. Atrasado para um videogame. – Ela saiu do meu caminho. – Pode ir. Acabe com eles.

– Valeu! – Dei um beijo rápido na bochecha dela, o que por um breve momento desfez a ruga em sua testa. Aí agarrei a caixa de controle de *Armada*, subi correndo as escadas e depois descer o corredor, louco para chegar à segurança do meu quarto e o portal para outra realidade que ficava além dele.

Porém, a voz da minha mãe viajou mais rápido que eu, e seu aviso final alcançou meus ouvidos antes que eu pudesse entrar na Zona Neutra. Era uma coisa que eu a ouvira dizer incontáveis vezes, e normalmente me fazia revirar os olhos. Mas, desta vez, suas palavras me encheram de uma genuína sensação de pavor.

– Eu sei que o futuro às vezes é apavorante, querido. Mas não há como escapar dele.

Tranquei a porta e pressionei as costas contra ela. Com o aviso de minha mãe sobre a natureza inescapável do futuro ainda ecoando nos meus ouvidos, passei os olhos pelo interior do meu quarto, pela primeira vez sentindo certa vergonha pela forma como eu o havia decorado. Os cartazes nas minhas paredes, os livros, os quadrinhos e os brinquedos nas minhas prateleiras – quase todos eles um dia tinham pertencido ao meu falecido pai. O quarto nem sequer poderia ser classificado como um templo em homenagem à sua memória, porque eu nem sequer me lembrava dele. Aquilo era mais parecido com uma exposição de um museu: uma exposição realmente triste e doente, dedicada a um homem que eu não conheci, e não iria conhecer.

Não era de espantar que minha mãe evitasse entrar aqui. Ver a decoração provavelmente fazia o coração dela se despedaçar de duas ou três maneiras diferentes.

Uma pequena frota de modelos de espaçonaves pendia do teto por linhas de pesca, e quando atravesssei meu quarto, toquei cada um deles com as pontas dos dedos, fazendo com que se movessem um atrás do outro. Primeiro a espaçonave *Enterprise*, depois a *Sulaco* de *Aliens*, acompanhada por um X-Wing, um Y-Wing, a *Millennium Falcon*, um caça Veritech de *Robotech* – e finalmente uma Gunstar cuidadosamente pintada de *O último guerreiro das estrelas*.

Abaixei as persianas da janela, mergulhando o quarto na escuridão a não ser por um pequeno feixe de luar que caiu na poltrona de couro surrado no canto, lançando sobre ela um brilho

alienígena. Quando desabei na cadeira, cantarolei sozinho os primeiros cinco compassos de “Duel of the Fates” em expectativa: *Dunt-dunt-da-da-da!*

Peguei meu console de jogos empoeirado e desconectei meu velho manche de voo e controles de aceleração de plástico, junto com meu enorme óculos de realidade virtual de primeira geração, que continuava inteiro graças a quantidades generosas de fita isolante preta. Deixei o equipamento velho de lado, conectei os diversos componentes do meu novo Sistema de Controle de Voo do Interceptor e os posicionei ao redor da minha poltrona, colocando o manche de voo de metal pesado em cima de uma velha caixa de leite na minha frente, bem no meio dos meus joelhos, com o controle de aceleração separado sobre o descanso de braço achatado da minha poltrona, ao alcance da minha mão esquerda.

Essa configuração deveria recriar o layout exato dos controles do cockpit do Interceptor vistos no jogo. Meu próprio simulador particular de espaçonave. Sentado ali dentro dele, me lembrei de ter construído um cockpit de espaçonave com almofadas de sofás na frente da TV quando criança, numa tentativa de tornar mais realista a experiência de jogar *Star Fox* no meu Nintendo 64. Tive essa ideia depois de ver alguns garotos fazerem isso num velho comercial da Atari para *Cosmic Ark* numa das velhas fitas de vídeo do meu pai.

Quando consegui pôr meus novos controles em uma boa posição, sincronizei meu telefone com os fones Bluetooth embutidos no meu novo capacete de voo de realidade virtual *Armada*. Então acionei a playlist *Raid the Arcade* – minha recriação digital de uma velha mixtape analógica que havia encontrado no meio das coisas do meu pai com esse título cuidadosamente escrito em sua etiqueta com a letra dele. O título me levou a supor que era uma compilação de suas músicas favoritas de jogos, e eu cresci escutando essas canções enquanto jogava videogames também. Como resultado, escutar a minha velha compilação de combate digital do meu pai havia se tornado essencial no meu ritual de jogar *Armada*. Era fato que se eu tentasse jogar sem minha playlist *Raid the Arcade* ao fundo minha mira e meu ritmo iriam para o espaço. Por isso eu tratava de deixá-la no ponto antes do começo de cada missão.

Coloquei o falso capacete de piloto de Interceptor e ajustei os fones de isolamento de ruído embutidos, que cobriam completamente minhas orelhas. Depois de ajustar os óculos de realidade virtual para deixá-los bem confortáveis sobre meus olhos, apertei com o polegar o pequeno botão que estendia o microfone retrátil do capacete – um recurso completamente inútil, mas inegavelmente maneiro. Em seguida, retraí e estendi o microfone mais umas vezes, só para ouvir o som que ele fazia.

Assim que o jogo acabou de carregar, passei alguns minutos personalizando a configuração de botões nos meus novos controles de acelerador e manche de voo, e então loguei no servidor multiplayer do *Armada*.

Chequei imediatamente os rankings de pilotos, para verificar se eu não tinha caído no ranking desde meu último login. Mas meu indicativo de chamada tão-brega-que-era-maneiro ainda estava ali, no sexto lugar. Eu mantinha aquela posição fazia mais de dois meses, mas parte de mim ainda ficava chocada de vê-lo ali, relacionado dentre os top 10, ao lado dos mais famosos – e infames – jogadores do game. Vasculhei a coleção familiar de indicativos de chamada, listados no que agora havia se tornado uma ordem familiar:

01. RedJive
02. MaxJenius
03. Withnailed
04. Viper
05. Rostam
06. BeagleDeAço
07. Whoadie
08. CraziJi
09. AtomicMom
10. Kushmaster5000

Eu via esses dez indicativos de chamada quase todas as noites há anos, mas na verdade não sabia quem era nenhuma dessas pessoas – nem onde elas viviam. Tirando alguns conhecidos da escola e do trabalho, Cruz e Diehl eram os únicos pilotos de *Armada* que eu já tinha conhecido na vida real.

O jogo tinha mais de nove milhões de jogadores ativos em dezenas de países, então chegar até os top 10 não tinha sido fácil. Mesmo com o que me diziam ser um talento natural para videogames, eu ainda havia levado mais de três anos de prática diária antes de conseguir entrar nos top 100. Quando passei esse limiar, pareceu que finalmente eu havia pegado o jeito, e nos meses seguintes consegui uma ascensão meteórica para os top 10 enquanto também subia as fileiras da Aliança de Defesa da Terra, conseguindo uma promoção atrás da outra até ser promovido a tenente.

Eu sabia que *Armada* era apenas um videogame, mas eu nunca tinha sido um dos “melhores dos melhores” em nada antes, e minha realização me dava uma verdadeira sensação de orgulho.

Confesso que durante todo o tempo que tive para me dedicar ao jogo eu havia perdido um ponto inteiro da minha média geral de

notas, e provavelmente isso também havia me custado meu relacionamento com Ellen. Então, lembrei que fiz a promessa de virar a página. Depois da missão daquela noite, nada de *Armada* por pelo menos duas semanas inteiras – mesmo que isso significasse sacrificar minha posição nos top 10. Não era uma grande perda, disse a mim mesmo. Quanto mais alta sua posição, mais bobagem se falava, mais fogo amigo e mais acusações de trapaça você tinha de suportar dos outros jogadores.

O caso em questão: os pilotos do *Armada* atualmente nos top 5 eram facilmente os jogadores mais odiados na breve história do game. Isso se dava em parte porque esses pilotos tinham a honra de “pintar” seus drones com seus próprios desenhos multicoloridos personalizados, enquanto o resto de nós voava nos velhos caças de aço inoxidável. E assim os top 5 ganharam o apelido de “Circo Voador”.

Muita gente que postava nos fóruns da Chaos Terrain parecia acreditar que os cinco primeiros pilotos eram simplesmente bons demais para serem jogadores de verdade, e tinham de ser um non-player character (NPC) ou funcionários da Chaos Terrain. Outros teorizavam que eles eram um clã gamer elitista, pois os cinco deles jamais respondiam mensagens ou solicitações de chat dentro do jogo. Claro, pode ter sido desse jeito porque os N00bs sempre os acusavam de trapacear, usando alguma espécie de hack nos clientes para fazer automira ou conferir infinita energia aos escudos. Mas isso tudo era uma bobagem. Eu já tinha entrado em combates diretos com RedJive (também conhecido como Barão Vermelho) e os outros membros do Circo Voador em servidores deathmatch de livre acesso fazia mais de um ano, e nunca em nenhum momento vi sinal de que estivessem trapaceando. Eles eram simplesmente melhores do que os outros. Na verdade, foi estudando seus movimentos e aprendendo com eles que eu cheguei aos top 10. Mas ainda assim eu achava a arrogância geral dos top 5 irritante – especialmente RedJive, que tinha um hábito enervante de enviar a mesma mensagem de texto todas as vezes que matava alguém no modo de prática jogador-versus-jogador: *de nada*.

Essas duas palavras piscavam na sua tela, acompanhadas por um *BIP!* de ferver o sangue. Era óbvio que RedJive tinha uma macro configurada para disparar essa mensagem como um míssil logo depois de fazer sua nave em pedacinhos (colocando o dedo na ferida quase literalmente). Eu sabia o motivo para ele (ou ela) fazer isso. Era uma manobra tática projetada para enfurecer seus oponentes e desequilibrá-los ainda mais antes que se lançassem em outra nave. E funcionava também. Com todos. Inclusive comigo. Mas num desses dias, quando eu finalmente pegasse o RedJive na

minha mira, seria minha vez de mandar um desses textinhos irritantes: *Não, não, não, RedJive. Eu que agradeço.*

Claro, agora eu sempre era acusado de hackear também. Para citar meu velho chefe, Ray Wierzbowski: “É assim que você sabe que dominou um videogame: quando um bando de bebês chorões com dorzinha de cotovelo começa a acusá-lo de trapacear, numa tentativa de lidar com a surra que acabaram de sofrer nas suas mãos.”

Quando puxei minha lista de amigos, vi que Cruz e Diehl já estavam logados, seus ranking listados ao lado dos seus indicativos de chamada. Cruz (cujo indicativo de chamada era “Kvothe”) estava atualmente em 6791º lugar, e Diehl (também conhecido como “Dealio”) estava posicionado em 7445º. Seus placares de jogadores de *Terra Firma* eram bem maiores, mas ainda estavam a um longo caminho de chegar aos Doze Condenados.

Liguei o microfone do capacete e entrei no chat de voz privado de Kvothe e Dealio.

– Você ainda não quer admitir que está errado? – gritava Cruz quando loguei.

– Eu já falei, seu argumento da Mulher-Maravilha não prova nada! – disse Diehl. – Sim, a princesa Diana de Themyscira um dia segurou o Mjölnir em uma edição obscura e imbecil de crossover! Isso só prova o que eu digo, Cruz! Você acha que a Mulher-Maravilha um dia se deixaria apanhar empunhando a Ferroada?

– Não, mas ela é uma super-heroína, e elas não usam espadas, usam? – perguntou Cruz, obviamente sem pensar muito bem no que acabava de afirmar.

– Super-heróis não usam espadas? – perguntou Diehl extasiado. – E quanto ao Noturno? Deadpool? Elektra, Shatterstar, Arqueiro Verde, Gavião Arqueiro... ah, e também tem *Blade* e *Katana*! Dois super-heróis que até têm *nome* de espadas! Ah, e Wolverine teve aquela Espada Muramasa idiota feita com parte de sua alma. Que, apesar de simplesmente patético, ainda era uma arma bem mais mágica do que Ferroada!

– Desculpem interromper, moças – falei. – Acho que vocês deveriam simplesmente concordar em discordar.

– Gaivota de ferro! – gritou Cruz. – Não vi você logar!

– Você está atrasado, idiota – disse Diehl. – E Cruz não quer parar de falar da Mulher-Maravilha!

– Estou bem na hora. A instrução ainda vai demorar trinta segundos.

– O que diabos aconteceu com você e *Herr* Knotcher hoje? – perguntou ele com um sotaque alemão carregado.

– Não aconteceu nada – respondi. – Porque fui embora antes que

qualquer coisa acontecesse.

– Bom, ele estava fazendo ameaças a você com seus amigos idiotas depois que o sinal tocou. Sangue nos olhos e coisas assim. Planeje de acordo.

Pigarreei.

– O tempo é curto. Vamos falar da missão, gente.

– Se isso é mais uma missão para derrubar um Disruptor, estou fora, pessoal – disse Cruz. – Vou pular fora e jogar *Terra Firma*. Sério, gente.

– Qual é o problema, Kvothe? Não gosta de um desafio?

– Gosto de um gameplay equilibrado – replicou Cruz. – Não sou masoquista que nem vocês.

Senti um breve impulso em defender o jogo, mas era difícil discutir. O Disruptor era uma poderosa arma nova que os Sobrukai haviam revelado depois de uma das atualizações de conteúdo mais recentes do jogo. Ela era capaz de desligar o link de comunicação quântica de todos os drones de defesa da Terra, tornando-os inúteis. Durante os últimos meses, todos os jogadores mais dedicados do game – inclusive eu – têm tentado dar um jeito de desabilitar as defesas de um Disruptor e destruir a maldita coisa. Mas até o momento a nova superarma dos Sobrukai havia sido comprovadamente indestrutível, e isso tornava muitas das missões de alto nível do jogo mais ou menos impossíveis de vencer.

Apesar do infinito dilúvio de reclamações afirmando que a Chaos Terrain havia quebrado e/ou arruinado seu próprio jogo, a empresa se recusava a remover o Disruptor do arsenal do inimigo ou torná-lo mais fácil de destruir. Como resultado, muitos jogadores de *Armada* estavam desertando para jogar *Terra Firma*. O Disruptor nunca aparecia numa missão de *TF* – talvez porque tendo alguém aterrissado, não havia nada que as tropas terrestres da Aliança pudessem fazer para detê-lo.

– É uma missão nova – disse eu. – Seja otimista. Pode não haver um Disruptor nela.

– Ah, tá – zombou Diehl. – Talvez os desenvolvedores tenham preparado uma coisa ainda pior.

– O que poderia ser pior? – perguntou Cruz. – Uma missão onde você precisa explodir uma Estrela da Morte ao mesmo tempo que está sendo atacado por dois Cubos Borg dentro de uma área de asteroides?

Diehl imediatamente chiou, dizendo em seguida:

– Cruz, duvido muito que tanto os Borg quanto...

Felizmente, um alerta soou em nossos headphones naquele momento, assinalando o início das instruções da missão. Todas as janelas de display de dados desapareceram e eu me encontrei

sentado numa sala de instrução lotada, com Kvothe e Dealio, os avatares uniformizados de Cruz e Diehl, sentados cada um do meu lado. Cada um de nós tinha customizado nossos avatares para que eles lembrassem vagamente nossos eus reais – só que ligeiramente mais altos, mais musculosos e menos pálidos. Os avatares de alguns outros recém-chegados estavam se materializando nas poltronas ao nosso redor.

Na fictícia realidade para o futuro próximo de *Armada*, Cruz, Diehl e eu éramos pilotos de drones estacionados na Base Lunar Alfa, um posto de fronteira militar ultrassecreto no lado escuro da lua. Eles dois eram cabos, enquanto eu tinha o cobiçado posto de tenente.

As luzes na sala de instruções virtual diminuíram, e o símbolo de defesa giratório da Aliança de Defesa da Terra apareceu na tela à nossa frente. Quando o símbolo desapareceu, foi substituído pelo rosto familiar do almirante Archibald Vance, oficial de mais alta patente da Aliança de Defesa da Terra. O ator que a Chaos Terrain havia contratado para retratar o mirante era perfeito para o papel. Sua cicatriz irregular no rosto e seu tapa-olho poderiam ter parecido exagerados em outro ator, mas aquele cara de algum modo conseguia ser convincente e fazer você acreditar que realmente era um comandante militar endurecido pelo combate, enfrentando dificuldades insuperáveis com uma determinação exaurida e uma resolução sombria.

– Saudações, pilotos – disse o almirante, dirigindo-se a nós. – A missão desta noite não será fácil, mas sei que é uma missão que muitos de vocês estavam esperando e torcendo para realizar desde o começo desta guerra. A humanidade tem sofrido incontáveis ataques gratuitos desses invasores alienígenas ao longo dos anos, mas finalmente vamos atacá-los.

Os cantos da boca do almirante se curvaram para cima no mais breve vestígio de um sorriso – o mais próximo de uma demonstração de sentimento que eu já tinha visto vindo dele.

– Esta noite, vamos finalmente atingi-los onde eles vivem: literalmente.

A janela da tela que exibia o rosto do almirante encolheu e se moveu para o canto superior direito, enquanto o restante da tela passou a exibir um diagrama técnico de um modelo de nave que eu nunca tinha visto antes. Seu design me lembrou um pouco da *Sulaco*, de *Aliens*. O casco alongado e blindado fazia com que ela parecesse uma metralhadora de calibre grosso vagando pelo vácuo do espaço.

– Este é o nosso primeiro Porta-Drones Interestelar, o SS *Doolittle*. Depois de viajar por mais de dois anos a quase sete vezes a

velocidade da luz, o *Doolittle* finalmente chegou ao seu alvo, e o alvo de vocês para esta missão, o planeta natal do inimigo, os Sobrukai.

– Até que enfim! – gritou Cruz pelo comunicador, expressando perfeitamente minha própria reação.

Todas as missões anteriores de *Armada* haviam se concentrado na defesa, e a ação do jogo sempre fora confinada ao nosso próximo sistema solar, muitas vezes na própria Terra, nos céus acima de uma grande cidade ou posto militar que os Sobrukai estivessem atacando, embora também tivéssemos batalhado contra eles além da órbita de Marte, perto do limite do cinturão de asteroides e no lado escuro da lua. Esta era a primeira missão que já tinha envolvido uma ofensiva contra nosso inimigo, e nós tínhamos atingido o veio principal.

– Assim que atingir a órbita de Sobrukai – continuou o almirante – o *Doolittle* irá desativar seu dispositivo de camuflagem antes de lançar o Quebra-Gelo, nossa arma de último recurso, juntamente com uma escolta de caças que estará sob o controle de vocês.

O almirante começou a passar a pré-visualização tática na tela. A animação de computador mostrou o *Doolittle* camuflado entrando em órbita acima de Sobrukai, e a armada de belonaves reluzentes que rodeavam seu equador, como um anel planetário artificial. Separados por espaços iguais ao longo desse anel estavam seis orbes maciços de cromo – Esferas Leviatã Sobrukai. Os jogadores as tinham apelidado de “muthaships”. Seria a primeira vez que teríamos de enfrentar mais de uma delas.

As portas de hangar embutidas na lateral estibordo da proa do *Doolittle* se abriram como uma íris e o Quebra-Gelo foi lançado dela, acompanhado por uma densa escolta de três dezenas de caças. O Quebra-Gelo parecia o que era: um gigantesco raio laser concentrado aparafusado numa plataforma de armas nuclear orbital. No momento em que ele começou a disparar seu poderoso laser derretedor na grossa camada de gelo cobrindo a superfície do planeta, caças Sobrukai começaram a ser despejados de dentro das seis Esferas Leviatã, derramando-se de portas de hangar reluzentes como fendas que haviam se aberto em suas peles blindadas, para se confrontar com o grupo comparativamente pequeno de caças da Aliança que protegia uma arma de destruição máxima que era disparada lentamente na direção do teto de gelo de seu berço de lulas.

– Tomem isso! – gritou Diehl fingindo triunfo. – Como se sentem agora, seus babacas? Estão gostando?

Sorri debaixo do capacete. Diehl tinha razão. Depois de meses levando uma surra na nossa quadra, esta chance de retribuirmos o

ataque aos Sobrukai no território deles ia ser uma catarse enorme.

– Sua missão é manter o Quebra-Gelo em operação por cerca de três minutos; apenas o tempo suficiente para que ele derreta o gelo e lance suas ogivas no oceano da subsuperfície do planeta, destruindo o antro subaquático do inimigo, uma colmeia aquática localizada no chão do oceano.

A animação tática mostrava nossos caças drones defendendo habilidosamente o Quebra-Gelo da armada inimiga enfurecida apenas por tempo suficiente para que ele terminasse de derreter seu buraco gigante e lançar as ogivas por ele, para dentro do oceano da subsuperfície do planeta. Naquele ponto, os mísseis balísticos intercontinentais se transformavam em torpedos nucleares guiados, que se dirigiam rapidamente para a cidade-caverna subterrânea dos Sobrukai, que parecia uma colmeia high-tech embutida no piso rochoso do oceano.

– Agora estou me sentindo mal – disse Diehl. – Como se estivéssemos prestes a bombardear o Aquamen. Ou a Pequena Sereia...

– Finja que são Gungans – sugeriu Cruz. – E vamos bombardear o Jar.

Ambos gargalharam, mas eu ainda estava concentrado na animação tática. Ela mostrava os torpedos nucleares da Aliança se fechando na colmeia aquática dos Sobrukai como uma rajada de mísseis busca-lulas. Alguns deles foram derrubados pelas torres de defesa da colmeia, mas a grande maioria chegou ao alvo.

As detonações seguintes iluminaram a tela como um jogo antigo de *Missile Command*. A Central Sobrukai foi obliterada, e a força das subsequentes explosões termonucleares sacudiu o planeta de modo tão violento que rachaduras se espalharam por toda a circunferência de sua superfície gelada, fazendo com que ele lembrasse um ovo cozido rachado. Não houve nuvens de cogumelo – apenas uma coluna gigantesca de vapor vermelho se elevando do buraco maciço queimado na superfície, que disparou direto em órbita como se o planeta estivesse espirrando sangue de uma ferida de bala.

– É mais uma missão suicida – disse Cruz. – Mas ainda parece divertido. Estou dentro.

Parecia que nosso inepto inimigo alienígena havia cometido outro colossal erro tático. Eles não só tinham deixado sua tecnologia de propulsão mais rápida que a luz cair nas nossas mãos de macacos de engenharia reversa, como também nos haviam dado tempo bastante para construir uma belonave interestelar por conta própria e enviá-la através de todo aquele vasto golfo do espaço para lançar um contra-ataque neles.

Como de costume, as táticas dos invasores aliens não faziam lá muito sentido – e como de costume eu não dava a mínima. Só queria matar alguns alienígenas, e esta era a confirmação mais saborosa para uma missão kamikaze na história do jogo – talvez de *qualquer* jogo.

No meu óculos, a voz dominante foi afogada pelo som de Diehl fingindo roncar.

– Qual é, velho! – gritou ele. – Menos papo e mais rock’n’roll!

– É, eu queria que pudéssemos pular essa merda de história – disse Cruz. – Chata pra cacete.

– Já perceberam que é por isso que vocês dois sempre são mortos nos dois primeiros minutos – eu disse. – Vocês nunca prestam atenção às instruções do almirante.

– Não, nós sempre somos mortos por causa de *você*, Leeroy Jenkins!

– Já cansei de pedir pra você parar de me chamar assim.

– Se a carapuça serviu, Smack Attack! – disse Cruz. – Por que não tenta jogar como se estivesse em uma equipe uma vez? Só uma vez?

– Guerra interplanetária não é esporte de equipe – respondi. – Nunca foi.

– Na verdade, se você parar pra pensar, meio que *é, sim* – interrompeu Diehl. – O time da casa *versus* o visitante. Sacou? Visitante? – Depois uma pausa, ele acrescentou: – Porque eles são alienígenas.

– A gente sacou – eu disse. – Será que todo mundo pode calar a boca pra eu poder ouvir o resto?

– Esta missão deve ser bem-sucedida – continuava o almirante. – Essa armada está se preparando para partir para a Terra, portanto esta é nossa única chance de destruir os Sobrukai antes que eles cheguem aqui para nos destruir. O destino da humanidade depende de o Quebra-Gelo chegar ao seu alvo. – Ele parou para colocar as mãos atrás das costas. – Só vamos ter uma chance de fazer isto, pessoal, então vamos aproveitá-la.

– É sério? – questionou Cruz, como se o ator pré-gravado pudesse ouvi-lo. – É melhor que essa não seja uma missão single player. É irado demais!

– Ele só estava dizendo isso para dar um efeito dramático – falei. – Tenho certeza de que vamos poder jogar de novo, exatamente como os cenários do Disruptor.

– É melhor você ter razão – disse Diehl. – Porque nem ferrando nós vamos fazer essa missão dar certo na primeira tentativa, nem na segunda ou terceira. Eles têm seis Esferas Leviatã! Cada uma delas carregada com mais de 1 bilhão de drones aliens assassinos, e um

Disruptor de tabela!

– Eles não vão ativar um de seus Disruptores ali – observou Cruz. – Não faria nenhum efeito. Para um link quântico ser desligado, tanto as extremidades de transmissão quanto de recepção precisam estar dentro da esfera. – Era por isso que a Aliança tinha drones e humanos estacionados do lado escuro da lua.

– Sem o Disruptor para nos preocuparmos, isso deve ser viável – concluí. – Tudo que temos a fazer é proteger aquele Quebra-Gelo por três minutos. Sem problema.

– Sem problema? – repetiu Cruz. – Sério? Você acha?

– Sim. É só a gente... você sabe, criar um bloqueio.

– Com o quê? – perguntou Cruz. – Você checkou as estatísticas da missão? Nosso porta-tropas só trouxe duzentos drones! Isso o almirante não mencionou.

– Talvez tenha mencionado isso quando vocês dois estavam roncando? – sugeri.

– Como eu disse antes, este é mais um exemplo de gameplay desequilibrado e mal pensado – continuou ele. – Os desenvolvedores da Chaos Terrain estão tentando *mesmo* nos emputecer agora. Vamos ser chacinados; de novo!

– Tá, tá – disse Diehl. – Como é que eu tiro essa roupa de covarde?

Gargalhei. Antes que Cruz pudesse responder, percebemos que o almirante Vance estava encerrando sua fala.

– Boa sorte, pilotos. Todos aqui na Terra estão contando com vocês.

Ele prestou uma continência de despedida, e sua imagem piscou na tela, para ser substituída mais uma vez pelo símbolo da Aliança de Defesa da Terra.

Então, enquanto a missão carregava, todos vimos uma cena familiar mostrando nosso esquadrão de pilotos de aspecto heroico ligeiramente fora de foco saindo da sala de instruções, descendo um corredor de acesso bem-iluminado e entrando no Centro de Controle de Operações de Drones da Base Lunar Alfa, um imenso salão circular com dezenas de comportas ovais embutidas no chão, espaçadas apenas alguns metros uma da outra – cada qual contendo um módulo de controle de drone. Suas comportas se abriram com um sibilar, revelando cockpits de Interceptor simulados, cada qual um assento de piloto cercado por uma fileira de controles e leitores, justamente com uma tela de visão de 180 graus com a forma da janela do cockpit.

A cena terminou, e minha perspectiva mudou para o ponto de vista do meu avatar – só que agora eu estava sentado dentro do meu próprio módulo controle de drone.

Um segundo depois, a comporta se fechou acima de mim no momento em que todos os painéis de controle ao meu redor se iluminaram, assim como a tela 180. Isso criou uma segunda camada de simulação – a ilusão de que eu estava sentado dentro de um drone aeroespacial Interceptor ADI-88, acionado e esperando na plataforma de lançamento no hangar de drones do *Doolittle*.

Estendi a mão, tateando às cegas, para colocá-las nos novos controles à minha frente, ajustando sua posição para combinar com o layout do meu cockpit virtual dentro do jogo. Então respirei fundo e soltei o ar lentamente, tentando relaxar. Esta costumava ser a melhor parte do meu dia, quando eu conseguia fugir da minha existência suburbana e por algumas horas me tornar um piloto de caça campeão lutando contra invasores alienígenas malignos.

Mas, naquela noite, eu não sentia que estivesse escapando de nada. Eu me sentia ansioso. Empolgado. Justo. Talvez até um pouco sedento de sangue.

Como se eu estivesse indo para a guerra.

Os óculos dentro do meu novo capacete de realidade virtual do *Armada* me forneciam uma visão imersiva de 360 graus de dentro do cockpit simulado do meu drone. Olhando por sua janela de 180 graus, toda envidraçada ao meu redor, eu conseguia ver o hangar de lançamento de drones do *Doolittle*. Olhei para a esquerda e depois para a direita, seguindo a fileira de interceptores idênticos enfileirados dos meus lados reluzindo sob as luzes dos refletores da cúpula do hangar, preparados para o lançamento.

Meu display ocular apareceu, sobreposto sobre minha vista panorâmica do exterior do cockpit, fornecendo leituras dos sistemas de voo, armas e comunicação da minha espaçonave, juntamente com dados de radar, sensor e navegação.

Dei um pigarro e me dirigi para o CAT, o Computador de Avionica Tática da minha nave. O CAT servia como um copiloto virtual, gerenciando o sistema de navegação, armamento e comunicação da minha nave e me fornecendo verbalmente atualizações de status. Ele também podia dar a pilotos novatos valiosas recomendações simultâneas sobre como aprimorar suas técnicas de manobra e uso de armas, mas eu já havia desabilitado esse curso muito tempo atrás.

– CAT, preparar todos os temas para lançamento – eu disse.

– Obedecendo! – o CAT chilreou, parecendo animado. Na configuração-padrão, o computador falava numa voz sintetizada feminina eternamente calma que eu achava irritante no calor da batalha. Então instalei diversos outros perfis sonoros

personalizados, incluindo um chamado Trimaxion, que dava a ele a voz do computador da nave de *O voo do navegador*. Isso fazia a voz da minha nave soar como Pee-Wee Herman gritando por um vocoder, mas me divertia e me mantinha na ponta dos cascos.

Cada propulsor, arma e escudo do Interceptor era alimentado por um reator a fusão que recarregava constantemente as células de energia de seu drone. Mas fazia isso a uma taxa muito lenta, de forma que você precisava usar sua energia com parcimônia durante a batalha – caso contrário acabaria flutuando pelo espaço, um alvo parado e fácil com um joystick morto.

Era fácil ficar sem combustível durante o calor do combate, porque se mover ou disparar as armas consumia parte da sua energia, e sempre que seus escudos eram atingidos diretamente, isso também acabava com ela. Quando elas começavam a ficar muito baixas, seu drone perdia primeiro os escudos, depois as armas, e finalmente o propulsor de aceleração. Então cairia e queimaria ou, se tivesse a sorte de estar lutando no espaço, ele simplesmente começaria a flutuar indefeso pelo vácuo enquanto as células de energia se recarregassem o bastante para seus propulsores voltarem a ser acionados, rezando para que uma nave inimiga não pegasse você primeiro – coisa que quase sempre acontecia.

Os caças Glaive inimigos tinham torres de armas de raios montadas na ponta de cada asa que podiam circular em qualquer direção, o que lhes dava uma linha de tiro quase ilimitada. Mas os canhões de plasma do meu Interceptor (também conhecidos como “armas solares”) e mísseis Macross eram armas de disparo frontal, então meu alvo precisava estar na minha frente se eu quisesse atingi-lo. Contudo, minha nave tinha uma torre laser, que era capaz de disparar em qualquer direção, mas, ao contrário de minhas armas solares, a torre consumia muita energia e precisava ser usada com parcimônia.

Nossas naves também eram cada uma equipada com um mecanismo de autodestruição, que também servia como uma arma de último recurso. Desde que seu drone tivesse apenas um mínimo de energia sobrando, você podia detonar seu núcleo reator em uma explosão de vaporizar tudo até um raio de cem metros. Se você calculasse o timing correto, podia levar junto quase uma dezena de naves inimigas ao mesmo tempo com essa tática. Infelizmente o inimigo também tinha a habilidade de detonar seus núcleos de energia – e não se importava em levar seus amigos junto. Claro que muitos jogadores também não. Para alguns, era sua única estratégia de verdade. A única grande desvantagem de efetuar essa manobra de autodestruição era que isso significava que você iria perder pelo menos parte da batalha, porque, antes de poder voar de volta para

entrar no combate novamente, precisaria esperar para assumir o controle de outro drone mais uma vez no hangar, e depois aguardar que ele alcançasse a frente da fila de lançamento – e tudo isso podia levar até um minuto ou mais, dependendo da velocidade com que o inimigo estivesse derrubando nossos drones.

Um alarme soou quando a fileira de lançamento, alimentada por uma esteira no hangar, começou a funcionar e movimentar os Interceptores à frente do meu, um atrás do outro, disparando-os da barriga do *Doolittle* como balas de uma metralhadora.

– Yeah! – ouvi Diehl dizer. – Agora eu finalmente vou matar uns aliens!

– Não se você for destruído antes de disparar um único tiro – disse Cruz. – Como da última vez.

– Eu já te falei, minha conexão de internet tinha caído! – gritou Dealio.

– Cara, a gente ouviu você xingando no comunicador *depois* de ser morto – eu o lembrei.

– Isso não prova nada – retrucou ele, animado, gritando em seguida: – Ao combate!

Como nenhum de nós fez o mesmo, ele pigarreou alto no comunicador.

– Ei, por que nenhum de vocês gritou “Ao combate” junto comigo agora? É melhor vocês babacas gritarem comigo “Ao combate”! Querem dar azar?

– Desculpa, Dealio – respondi. Então, o mais alto que pude, gritei: – Ao combate!

– Vou deixar os gritos pra vocês – disse Cruz, antes de murmurar para si mesmo seu mantra pré-combate. – Vamos nessa.

Estalei os dedos, depois apertei o play na melhor “música de chutar o pau da barraca” da velha mixtape *Raid the Arcade* do meu pai. Quando o baixo de abertura de “Another One Bites the Dust”, do Queen, começou a marretar os fones de ouvido embutidos no meu capacete, senti que estava entrando no clima.

A batida de metralhadora da canção era uma combinação perfeita para o timing e o ritmo das naves inimigas, em quase todos os tipos de missão. (“We Will Rock You” também funcionava muito bem para mim em cenários de disparos de galeria de tiro como aquele.) Quando os vocais de Freddie Mercury entraram alguns segundos mais tarde, aumentei ao máximo o volume do meu fone – aparentemente alto o bastante para o microfone captar.

– Ah, maravilha – disse Cruz. – Parece que o DJ Geriátrico está tocando novamente esta noite. Que surpresa.

– Se está alto demais, você está muito velho, Kvothe – retruquei.
– Por que você não me coloca no mudo e põe a coletânea mais

recente do Kidz Bop então?

– Talvez eu faça isso – respondeu ele. – Eles são gênios da música subestimados, sabia?

Os dois drones que Cruz e Diehl estavam controlando foram lançados no hangar logo à minha frente, cada um etiquetado com seu indicativo de chamada em meu display ocular.

– Atenção, seu drone é o próximo na fila de lançamento! – anunciou meu computador CAT, com entusiasmo exagerado. – Preparar para atacar o inimigo!

A esteira avançou mais uma vez, colocando meu drone no túnel de lançamento e disparando-o no espaço.

E depois tudo foi como *Amanhecer violento*.

A primeira onda de naves inimigas estava sendo despejada do fundo da Esfera Leviatã mais próxima como vespas de uma colmeia metálica e nos atingindo na escuridão, do nada, aproximando-se bem rápido.

Uma fração de segundo depois, o espaço à frente do meu drone estava tomado por centenas de caças Sobrukai Glaive, juntamente com dezenas de Wyvern semelhantes a dragões se desenrolando e serpenteando pelas suas fileiras, todos se movendo simultaneamente para atacar o Quebra-Gelo. Contive a respiração ao apontar para um dos Glaives principais. Eu sentia como se tivesse contas a ajustar com aquela maldita coisa, por escapar da minha vida de fantasia e invadir minha realidade, e me fazer questionar minha própria sanidade no processo.

Meu display táctico tridimensional piscou, me avisando da detonação de um reator logo atrás de mim, e acelerei bem a tempo de escapar de ser apanhado na explosão.

Durar mais que alguns minutos numa batalha daquela magnitude não era fácil. Fugir do fogo amigo exigia reflexos rápidos como um relâmpago, uma noção espacial sensacional e um dom para reconhecimento de padrões. Era preciso saber como encontrar a melhor rota para atravessar as fileiras do inimigo e ao mesmo tempo recuar e atacar.

Depois de passar um tempo estudando como as naves Sobrukai se moviam e atacavam em grupo, pouco a pouco comecei a perceber os padrões ocultos em todo aquele caos. Às vezes elas se moviam como um bando de pássaros, caçando a própria cauda enquanto voava em círculos para um pouso. Outras vezes, faziam curvas fechadas no céu, como um cardume de peixes predatórios. Mas sempre tinham um padrão, e reconhecer esse padrão me permitia antecipar os movimentos do inimigo e suas reações, e tornava relativamente fácil para mim pegá-los em minha mira – desde que eu estivesse escutando a música certa. A música era

fundamental. As velhas canções de rock nas antigas mixtapes do meu pai eram perfeitas, porque tinham uma batida firme e forte que servia como meu metrônomo de combate mental.

Desliguei meus motores e disparei meus retropropulsores, girando minha nave cerca de 180 graus sem alterar ou diluir meu impulso para a frente. Então abri fogo sobre um enxame de Glaives que convergia sobre a cauda do Quebra-Gelo, disparando uma série de rajadas das minhas armas solares.

Quando atingi meu primeiro alvo, ele implodiu em bolas de fogo de plasma superaquecido bem na minha frente, e uma mensagem piscou no meu display ocular informando que eu havia cometido a primeira morte do combate.

– Menos um, faltam alguns milhões – anunciei no comunicador, já zunindo de adrenalina. Matar aliens de videogame sempre fora uma válvula de escape para minhas frustrações adolescentes, mas esta noite parecia que toda vez que puxava o gatilho eu estava botando para fora uma raiva reprimida.

Não importava que os Sobrukai fossem fictícios – eu ainda queria matar cada um deles, até o último.

– Caras, estou com dois Glaives na minha cola – falou Diehl. – Alguém ajuda?

– Se vira, amigo! – disse Cruz. – Estamos todos com o rabo na reta!

– Eu não – respondi. – Estou oficialmente na zona.

Examinei meus visores, mas nem Kvothe nem Dealio estavam visíveis naquele momento, pois o Quebra-Gelo estava exatamente entre nós naquela hora. Disparei meus propulsores laterais e fiz uma série de rolagens para fugir do dilúvio de rajadas de plasma que me atacavam por todos os lados. Também acionei de leve o acelerador para variar a velocidade e o ângulo de ascensão da minha nave, enquanto eu alinhava a retícula de mira da torre de laser onidirecional com uma nova ameaça – um comboio de três Glaives que eu havia acabado de captar na minha cauda, se aproximando da tela de popa do meu display ocular.

No momento em que travei a mira no líder, apertei o gatilho da torre laser. O raio só durou uma fração de segundo e não era visível a olho nu, mas sua trajetória exata apareceu no meu display ocular. Fiquei observando ele queimar o casco do Glaive mais próximo da minha cauda, depois continuou queimando através dos outros dois Glaives logo atrás daquele, destruindo-os numa rápida cadeia de explosões: *Bum! Bum! Ba-Bum!*

Desliguei meu laser, que já estava superaquecendo, acionei meus canhões de plasma que automaticamente reorientaram meu display ocular para mostrar o que estava na frente da minha nave, em vez

da bola de fogo que se dissipava atrás dele. Então apertei o acelerador até o limite. Mas quando passei debaixo do Quebra-Gelo e me preparei para voltar pelo seu lado oposto, dois Glaives reapareceram na minha cola. Eles caíram logo atrás de mim e comecei a receber fogo pesado, derrubando meus escudos pela metade e drenando ainda mais minhas células de energia, que já estavam em um nível perigosamente baixo.

Segundo meu display ocular, o Quebra-Gelo estava disparando seu laser de derretimento fazia menos de um minuto, e os Sobrukai já tinham destruído quase metade dos nossos Interceptores. Ainda estavam chegando reforços no hangar do *Doolittle*, mas esses drones eram todos pilotados por gamers que já haviam sido mortos uma vez, e a maioria seria destruída uma segunda vez logo após entrarem na batalha.

Cruz tinha razão – não íamos ser capazes de contê-los por muito tempo.

– Que se dane – falei. – Vou tentar criar uma distração.

– Pra onde você vai? – perguntou Cruz pelo comunicador. – Proteja o Quebra-Gelo, imbecil!

– Desculpe, Cruz – interrompi, dando tudo no acelerador. – Mas você nunca vai imaginar quem acabou de aparecer. *Leeeeeeroyyy...*

– Ah, Lightman, nem se atreva...

– ...*mmmm-Jenkinsss!*

Quebrei a formação com os outros, deixando o Quebra-Gelo para trás enquanto me movia para atacar a Leviatã mais próxima. Empurrei meu manche para a frente com tudo e cruzei na frente dele, roçando as torres espaçadas ao longo do equador da esfera, levando uma ou duas delas junto.

– Porra, Zack! – gritou Cruz. – Toda vez! Todas as vezes, merda!

Sorri e disparei meus propulsores, colocando meu caça num mergulho vertical instantâneo, com intenção de deslizar embaixo da esfera para raspar no seu escudo. Essa manobra me custou quase um terço da minha energia restante, pois meu Interceptor precisou ativar momentaneamente seu campo de cancelamento de inércia para executá-la. Mas eu afastei vários caças Sobrukai da minha cola, pois eles precisavam executar o mesmo movimento para permanecer atrás de mim, e a maioria não tinha energia suficiente. Em vez disso, eles tinham que tentar ficar me pescando e tentar me pôr na mira de novo – depois que eu já tiver partido.

Outro enxame de Glaives emergiu da Leviatã mais próxima, todos mergulhando no Quebra-Gelo numa linha reta, disparando em conjunto. Eu os rasguei com uma única rajada de minhas armas solares, fazendo minha contagem de mortes Sobrukai subir para nove. Nada mau, mas não estava de acordo com meus padrões.

Minha pontaria estava um pouco enferrujada.

– Merda! – gritou Diehl pelo comunicador. – Acabei de perder os gorram dos meus escudos porque já estou sem a frakkin’ energia!

– Cara, nada a ver misturar xingamentos de diferentes universos – comentou Cruz.

– Quem disse? – gritou Diehl. – Além do mais, e se *Battlestar Galactica* e *Firefly* aconteceram no *mesmo universo*? Já parou pra pensar *nisso*?

Ouvi uma série trovejante de explosões atrás de mim e girei a cabeça bem a tempo de ver o IDC *Doolittle* se transformar numa imensa bola de fogo no meio de uma saraivada de fogo de plasma inimigo.

– O que foi que eu te falei? – resmungou Cruz no seu capacete. – Lá se vai o portador, e o resto das nossas reservas de drones.

– É, e aquele maldito Quebra-Gelo ainda não terminou de fazer a merda do buraco também – disse Diehl. – *Game over*, cara. *Game over*. Fodeu!

– Ainda não – murmurei.

Trincando os dentes, girei meu Interceptor numa meia-volta e retornei para tentar ajudar a defender o Quebra-Gelo, marcando como alvo o aglomerado de Glaives que atacavam os propulsores de trás dele. Mas eu não conseguia travar nenhum dos alvos que piscavam no meu display ocular, porque toda hora eu tinha que ficar desviando de fogo inimigo, e também amigo das armas de Sentinela da pele blindada do Quebra-Gelo, quando passei raspando por ele.

Meu drone levou mais dois disparos diretos, o que reduziu os meus escudos a quinze por cento. Mais um disparo e eles falhariam, e minhas armas na sequência. Nada bom.

Empurrei meu manche de voo para a frente, interrompendo um mergulho íngreme para evitar que eu voasse direto para o feixe de laser pulsante do Quebra-Gelo. Ignorando os avisos do CAT a respeito da iminente ausência de energia do meu drone, acionei a toda o acelerador e continuei a girar, com as duas armas solares ainda disparando.

– Merda! – xingou Diehl. – Eles me pegaram. Estou fora.

Olhei de relance para meu display ocular bem a tempo de ver o Interceptor de Diehl desaparecer dos meus visores.

– Eu também – acrescentou Cruz um segundo depois. Ele soltou xingamentos bem conhecidos por todos em seu comunicador e deslogou completamente do game.

As mortes digitais dos meus dois melhores amigos me distraíram tempo bastante para levar outra série de rajadas, o que fez com que meus escudos e armas falhassem. Iniciei imediatamente a sequência

de autodestruição do núcleo de energia do meu drone, muito embora soubesse que era improvável que eu fosse durar os sete segundos necessários para completar a ação.

Todos os caças Glaive na vizinhança começaram a redirecionar seu fogo para mim, esperando destruir meu núcleo antes que ele pudesse completar sua contagem regressiva e entrar em fase crítica. Mas, ao fazer isso, eles eram momentaneamente forçados a desviar o foco do Quebra-Gelo, justo como eu havia esperado.

Restavam cinco segundos da sequência de autodestruição do meu drone. Depois quatro, três...

Mas foi aí que o inevitável aconteceu: o Quebra-Gelo finalmente levou um disparo a mais e explodiu logo abaixo de mim. A bola de fogo produzida pela explosão destruiu meu drone, junto com todas as naves em seu raio de alcance.

Uma música sombria começou a tocar nos meus fones quando as palavras *FALHA NA MISSÃO* apareceram, sobrepostas à minha visão agora difusa da armada Sobrukai, à medida que cada uma das seis Esferas Leviatã começou a chamar seus drones remanescentes e voltar à formação original em órbita, com esta ameaça ao seu mundo agora derrotada.

Desliguei o console do meu jogo às escuras e fiquei sentado na escuridão por um momento antes de tirar meu capacete de realidade virtual e voltar ao mundo real com um suspiro.

Alguns segundos depois meu telefone tocou. Era Cruz – ele já havia checado e queria que eu soubesse que *Ataque a Sobrukai* não estava na lista de missões que podiam ser jogadas mais de uma vez – pelo menos não ainda. Então ele colocou Diehl no grupo de mensagens para sua tradicional festa de lamentações pós-missão. Depois disso os dois tentaram puxar meu saco para que eu me juntasse a eles em uma missão de *Terra Firma*, mas resmunguei alguma coisa sobre ter lição de casa e disse que os veria na escola no dia seguinte.

Então levantei e fui até meu armário. Quando abri a porta, uma pequena avalanche de coisas se derramou sobre meus pés. Saí vasculhando pela densa mistura de camisas e casacos de inverno pendurados em cabides de plástico até encontrar a velha jaqueta do meu pai lá nos fundos. Era uma velha jaqueta de beisebol preta com mangas de couro, e estava completamente coberta na frente e nas costas com emblemas bordados, todos de algum modo ligados à ficção científica ou videogames, incluindo diversos emblemas de prêmios de alto placar para os velhos jogos Activision como *Starmaster*, *Dreadnaught Destroyer*, *Laser Blast* e *Kaboom!*. Descendo

por ambas as mangas, logos e insígnias militares da Aliança Rebelde, da Liga Estelar, da Federação dos Planetas Unidos, da Frota Colonial de BSG, da Força de Defesa Robotech, entre outras.

Estudei uma de cada vez, passando as pontas dos dedos sobre o bordado. Da última vez que provei essa jaqueta alguns anos atrás, ela ainda estava muito grande em mim. Mas quando a vesti desta vez coube perfeitamente, quase como se tivesse sido feita sob medida.

Percebi que estava morrendo de vontade de usá-la na escola no dia seguinte, apesar do voto que havia feito de parar de viver no passado e ser obcecado pelo pai que nunca conheci.

Olhei ao redor para os cartazes, brinquedos e protótipos no meu quarto e senti uma dor no peito ao pensar em levar todos os objetos tão queridos do meu pai para o sótão. Apesar de minhas boas intenções, parecia que eu ainda não estava pronto para me libertar dele. Não ainda.

Recostei-me na minha poltrona, sufocando um bocejo que não queria ser sufocado. Fiz uma rápida checagem de status de mim mesmo, e o resultado confirmou que minha energia estava no final. Câmara de plutônio vazia. Sono exigido imediatamente.

Dei três passos para a cama, caí de cara nos meus lençóis vintage de *Star Wars*, adormeci imediatamente.

Meus sonhos naquela noite foram infestados por visões de um gigantesco senhor da guerra Sobrukai apertando seus enormes tentáculos ao redor de um indefeso planeta Terra como se estivesse se preparando para engoli-lo inteiro.

Quando fui até o meu carro na manhã seguinte, vi o longo e ondulado risco que corria por todo o para-choque.

Alguém arranhou meu carro. Virei para olhar as casas ao redor, para ver se por acaso Knotcher ainda estava por ali. Mas ele não estava à vista, e me ocorreu que ele poderia ter feito aquilo na noite anterior, enquanto o Omni estava estacionado do lado de fora da Starbase Ace. Eu só não tinha reparado depois do trabalho porque estava escuro lá fora, e a pintura do meu carro não era exatamente impecável, para começo de conversa.

Voltei a analisar o dano, desta vez considerando a condição geral do veículo. O longo risco feito por Knotcher não era tão perceptível a qualquer outra pessoa. Uma das poucas vantagens de ter um carro de merda enferrujado e velho era que a pessoa tinha de fazer um grande esforço para torná-lo menos atraente do que realmente já era.

Perceber isso me fez ficar calmo o bastante para ouvir o conselho sussurrado por Mestre Yoda agora se repetindo em minha cabeça: *Livre-se de sua raiva*.

Várias vezes eu tentava me acalmar com a voz de Yoda (que não parecia nada com a voz do urso Fozzie, droga) em momentos de tensão. Obi-Wan, Qui-Gon ou Mace Windu às vezes também tinham sábias citações para compartilhar.

Isso só em dias bons, claro. Nos ruins, eu me via pegando conselhos igualmente interessantes dos Lordes Vader ou Palpatine.

Mas não foi sua influência sombria que me motivou a tirar a

chave de roda do porta-malas do Omni e colocá-lo na minha mochila. Era a voz do meu amigo Diehl, recontando seu aviso da noite passada sobre a ameaça de vingança do Knotcher.

Parei meu carro no estacionamento dos estudantes e caminhei até a entrada principal da escola enquanto contava o número de dias da minha sentença que faltavam – mais 45.

Mas quando alcancei a área gramada contígua ao estacionamento, Knotcher estava lá esperando por mim, junto com dois dos seus amigos do peito. Todos os três sorriam, com os braços cruzados no peito como os malvados de *Power Rangers*.

Meu olhar disparou direto para a entrada da escola, calculando a distância. Se eu tentasse, provavelmente poderia chegar lá antes de ele me impedir. Mas percebi que eu não queria fazer isso.

Knotcher estava no centro. Como eu temia, riscar o meu carro não foi o bastante. Ele tinha decidido que sua masculinidade estava agora em questão, e não tinha escolha a não ser me colocar num canto e me espancar – com alguma ajuda, é claro.

Os dois colegas gigantescos eram conhecidos na escola como “os Lennys”, muito embora nenhum deles se chamasse Lenny. Eles receberam esse apelido depois que nossa turma leu *Ratos e homens*, na aula de inglês. Eu não achava que o apelido realmente tivesse a ver. Sim, ambos eram grandes e idiotas, assim como o personagem no livro, mas no fundo o Lenny de Steinbeck era uma alma generosa. Os dois Lennys parados ali (que eu pensava como sendo Lenny Skinhead e Lenny Tattoo-no-pescoço, respectivamente) eram ambos tão maus quanto grandes. Mas o tamanho deles era diminuído pelo escopo épico de sua estupidez.

– Gostei da jaqueta nova! – disse Knotcher. Fez questão de se exibir dando a volta lentamente em mim para examinar cada um dos emblemas costurados. – Incrível *de verdade*. Tem algum emblema de arco-íris aí em algum lugar?

Depois de levarem alguns segundos para processarem, os dois Lennys riram – era o tempo que o cérebro reptiliano deles levava para completar a sofisticada equação de arco-íris-igual-a-gay de Knotcher.

Como não respondi, Knotcher tentou novamente.

– Sabe, isso até que parece com a jaqueta de um estudante de universidade – comentou ele. – Se ser um nerd de videogames que não transa for um esporte. – Ele gargalhou. – Então suponho que você seria nosso artilheiro, não é, Lightman?

Eu já conseguia sentir minha raiva saindo de controle. O que havia me feito pensar que era uma boa ideia vestir a jaqueta velha

do meu pai na escola? Eu estava quase pedindo a ridicularização pública no único assunto que com certeza me irritaria profundamente – e é claro que Knotcher morderia a isca. Talvez eu tenha decidido vesti-la por isso – o mesmo motivo pelo qual não havia confrontado Knotcher no dia anterior. Algum lóbulo cerebral zangado de homem das cavernas estava doido por uma briga – e assim eu havia orquestrado esse confronto. A culpa era minha.

Knotcher e os Lennys deram um passo na minha direção. Mas fiquei onde estava.

– Pelo menos você foi inteligente o bastante para trazer apoio desta vez – respondi, tirando a mochila das costas e segurando as duas alças na mão direita, sentindo o peso reconfortante da chave de roda.

O sorriso de Knotcher hesitou por um momento, depois se contorceu num esgar.

– Eles só estão aqui para garantir que você não dê nenhum golpe baixo – retrucou ele. – Quem nem da última vez.

Então, numa contradição direta ao que havia acabado dizer, Knotcher acenou com a cabeça para os Lennys, e todos os três começaram a se espalhar ao meu redor.

Na minha cabeça, achei que podia ouvir a voz rachada porém imperiosa de Palpatine dizendo: *Use seus sentimentos agressivos, garoto. Deixe o ódio fluir por você!*

– Você está na merda agora, hein, Lightman? – debochou Knotcher. – Igual ao seu velho.

Eu sabia que Knotcher estava tentando me tirar do sério. Infelizmente ele havia mexido onde não devia. Os mísseis tinham acabado de deixar seus silos. E agora não havia como trazê-los de volta.

Não me lembro de abrir minha mochila, nem de tirar a chave, mas devo ter feito isso, pois agora eu tinha a barra fria de aço bem firme na minha mão, e eu a estava levantando para atacar.

Todos os meus três oponentes ficaram paralisados por um momento, olhos arregalados. Os Lennys levantaram as mãos e começaram a recuar. Os olhos de Knotcher foram até eles, e eu o vi registrando que seus colegas símios haviam pulado fora. Ele começou a recuar também.

Olhei para o meio-fio alguns metros atrás dele e tive um pensamento maligno: fui para cima de Knotcher com a chave. Ele tropeçou para trás e, justo como eu havia esperado, prendeu o calcanhar no concreto e caiu de costas.

E aí eu estava parado em cima dele, olhando para a barra de ferro em minhas mãos.

Mais para a minha esquerda, alguém deu um grito. Girei a

cabeça bruscamente e vi que uma plateia havia se reunido: um grupo de estudantes a caminho do primeiro período. Entre eles uma garota, muito jovem e com cara de inexperiente para ser algo além de uma caloura, tapou a boca com a mão e recuou quando olhei na direção dela. Como se ela estivesse aterrorizada de que eu – Zack, o psicopata da escola – fosse selecioná-la como meu próximo alvo.

Olhei de volta para os Lennys, que agora estavam parados no meio dos alunos que haviam se juntado para ver a briga. Todos os espectadores pareciam estar com a mesma expressão de expectativa horrorizada, como se acreditassem que poderiam estar a um segundo de testemunhar o primeiro homicídio de suas vidas.

Uma onda de profunda vergonha passou por cima de mim quando minha raiva cedeu. Olhei para o ferro em minhas mãos e o deixei cair no pavimento com um estrondo. Houve um coral de risos nervosos atrás de mim, junto com mais de um suspiro de alívio.

Recuei para longe de Knotcher. Ele se levantou devagar. Ficamos encarando um ao outro por um momento, e parecia que ele ia dizer alguma coisa quando seu olhar disparou para o alto, se concentrando em algo no céu atrás de mim.

Quando me virei, vi uma aeronave de aspecto estranho se aproximando a leste, se movendo a uma velocidade incrível. Quanto mais perto ela chegava, mais familiar parecia. Meu cérebro ainda se recusava a aceitar o que meus olhos estavam vendo – até alguns segundos depois, quando o veículo freou e ficou pairando diretamente acima de nós, perto bastante para que eu visse o símbolo da Aliança de Defesa da Terra pintado a estêncil na lateral de seu casco blindado.

– *Não é possível* – ouvi alguém sussurrar. Um segundo depois, percebi que era eu.

Era uma Nave Auxiliar de Tropas Aeroespacial ATS-31, uma das naves utilizadas pela Aliança de Defesa da Terra tanto em *Armada* quanto em *Terra Firma*. E estava prestes a pousar na frente da minha escola.

Eu definitivamente não estava alucinando desta vez: dezenas de outras pessoas estavam olhando para a nave, surpresas também. Eu podia ouvir o ruído dos motores de fusão dela, olhar e sentir o calor do seu exaustor batendo na minha cara. Ela estava realmente ali no alto.

Quando a nave começou a descer, todos que estavam perto de mim se dispersaram feito baratas, se dirigindo para a escola, onde ficariam em segurança.

Fiquei simplesmente parado ali feito uma estátua, incapaz de desviar o olhar. A nave era idêntica às naves auxiliares de tropas que pilotei enquanto jogava *Armada*, até o símbolo da Aliança e o

código de barras de identificação estampado em baixo do casco.

A Aliança de Defesa da Terra não pode ser real, Zack, garanti a mim mesmo. E nem essa nave que você pensa que está olhando agora. Você está alucinando novamente, só que desta vez é muito pior. Desta vez, você está tendo um surto psicótico completo.

Mas eu não podia me fazer crer nisso. Havia muitas evidências em contrário.

Ok, então você poderia estar aprisionado em um sonho lúcido, como Tom Cruise em Vanilla Sky. Ou talvez sua realidade seja mesmo apenas uma simulação de computador incrivelmente convincente, como em Matrix. Ou quem sabe você simplesmente morreu num acidente de carro e isto tudo é apenas uma fantasia elaborada passando no seu cérebro durante os outros segundos da sua vida – como naquele velho episódio de Além da imaginação.

Enquanto eu continuava a observar a nave auxiliar pousar, dizia a mim mesmo que não tinha escolha a não ser lidar com aquela situação da melhor forma possível – pelo menos até eu acordar, dar de cara com o agente Smith ou ouvir Rod Serling começar seu voice-over de encerramento.

A nave auxiliar abaixou seu trem de pouso e aterrissou suavemente na calçada ampla que levava até a entrada principal da escola. Olhei rapidamente para o prédio e vi rostos preenchendo as janelas em todas as classes enquanto centenas de alunos se derramavam de cada saída do prédio, ansiosos para ver melhor a nave estranha e descobrir o que é que estava acontecendo.

Era fácil dizer quais deles conhecia a nave auxiliar da Aliança de Defesa da Terra. Eles, assim como eu, eram aqueles que pareciam estar mais chocados que todo o resto naquele instante. Para todos os outros, ela provavelmente parecia alguma espécie de aeronave militar, um cruzamento ligeiramente futurista entre um helicóptero e um jato Harrier, como as naves de pouso de tropas em *Avatar* ou *No limite do amanhã*.

As portas automáticas da nave auxiliar se abriram e três homens usando ternos pretos saltaram. Pareciam agentes do serviço secreto. Nosso diretor, o Sr. Wood, ficou ali paralisado por alguns segundos, depois avançou correndo com a mão estendida para cumprimentá-los. Depois de apertar as mãos de todos, o mais baixo dos três tirou seus óculos de sol e eu me ouvi engasgar. Era Ray Wierzbowski, meu chefe na Starbase Ace.

O que diabos Ray estava fazendo ali, vestido como um dos Homens de Preto? E onde diabos ele havia obtido uma nave tática da Aliança de Defesa da Terra que funcionava?

Fiquei observando estarecido enquanto Ray mostrava uma espécie de identificação para o diretor Wood. Eles trocaram uma

ideia rapidamente e apertaram as mãos mais uma vez: depois Ray levantou um pequeno megafone e o usou para se dirigir à multidão que só aumentava.

– Pedimos desculpas por interromper a manhã de vocês, pessoal – disse Ray, numa voz de comando pouco característica que ecoou pelo terreno da escola. – Mas precisamos desesperadamente localizar Zack Lightman. Será que alguém sabe onde ele está agora? Por favor, olhem o redor e o apontem se o estiverem vendo. Solicitamos a ajuda dele com uma questão urgente de segurança nacional. Zack! Zack Lightman!

Percebi que Ray estava dizendo o *meu* nome mais ou menos ao mesmo tempo que percebi que todos, até onde minha vista alcançava, estavam olhando e apontando para mim – incluindo Knotcher e ambos os Lennys. Foi como aquela cena de *Invasores de corpos*. No fim das contas, anos dentro da escola assumiram o controle, levantei a mão e gritei:

– Presente!

Quando me avistou, Ray sorriu e começou a correr pela grama na minha direção como se sua vida dependesse disso. Eu nunca o tinha visto andar tão rápido.

– Salve, Zack – disse ele ao me alcançar, apenas um pouco sem fôlego. Então colocou a mão no meu ombro e acenou com a cabeça para a nave reluzente atrás dele. – Quer dar uma voltinha?

Finalmente está acontecendo, Zack. O Chamado para Aventura que você andou esperando sua vida toda. Está parado bem na sua frente.

E eu estava me cagando de medo.

Mas ainda consegui acenar com a cabeça e murmurar:

– Sim.

Ray sorriu – orgulhoso, eu acho – e apertou meu ombro.

– Imaginei que sim! Vem comigo, meu camarada. Não temos tempo a perder.

Diante dos olhares de toda a escola, acompanhei Ray de volta pelo gramado até a nave auxiliar, que aguardava. Enquanto a multidão se separava para abrir caminho para nós, avistei no meio do mar de rostos minha ex-namorada, Ellen, me encarando sem acreditar. A multidão se abriu e eu a perdi de vista. Reconheci Cruz e Diehl alguns segundos mais tarde. Eles tinham conseguido forçar passagem até a frente da multidão e estavam parados a alguns metros de distância dos dois sujeitos do Serviço Secreto, que passaram a montar guarda na frente da nave auxiliar, mantendo a turba a distância com a energia de campo de força só por estarem ali.

– Zack! – gritou Cruz quando nossos olhares se cruzaram. – O que está acontecendo? Maior loucura!

Diehl o empurrou para o lado e tentou correr na minha direção, batendo os braços como um homem se afogando.

– Seu sortudo desgraçado! – gritou ele. – Diz pra ele levar a gente também!

Então, quando dei por mim, já estava dentro da nave auxiliar, num dos bancos de passageiros, em frente a Ray e seus dois companheiros de terno. A porta se fechou deslizando, calando o rugido da multidão. Seguindo o exemplo de Ray, afivelei meu arnês de segurança sobre o peito e o puxei com força.

Assim que viu que eu estava bem preso, Ray acenou para o piloto solitário sentado no cockpit, que estava vestindo um uniforme perfeito. Por alguns segundos absurdos, me peguei apreciando a atenção aos detalhes que o cara havia obviamente dado ao seu cosplay. Então ele completou a sequência de ignição da nave e disparou os motores.

Enquanto subíamos, meu pensamento era algo deste tipo: *Isso não é um cara qualquer fazendo cosplay na SobruCon IV, Zack. Para mim ele parece um piloto real da Aliança, vestindo uniforme de lá de verdade, que está neste momento pilotando a nave auxiliar real em que você aparentemente está a bordo. Então me deixe ver agora – multiplique por dois, joga um pro alto – ei, isso é mesmo bizarro, mas se minha matemática estiver correta então A ALIANÇA DE DEFESA DA TERRA É REAL, CARALHO!*

Pressionei o rosto na janela curva ao lado do meu assento e fiquei olhando para meus colegas e professores, ainda reunidos na frente da escola lá embaixo, já se reduzindo ao tamanho de formigas enquanto subíamos num borrão de velocidade surreal.

Mas, quando fechei os olhos, não parecia sequer que estávamos nos movendo. Nenhuma força-g estava me puxando de volta para o assento. A nave auxiliar nem sequer tremia ou vibrava com a turbulência enquanto eu subia para a atmosfera.

Então lembrei: segundo a história de *Armada*, todas as naves da Aliança eram equipadas com tecnologia alienígena de engenharia reversa, incluindo um Gerador de Campo Trägheitslosigkeit, que criava um pequeno campo de cancelamento de inércia ao redor de uma espaçonave “controlando o spin alinhado de partículas giromagnéticas para alterar a curvatura do espaço-tempo” ou algo parecido com isso. Sempre imaginei que fosse apenas mais uma bobagem pseudocientífica movida a Flebotino imaginada pelos escritores da Chaos Terrain para fazer as impossíveis lutas espaciais fantásticas de seu jogo parecerem minimamente plausíveis, da mesma maneira que *Star Trek* e *Star Wars* usavam “amortecedores de inércia” e “compensadores de inércia” para que o Capitão Kirk e Han Solo não virassem geleia de herói todas as vezes que fizessem o

salto para a velocidade da luz.

Fechei os olhos novamente. Ainda parecia que eu estava sentado num carro parado num sinal vermelho. Já era, *Sir Isaac Newton*.

Uma densa camada de nuvens obscurecia a visão estonteante, e finalmente consegui tirar os olhos da janela. Virei-me para encarar Ray. Ele ainda sorria. Seus dois companheiros estoicos permaneciam silenciosos e sem expressão.

– Bonita jaqueta – disse Ray. Mas, diferente do comentário de Knotcher, não havia sarcasmo em sua voz. Ele se inclinou para a frente para admirar os emblemas que desciam pelas minhas mangas. – Eu costumava ter alguns desses emblemas Activision, sabia? Não eram fáceis de conseguir.

Olhei de volta para ele sem acreditar. Ele estava batendo papo comigo, como se ainda estivéssemos atrás do balcão da Starbase Ace. Como se ele não tivesse acabado de virar toda a minha noção de realidade de cabeça para baixo e pelo avesso.

Senti uma onda de raiva. O tranquilo homem de meia-idade Raymond Wierzbowski – meu patrão, amigo íntimo e figura paterna substituta – tinha obviamente mentido para mim sobre muitas coisas. Era evidente que o desgraçado mentiroso sabia o que estava acontecendo, e já há algum tempo.

– Que porra é essa que está acontecendo, Ray? – perguntei, irritado com o nível de medo que transparecia na minha voz.

– “Alguém armou a bomba para nós, meu camarada” – citou ele. – Agora está na hora de despachar todos os zigs para a grande justiça.

Ele riu baixinho. Eu queria socar a cara dele. Em vez disso, comecei a gritar.

– Onde foi que você arrumou uma nave auxiliar tática da Aliança de Defesa da Terra? Como essa coisa pode sequer ser real? E para onde ela está nos levando?

Antes que ele pudesse responder, apontei para os dois homens sentados ao lado dele.

– Quem são esses dois palhaços? Por falar nisso, quem é você, seu babaca?

– Ok, ok – disse Ray, levantando as mãos. – Vou tentar responder suas perguntas; mas primeiro você precisa respirar fundo e se acalmar um pouquinho, tá certo?

– Me acalmar o caralho! – gritei forçando contra o arnês de segurança. – E vai se foder também, Ray, seu mentiroso de merda! Me diga o que está acontecendo, ou eu vou perder a cabeça, eu juro!

– Ok – respondeu ele numa voz relaxante. – Mas antes preciso que você respire, Zack.

Ele estudou meu rosto com ansiedade. Percebi então que na verdade eu parecia não estar respirando. Então respirei bem fundo, arfando, depois soltei o ar devagar. Então me senti um pouco melhor, e minha respiração começou a se normalizar. Ray assentiu, satisfeito.

– Ótimo – disse ele. – Obrigado. Agora pode voltar a fazer suas perguntas, uma de cada vez, e vou fazer o melhor que puder para respondê-las, se puder.

– De onde veio esta nave auxiliar? Quem a construiu?

– Não é óbvio? Quem construiu foi a Aliança de Defesa da Terra. – Ele acenou com a cabeça para seus dois companheiros. – E para responder a sua pergunta anterior, estes dois homens são agentes de campo e estão aqui para garantir sua segurança durante o transporte.

– De jeito nenhum – interrompi. – Não há como a Aliança ser real.

– Mas é – retrucou ele. – A Aliança de Defesa da Terra é uma coalizão militar global ultrassecreta formada há mais de quatro décadas.

– Formada para fazer o quê? Para “defender a Terra”, suponho? Ele concordou com a cabeça.

– Por isso o nome.

– Para defendê-la do quê? – Eu queria ouvi-lo dizer aquilo. Em voz alta.

– De uma invasão alienígena.

Estudei o rosto de Ray em busca de qualquer vestígio de ironia, mas ele estava com uma expressão gravemente séria. Olhei de relance para seus dois companheiros para avaliar a reação deles, mas não pareciam sequer ouvir nossa conversa. Ambos tinham sacado smartphones e estavam concentrados em suas telas.

Voltei a olhar para Ray.

– Invasão alienígena? De quem? Dos Sobrukai? Lulas alienígenas malignas de Tau Ceti? Vai me dizer que existem também?

– Não, não exatamente. Os Sobrukai são fictícios, inventados pela Chaos Terrain para serem os antagonistas alienígenas nos seus videogames. Mas, como você provavelmente está percebendo agora, *Armada* e *Terra Firma* não são apenas games. São simuladores projetados para um propósito muito específico: treinar cidadãos de todo este planeta para operar os drones que irão defendê-la.

– Defender de quem? Você acabou de dizer que os Sobrukai não existem...

– Eles não existem, mas são substitutos para uma *verdadeira*

ameaça alienígena, cuja existência teve de ser mantida em segredo até agora para impedir um pânico global. – Ele me deu um sorriso estranho. – O nome Sobrukai é na verdade uma brincadeira com a palavra *sobriquet*, que é apenas um termo sofisticado para *apelido*. Irado, né?

Um pensamento terrível me ocorreu.

– Ontem de manhã, eu tinha certeza de ter visto um caça Glaive...

– Aquilo era de verdade – disse ele. – Você avistou uma nave batedora inimiga de verdade. A inteligência da Aliança disse que um bando deles foi avistado nas últimas 24 horas em todo o planeta. Achamos que estão realizando vigilância em todos os nossos nós de intranet hardline...

– Mas ela parecia exatamente como um Sobrukai Glaive!

– É claro que sim – ele disse. – É isso que estou tentando te dizer. A Chaos Terrain modelou todas as forças Sobrukai com base no nosso inimigo verdadeiro. Eles recriaram suas naves e drones da forma mais precisa possível na simulação, nos games. Para torná-los realistas ao máximo.

– Então, esses aliens, eles têm realmente caças Glaive? E Wyverns...

– E Esferas Leviatã, caças Spider, Basiliscos... todos eles existem de verdade – disse. – A Chaos Terrain inventou esses nomes, mas tudo o mais a respeito dos drones do inimigo em *Armada* é completamente exato. Sua aparência, armamentos, manobras, táticas e estratégias... tudo foi baseado em observações diretas das forças e da tecnologia de nosso inimigo verdadeiro, feitas durante os confrontos que já tivemos com eles.

– Confrontos que vocês já tiveram? – perguntei. – Há quanto tempo isso vem acontecendo? De onde eles são? Qual é o aspecto deles? Quando fizeram o primeiro contato? Se...

Ray levantou uma das mãos para me interromper, sentindo que a histeria voltava à minha voz.

– Não posso lhe contar nada disso ainda. As informações que coletamos sobre o inimigo ainda são confidenciais. – Ele checkou seu relógio. – Mas não por muito mais tempo. Você receberá instruções completas assim que chegarmos a Nebraska.

– Nebraska – repeti. – O que há em Nebraska?

– Uma base ultrassecreta da Aliança de Defesa da Terra.

Abri a boca para responder, depois tornei a fechá-la. Repeti esse processo mais algumas vezes, até conseguir formar palavras outra vez.

– Você disse que a Aliança foi formada há mais de quatro décadas. Então sabemos que esta invasão alienígena está vindo há

todo esse tempo?

Ele assentiu.

– Desde meados da década 1970 – completou. – Foi quando começamos a utilizar certos elementos da cultura pop para preparar de modo subliminar a população do mundo para a invasão. É por isso que a Aliança secretamente derramou bilhões na indústria incipiente de videogames naquela época: eles reconheceram seu potencial para aplicações de treinamento militar. – Sorriu. – Eles ajudaram a fazer *Star Wars* em 1977 por praticamente o mesmo motivo.

– Como é?

Ray levantou três dedos: palavra de escoteiro.

– Eu também não acreditei quando descobri. Mas é verdade. *Star Wars* foi um dos primeiros filmes que a Aliança ajudou a financiar, porque seus *think tanks* disseram que seu tema único poderia auxiliar o esforço de guerra. George Lucas nunca soube disso. Ele sempre achou que Alan Ladd Jr. merecia todo o crédito para dar o sinal verde a *Star Wars*, mas na verdade colocamos uma grande fatia do orçamento por meio de uma rede falsa de empresas de financiamento de cinema e TV que jamais poderiam ser traçadas até...

– Espere um momento. Você está me dizendo que *Star Wars* foi financiado secretamente pela Aliança para servir como propaganda antialienígena?

Ele assentiu.

– É uma simplificação grosseira, mas sim. É mais ou menos isso.

Pensei na linha do tempo que meu pai havia feito no seu velho diário.

– E quanto a todos os outros filmes e programas de TV de ficção científica lançados nos últimos quarenta anos? – perguntei. – Você está me dizendo que todos foram criados como propaganda antialienígena também?

– Claro que não. Não *todos*. Apenas certas peças-chave, como *Star Wars*, que desempenharam um papel primordial na militarização dos filmes, programas de TV e videogames de ficção científica, no final dos anos 1970. *Space Invaders* saiu no ano em que *Star Wars* foi lançado, e a humanidade tem combatido alienígenas de videogame desde então. Agora você sabe por quê. Nós fizemos isso.

– Mentira.

– É verdade – retrucou Ray. – Todos os recentes *remakes* de *Star Trek* e as sequências de *Star Wars* foram essenciais no momento final da preparação subliminar que fizemos com a população mundial. Duvido que a Viacom, a Disney ou J.J. Abrams sequer

soubessem o que estava acontecendo, ou quem estava por trás disso.

Fiquei quieto por muito tempo enquanto tentava assimilar tudo aquilo.

– Por que você nunca me contou sobre tudo isso? – finalmente perguntei.

Ele me deu um sorriso triste.

– Desculpe, Zack – respondeu. – Não cabia a mim.

Isso subitamente fez eu me tocar. Eu conhecia esse homem há mais de seis anos, e todo esse tempo ele tinha mentido para mim – provavelmente sobre tudo, incluindo sua identidade.

– Quem é você? Ray Wierzbowski é mesmo seu nome verdadeiro?

– Na verdade, não. Meu nome verdadeiro é Raymond Habashaw. Eu peguei o “Wierzbowski” de um dos fuzileiros coloniais de *Aliens*.

– Eu mencionei isso uma vez, e você me falou que era uma baita de uma coincidência!

Ele deu de ombros e pareceu envergonhado. Isso me deu vontade de estrangulá-lo.

– Recebi uma nova identidade quando a Aliança me alocou para Beaverton primeiro, para ficar de olho em você.

– Para ficar de olho em *mim*? Por quê?

– Por que você acha? Você tem um talento muito raro e valioso, Zack. A Aliança tem rastreado você e traçado seu perfil desde que jogou pela primeira vez um videogame on-line. Por isso fui designado para vigiá-lo e ajudar a facilitar seu treinamento. – Ele sorriu. – Você sabe, meio como Obi-Wan, tomando conta de Luke enquanto ele crescia em Tatooine.

– Você é um mentiroso descarado assim como Obi-Wan! – retruquei. – Isso sim.

O sorriso de Ray desapareceu e seus olhos se estreitaram.

– E você está sendo um babaquinha chorão, igualzinho ao Luke!

Os outros dois agentes riram – parece que eles estavam escutando, afinal de contas. Fuzilei-os com o olhar, e eles voltaram a atenção aos smartphones sem se preocuparem em disfarçar. Olhei para os aparelhos nas mãos deles, imaginando como tinham sinal ali. Cada telefone era um pouco maior e mais grosso que um celular normal, e ajustado de tal maneira que abria como um console de jogo portátil. Um dos agentes parecia estar jogando algum game, mas eu não podia ver a tela tão bem para saber o que era. Voltei a olhar para Ray.

– Escute, desculpe – disse ele. – Eu não quis dizer isso. Só achei que você seria um pouco mais grato, só isso. Você acha que eu gostei de viver em Beaverton todo este tempo?

Agora eu estava começando a entender. Ray tinha passado uns seis anos de sua vida preso no que soldados costumavam chamar de “uma tarefinha de merda”. Confinado atrás do balcão de uma loja de videogames usados num shopping desolado do subúrbio sem nada para fazer a não ser me ver jogar *Armada*, ouvir todas as minhas reclamações adolescentes sem sentido ou passar o tempo falando comigo sobre abduções alienígenas e encobrimentos do governo...

Todo aquele discurso sobre conspirações alienígenas inspiradas em *Arquivo X* ao longo dos anos haviam provavelmente sido a maneira de ele tentar me preparar psicologicamente para a verdade, quando a Aliança finalmente decidisse que eu merecia ouvi-la – e, pelo visto, esse momento chegou. No último momento possível.

Naturalmente, a verdade – ou pelo menos parte dela – já tinha sido revelada para mim anos atrás, quando comecei a ler o diário do meu pai. Eu só não tinha sido capaz de acreditar nela.

Isso finalmente me levou a fazer a pergunta que eu vinha criando coragem para fazer desde que tinha entrado na nave.

– Meu pai também foi recrutado?

Ele soltou um suspiro, como se tivesse esperando essa pergunta – e a temendo.

– Sinceramente, não sei. Antes que pudesse chamá-lo de mentiroso novamente, ele continuou: – Estou dizendo a verdade, então espere um pouco e me escute! – Ele respirou fundo. – Isto aqui não se trata de seu pai, Zack. Tente entender o que está acontecendo, o que está em jogo. Todo o futuro da raça humana...

– Apenas me responda! Eu li o diário dele, ele sabia a respeito da ADT. Ele estava começando a descobrir o que eles eram, e o que estavam aprontando, logo antes de morrer em um acidente bizarro de trabalho. Então, o que aconteceu de verdade? A Aliança mandou matá-lo para ele ficar quieto?

Ray ficou em silêncio pelo que pareceu ser uma eternidade. Mas pode ter sido apenas um segundo.

– Eu já disse, não sei o que aconteceu com seu pai. Sou um agente de campo de baixa patente, com autorização de segurança igualmente baixa. – Levantou um dedo para impedir que eu o interrompesse de novo. – O que eu sei é o seguinte: a Aliança tem um arquivo dele no seu banco de dados. Mas ele é confidencial, e nunca consegui acessá-lo. Então não sei qual era a ligação do seu pai, se é que tinha uma. Mas a Aliança não foi criada para assassinar pessoas. Foi formada para salvá-las.

Minha respiração estava acelerada.

– Por favor, Ray – eu me ouvi dizer. – Você sabe como isso é importante pra mim...

– Sim, eu sei. E por isso que você precisa se recompor agora e focar; caso contrário vai estragar qualquer chance de descobrir o que eles sabem sobre seu pai.

– Como assim? Que chance?

– Você está sendo transportado para uma instrução de alistamento. Depois lhe será oferecida a oportunidade de se alistar na Aliança de Defesa da Terra.

– Mas...

– Se aceitar, você se tornará oficial de voo – continuou ele, atropelando a minha fala. – E depois você terá um posto superior ao meu. – Ele me olhou direto nos olhos. – Você também terá uma autorização de segurança mais alta que eu. Poderá ter acesso ao arquivo do seu pai.

Ray parecia prestes a dizer algo mais quando um estrondo balançou toda a nave. Eu senti um pânico súbito, pensando que fomos atacados. Então percebi que tínhamos acabado de quebrar a barreira do som.

– Segure-se em seu assento – disse Ray, seguindo o próprio conselho. – Estamos prestes a atingir o estágio suborbital.

Dezenas de perguntas ricocheteavam na minha cabeça, mas consegui colocá-las de lado, pelo menos por um momento. Então me forcei a recostar e tentar desfrutar do resto daquele passeio surreal em que me encontrava.

Foi uma manobra inteligente, porque eu estava prestes a fazer minha primeira viagem ao espaço.

FASE DOIS

“Toda guerra é engodo.”

– Sun Tzu

Agarrei o descanso de braço da minha poltrona, observando ansioso enquanto o azul-cobalto do céu no lado de fora da escotilha da nave escurecia até se tornar uma sombra profunda de índigo para cair no completo breu apenas alguns segundos depois.

Estávamos no limite do espaço. A fronteira que eu havia sonhado atravessar por toda minha vida. Nunca acreditei de verdade na chance de fazer isso nesta vida, quanto mais hoje, quando deveria estar na aula de civismo do primeiro período.

Fiz força contra meu arnês de segurança e torci o pescoço na direção da janela, tentando olhar toda a curva azul radiante da Terra que agora era visível além dela. A vista era estonteante, e fez o garotinho dentro de mim sussurrar involuntariamente:

– *Nossa!*

Infelizmente ele devia ter sussurrado bem alto, porque Ray estava agora me encarando com o mesmo sorriso divertido e debochado que me dava todas as vezes que me ganhava num mata-mata de *Terra Firma*. Quase mostrei o dedo do meio para ele por força do hábito. Uma parte significativa do meu cérebro ainda achava que Ray era meu chefe e amigo.

Só ficamos na órbita baixa da Terra por um minuto. Continuei esperando que a gravidade fosse cortada, bem até o momento em que a nave auxiliar alcançou seu apogeu. Não tive sorte. Ainda não sentia nenhum sinal de que estávamos nos movendo – nem mesmo quando começamos a cair de volta para a Terra e a escuridão do lado de fora da minha janela retornou a um azul-escuro e começou

a assumir tons mais claros a cada segundo até a luz do sol a inundar novamente.

Começamos a descer por outra densa camada de nuvens, e de repente o chão estava se aproximando na direção num borrão aterrador de velocidade. Mas então, no espaço de alguns segundos, aceleramos até parar. Senti náusea por um momento, mas só porque meus olhos e meu corpo estavam enviando ao meu cérebro informações conflitantes sobre se eu estava ou não em movimento.

Quando me recuperei um segundo mais tarde, olhei de novo pela janela. Logo abaixo de nós estava uma grande casa de fazenda branca ladeada por diversos celeiros e prédios externos e uma longa fileira de silos de grãos com cúpulas de aço que reluziam no sol da manhã, como se fossem foguetes esperando para ser lançados. A fazenda estava cercada por todos os lados por um vasto oceano de campos, colinas e pradarias verdes, interrompidas somente por uma única estrada de terra que serpenteava pelo horizonte ao norte. Também avistei outras três naves auxiliares pairando no céu ao redor, todas descendo num curso semelhante ao nosso.

Enquanto nossa nave auxiliar continuava sua descida, um dos campos parados adjacentes à fazenda colapsou para dentro de si mesmo, como um buraco perfeitamente retangular, depois se abriu em dois e deslizou para o lado, como duas gigantescas portas de elevador embutidas na terra. Elas revelaram um enorme buraco circular que levava para o fundo da terra – como um silo de mísseis vazio, mas de diâmetro muito maior. As luzes de pouso azuis que alinhavam suas paredes de concreto curvas piscaram em sequência enquanto recuavam e se afastavam para as profundezas, orientando nossa nave escuridão abaixo.

– A Aliança tem bases como esta escondidas por todo o planeta – disse Ray. – Algumas ficam em áreas remotas e despovoadas, como esta. Mas também temos depósitos de drones ocultos e bunkers de controle localizados no meio de todas as grandes cidades.

– Exatamente como em *Armada* – completei. – E *Terra Firma*.

Ray assentiu.

– Tudo oculto à vista de todos. – Apontou para baixo de nós. – Aqueles prédios externos na verdade escondem a entrada de um bunker subterrâneo de drones de infantaria. E aqueles silos de grãos são túneis de lançamento de Interceptores camuflados. Incrível, não é? É impressionante o quanto a Aliança conseguiu executar enquanto trabalhava em segredo todos esses anos.

Eu concordei, ainda tentando dominar minhas emoções em conflito. Tudo o que me disseram ou ensinaram a respeito do estado do mundo tinha sido mentira. Eu tinha crescido acreditando que, apesar de nossas aspirações, os humanos ainda eram apenas um

bando de macacos bípedes, divididos em tribos arbitrárias que estavam constantemente em guerra pelos recursos naturais cada vez mais escassos de seu planeta arruinado. Sempre supus que nosso futuro iria terminar parecendo mais com *Mad Max* do que com *Star Trek*. Mas nesse momento eu era forçado a ver nosso consumo desenfreado de combustíveis fósseis – e nosso aparente desprezo por seu efeito no clima já em alteração – de um ponto de vista inteiramente novo. Não havíamos utilizado quase todo o nosso combustível e devastado nosso planeta numa perseguição insana de consumismo, mas numa preparação para um dia negro que a maioria de nós nem sequer sabia que estava chegando.

Mesmo a falta de preocupação da humanidade com sua superpopulação cada vez maior fazia um terrível tipo de sentido. Que diferença fazia se nosso planeta era capaz de suportar todos os sete bilhões de nós a longo prazo quando uma ameaça bem maior ao nosso número estava esperando nos bastidores? E apesar das chances imensas contra, a humanidade tinha feito o necessário para garantir sua sobrevivência. Isso me enchia de uma estranha e nova sensação de orgulho pela minha própria espécie. Afinal de contas, nós não éramos um bando de macacos primitivos à beira da autodestruição: esse parecia ser um tipo completamente distinto de destruição iminente.

Nossa nave auxiliar estava descendo em disparada o túnel, fazendo com que as luzes embutidas em suas paredes virassem um borrão de faixas estroboscópicas de néon enquanto mergulhávamos subterrâneo adentro.

Quando chegamos ao fundo do poço alguns segundos depois, ele se alargou e se tornou um enorme hangar subterrâneo, com uma grande passarela circular que agora se espalhava abaixo de nós. Nossa nave auxiliar pousou em sua extremidade norte, juntando-se a uma longa fileira de naves auxiliares táticas idênticas estacionadas ao longo do perímetro reluzente da pista.

Assim que as portas se abriram, Ray soltou seu arnês, saltou para a pista e fez um gesto para que eu o seguisse. Meus dedos ficaram todos atrapalhados com a trava do meu arnês de segurança por alguns segundos; então finalmente consegui me soltar. Depois de testar minhas pernas para me certificar de que ambas ainda funcionavam, desci para me juntar a Ray. O piloto e os outros dois agentes permaneceram a bordo. Como um idiota, dei um adeus desajeitado para eles logo antes de as portas da nave se fecharem novamente com um sibilar pneumático.

Chequei as horas no meu telefone e vi que a viagem de Beaverton até ali havia levado menos de vinte minutos. Também reparei que não estava conseguindo sinal ali embaixo. O que

significava que eu não seria capaz de ligar para minha mãe e dizer a ela que estava bem. De repente eu quis muito ouvir a voz dela. Será que a escola já tinha ligado para ela? O que será que haviam lhe dito? Ela deveria estar louca de preocupação àquela altura.

No começo daquela manhã, quando desci correndo a escada, ela tinha me surpreendido com um jantar no café da manhã esperando na mesa da cozinha. Seu “monstruoso bolo de carne” e purê de batatas – meu favorito absoluto. Ela me viu encher a boca, rindo de orelha a orelha e parando a cada minuto para me dizer que eu mastigasse a comida mais devagar. Eu tinha dado um beijo rápido na sua bochecha e saído correndo porta afora, preocupado que ela pudesse decidir voltar a tocar no temido assunto do meu futuro acadêmico a qualquer momento. Ela tinha gritado “Eu te amo”, e eu tinha resmungado a mesma coisa para ela enquanto corria até o carro. Será que ela tinha ouvido? Senti vontade de me dar um chute por não ter certeza disso.

– Bem-vindo ao Palácio de Cristal – disse Ray. – Este é o codinome desse lugar.

– Por quê?

Ele balançou a cabeça.

– Porque é mais fácil dizer do que “Posto de Comando Estratégico da Aliança de Defesa da Terra Número Catorze”. E parece mais maneiro.

Quando nos afastamos da nave auxiliar, pude observar melhor o que me cercava. Centenas de pessoas passavam rápidas pela pista no que parecia ser um estado de caos altamente organizado. A maioria usava trajes de combate parecidos com os do nosso piloto, e quando dei por mim estava me perguntando se também me dariam um uniforme.

Senti uma corrente de ar sobre nossas cabeças e olhei para cima e vi uma procissão de quatro outras naves auxiliares descendo pelo poço de entrada. À medida que cada uma pousava na pista e deixava os passageiros, outros civis parecidos comigo emergiram, escoltados por um ou mais agentes usando ternos escuros. A maioria parecia estar mantendo a compostura. Alguns pareciam apavorados, como cordeiros sendo levados para o sacrifício, mas a maioria esmagadora parecia estar se divertindo como nunca na vida. Prestei atenção por um momento nas minhas próprias emoções, e deduzi que estava sentindo um misto dos dois sentimentos.

Ouvi um *whoosh* alto atrás de nós quando nossa nave auxiliar tornou a levantar voo, e Ray e eu nos viramos para vê-la se erguer lentamente e depois disparar como um foguete de volta pelo poço circular até a superfície.

– Siga-me, meu camarada – disse Ray antes de seguir a passos largos na direção de um par de grandes portas blindadas encravadas na parede de pedra do outro lado da passarela. Elas já estavam se abrindo para revelar um amplo corredor inclinado para baixo que levava ainda mais para o subterrâneo.

Parei e gritei para Ray, que se virou e andou de volta até mim enquanto outros agentes e recrutas começavam a passar por nós num fluxo, atravessando as maciças portas blindadas.

– E se eu decidir que não quero me alistar? – perguntei. – E se eu assistir a toda essa grande instrução de vocês e decidir que quero voltar pra casa?

Ray sorriu, como se estivesse esperando que eu perguntasse isso.

– Então eu lembraria a você, Zachary Ulysses Lightman, que você é um cidadão de 18 anos de idade dos Estados Unidos da América e portanto sujeito ao alistamento militar obrigatório.

Essa possibilidade não me havia ocorrido.

– Espere, então... estou sendo recrutado neste exato momento?

– Não exatamente – disse Ray. – Ninguém vai forçar você a lutar. Se ainda quiser voltar para casa depois de ouvir as instruções, é só dizer. Eles vão colocar você em outra nave auxiliar para levá-lo de volta a Beaverton: um assento de primeira classe no *Expresso dos Covardes*.

Não respondi – já estava muito ocupado cuidando do meu orgulho ferido.

– Eu te conheço, Zack – disse Ray. – Você esperou sua vida inteira para que algo assim acontecesse. Algo importante. Algo significativo. Uma situação do tipo *ouse ser grande*. Certo? – Ele me pegou pelos ombros. – Bom, aqui está essa chance! O universo te deu a chance de usar seus dons para ajudar a salvar o mundo. Você realmente espera que eu acredite que você vai abrir mão disso para fugir, voltar para casa, ficar sentado quietinho e ver o fim do mundo na TV?

Ray me soltou e voltou a andar. Seus passos ecoaram nas paredes de pedra alta enquanto passava pelas portas abertas e descia para o corredor além delas, sumindo de vista.

Dei uma última olhada para o pequeno círculo de céu ainda visível pela entrada aberta do poço bem no alto. Então saí correndo atrás de Ray.

O corredor de entrada levou até um checkpoint de segurança onde um cabo uniformizado chamado Foyle escaneou a minha impressão digital e a minha retina para verificar a identidade, e depois me fez

ficar parado na frente de uma tela azul para tirar uma foto digital do meu rosto. Alguns segundos mais tarde, a impressora atrás dele cuspiu uma identidade holográfica com foto e um símbolo gráfico da Aliança, e a entregou para mim. Impressos embaixo da minha foto, meu nome completo, o número do CPF e as palavras *Candidato a recruta de elite*.

Quando pus o crachá na camiseta, o cabo entregou outro para Ray. Tinha uma velha foto de Ray nele juntamente com: *Sargento Raymond Habashaw – agente de campo*.

Fiquei imaginando por que nossos nomes de usuário não estavam impressos nos crachás, mas aí me ocorreu que a Aliança provavelmente não queria nenhum de seus recrutas saindo por aí com nomes tipo “Moar Dakka” ou “PercyJacksoff69” impressos nos seus cartões oficiais de identificação.

O cabo Foyle enfiou a mão debaixo do balcão e me entregou um pequeno dispositivo portátil que lembrava um smartphone muito espesso – o mesmo tipo de aparelho que eu tinha visto Ray e seus dois companheiros usando durante o passeio na nave auxiliar até ali. O dispositivo estava dentro de uma caixa protetora com uma faixa de pulso de velcro presa à parte de trás, que o cabo usou para prender o aparelho no meu braço direito, como um relógio de pulso gigante.

– Este é o seu ComQ – explicou ele. – É um Comunicador Quântico: basicamente um smartphone com alcance ilimitado. Ele funciona em qualquer lugar do mundo, ou do espaço sideral. – Sorriu. – Eles também têm uma conexão incrivelmente rápida e Bluetooth. Já importei todos os contatos, fotos e músicas do seu iPhone, então está pronto.

Saquei meu iPhone do bolso da frente do meu jeans. Ele ainda não tinha sinal e a bateria estava prestes a morrer.

– Como conseguiu fazer isso?

– Não se preocupe – disse o cabo, ignorando minha pergunta. – Seu ComQ é bem mais seguro, e versátil. – Ele deu umas pancadinhas na tela. – É como um iPhone, uma pequena pistola laser e um tricorder, como o visto em *Star Trek*, tudo num só dispositivo.

– Epa, sério? – Soltei-o do pulso para examinar mais de perto.

– É – respondeu Foyle, sorrindo orgulhoso. – Eu sou uma espécie de Q nos filmes de James Bond. Só que, você sabe, meu papel aqui é só entregar este único dispositivo.

Virei o ComQ na palma da mão, tentando aceitar que estava segurando uma peça de tecnologia alienígena feita com engenharia reversa. Toquei a tela e ela se iluminou, exibindo uma grande coleção de ícones. E-mail, internet, GPS e o que parecia ser um

discador telefônico normal, juntamente com outros aplicativos que não reconheci.

– Posso ligar para casa com isto? – perguntei.

– Ainda não – respondeu o cabo. – Seu telefone externo e acesso à internet do ComQ permanecerão desabilitados até que a grande notícia seja tornada pública hoje mais tarde. Mas você já está conectado com a rede quântica, então pode ligar para qualquer outro ComQ que exista, se tiver o código de contato dele. O seu código está impresso na parte de trás da caixa.

Virei o dispositivo e vi um número de dez dígitos gravado na caixa. Ray sacou seu próprio ComQ e tocou a borda do seu dispositivo no meu. Ouvi um *ping* eletrônico suave, e o nome e número de Ray apareceram na minha lista de contatos.

– Agora você pode me ligar a qualquer hora, de qualquer lugar – disse ele. – Mesmo do lado oposto da galáxia. – Ele deu uma pequena risada desconcertante. – Não que seja provável que isso aconteça.

Olhei para o ComQ. Ele tinha uma tampa presa num dos lados, como um celular flip, e se abriu para o que parecia um dispositivo de jogo portátil, com outra tela no alto e um controle de jogo abaixo, com thumbpads e seis letras com botões.

– Como é que é? Eu posso jogar *Sonic* neste negócio também?

– Na verdade pode – disse Foyle. – Seu ComQ também atua como uma plataforma portátil de controle de drones. Em situações de emergência, ele pode ser usado para controlar um Interceptor, um DHITAB, ou qualquer um dos nossos outros drones. – Ele abaixou o tom de voz como se estivesse contando um segredo. – Mas são difíceis pra cacete de usar. Precisam de muita prática. – Ainda inclinado para a frente em modo conspiratório, o cabo sussurrou: – E cada um também tem um módulo de feitiçaria embutido. – Ele ergueu seu próprio ComQ e cruzou os pulsos, mantendo o aparelho à sua frente. – Usando som e movimento, você será capaz de paralisar nervos, estilhaçar ossos, provocar incêndios, sufocar um inimigo, ou explodir seus órgãos.

Dei uma gargalhada.

– Essa é a primeira piada de módulo de feitiçaria que já ouvi – comentei. – Bravo!

– Sabia que não havia esse negócio de módulo de feitiçaria nos livros originais de *Duna*, certo? – resmungou Ray, balançando a cabeça. – Foi David Lynch quem inventou essa merda.

– E daí, Ray? – disse eu, como se estivéssemos na loja. – Eles são muito maneiros. Não estou dizendo que compensam aquela cena assustadora do plugue do coração...

Foyle aparentemente voltou a ser profissional.

– Agora você deve estar preparado. O laser do seu ComQ está desabilitado neste momento, mas seu oficial de comando irá ativá-lo depois que você se alistar.

– Se eu me listar – retruquei. – Ainda nem sequer me disseram o que ou quem está nos invadindo.

– Certo – ele disse, dando um olhar surpreso para Ray. – De qualquer maneira, o laser irá drenar a bateria depois de três ou quatro disparos, então, se tiver de usá-lo, tente fazer isso com moderação.

– Entendi – respondi ao cabo. – Estou preparado?

– Sim, senhor – respondeu. – Está pronto para ir.

Nós todos prestamos continência uns para os outros em vez de dar adeusinho; então o cabo permaneceu em posição de sentido ao nos afastarmos. Segui Ray e passamos por um par de portas automáticas que dava em outro corredor que se inclinava para baixo.

– Por que a Aliança não lançou toda essa nova tecnologia no mercado? – perguntei, estudando o ComQ no meu pulso. – Viagem ultrarrápida, comunicação quântica: parece que isso teria dado um impulso na economia global e no esforço de guerra...

– Nossos cientistas passaram décadas fazendo engenharia reversa de toda essa tecnologia alienígena, mas só conseguiram aperfeiçoá-la nos últimos anos – interrompeu Ray. – Acho que teríamos gradualmente liberado tudo no mercado, se houvesse tempo.

Passamos por mais dois checkpoints de segurança, depois seguimos pelo longo corredor tubular com muitos corredores menores se ramificando a partir dele, cada um repleto de portas numeradas com um metro e pouco de distância uma da outra. Eu ia justamente perguntar a Ray o que havia por trás delas quando uma se abriu e uma oficial saiu. Antes que as portas se fechassem atrás dela, pude ver rapidamente um pequeno aposento do tamanho de um closet. Em seu centro, uma cadeira rotativa pregada no chão, cercada por uma fileira de painel de controle ergonômico e controles de jogo, juntamente com um monitor de 180 graus, exibindo uma visão em primeira pessoa do cockpit do interior de um Warmech gigante da Aliança.

– Estações de controle de drone – disse Ray, acompanhando meu olhar. – Há milhares delas espalhadas por toda a base. Cada uma delas pode ser usada para pilotar remotamente um Interceptor, um DHITAB ou qualquer outro drone no nosso arsenal, sem atraso e sem limitações de alcance.

– Quer dizer... drones de verdade?

– Drones de verdade. – Ele apontou para trás de mim. – Aí vêm

alguns agora mesmo. – Virei-me e vi uma coluna de dez DHITABs marchando pelo corredor em nossa direção. Fiquei paralisado quando os robôs passaram por nós, com as juntas chocalhando e servomotores gemendo. Quando fizeram a curva e desapareceram, Ray já estava andando novamente e me apressei para alcançá-lo, ainda tentando me recompor.

– Tenente Lightman? – gritou uma voz masculina.

Ray e eu paramos e nos viramos para encarar o dono da voz. Era só um garoto, mais novo ainda que eu, com pele marrom-escura, cabelo e olhos castanhos. Ele tinha uma insígnia de capitão na lapela e uma bandeira iraniana costurada no ombro do seu uniforme. O jovem levantou um ComQ e pareceu escanear meu rosto com ele. Então um sorriso enorme apareceu no seu rosto quando viu meu nome aparecer na sua tela. Subitamente ficou em posição de sentido e prestou continência.

– É uma grande honra finalmente conhecê-lo em pessoa. Capitão Arjang Dagħ, a seu dispor. Sou um grande fã do seu trabalho, tenente!

– Meu trabalho? – repeti, olhando para Ray sem entender. – Tenente?

– Desculpe, senhor – disse Ray, retribuindo a continência de Dagħ. – O Sr. Lightman aqui ainda não fez o juramento.

– Claro! – concluiu ele. – Eu sabia! – Ele deu um sorriso sem graça. – Desculpe por rastrear você com meu ComQ, “Sr.” Lightman, mas eu sempre quis conhecê-lo. – Ele estendeu a mão. Apertei-a com o máximo de força que pude. Ele começou a apertar e não parava. – Nós dois já voamos em dezenas de missões juntos ao longo dos anos, então pode ser que reconheça meu nome de usuário. Eu sou Rostam.

Meu sorriso morreu, e eu soltei sua mão. Reconheci o nome.

– Nossa, é mesmo? – indaguei, tentando me recuperar dando um sorriso falso. – É ótimo conhecer você finalmente também. Sempre supus que eu era o piloto mais jovem dos top 10.

– Essa honra parece ser minha – respondeu ele, me dando um sorriso irritantemente humilde. Então se virou para falar com Ray. – Minha posição atual é quinto. O BeagleDeAço aqui é o sexto. – Sorrii de novo para mim. – Mas isso é recente. Por muito tempo eu estive atrás dele.

– Você merece estar no top 5 – falei, tentando esconder o quanto seus elogios estavam me irritando. – Você me destroçou nos módulos jogador *versus* jogador mais de uma vez. Você é um campeão, cara. Elite.

– Muito gentil do senhor dizer isso – respondeu. – Isso significa muito vindo do senhor.

Ray deu um pigarro impaciente e apontou para seu relógio inexistente. O capitão Dagh lhe deu um olhar perturbado, depois apontou para as barras de capitão na lapela.

– Relaxa, sargento – disse Dagh. – Os adultos estão falando.

Quando Dagh se virou para falar comigo, Ray estendeu e fez uma mímica de quebrar o pescoço dele.

– Sim senhor, capitão, senhor.

Dagh voltou a sorrir para mim; depois tirou uma foto 8x10 de um folder de plástico que estava enfiado embaixo do seu braço. Era uma foto minha – uma versão ampliada daquela que haviam acabado de tirar para meu crachá de ID. Ele a estendeu para mim sem graça, juntamente com uma caneta de ponta de feltro.

– O senhor se importaria de autografar? – perguntou ele. – Estou tentando colecionar autógrafos de todos os pilotos dos top 10, imaginei que esta podia ser minha última e única chance de pegar o seu.

Ignorei a insinuação sombria que ele tinha acabado de fazer e usei sua caneta para assinar o primeiro autógrafo da minha vida. Então devolvi a foto, perguntando quantos outros autógrafos de pilotos do *Armada* ele havia colecionado até o momento, e de quem.

– Muito obrigado, Sr. Lightman – disse Dagh. – Como falei, foi uma honra.

Começou a prestar continência para mim novamente, mas então estendeu a mão. Demos um aperto de mãos.

– A honra foi toda minha, senhor – respondi. – Espero que nos encontremos novamente.

Em seguida, ele estendeu a mão e tocou seu ComQ no meu. Ambos os dispositivos emitiram um *bip*.

– Adicionei o número do meu ComQ à sua lista de contatos – disse ele. – Não hesite em me chamar se eu puder ajudá-lo com qualquer coisa.

– Não hesitarei. Obrigado.

Ele se virou e correu em outra direção. Assim que ele sumiu de vista, Ray e eu continuamos nosso caminho. Passamos por outro conjunto de portas blindadas automáticas.

– Qual a idade desse garoto?

– Quem, o capitão Dagh? – perguntou Ray. – Dezesete. Mas tinha apenas quinze quando o recrutamos. Mas é um prodígio. – Parou de andar e olhou para mim, nervoso. – Não quero dizer que você não fosse; ou não seja.

Eu tinha acabado de sentir que fui escolhido por último para o maior jogo de futebol do mundo.

– Eu também fui ranqueado nos top 10 – disse. – Por que não fui

recrutado aos quinze anos?

Ele franziu a testa e me deu um olhar incrédulo.

– Seu perfil psicológico indicou que você não era adequado para recrutamento prematuro.

– Por que não? Por que não era adequado?

– Não se faça de bobo, Zack Attack – ele disse. –Você sabe por quê.

Antes que eu pudesse responder, Ray me deu as costas e continuou caminhando.

Mas, antes que ele sumisse de vista, engoli o orgulho e corri atrás dele.

Acabamos chegando a um saguão circular com vários elevadores. Já havia diversos outros candidatos a recrutas de elite por ali, esperando o próximo carro chegar. Eu estava prestes a me aproximar deles quando Ray bateu no meu ombro.

– Eu só vou até aqui – falou ele. Então ele me olhou de alto a baixo, como se estivesse me mandando para meu primeiro dia de escola. Estendeu a mão para minha mochila, que estava agora em grande parte vazia, e a entreguei para ele. Antes que eu pudesse protestar, ele tirou a jaqueta do meu pai de mim e começou a dobrá-la.

– Ei, isso é meu – protestei, detestando o quanto eu estava soando como uma criança zangada.

– Eu sei – retrucou ele. – E uma jaqueta muito maneira, isso eu não discuto. Mas vesti-la nessa reunião de instrução não vai ajudar você a causar a melhor primeira impressão.

Enfiou a jaqueta na minha mochila e forçou o zíper para fechar, depois botou a mochila de volta aos meus ombros.

– Esses elevadores vão levar você até o auditório de instruções – comentou ele, apontando para trás de mim. – É só seguir esses outros candidatos a recrutas.

Olhei do outro lado do saguão, para os recrutas que formavam uma fila nos elevadores. Então me virei para falar com Ray.

– Quando vou vê-lo de novo?

– Não sei, meu camarada. As coisas estão acontecendo muito rápido agora. Vou partir em outra nave auxiliar daqui a alguns minutos.

– Por quê? Para onde estão te mandando?

– Para ajudar a defender a Grande Maçã – respondeu ele. – Eu sou um dos Doze Condenados, lembra? – ele sorriu e endireitou a postura e as lapelas. – Fui designado para o primeiro Batalhão de Drones Blindados. Vamos defender a Costa Leste. Vou combatê-los

em terra enquanto você vai estar lá em cima, combatendo-os no céu.

Ficamos ali em silêncio por um momento; então Ray estendeu a mão. Hesitei por um momento, mas depois a apertei. Apesar de tudo, eu ainda não queria que ele fosse embora. Ele era a única cara familiar naquele lugar. Enquanto eu estava tentando encontrar um jeito de dizer adeus para ele sem expressar nenhum vestígio de perdão, Ray me surpreendeu me envolvendo em um forte abraço de urso. Então eu me surpreendi abraçando-o de volta com mesma força.

– Você tem um dom, Zack – disse ele, recuando. – Você realmente pode fazer a diferença nesta guerra. Lembre-se disso, ok? Não importa o quanto as coisas possam ficar assustadoras nestas próximas horas...

Eu assenti com a cabeça, mas não respondi. Não tinha absolutamente nenhuma ideia de como responder a isso – ou a nada do que estava acontecendo agora. Eu não era soldado. Era apenas um garoto do subúrbio que jogava uma caralhada de videogames. Não estava preparado para combater numa guerra interplanetária! Naquele momento eu não me sentia preparado para fazer quase nada – nem mesmo dizer adeus a Ray.

– Ok, não vamos fazer uma cena. Se cuide por mim, ok? E... – a voz de Ray sumiu. Ele pigarreou e continuou: – E quando tudo isso acabar, vamos fazer um pacto de nos encontrar de novo na Starbase Ace. Vamos pedir uma comida do Caça Thai e trocar histórias de guerra. Fechado?

– Fechado – confirmei, sentindo um nó minha garganta.

Ray prestou continência para mim, e eu retribuí o gesto, muito embora me sentisse como um menino brincando de soldado.

– Que a Força esteja com você – disse ele, apertando meu ombro mais uma vez. – Sempre.

E foi isso. Ray se virou e saiu, desaparecendo pelo mesmo caminho por onde viemos. Fiquei ali parado por um momento olhando para ele; depois olhei de novo para o conjunto de elevadores, onde meus colegas “Candidatos a Recrutas de Elite” continuavam a formar uma fila ansiosa.

Entrei num elevador com outros quinze recrutas. Eles variavam drasticamente em idade, gênero e etnia, mas todos eram uma versão da mesma expressão confusa que eu sabia, também estava estampada no meu rosto.

À medida que o elevador descia, ficamos todos em silêncio encarando o teto, os nossos sapatos ou as portas fechadas à frente – qualquer coisa para evitar um contato visual. Fiquei imaginando onde cada um deles tinha estado e o que estiveram fazendo mais cedo, quando uma nave auxiliar da Aliança de Defesa da Terra apareceu do nada para estraçalhar sua noção de realidade, arrancando-os de suas vidas e trazendo-os até ali.

Também me peguei imaginando se eu algum dia havia jogado *Terra Firma* ou *Armada* com alguma dessas pessoas. Parecia possível, até mesmo provável. Caramba, até onde eu sabia, uma dessas pessoas ao meu lado poderia ser o famoso RedJive, em carne e osso.

A cabina do elevador não tinha indicador de andar nem painel de comando, apenas uma única seta para baixo que se iluminava e emitia um *bip* cerca de duas vezes por segundo à medida que descíamos cada vez mais fundo. Contei mais de vinte desses *bips* antes que as portas finalmente se abrissem.

Saímos do elevador e entramos num grande saguão circular que já estava lotado com uma procissão de candidatos a recruta desorientados como nós. A maioria estava vestida em suas roupas normais como eu, mas para uma ampla variedade de diferentes

climas. Também avistei pessoas com ternos, uniformes de lanchonetes, macacões cirúrgicos e uma mulher de meia-idade de aspecto desorientado que estava com vestido de noiva e ainda agarrando seu buquê.

Uma fileira de soldados estacionados ao redor do saguão guiava todos através de uma longa fileira de portas, para o auditório no subsolo aos fundos. Quando entrei junto com os outros, observei a arquitetura. O enorme auditório em forma de concha tinha assentos ao estilo de estádio que davam para uma enorme tela de projeção curva, o que fazia com que aquilo parecesse mais cinema de IMAX que uma sala subterrânea de instruções ultrassecreta. Mas o teto era diferente – era uma longa grade inclinada de placas perfuradas de concreto, cada qual reforçada com molas para absorção de impacto no seu centro. Assim como o resto da base, o auditório parecia ter sido construído para suportar um impacto nuclear direto na superfície acima.

Passei os olhos pelo auditório, tentando me decidir onde deveria sentar. Aos pés da tela gigante, reparei num palco retangular baixo com um pódio ao centro. As primeiras trinta e poucas filas na frente dele já estavam cheias de recrutas nervosos, e um fluxo constante de novatos preenchia as filas atrás deles, uma atrás da outra, do jeito que se faz nas assembleias escolares. Mas algumas poucas dezenas de indivíduos menos conformistas (ou mais antissociais) escolheram sentar um tanto atrás, sozinhos ou em pequenos grupos dispersos.

Comecei a subir a escada mais próxima, em direção à parte mais vazia, no terço superior do auditório. Assim que alcancei a seção mais distante, comecei a procurar um assento suficientemente isolado – e então fiquei paralisado no meio caminho.

Ela estava bem à minha direita, sentada sozinha numa fila deserta perto dos fundos, tomando goles corajosos de uma garrafinha de cromo pintada para parecer igual a R2-D2. Mesmo sentada, dava para ver que ela devia ser alguns centímetros mais alta que eu. Sua pele branca de alabastro contrastava bastante com suas roupas pretas – coturnos, jeans pretos e uma camisa regata preta que não cobria inteiramente o sutiã igualmente preto. Ela tinha uma onda arrepiada de cabelo negro quase raspado de um lado, mas que ia até o queixo do outro. Mas o que realmente chamava atenção eram suas tatuagens, uma em cada braço: à esquerda, um lindo desenho da heroína seminua dos quadrinhos Tank Girl, com uma lingerie rock pós-apocalíptica, dando um beijão numa M-16. No bíceps direito, em letras maiúsculas estilizadas, as palavras EL RIESGO SIEMPRE VIVE.

Vê-la foi quase tão estonteante quanto ter avistado pela primeira

vez o caça Glaive na tarde anterior. Eu havia me apaixonado por Ellen aos poucos, ao longo de meses. Mas aquilo... aquilo era como tomar um raio de Mjölnir bem na testa.

Eu ainda me perguntava se tinha coragem de sentar perto dela quando percebi que já estava me movimentando naquela direção, o mais rápido que meus pés podiam me levar. Enquanto subia as escadas, me ocorreu que minhas emoções provavelmente não deviam ser levadas em conta naquelas circunstâncias excepcionais, mas esse pensamento se perdeu no meio do influxo de hormônios inundando meu cérebro enquanto eu avançava até o centro da fileira onde ela estava sentada. Tentei me convencer de que podia ser que ela quisesse uma companhia – muito embora tudo no comportamento dela indicasse o oposto.

Quando cheguei aonde estava sentada, ela me ignorou, me deixando ali parado esperando que ela percebesse minha existência. Enquanto ela continuava a olhar para o colo, olhei para o que detinha sua atenção ali embaixo e vi que seu ComQ estava quebrado, com as entranhas eletrônicas dispostas sobre as coxas dela, como se ela estivesse realizando uma autópsia no dispositivo – o que imaginei ser o caso, já que parecia duvidoso que ela pudesse algum dia colocar aquilo tudo de volta em seu devido lugar.

Mas então ela começou a fazer exatamente isso, e remontou o ComQ em segundos, com a velocidade e destreza de um fuzileiro remontando uma arma. Quando acabou de colocar tudo de volta, ligou e viu o sistema operacional fazer um reboot.

Então ela finalmente levantou a cabeça para encontrar meus olhos. Apontei para o assento ao lado dela.

– Tudo bem se eu me sentar aqui?

Eu sei que é difícil de acreditar, mas improvisei essa primeira frase bem na hora.

Ela me deu uma rápida olhada de alto a baixo antes de responder.

– Desculpe – disse ela –, estou tendo uma conversa privada com meu droide. Não é mesmo, R2? – Ela levou a garrafinha até os lábios mais uma vez, depois acenou para um mar de assentos vazios espalhados abaixo de nós. – Por que não vai procurar outra fêmea da espécie para dar em cima?

– Não se sinta lisonjeada, Vasquez. – Acenei com a cabeça para a garrafinha. – Só estou aqui para pegar um pouco da sua bebida.

Ela deu uma risada, e senti uma dor aguda no centro do meu peito. Ela olhou para baixo, para sua tatuagem EL RIESGO SIEMPRE VIVE, obviamente impressionada por eu saber de onde ela vinha.

– Tudo bem – concordou ela com um suspiro divertido. – Senta aí, bebê.

– Valeu, vovó. – Eu me sentei ao lado dela, e coloquei os pés na cadeira à minha frente, como ela estava fazendo.

– Você acabou de me chamar de “vovó”?

– Sim, porque você acabou de me chamar de “bebê”. E isso feriu meu orgulho de macho.

Ela riu novamente, mais alto desta vez, aumentando a intensidade das dores do meu peito.

Ela era ainda mais linda de perto, e seus olhos, que achei que fossem castanhos, na verdade mais pareciam ser cor de âmbar, e suas íris cor de ouro tinham vestígios de cobre.

– Desculpe. Você tem cara de novinho. Quantos anos?

– Fiz dezoito mês passado.

Ela fez uma cara de deboche.

– Que pena – respondeu ela. – Eu meio que tenho uma queda por novinhos.

– Que ótimo – retruquei. – Uma pedófila alcoólatra.

Com isso consegui uma terceira risada – um riso de menina, meio fungado, que perturbou minha taxa cardíaca mais uma vez. Então ela olhou novamente para sua garrafinha e disse, em tom confidencial:

– R2 – murmurou ela. – Este sonho está ficando cada vez mais bizarro. Agora um menino bonitinho e engraçadinho apareceu nele. Quais são as chances?

Quase perguntei se ela queria dizer que era eu. Evitei o desastre.

– Odeio ter de te dar a notícia – comentei –, mas você não está sonhando isso.

– Não? Como pode ter tanta certeza?

– Porque obviamente quem está sonhando tudo isso sou *eu*. Como você pode estar sonhando isso, se você é simplesmente mais um fruto da minha imaginação, como todo mundo aqui?

– Bem, detesto dar a notícia a *você* – disse ela, me espetando com a garrafinha e derramando parte da bebida na minha perna –, mas eu não sou fruto da imaginação de ninguém.

Que alívio, pensei. Mas o que eu disse na verdade foi:

– Infelizmente, eu também não sou. – E lhe dei um sorriso. – Então tudo isso realmente deve estar acontecendo. Para nós dois.

– É – concordou ela, tomando outro gole. – Era disso que eu tinha medo. – Então estendeu a garrafinha, finalmente me oferecendo um gole. Mas meneei a cabeça em uma negativa.

– Sabe, pensando bem, talvez eu deva ficar de cabeça limpa para as instruções – falei. Então, como se não fosse uma desculpa esfarrapada o bastante, acrescentei: – Também não tenho idade

para beber.

Ela revirou os olhos para mim.

– Eles estão prestes a nos dizer que o mundo está acabando, sabia? – argumentou ela. – Você não quer estar de cara limpa para essa merda, quer?

– Contra fatos não há argumentos – cedi, pegando a garrafinha.

Quando levei a garrafa aos lábios, ela começou a cantar:

– *Breakin'-the-law-breakin'-the-law.*

Olhei para ela implorando.

– Por favor, não me faz espirrar isso pelo nariz, ok?

Ela concordou solenemente e ergueu três dedos.

– Palavra de escoteira.

Eu revirei os olhos.

– Acho difícil acreditar que você já foi escoteira um dia.

Ela estreitou os olhos, aí estendeu a mão e abaixou a meia listrada que ia até o joelho, revelando um logotipo verde-escuro das escoteiras da América tatuado na panturrilha esquerda.

– Foi mal – falei. – Está escondendo alguma outra tatuagem maneira?

Ela me deu um soco no ombro com força e depois apontou para a garrafinha ainda na minha mão.

– Para de enrolar, bebê. Toma logo aí.

Bebi um golinho – mas o bastante do líquido quente para me fazer tossir. Não entendo muito de álcool para discernir o que havia ali dentro, mas imaginei que poderia ser combustível de foguete misturado com um dedo ou dois de solvente de tinta. Eu sabia que ela ainda estava olhando para mim, então me forcei a engolir um segundo gole, mais longo. Depois passei a garrafinha de volta para ela, tranquilo, muito embora meus olhos estivessem lacrimejando e parecesse que tinha acabado de passar uma dose de lava derretida por minha garganta.

– Valeu – falei, com a voz rouca.

– Sou Alexis Larkin. – Ela estendeu a mão. – Mas meus amigos me chamam de Lex.

– Prazer em conhecer, Lex. – Senti um pequeno choque estático quando apertamos as mãos. – Eu sou Zack-Zack Lightman – eu disse gaguejando meu próprio nome.

Ela sorriu e estendeu a mão para pegar a garrafinha, que devolvi com todo o prazer.

– Então, de onde você vem, Zack-Zack Lightman?

– É só um *Zack* – corrigi rindo. – Sou de Portland, Oregon. E você?

– Texas – sussurrou ela. – Eu moro em Austin. – A expressão dela ficou sombria, e ela tomou outro gole, dessa vez fazendo

careta. – E eu estava simplesmente ali, menos de uma hora atrás, debugando sub-rotinas no meu cubículo, quando uma porra de uma nave auxiliar da Aliança de Defesa da Terra apareceu e pousou bem do lado de fora do prédio onde trabalho! Achei que estava ficando louca. Agora não sei bem o que pensar. – Ela estremeceu e esfregou os ombros nus. – Tá frio pra caralho aqui dentro! Deixei meu suéter numa zona de tempo diferente.

Ofereci uma prece silenciosa de agradecimento a Crom, depois abri a mochila e entreguei a ela a jaqueta do meu pai.

– Uau. Que foda – disse ela. – Valeu. – Ela passou alguns segundos admirando os emblemas, depois vestiu a jaqueta sobre os ombros como um xale.

– Onde você trabalha?

– Numa empresa de software. Mas fazemos aplicativos e sistemas operacionais para dispositivos móveis. Foi surreal quando a nave pousou do lado de fora do nosso escritório, porque muitos dos meus colegas de trabalho também são gamers. Então muitos de nós reconhecemos a nave na hora, mesmo antes de vermos o símbolo da Aliança de Defesa da Terra nela. Nenhum de nós conseguia acreditar no que estava vendo.

– O que aconteceu?

– Todos nós corremos para o estacionamento lá fora. Então duas pessoas vestindo terno, um homem e uma mulher, saíram da nave e perguntaram pelo meu nome completo, o que foi estranhamente humilhante, tipo ser chamado para o escritório do diretor da escola. Disseram que precisavam da minha “ajuda com uma questão de segurança nacional urgente”. O que é que eu ia fazer? Eles estavam andando por aí numa espaçonave de videogame, e eu sabia que não podia passar o resto da vida me perguntando como ela era por dentro, ou para onde ela ia me levar, então eu vim com eles. – Ela gesticulou com a cabeça para o ambiente que nos cercava. – Agora estou numa base ultrassecreta do governo em algum lugar no meio de Iowa, esperando para descobrir o que diabos está acontecendo. Resumindo: estou surtando aqui.

Ela disse tudo isso com uma voz muito calma e firme.

Concordei com a cabeça.

– Na verdade, acho que nós estamos é no meio de Nebraska.

– Ah é? E como você sabe?

– Porque Ray, o agente que me trouxe pra cá, disse que estamos em Nebraska.

– Os palhaços que me trouxeram não quiseram me dizer porra nenhuma – disse ela.

Não havia me ocorrido até aquele momento que eu poderia ter recebido tratamento especial, mas parecia duvidoso que todos os

outros candidatos a recrutas no auditório tivessem sido instruídos e vigiados por um agente secreto da Aliança que havia ficado estacionado na sua cidade natal nos últimos seis anos.

Lex olhou para baixo, para seu ComQ, que havia terminado de fazer reboot, e começou a pressionar os ícones na tela.

– É melhor que a promessa que fizeram de destravar estes troços seja cumprida – ameaçou ela. – Não quero que minha avó fique muito preocupada comigo. Ela costuma ficar se eu não ligar para ela todo dia...

Lex discou o número de memória no ComQ, mas um X vermelho apareceu na tela, com uma mensagem que dizia “Acesso às redes civis bloqueado”.

– Veremos! – resmungou ela, fazendo cara feia para o ComQ antes de metê-lo no bolso.

– Você e sua avó são muito próximas? – perguntei, só para ouvi-la falar um pouco mais.

Ela fez que sim.

– Meus pais morreram num acidente de carro quando eu era pequena. Meu avô já tinha morrido, então minha avó me criou sozinha. – Ela olhou para mim. – E você, Zack? Está preocupado com alguém lá da sua casa? Alguém que vai ficar preocupado com você?

Fiz que sim.

– Minha mãe. – Imaginei o rosto dela. – Ela é enfermeira. Somos só nós dois.

Lex assentiu, como se isso explicasse tudo. Ficamos em silêncio por um momento. Subitamente percebi que estava desejando que Cruz e Diehl estivessem ali comigo. A insanidade daquela experiência teria sido muito mais fácil de lidar com meus dois melhores amigos por perto.

Mas muito embora os Mikes fossem bons tanto em *Terra Firma* quanto em *Armada*, seus rankings aparentemente não foram altos o bastante em nenhum dos dois games para merecerem um convite para aqueles estranhos procedimentos.

– Lex?

– Quê?

– Você joga *Terra Firma* e *Armada*?

– TF.

– Você é muito boa nele? – perguntei. – Você é uma dos Doze Condenados?

– Atualmente estou em décimo sétimo – assentiu ela, num tom tranquilo até demais. – Mas já estive no décimo quinto. Esses placares flutuam pra caramba.

Soltei um assvio baixo, impressionado.

– Caramba – falei. – Qual seu indicativo de chamada?
– Lexecutora. É uma combinação de duas palavras. E o seu?
– BeagleDeAço – respondi, fazendo uma careta porque soava muito bobo aos meus ouvidos. – É um...

– É fantástico! – interrompeu ela. – Eu adoro aquele desenho, por mais brega que seja. E minha avó costumava tocar aquele álbum *Snoopy vs. the Red Baron* todo Natal.

Ninguém jamais havia entendido o mashup *Águia de Aço/ Peanuts* no meu indicativo de chamada sem que primeiro eu tivesse de explicar – incluindo Cruz e Diehl. Senti uma grande necessidade de estender a mão e tocar no ombro dela para ter certeza de que ela era de verdade.

– Você não está nos Doze Condenados, senão eu reconheceria seu indicativo de chamada – disse ela. – Você deve jogar *Armada*.

Concordei, tentando disfarçar minha decepção.

– Não gosta muito desse game?

Ela balançou a cabeça, negando.

– Simuladores de voo me dão vertigem. Prefiro jogar com os pés no chão. – Apontou o polegar para si mesma. – Se me colocar nos controles de um mecha de batalha gigante, vou esmagar meus inimigos e vê-los rastejar diante de mim.

Eu sorri.

– E as lamentações das mulheres deles?

– Ah, sim – disse ela, rindo. – As mulheres deles lamentarão por toda parte. Isso nem precisava dizer, não?

Rimos bem alto, atraindo olhares irritados dos que estavam sentados perto da gente. Parecíamos ser as duas únicas pessoas naquele auditório que estavam a fim de rir – e isso nos fez rir ainda mais alto.

Quando finalmente paramos de rir, Lex virou a garrafinha de cabeça para baixo e deixou as últimas gotas caírem na sua língua esticada. Depois enroscou a tampa de novo e enfiou o frasco no jeans.

– “Perdi o R2” – citou ela antes de fazer a mímica do famoso sussurro assoviado do pequeno androide azul. Desta vez fui eu quem fungou uma risada inesperada. – Então diz aí, Senhor das Estrelas, qual sua posição no ranking?

– Meu ranking do *Terra Firma* é baixo demais para dizer em voz alta – respondi, exagerando na falsa modéstia. – Mas no ranking do *Armada* estou em sexto.

Ela arregalou os olhos e girou a cabeça para me encarar.

– Sexto lugar? – repetiu ela. – No *mundo*? Sem sacanagem?

Jurei que sim, mas não pela minha mãe mortinha.

– Mas é coisa muito séria essa sua habilidade, tipo, dá para viver

disso – afirmou ela. – Agora sim, estou impressionada, Zack-Zack Lightman.

– Agora sim, estou lisonjeado, Srta. Larkin – respondi. – Mas você ficaria muito menos impressionada se me visse jogar *Terra Firma*. Sou bonzinho num DHITAB, mas não consigo dirigir um Sentinela nem que seja para salvar a minha pele. Sempre acabo pisando num cortiço cheio de civis; depois sou rebaixado de volta à infantaria.

– Dã! Dano colateral *e* de propriedade! Você gosta de fazer as coisas em dobro, hein?

Antes que eu pudesse responder, as luzes do auditório se atenuaram e o silêncio caiu sobre a plateia. Senti Lex agarrar meu antebraço e apertar com força suficiente para interromper a circulação. Olhei direto para a frente, agarrando os braços da poltrona, tremendo com uma vida inteira de expectativa acumulada quando a tela na frente se iluminou.

Então nos mostraram o filme de treinamento governamental mais perturbador da história.

Um logotipo animado da Aliança de Defesa da Terra apareceu na tela, com as letras maiúsculas *A* e *D* de “ADT” se transformando num escudo transparente que circulava um planeta Terra azul rodopiante. O espaço negativo entre as pernas da letra *A* maiúscula estilizada formava a cabeça em forma de cúpula de um mecha Sentinela, enquanto o espaço no centro da letra *A* continha um olho ciclópico semicerrado, que eu sabia que significava a Base Lunar Alfa, a instalação secreta da Aliança no lado escuro da lua. Fiquei me perguntando por que a verdadeira Aliança havia escolhido incluir a Base Lunar Alfa no símbolo, já que a base em si obviamente não podia ser de verdade. Então me lembrei: há apenas algumas horas, eu havia pensado a mesma coisa a respeito da própria ADT.

O lema em latim da Aliança, *Si vis pacem para bellum*, apareceu embaixo do símbolo, então ambos se desvaneceram, deixando um vasto campo de estrelas na tela, enquanto uma música sombria aumentava gradativamente. Era a trilha de abertura do tema orquestral de *Armada*, composto por ninguém menos que John Williams. Quando a seção de cordas da Orquestra Sinfônica de Londres começou, senti os pelinhos da minha nuca se arrepiarem.

Lembrei-me de que aquela era a vida real.

Lembrei-me de continuar respirando.

Na tela, uma antiga sonda da NASA entrou na tomada, disparando pelo vácuo estrelado. Parecia uma velha antena parabólica doméstica com três antenas de TV compridas grudadas

na sua base em ângulos perpendiculares. Eu a reconheci como um dos dois veículos gêmeos *Pioneer 10* e *Pioneer 11*, as primeiras duas sondas que a NASA enviou para inspecionar nosso sistema solar. Elas foram lançadas no começo da década de 1970, então eu sabia que o filme que nós estávamos vendo tinha de ser gerado por computador.

A câmera girou para trás do veículo, revelando que ele estava rapidamente se aproximando de Júpiter. Quando o gigante gasoso chegou perto da tela, uma voz começou a falar por cima da trilha sonora. Alex e eu perdemos o fôlego ao reconhecê-la, junto com outros no auditório. Nós todos reconhecemos a voz no mesmo instante, muito embora seu dono já estivesse morto há quase vinte anos.

Era Carl Sagan.

E as primeiras palavras que ele disse contradiziam quase tudo que já haviam me dito sobre nossa compreensão atual do universo.

“Em 1973, a NASA descobriu a primeira evidência de inteligência não terrestre, bem aqui em nosso próprio sistema solar, quando a espaçonave *Pioneer 10* mandou de volta a primeira imagem em close de Europa, a quarta maior lua de Júpiter. Ela foi recebida e decodificada no Laboratório de Propulsão a Jato em Pasadena, Califórnia, às 19h26 no dia 3 de dezembro, horário do Pacífico.”

Ficou imediatamente óbvio para mim porque haviam recrutado o Dr. Sagan para narrar aquele filme. O barítono tranquilo e familiar de Sagan imbuía cada palavra que dizia com o peso do fato científico duro e frio – o que era incrivelmente perturbador, porque Sagan tinha sido uma das principais forças da humanidade em sua busca por inteligência extraterrestre desde os anos 1960. Se a NASA tinha descoberto aliens em 1973 e Sagan tinha ajudado a escondê-los do mundo pelo resto de sua vida, ele deve ter tido uma razão incrivelmente convincente para isso, mas eu não conseguia imaginar de modo nenhum qual poderia ter sido.

Talvez a Aliança tivesse de algum modo editado ou simulado a voz de Sagan para esse filme? Ou quem sabe o tinha chantageado? Merda, pelo que eu sabia, ela poderia ter um laboratório secreto embaixo do Pentágono cheio de tanques Axlótl, onde produziu clones de Sagan e Einstein em massa, 24 horas por dia, como se fossem Honda Accords.

Então uma imagem de vídeo do próprio Dr. Sagan apareceu na tela e parei de me perguntar se a voz era mesmo dele. Dava para ver que o filme era dos anos 1970: Sagan parecia mais novo do que na minissérie *Cosmos* original. Estava parado em pé numa sala de controle do SPJ apanhada com uma dúzia ou mais de cientistas de

aspecto malcuidado, todos aglomerados ao redor de um pequeno monitor de TV preto e branco, olhando ansiosos enquanto a primeira foto em close de Europa lentamente aparecia nela, uma única linha de pixels de cada vez. A metade da direita da lua joviana jazia em sombras, mas o hemisfério da esquerda recebia naquele momento plena luz do sol, e alguns pequenos traços da superfície já eram visíveis, apesar da baixa resolução da imagem.

Quando o download foi chegando perto do final e o resto da superfície de Europa gradualmente se tornou visível, Sagan e os outros cientistas começaram a estudar a imagem com um ar cada vez mais confuso e alarmante. Quando a última fileira de pixels se formou e a imagem completa apareceu no monitor, ela revelou que uma enorme seção da superfície gelada de Europa estava coberta por uma gigantesca suástica.

Sussurros assustados e exclamações murmuradas percorreram o auditório. “Mas que merda é essa?”, ouvi Lex sussurrar.

Concordei meneando a cabeça. Aquela era sem dúvida a lição de história mais perturbadora que eu já havia recebido – e não consegui imaginar o que poderia vir em seguida.

“Aquela primeira imagem em close revelou a existência de um enorme símbolo esculpido na superfície lunar joviana”, a voz de Sagan explicou calmamente. “Uma cruz equilátera com todos os quatro braços curvados em ângulos perfeitamente retos – conhecidos aqui na terra como uma suástica – era bem visível no hemisfério sul, cobrindo uma área de mais de 1 milhão de quilômetros quadrados. A suástica, na verdade, era tão grande que parecia ligeiramente dobrada naquela primeira foto da *Pioneer*, devido à curvatura da superfície da lua.

“A descoberta deste símbolo foi imediatamente reconhecida pelos cientistas da NASA como a primeira evidência concreta de uma inteligência extraterrestre. Entretanto, a empolgação com esta descoberta fundamental foi ofuscada pelo debate sobre o significado potencial do símbolo. Por milhares de anos a suástica tinha sido usada por culturas pacíficas em todo o mundo, tanto como um símbolo ornamental quanto um amuleto de sorte, até ser adotada pelo Partido Nazista em 1920; então as atrocidades cometidas pelos nazistas o transformaram para sempre no ícone da humanidade em seu mal absoluto.”

– É, por que não colaram um símbolo do yin-yang em Europa em vez disso? – sussurrou Lex, reduzindo um pouco a velocidade da fala. – Isso, sim, *teria deixado a NASA de queixo caído*.

Fiz um “shhh”, e ela soltou um risinho histérico, depois pareceu recuperar a compostura. Então voltamos a prestar atenção à tela.

“Não tínhamos como saber se os seres que haviam vandalizado

Europa estavam ou não cientes do significado que o símbolo tinha para nós”, continuou a voz de Sagan. “Até termos mais informações, tudo o que podíamos fazer era especular a respeito da origem do significado do símbolo. Os líderes militares e políticos de nossa nação tomaram a decisão de esconder isso do mundo, temendo que a notícia de sua existência fosse criar um pânico que poderia mergulhar toda a nossa civilização num caos econômico, político e religioso. O presidente Richard Nixon sancionou uma ordem executiva secreta de que a sombria descoberta da NASA em Europa permaneceria um segredo nacional altamente secreto até que pudesse ser mais bem estudado.”

Agora eu entendia porque o Dr. Sagan e os outros cientistas do LPJ concordaram com o encobrimento do governo. A alternativa teria sido dizer aos frágeis cidadãos do planeta Terra que eles haviam acabado de descobrir um grande post-it nazista na órbita de Júpiter. Se Walter Cronkite tivesse jogado uma bomba dessas no noticiário da noite em 1973, a civilização humana teria enlouquecido coletivamente. Planejar outra missão a Europa sob essas circunstâncias teria sido problemático, talvez até impossível.

Mas ainda havia uma série de coisas nessa história que me incomodava. Por exemplo, os detalhes da descoberta da NASA em Europa me davam uma estranha sensação de *déjà vu*. Levei um momento para descobrir por quê.

Desde o final dos anos 1970, as notícias oficiais sobre Europa divulgadas por nossos cientistas apresentavam esse satélite como sendo um dos mais promissores habitats *em potencial* para a vida extraterrestre em nosso sistema solar, devido ao vasto oceano de água líquida sob sua superfície. Como resultado, Europa havia sido um cenário popular para escritores de ficção científica desde então. Eu podia pensar em pelo menos meia dúzia de histórias que envolviam a descoberta de vida alienígena lá – mais notavelmente o livro *2010: Uma odisseia no espaço II*, de Arthur C. Clarke, sua sequência para *2001: Uma odisseia no espaço*. Peter Hyams havia dirigido uma excelente adaptação de *2010* para o cinema nos anos 1980, e a versão do filme terminava com uma inteligência alienígena altamente avançada usando o HAL-9000 para enviar uma enorme mensagem de texto à humanidade nos avisando para ficar longe de Europa.

Não tentem pousar lá.

Também havia algo de familiar sobre uma mensagem de primeiro contato alienígena que continha uma suástica. Depois de quebrar a cabeça pelo que me pareceu uma eternidade, percebi que a resposta estava na minha cara: o próprio Carl Sagan havia escrito um cenário semelhante no seu primeiro e único romance de ficção

científica, *Contato*. Na história de Sagan, pesquisadores do SETI, um projeto cujo objetivo era procurar vida extraterrestre inteligente, recebem uma mensagem de uma inteligência extraterrestre que contém uma cópia da primeira transmissão de TV da Terra que os aliens interceptaram, que acaba sendo uma filmagem do discurso de abertura de Adolf Hitler nos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim. Um dos momentos mais memoráveis tanto no livro quanto na adaptação para o cinema acontece quando os cientistas do SETI decodificam o primeiro frame da transmissão de vídeo alienígena e descobrem que contém uma imagem em close de uma suástica nazista.

Os acontecimentos que se desdobravam na tela à minha frente eram diferentes das histórias de primeiro contato descritas tanto em *2010* quanto em *Contato*, claro – mas certamente as semelhanças não podiam ser mera coincidência, podiam?

Assim como Sagan, Clarke havia sido um colaborador da NASA. Fazia sentido que ele também soubesse da descoberta da *Pioneer 10* em Europa e tivesse concordado em fazer parte do encobrimento. Mas então por que eles dois depois esconderam cernes da verdade ultrassecreta nos seus livros best-sellers de ficção científica? E por que a Aliança os deixou fazer isso? Especialmente levando-se em conta que ambos os romances foram depois adaptados para filmes blockbusters que expuseram essa informação confidencial para o mundo todo?

Quando me ocorreu que eu provavelmente havia acabado de responder à minha pergunta, diversas imagens em alta resolução de Europa começaram a aparecer na tela, mostrando sua superfície em detalhes muito maiores. De perto, a lua parecia uma bola de neve suja e entrecruzada com rachaduras e riscos laranja-avermelhados que tinham milhares de quilômetros de comprimento. A suástica preta gigante se destacava em um relevo bem acentuado na superfície da lua.

“Quando a *Pioneer 11* alcançou Júpiter um ano depois em dezembro de 1974”, continuou o voice-over de Sagan, “seu curso foi ajustado para fazer um voo mais próximo de Europa, e ela enviou de volta mensagens imagéticas muito mais claras da lua e da anomalia de sua superfície, acabando com qualquer suspeita ainda existente de que a imagem anterior da *Pioneer 10* tivesse sido falsificada de algum jeito. A esta altura, a NASA já estava apressando a construção de uma nova sonda ultrassecreta projetada para viajar até Europa e pousar em sua superfície para estudar a anomalia da suástica de perto, e possivelmente coletar dados suficientes para determinar sua origem ou propósito. A NASA batizou esta espaçonave de *Envoy I*, e ela chegou a Europa em 9 de

julho de 1976 – o dia em que a humanidade fez o primeiro contato direto com uma inteligência alienígena.”

Eu nunca tinha ficado tão colado a uma tela de cinema na vida.

Uma tomada da *Envoy I* – ou melhor, outra simulação em CGI – apareceu na tela, mostrando a sonda fazendo uma manobra em órbita ao redor de Europa, com o majestoso Júpiter gigantesco atrás dela. Ela parecia uma versão maior e menos aerodinâmica das duas espaçonaves *Voyager* que a NASA lançou no ano seguinte, com gigantescos tanques de combustível e um trem de pouso atarraxado na estrutura.

Quando a espaçonave passou por cima do gigantesco símbolo preto, a nave descarregou seu módulo de pouso e começou a descer na direção da superfície gelada.

A imagem cortou para que o parecia ser o verdadeiro vídeo filmado pela câmera de bordo do módulo de pouso da *Envoy* durante a aproximação final.

Vista direto do alto e em plena luz do sol, a suástica gigante na superfície de Europa parecia consistir de nada além de longas faixas de gelo descolorido. As seções enegrecidas de gelo ainda refletiam a luz solar, e, tirando a mudança na sua cor, parecia não haver perturbação no padrão de rachaduras estriadas e cordilheiras congeladas que cobria a superfície da lua. Era como se alguém tivesse colado a maior suástica do sistema solar na extensão da lateral de Europa e depois a tingido com um spray de tinta acrílica preta do tamanho de um Destroier Estelar.

“O módulo de pouso da *Envoy* aterrissou perto do extremo sul da anomalia, perto do que mais tarde se tornaria conhecida como a região de Thera Macula”, prosseguiu a voz de Sagan, justo quando o módulo de pouso completou sua descida controlada e tocou a superfície, com seu trem de pouso raspando a borda entre a margem da suástica e o gelo intocado ao seu lado.

Para meu choque, um disco de ouro familiar estava preso à base do módulo de pouso. Parecia idêntico aos famosos discos de ouro que a NASA havia colocado nas duas *Voyager*.

“Um disco de cobre folheado a ouro de doze polegadas foi preso ao módulo de voo da *Envoy*”, explicou Sagan. “Esse disco fonográfico estava codificado com registros de som e imagem selecionados para retratar a diversidade da vida e da cultura na Terra, para servir como símbolo de paz de nossa espécie.”

Depois que o módulo de pouso terminou de desdobrar seu painel solar, um braço robótico se estendeu de seu interior e começou a coletar uma amostra da superfície enegrecida. A colher de metal aquecido na ponta do braço cavou um pequeno fosso no gelo com cerca de trinta centímetros de profundidade, revelando que a

superfície continuava enegrecida neste ponto. Assim que o braço se retraiu, o corpo do módulo de pouso se abriu como uma flor metálica, revelando uma sonda em forma de torpedo em seu interior, com nariz apontado direto para o gelo.

“O calor gerado pelo aquecimento de maré de Júpiter em Europa faz com que o gelo abaixo da superfície da lua permaneça líquido, o que resulta num oceano subterrâneo que nós sabíamos que podia abrigar vida, e fez dele o primeiro lugar lógico para nós procurarmos os seres responsáveis pela criação do símbolo na superfície da lua.”

Mais uma vez fiquei maravilhado com o efeito extremamente calmante da voz de Sagan. Se James Earl Jones tivesse sido escolhido para narrar aquele filme, assisti-lo teria sido ainda mais aterrador.

“Pouco depois de fazer contato, o módulo de pouso da *Envoy* lançou um cryobot, uma sonda de derretimento experimental movida a energia nuclear projetada para queimar o gelo na superfície da lua e explorar o oceano oculto abaixo dela em busca de sinais de vida extraterrestre.”

O módulo de pouso lentamente baixou o cryobot em forma de torpedo, pressionando seu nariz superaquecido no gelo enegrecido. Uma coluna explosiva de vapor disparou bem para o alto da atmosfera quase inexistente de Europa enquanto a sonda começava a derreter a superfície de ônix, queimando um túnel perfeitamente cilíndrico através do gelo enquanto descia, puxada para baixo pela gravidade.

Em alguns segundos a cauda do cryobot desapareceu sob a superfície, soltando um longo cabo de fibra óptica atrás dele que o manteria conectado ao módulo de pouso e seu transmissor. Então uma animação em corte transversal da lua apareceu na tela, mostrando o progresso do cryobot enquanto ele perfurava diversos quilômetros de gelo sólido antes de finalmente atravessar toda a crosta e mergulhar no oceano escuro de Europa.

“Perdemos contato com o cryobot apenas alguns segundos depois de ele sair do fundo da camada de gelo da lua. No começo a NASA suspeitou de um defeito do equipamento, que também perdeu contato com o módulo de pouso na superfície no mesmo instante. Mas quando o módulo orbital da *Envoy* passou sobre o sítio de pouso mais uma vez algumas horas depois, as imagens de satélite enviadas revelaram duas coisas: o módulo de pouso havia desaparecido completamente da superfície, e a suástica também.”

O filme cortou para um slideshow rápido de fotos tiradas pelo módulo orbital. A suástica havia de fato desaparecido, sem deixar nenhum sinal de que um dia havia estado ali. Então a imagem foi

ampliada para mostrar uma visão detalhada do local depois da sonda. As quatro impressões deixadas pelos pés do módulo de pouso ainda eram visíveis, assim como o buraco circular que o cryobot havia queimado no gelo – gelo que havia milagrosamente voltado ao seu estado natural.

“Quarenta e duas horas depois de a NASA perder contato com o módulo de pouso, seu transmissor de rádio voltou a funcionar, transmitindo na mesma frequência ultrassecreta da NASA. Quando seu sinal alcançou a Terra, descobrimos que ele continha uma breve mensagem de voz, aparentemente enviada pelos habitantes de Europa. Para nossa surpresa, ela estava em inglês, e enunciada na voz de uma criança humana.”

A gravação da voz de uma menininha começou a soar.

“Vocês profanaram nosso templo mais sagrado”, disse a voz da criança num tom monótono. “Para isso não pode haver perdão. Estamos indo matar todos vocês.”

Enquanto eu estremecia, algo na mensagem me chamou atenção como estranhamente familiar. Era como algo saído de um filme de ficção científica ruim.

Então Carl Sagan continuou:

“Rapidamente determinamos que a voz feminina ouvida na transmissão alienígena fora sintetizada de uma das breves gravações de áudio incluídas no disco de ouro que havíamos vinculado ao módulo de pouso.

“Para nossa decepção, essa mensagem de dezessete palavras começou a se repetir continuamente, hora após hora, dia após dia. Os europeanos, como começamos a nos referir a eles, ignoraram todas as nossas tentativas de responder ou explicar nossas ações. Por motivos que não entendemos, parece que eles viram nossa primeira tentativa de fazer contato com eles como um imperdoável ato de guerra. Enviando uma sonda de derretimento para explorar abaixo da superfície de sua lua, podemos ter violado sem saber alguma fronteira territorial ou religiosa que a sua espécie considera sagrada. Ou os europeanos podem simplesmente ver nossa espécie como ameaça à sua própria. Ainda não temos certeza de quais são as suas motivações, pois todas as nossas tentativas de nos comunicarmos com eles fracassaram.”

Outra onda nervosa de murmúrios varreu o auditório. Passei os olhos pela plateia, meio que esperando que alguém surtasse, mas todos permaneceram calmos, inclusive eu. A revelação de que aliens malignos estavam vindo para tentar nos exterminar não deixou ninguém histérico nem gerou pânico – e achei que entendi o motivo. Durante décadas, nós fomos inundados por um dilúvio constante de livros, filmes, desenhos animados e programas de TV

de ficção científica sobre alienígenas de um tipo ou de outro. Visitantes extraterrestres haviam permeado a cultura pop por tanto tempo que estavam agora incorporados ao inconsciente coletivo da humanidade, nos preparando para lidar com ela, agora que estava de fato acontecendo.

“Começamos a mandar mais sondas para Europa, às centenas, mas quase todas foram perdidas ou destruídas pouco depois de alcançar a órbita da lua. Entretanto, por tentativa e erro, acabamos conseguindo colocar umas duas plataformas de vigilância remota em várias das luas de Júpiter, o que nos permitiu monitorar de perto Europa sem sermos detectados. Suas câmeras enviaram de volta as seguintes imagens de vigilância orbital.”

Milhares de imagens de satélite de Europa começaram a aparecer na tela, exibidas rapidamente em ordem cronológica, de modo a criar um vídeo tosco de *stop motion*, mostrando o que parecia ser um fino anel de destroços metálicos se formando ao redor da lua, perto do seu equador. Quando essas fotos foram ampliadas e melhoradas, milhões de robôs de construção se tornaram visíveis, rastejando ao longo de plataformas e andaimes orbitais e dos esqueletos dos veículos espaciais que estavam construindo.

Parecia exatamente como o mundo natal dos Sobrukai durante nossa missão de ontem à noite, só que a superfície de Europa era em grande parte branca em vez de vermelha. E no lugar do gigante gasoso roxo chamado Tau Ceti V, havia o conhecido olho ciclópico de Júpiter.

Os europeanos estavam construindo uma armada, exatamente como os Sobrukai. Mas muito mais perto da Terra. Eles tinham naves de fundição orbitando sua lua, produzindo caças e drones – exatamente como aqueles que tínhamos avistado acima de Sobrukai na noite passada. Os europeanos também já haviam posicionado vários asteroides grandes e meteoritos em órbitas seguras ao redor de sua lua, e hordas daqueles robôs de construção semelhantes a aranhas podiam ser vistas se aglomerando e perfurando sua superfície, a fim de minerá-las em busca de metais e outras matérias-primas. Quando se extraía tudo o que se podia de um asteroide, outro era posicionado na órbita.

Enquanto o filme em time-lapse continuava a passar, percorrendo semanas, meses e anos de incessante construção por essas máquinas autorreplicantes, uma pequena frota de espaçonaves reluzentes começou a se formar ao redor de Europa. Ela continuou a crescer até que as naves de guerra alienígenas se tornaram tão numerosas que formaram um anel de modo que o satélite de Júpiter parecia com Saturno.

À medida que os asteroides eram rebocados para dentro e minerados para fora, seis gigantescas Esferas Leviatã começaram a tomar forma em órbita.

“Apesar de nossas constantes tentativas de negociar uma trégua com os europeanos, eles continuaram a fazer seus preparativos para a guerra, construindo drones que então começaram a construir outros drones”, explicou Sagan. “Ficamos observando tudo com uma preocupação cada vez maior enquanto o número de drones se multiplicava exponencialmente bem diante de nossos olhos, mês após mês, e depois ano após ano.

“Em meados dos anos 1980, os europeanos começaram a enviar naves batedoras à Terra”, continuou Sagan. “Nossas forças militares conseguiram capturar e estudar várias naves do inimigo. Foi aí que descobrimos que eram todos drones, que os europeanos estavam controlando a centenas de milhares de milhas de distância, usando alguma espécie de comunicação quântica instantânea. Por esse motivo, ainda não sabemos quase nada a respeito da composição biológica ou aparência física deles.”

Eu me remexi no meu assento, desconfortável, sentindo uma estranha combinação de frustração e alívio. Eu meio que havia esperado que Sagan revelasse que os europeanos se pareciam justamente com lulas antropomórficas, como eram descritos os Sobrukai em *Armada*. Era um alívio saber que não era o caso, mas igualmente frustrante saber que depois de quatro décadas ainda não sabíamos nada a respeito da biologia do nosso inimigo.

“Entretanto, após anos de esforço, nossos cientistas foram capazes de fazer engenharia reversa da tecnologia de comunicação quântica dos aliens, juntamente com certas facetas dos sistemas de armas e propulsão de suas naves. Temos usado desde então essas tecnologias recém-descobertas para construir um arsenal global de nossos próprios drones de defesa, que, acreditamos, darão à humanidade uma chance de lutar contra os invasores.”

Eu me ouvi soltar um suspiro impaciente. Estava disposto a suspender minha descrença pela explicação “fizemos uma engenharia reversa da tecnologia dos aliens em apenas alguns anos” quando achava que era apenas a história fictícia de um videogame. Mas eu definitivamente não engolia isso agora que a Aliança estava tentando passar aquilo como fato histórico – ainda que estivesse usando a voz de Carl Sagan para isso. Parecia completamente impossível que a Aliança tivesse conseguido fazer engenharia reversa de uma tecnologia de comunicação muitíssimo superior, propulsão e armas em apenas alguns anos enquanto escondia essa empreitada do mundo inteiro – quanto mais produzir em massa milhões de drones. E, ainda que isso fosse possível, por que nosso

inimigo tornaria a tarefa tão fácil para nós? Segundo o que acabaram de nos contar, os europeanos não só nos deixaram capturar várias de suas naves, eles nos deram tempo bastante para descobrir como elas funcionavam, para construir nossa própria frota de naves com os mesmos recursos. E, construindo sua armada em órbita ao redor de sua lua, em plena vista de nosso satélite, eles basicamente deram à humanidade um vídeo detalhado do que esperar quando o ataque chegasse.

Tinha de existir alguma verdade no que estavam nos contando. O passeio de nave auxiliar que eu havia acabado de fazer para chegar ali era prova disso, assim como o ambiente que me cercava naquele momento. Mas eu tinha certeza de que havia mais naquela história do que estava sendo contado. Muito mais.

“Pouco a pouco, tornou-se evidente para os líderes da humanidade que iríamos encarar a extinção certa se não puséssemos de lado as diferenças e nos uníssemos como uma única espécie para defender a nós mesmos e a nosso lar. Isto fez com que membros seletos das Nações Unidas formassem uma coalizão militar global secreta para este mesmo propósito, conhecida como Aliança de Defesa da Terra, na eventualidade de nossos piores temores um dia se realizarem, e toda a armada europeana desembarcar no nosso planeta.”

O logo animado da Aliança reapareceu na tela.

“Até lá, continuamos a trabalhar pela paz, enquanto nos preparamos para a possibilidade de guerra.”

Enquanto Sagan terminava, a tela ficou escura e o filme terminou bruscamente. Lex percebeu que ainda estava agarrando meu antebraço e soltou. Havia marcas onde ela enterrou suas unhas da minha pele, mas eu nem sequer tinha notado. Estava muito ocupado tendo toda a minha percepção de realidade estilhaçada em um milhão de pedaços.

Quando as luzes se acenderam alguns segundos mais tarde, eles nos deram as notícias realmente ruins.

Um homem alto trajando um uniforme da aliança com muitas condecorações subiu no pequeno palco lá embaixo e caminhou até o pódio ao centro. Quando chegou ao pódio, seu rosto apareceu na gigantesca tela atrás dele, e arquejei em uníssono com Lex e um coral de outros na plateia.

Era o almirante Archibald Vance, o ciclópico comandante que dava aos jogadores suas instruções de missão tanto em *Armada* quanto em *Terra Firma*.

Sempre supus que ele fosse apenas um ator contratado para desempenhar esse papel, mas ao que parecia eu estava errado também sobre isso.

O almirante descansou as mãos no pódio e lançou um longo olhar avaliador para sua plateia.

– Saudações, candidatos a recrutas – disse ele. – Meu nome é almirante Archibald Vance, e sou comandante de campo na Aliança de Defesa da Terra há mais de uma década. Tenho certeza de que muitos de vocês estão surpresos em descobrir que sou uma pessoa de verdade, e não uma personagem de ficção. Pois tenham certeza de que sou de verdade, e a Aliança também.

Ouvi alguns gritos dispersos e umas risadas baixinhas. O almirante esperou que todos fizessem silêncio antes de continuar.

– Vocês foram convocados hoje porque precisamos de sua ajuda. Vocês estão entre os pilotos de drones mais habilidosos e altamente treinados do mundo. Os videogames que cada um de vocês dominou, *Terra Firma* e *Armada*, são ambos na verdade simulações

de treinamento de combate criados pela Aliança para nos ajudar a localizar e treinar indivíduos como vocês, que possuem os raros talentos necessários para nos ajudar a defender nosso planeta da invasão europeia que está prestes a acontecer.

“Como acabaram de ver, a existência de nosso inimigo alienígena foi um segredo guardado a sete chaves desde sua descoberta. Isto foi feito por necessidade, para que a humanidade prosseguisse calma e seguisse por tempo suficiente para que nossos líderes organizassem e montassem uma defesa contra os invasores.” Ele tirou as mãos do pódio e tornou a percorrer os olhos pela plateia.

– Mas finalmente o tempo acabou. O dia que tememos durante todos estes anos está chegando. E vocês são os candidatos a recrutar mais promissores da Aliança, em dezenas de países diferentes em todo o mundo. É por isso que tomamos a precaução de trazê-los até aqui, um local seguro, antes que nossa verdadeira situação seja revelada para o mundo inteiro.

– Puta merda – sussurrou Lex ao meu lado.

– O filme que vocês acabaram de ver foi preparado no começo dos anos 1990 – disse o almirante Vance. – Nós atualizamos as imagens geradas por computador ao longo dos anos, mas o conteúdo mudou muito pouco. Sempre foi a nossa intenção liberar esse filme para o mundo quando a ameaça de invasão não pudesse mais ser acobertada. Infelizmente esse dia chegou. Depois de nos ameaçar de extinção por mais de quarenta anos, parece que os europeus finalmente completaram seus preparativos para a guerra.

Ele agarrou as beiradas do pódio, como se precisasse se firmar. Isso me fez perceber que eu estava fazendo a mesma coisa com os descansos de braço do meu assento.

– Aqui estão as imagens de nosso satélite do começo da manhã de ontem.

Uma nova imagem de alta resolução de Europa apareceu na tela atrás dele. A armada que tínhamos visto em construção no vídeo estava agora completa. As seis Esferas Leviatã haviam se aberto para tomar sua carga mortífera, e suas longas fileiras espiraladas de armazenagem estavam quase cheias até o talo com 1 bilhão de drones, prontos para transporte e descarga.

– A imagem a seguir foi capturada há poucas horas – disse o almirante quando outra imagem de Europa apareceu na tela. A faixa de naves de construção alienígena reluzentes que estava orbitando a lua gelada havia desaparecido, e também as seis maciças Esferas Leviatã. E havia um círculo gigante queimado no hemisfério sul de Europa, no exato ponto da superfície da lua onde

o Quebra-Gelo havia mirado o laser de derretimento durante nosso ataque aos Sobrukai na missão de *Armada* da noite anterior.

– Puta merda! – gritei, e não estava só. – Aquela missão foi *real*?

– Como assim? – perguntou Lex.

Antes que eu pudesse responder, o almirante voltou a falar.

– A Aliança lançou um ataque a Europa ontem à noite – continuou o almirante. – Muitos de vocês, pilotos de *Armada*, tomaram parte daquela missão, que foi nossa única oportunidade de destruí-los antes que lançassem seus drones para nos destruir. Mas a missão Quebra-Gelo fracassou. E agora a armada alienígena está a caminho da Terra.

Eu não conseguia mais conter minhas dúvidas.

– Essa história não faz o menor sentido – sussurrei para Lex. – Se esses alienígenas querem nos destruir, por que esperaram quarenta anos para atacar? Por que nos deram tanto tempo assim para descobrir a tecnologia deles e nos preparar para combatê-los, quando podiam ter nos exterminado nos anos 1970? Por que esperar? – Balancei a cabeça. – Já não fazia sentido quando era história para o game, e também não faz sentido agora. Quer dizer, por que enviar uma frota de drones robóticos? Por que não nos atingir com um vírus ou um asteroide assassino ou...

– Meu Deus, quem se importa, cara? – sussurrou Lex. Pelo canto do olho, vi a tentativa dela de dar outro gole do frasco já vazio com uma mão trêmula. Então ela soltou um palavrão e voltou a enroscar a tampa. – Talvez eles vivam milhares de anos? Quatro décadas podem ser como um longo fim de semana para eles. – Seus olhos se estreitaram para a imagem reluzente na tela. – Agora não faz diferença, faz? Eles obviamente cansaram de esperar.

Ela voltou a prestar atenção ao almirante, e eu tentei fazer o mesmo.

– Estas são a posição e a trajetória atuais da frota inimiga – disse Vance, justo quando um mapa animado do nosso sistema solar apareceu na tela. A localização da armada europeia era indicada por uma corrente de três bolhas em forma de ameba, cada uma maior que a anterior. Elas estavam enfileiradas entre Júpiter e a Terra, avançando pelo cinturão de asteroides como um trem de carga interplanetário.

A armada europeia parecia estar se aproximando da Terra em três ondas de ataque separadas. Sua trajetória geral era indicada por uma linha amarela fosforescente que não deixava dúvidas quanto ao seu destino.

– Meu Deus – sussurrou Lex. – Eles estão a mais da metade do caminho daqui.

Ela tinha razão. A primeira onda já estava se aproximando do cinturão de asteroides além da órbita de Marte.

A tela deu um zoom na vanguarda – a bolha na liderança –, mostrando que ela era composta de uma densa nuvem de milhares de pequenos triângulos verdes aglomerados ao redor de um círculo verde-escuro – uma Esfera Leviatã, cercada por sua escolta de caças. Então o almirante ajustou o display tático para dar zoom nas duas bolhas maiores ainda de naves que seguiam atrás. A segunda bolha continha um par de Esferas Leviatã duas vezes maiores e duas vezes mais caças Glaive as escoltando. A terceira bolha continha três Esferas Leviatã, e três vezes o número de caças em escolta.

O almirante usou um ponteiro laser para realçar os três aglomerados de naves.

– Por razões que ainda não entendemos, o inimigo dividiu sua força de invasão em três ondas de ataque, cada uma maior que a anterior – ele disse. – Estimamos que cada uma dessas Esferas Leviatã esteja levando uma carga de aproximadamente 1 bilhão de drones.

Até eu era capaz de fazer uma conta tão simples. O almirante havia acabado de nos dizer que havia seis bilhões de drones alienígenas assassinos a caminho para nos exterminar. Esta obviamente não ia ser uma luta justa – não depois que aquela segunda onda chegasse aqui.

O almirante levou o ponteiro laser de volta ao aglomerado em forma de flecha de naves em movimento.

– Se ela continuar em seu curso atual na mesma velocidade, a vanguarda, esta primeira onda de naves aqui na frente da missão, irá atingir nosso perímetro lunar daqui a menos de oito horas.

Um relógio de contagem regressiva digital apareceu no canto inferior direito da tela, mostrando o tempo remanescente até a chegada da vanguarda: 07:54:07

Um segundo depois, meu ComQ emitiu um *bip* e sua tela se iluminou no meu pulso, assim como todos os outros ComQs do auditório, criando um único *bip* alto que ecoou pela multidão. Olhei para meu pulso e vi que o mesmo relógio de contagem regressiva para a invasão estava aparecendo na tela do meu ComQ, perfeitamente sincronizado com aquele da tela gigante de projeção atrás do almirante.

07:54:05

07:54:04

07:54:03

– Meu Deus – murmurou Lex, olhando para o ComQ no seu

pulso, vendo os segundos correrem. – Agora eu me sinto como Snake Plissken.

Soltei uma gargalhada, que veio na pior hora possível, ecoando pelo auditório silencioso antes de ser rapidamente abafada quando o mar de rostos abaixo de nós se virou para olhar em nossa direção com raiva. Lex deu um risinho, e eu levei um dedo aos meus lábios em sinal para ela calar a boca.

– Se conseguirmos sobreviver ao ataque da vanguarda, a segunda onda de drones inimigos alcançará a Terra aproximadamente três horas mais tarde, e a onda final, pouco mais de três horas depois.

Cada vez que ele dizia a palavra “vanguarda”, eu só conseguia pensar num velho jogo de fliperama que tinha esse nome. *Vanguard* era um grande atirador espacial de scroll lateral de meados dos anos 1980 que eu tinha descoberto na coleção do meu pai. No game, quando você atingia a última das cinco ondas, cujo nível de dificuldade aumentava progressivamente, você enfrentava o último chefe, conhecido como “O Gond”. Na minha cabeça, eu já estava imaginando que o Gond e o senhor da guerra europeu deviam ser mais ou menos idênticos. Então lembrei que nem poderia haver um senhor da guerra europeu – o filme de instrução dizia que ainda não sabíamos nada a respeito da biologia ou estrutura social. Talvez eles nem sequer tivessem líder. Talvez funcionassem como uma mente-colmeia.

Quando o almirante parou de falar e deixou de prestar atenção na tela, um rumor de murmúrios ansiosos se espalhou pela plateia, gradualmente aumentando de volume, até que Vance por fim fez um gesto pedindo silêncio.

– Vocês estão certos em estar alarmados – concordou ele. – Uma invasão total de nosso planeta está a caminho, e nosso inimigo é muito superior em número. Felizmente, as chances não são tão terríveis quanto parecem. A Aliança de Defesa da Terra tem preparado o mundo para esse momento há décadas e, quando a invasão começar, a humanidade estará pronta para lutar e defender nosso lar.

Seguiram-se exaltações desesperadas quando o símbolo da Aliança apareceu na tela, acompanhado por outra peça musical do tema de John Williams para *Armada*. Por mais cético que eu fosse a respeito de tudo que haviam acabado de me dizer, ouvir a música naquele contexto me deu arrepios.

Um hangar cheio de Interceptores ADI-88 apareceu na tela, e eu senti meu queixo cair involuntariamente. Eles pareciam exatamente os drones que eu havia pilotado no *Armada*, até o último detalhe. Mais uma foto apareceu, mostrando milhares de DHITABs parados

em formação sob poderosos refletores em algum bunker concreto secreto. Por último, uma foto de um único mecha Sentinela estava sendo exibida, e eu ouvi Lex murmurar “Uau” baixinho. Era igualzinho a um dos Sentinelas do game, e tão grande quanto.

– Vocês estão olhando para o verdadeiro motivo da mais recente crise financeira global. Todos os recursos naturais, industriais e tecnológicos da civilização humana foram usados até o fim em nosso esforço para garantir que tenhamos o poder de fogo necessário para confrontar os números superiores e o armamento avançado dos invasores. E agora, finalmente, essas forças estão prontas para serem usadas.

Mais fotos surgiram na tela, mostrando milhares de verdadeiros Interceptores, Sentinelas e DHITABs armazenados em locais ocultos ao redor do mundo, esperando pela batalha. Senti um súbito orgulho involuntário pela minha espécie, e pelos milagres tecnológicos que havíamos realizado no esforço de assegurar nossa sobrevivência.

– Nós construímos milhões desses drones e os escondemos em posições estratégicas por todo o globo – continuou o almirante. – Quando a invasão começar, recrutas civis em todo o mundo serão capazes de usar a plataforma de jogo para assumir o controle desses drones armazenados usando a tecnologia de link de comunicação quântica instantânea do inimigo. Esta rede global de drones de defesa militar será a nossa única esperança para equilibrar as possibilidades que estão contra nós.

O símbolo da Aliança apareceu mais uma vez na tela atrás do almirante.

– As forças internacionais da Aliança já conseguiram frustrar dezenas de missões batedoras inimigas à Terra, e essas ações nos ajudaram a coletar uma quantidade enorme de dados sobre naves, armas e táticas dos europeanos. E inserimos cada grama desses dados nas simulações de treinamento de *Terra Firma* e *Armada*, para assegurar que preparassem vocês com eficiência a enfrentar drones inimigos reais em combate. Então, todos vocês têm combatido uma versão simulada desta guerra há anos. – Ele deu um sorriso sombrio. – Agora é hora da batalha de verdade.

Ele cruzou as mãos atrás das costas, e a expressão do seu rosto suavizou.

– Eu sei como tudo isso deve estar sendo assustador para alguns de vocês. Não podemos forçá-los a arriscarem suas vidas juntando-se às nossas fileiras. Mas vocês todos devem saber a esta altura que não serão capazes de se esconder desta guerra voltando para suas casas. Seus amigos e suas famílias não serão capazes de se esconder disso também. Ninguém na Terra pode se esconder. Estas criaturas,

seja lá o que forem, estão vindo para nos exterminar a todos. Se não os detivermos, a humanidade desaparecerá.

Ele apoiou as mãos no pódio de novo e dirigiu seu olhar para baixo, como se estivesse falando aos recrutas sentados na primeira fileira.

– Mas nós *vamos* detê-los. Se todos os sete bilhões de membros da raça humana se unirem diante desta ameaça, e enfrentarmos como uma espécie e um planeta, com cada gota de força que tivermos, podemos vencer esta guerra. Eu sei disso. Isso começa agora, com cada um de vocês.

Um grito de torcida lentamente se elevou na plateia. Não participei, e nem Lex. Mas ela concordou lentamente com a cabeça, parecia se resignar ao chamado à ação do almirante Vance. Lá embaixo no palco, o almirante fez uma pausa para se recompor, e quando voltou a falar a calma havia retornado a sua voz.

– Muito embora a vanguarda europeana ainda leve oito horas para alcançar nosso perímetro lunar, temos motivos para crer que o inimigo pode estar se preparando para lançar um ataque sorrateiro em algum momento hoje, antes que o resto da frota comece a chegar. Ao longo dos últimos dias, dezenas de novas batedoras europeanas têm sido avistadas em nossa atmosfera, e diversas delas foram observadas realizando vigilância às instalações da Aliança e postos avançados como este.

Ele apontou para o mapa-múndi que havia acabado de aparecer na tela atrás dele, com pontos vermelhos piscando esparramados indicando os locais em que naves batedoras foram avistadas. A maioria estava perto de cidades muito populosas, mas um estava piscando bem acima da minha cidade.

– Ainda não temos como rastrear essas naves batedoras europeanas, então sua posição atual permanece desconhecida. Contudo, nós...

Ouvimos um estrondo baixo e contínuo vindo de algum lugar bem acima de nós, como uma detonação abafada, seguida por um tremor feroz que balançou todo o auditório como um breve terremoto. Algumas pessoas gritaram; então uma sirene de alerta começou a uivar.

– Alerta vermelho. Esta estação está sob ataque – anunciou uma voz feminina sintetizada no sistema de alto-falantes. – Todo o pessoal, favor se dirigir aos seus postos de batalha imediatamente. Repetindo: esta estação está sob ataque. Alerta vermelho.

Lex e eu trocamos olhares, sem acreditarmos no que estava acontecendo.

– Sério? – indagou ela. – Isto não pode estar acontecendo bem agora, pode?

– Impossível – concordei. – Eles estão brincando com a gente. Isto tem de ser um teste ou coisa do gênero...

Outra explosão na superfície balançou o piso de pedra embaixo dos nossos pés novamente – com muito mais intensidade desta vez – e houve outra saraivada de gritos de pânico. O mapa projetado na tela gigante do auditório foi substituído de repente por oito feeds de vídeo ao vivo de câmeras lá da superfície, mostrando a fazenda de laticínios do Palácio de Cristal de vários ângulos ao redor de seu perímetro externo. Todos os prédios estavam em chamas, e o céu estava coberto por um enxame de dezenas de caças Glaive. Eu podia ver seus cascos em forma de lâmina faiscando como espelhos no sol da manhã enquanto faziam chover laser e bombas de plasma sobre a base.

Um silêncio aterrador tomou conta do auditório por um momento, enquanto todos olhavam para as imagens na tela. Então os gritos continuaram, num volume muito maior.

Na tela, um esquadrão de caças Glaive descia e bombardeava as portas blindadas sobre a entrada da baía de atracação.

Outro tremor sacudiu o auditório, e começou a chover terra das rachaduras no teto reforçado de concreto. Fiquei me perguntando quanto mais aquilo podia aguentar antes de desabar.

– Pessoal, fiquem calmos! – ordenou o almirante, gritando para se fazer ouvir na algazarra cada vez maior na plateia em pânico. – Se vocês quiserem viver, preciso que fiquem calmos e sigam as ordens!

O medo na voz do almirante era quase tão perturbador quanto o vídeo na tela atrás dele.

– Repetindo: esta estação está sob ataque – repetia a voz computadorizada feminina no sistema de alto-falante. – Todo o pessoal, favor se dirigir às suas estações de controle de drone imediatamente. Checar seu ComQ para mais instruções. Todo o pessoal, favor se dirigir às suas estações de controle de drone imediatamente...

Lex sacou seu ComQ. A tela se iluminou com outro mapa da base, estilo GPS, mostrando um caminho verde do ponto onde estávamos sentados, nos fundos do auditório, descendo os degraus até a saída mais próxima, depois descendo uma série de corredores até uma sala circular com a placa “Hub de Controle 3”. Chequei o meu ComQ e vi que estava designado para o Hub 5, que ficava na mesma rota, mas um pouco mais distante de nós.

– Vamos – disse Lex, jogando a jaqueta no meu colo ao passar por mim se espremendo.

Não me levantei da poltrona. Meus olhos ainda estavam fixos no caos que se desdobrava na tela, mas meu cérebro estava repassando

tudo o que eu tinha aprendido hoje – e como tudo isso fazia tão pouco sentido. Tinha alguma coisa de errado aí. E eu ainda não sabia se meu pai...

– Zack?

Levantei a cabeça e vi Lex no fim da fileira, me lançando um olhar fulminante cheio de impaciência.

– Então, você vai ficar aí sentado e deixar essas coisas nos matarem?

Ela tinha razão. Não era culpa da Aliança. Era dos europeanos. Aqui, finalmente revelado, estava meu verdadeiro inimigo, a causa de toda perda e dureza que havia me condenado desde o nascimento. Esses invasores de outro planeta, eles eram o motivo pelo qual tudo isso estava acontecendo. Declarando guerra a nós todas aquelas décadas atrás, os europeanos haviam perturbado a história humana e nos roubado de nosso futuro. E agora estavam aqui para nos roubar de tudo o mais também.

Subitamente, a única coisa com a qual me importava era fazer com que eles pagassem. Cada um deles.

– É, estou indo – falei, me levantando de um pulo. Enfiei a jaqueta de volta na mochila e depois corri para alcançar Lex, que já estava descendo as escadas, três e quatro degraus de cada vez.

Lex e eu nos esprememos pelo engarrafamento de pessoas na saída mais próxima. Assim que passamos e saímos para o corredor fora do auditório, Lex disparou novamente, empurrando outros recrutas menos ansiosos até ficar à frente deles, liderando. Corri para alcançá-la, seguindo o som de seus coturnos atingindo o piso de pedra bem à minha frente.

Ouvimos o impacto de mais uma explosão na superfície, e a onda de choque sacudiu o chão. Pó e pedrinhas começaram a chover dos rejuntas de azulejos no teto do corredor enquanto as pessoas ao nosso redor continuavam a correr em todas as direções, seguindo mapas nas telas iluminadas de seus ComQs.

Ignorei o meu ComQ e simplesmente me concentrei em acompanhar o passo de Lex enquanto continuava a descer o que parecia ser uma infinita série de corredores, até finalmente darmos do lado de fora de um conjunto de portas blindadas com a etiqueta HUB DE CONTROLE 3.

– Eu fico aqui – disse ela, apontando para o corredor abaixo. – O Hub 5 fica mais embaixo.

Assenti e abri a boca para desejar boa sorte, mas só consegui dizer “Boa...”, quando ela se virou e deu um beijo na minha bochecha. Isso pode ter provocado uma pequena queda na

integridade estrutural das articulações do meu joelho, mas consegui manter a compostura.

– Acaba com eles, BeagleDeAço – disse ela logo antes de atravessar as portas blindadas e elas se fecharem.

Assim que consegui mandar minhas pernas voltarem a andar, comecei a correr de novo. No final daquele mesmo corredor, alcancei um par de portas com os nomes HUB DE CONTROLE 5 e as atravessei velozmente. Elas davam para uma enorme sala em forma de barril com centenas de estações de controles de drones escavadas em suas paredes curvas, às quais estava presa uma rede de escadas estreitas e rampas de acesso. Ela parecia uma versão maior dos centros de controle de drones nas cutscenes de *Armada*. A tela do meu ComQ mudou para o diagrama tridimensional da sala, depois realçou minha estação específica: DCS537. Subi a escada mais próxima até o nível três, depois desci em disparada a rampa de acesso de metal até a minha estação. Um scanner emitiu um *bip* quando me aproximei e a porta se abriu com um sibilar. Entrei correndo.

Assim que sentei na cadeira de couro, a porta se fechou e o painel de controle ao meu redor se iluminou, junto com a tela de 180 graus, que atualmente exibia a insígnia da Aliança de Defesa da Terra.

Olhei para aquela tão conhecida fileira de controles ao meu redor e fechei a mão direita ao redor do manche de voo diretamente à minha frente, que era idêntico ao controle do *Armada* que Ray me dera na véspera. O controle de aceleração dupla à minha esquerda também parecia idêntico ao da versão doméstica da Chaos Terrain, só que estava preso ao descanso de braço do meu assento ergonômico de piloto.

A estação também tinha diversas outras opções de controle, inclusive um par de manoplas de batalha de *Terra Firma*, usada para operar um DHITAB ou um Sentinela, juntamente com opções mais banais como uma configuração de teclado e mouse ou um controle-padrão de Xbox, Nintendo ou Playstation – opções suficientes para fazer quase qualquer gamer se sentir em casa.

Vi um breve clarão vermelho quando minhas retinas foram escaneadas; então um X vermelho piscou na minha tela juntamente com as palavras ACESSO DE CONTROLE DE DRONE NÃO AUTORIZADO.

– Atenção, candidato a recruta – disse a mesma voz feminina sintetizada enquanto suas palavras apareciam na tela à minha frente. – Apenas o pessoal da Aliança de Defesa da Terra está autorizado a operar drones ou participar de combate. Deseja se alistar na Aliança de Defesa da Terra agora?

Diversos parágrafos de texto começaram a rolar pela tela, um

borrão ilegível de juridiquês com todos os detalhes de alistamento. Levaria horas para ler tudo e mesmo assim ainda provavelmente não teria entendido uma palavra.

– Porra, tá de sacanagem? – gritei. – Preciso me alistar antes de poder lutar?

– Somente o pessoal da Aliança de Defesa da Terra está autorizado a operar drones ou participar de combate – repetiu o computador.

– Isso é um pouquinho manipulador, não acha?

– Por favor, refaça sua pergunta.

– Porra, isso é ridículo! – gritei, socando o console de novo.

– Se você não deseja se alistar na Aliança de Defesa da Terra neste momento, por favor, saia da estação de controle de drone e prossiga para a estação de treinamento externo mais próxima.

Como não respondi na hora, o computador disse:

– Desculpe, não ouvi sua resposta. Deseja se alistar na Aliança de Defesa da Terra agora?

Outro tremor sacudiu a base até suas fundações. As luzes embutidas no teto da minha estação se atenuaram por meio segundo.

– Sim, ok – comecei a apertar repetidamente o botão ACEITO na parte de baixo da tela. – Quero me alistar, caralho! Me alista, porra!

– Por favor, levante a mão direita e leia o juramento de alistamento em voz alta.

Um parágrafo de texto apareceu na minha tela com meu nome já inserido. Comecei a ler e cada palavra foi se apagando à medida que eu a proferia:

Eu, Zachary Ulysses Lightman, designado como oficial da Aliança de Defesa da Terra, juro solenemente que apoiarei e defenderei meu planeta natal e seus cidadãos contra todos os inimigos, que terei fé e serei fiel ao mesmo; que estou assumindo esta obrigação de livre e espontânea vontade, sem nenhuma reserva mental nem finalidade de evasão; que obedecerei às ordens dos oficiais superiores e que desempenharei bem e fielmente as tarefas do posto que estou prestes a assumir. Que Deus me ajude.

A última linha estava marcada como “opcional”, mas eu estava com pressa então acabei lendo, muito embora eu sempre tivesse sido um agnóstico de carteirinha. Além do mais, agora eu estava pensando que afinal de contas até podia existir um Deus – isso esclareceria quem estava fodendo com toda a minha noção de realidade no momento.

– Parabéns! – disse o computador. – Você agora é um oficial de

voo da Aliança de Defesa da Terra com o posto de tenente. Seu perfil de habilidade e sua posição no ranking de pilotos do *Armada* foram verificados. Status de voo: autorizado. Status de combate: autorizado. Acesso garantido à estação de controle de drone. Preferências de usuário importadas. Sincronização de Interceptor realizada. Boa sorte, tenente Lightman!

Minha tela subitamente mudou para uma visão em primeira pessoa que eu já conhecia, do interior de um drone aeroespacial Interceptor ADI-88 preparado para lançamento. A canção “You Really Got Me”, do Van Halen, começou a tocar alto no sistema de som surround da estação de controle de drone, fazendo com que eu desse um salto na cadeira com o susto. Relaxei ao perceber que o computador havia acabado de fazer uma conexão de Bluetooth com meu ComQ e começou a tocar automaticamente a próxima canção na velha playlist *Raid the Arcade* do meu pai.

Não hesitei. Apertei o botão de lançamento e meu Interceptor disparou para a frente, para fora do seu túnel de lançamento – um daqueles silos de grãos disfarçados –, na direção do céu azul claro.

Um céu de verdade, cheio de nuvens reais.

Foi aí que percebi que minha visão de dentro do cockpit era um pouco diferente daquela com que estava acostumado quando jogava *Armada*. As leituras do display ocular e da retícula de mira eram idênticas, mas estavam sobrepostas a um feed de vídeo de alta definição, que capturava imagens ao vivo do ambiente que cercava meu drone, visto da câmera estereoscópica montada no interior do verdadeiro drone Interceptor que eu estava pilotando naquele momento. Com a porta da minha estação de controle de drone fechada, a ilusão de estar dentro de um cockpit de verdade era quase total. Eu podia até mesmo ver as pontas em forma de garras de suas armas solares se projetando da nave na minha frente.

Uma fração de segundo mais tarde, minha visão do céu foi preenchida com outra coisa familiar: um enxame de caças Glaive disparando em todas as direções, incluindo a minha. Graças ao empurrão de Lex, o meu drone Interceptor foi o primeiro a ser lançado. O que significava que agora eu também era o único alvo aéreo para o inimigo.

Quando me inclinei para executar ação evasiva, obtive meu primeiro vislumbre da paisagem abaixo. As casas da fazenda, celeiros e silos – tudo estava em chamas. Incluindo o próprio solo, que já havia sido queimado por disparo de laser vindo do alto.

Segundo meu display ocular, havia exatamente cem caças Glaive atacando a base.

E desta vez é pra valer, Zack. Se não os detiver, você morre.

Eu tinha de fazer alguns ajustes na configuração do meu

controle, mas isso levou só alguns segundos, porque a interface me era muito familiar. Depois respirei fundo e observei o campo de batalha. Bem abaixo de mim, outros drones Interceptores estavam começando a disparar dos topos abertos das fileiras de túnel de lançamento disfarçadas ao longo da borda norte da fazenda, todos os quais estavam agora em chamas. Centenas de DHITABs e diversos mechas Sentinelas começavam a sair dos bunkers escondidos debaixo dos celeiros em chamas e prédios comerciais próximos.

Meu display ocular confirmou que o Sentinela solitário correndo à frente, liderando o ataque, estava sendo operado por Lex – seu indicativo de chamada e posto estavam sobrepostos sobre seu mecha no meu display. Fiquei vendo enquanto ela lançava seu Sentinela num salto poderoso enquanto descarregava ambos os seus canhões de pulso em uma fileira de caças Glaive que se aproximava pelo alto, queimando o chão em cada um dos lados de seu drone com fogo de laser.

Dei a volta com meu Interceptor e observei o céu diretamente acima da base. A maioria dos caças Glaive parecia estar concentrando seus ataques à entrada – aquelas duas grandes portas blindadas encaixadas na terra já estavam começando a emitir uma luz vermelha e dobrar sob a intensa barragem de raios laser e bombas de plasma. Assim que eles conseguissem passar por aquelas portas, invadiriam a base e fariam chover fogo derretido em tudo, matando a mim, a Lex, e a todos dentro do Palácio de Cristal.

Mas eu não me sentia inseguro nem com medo. Estive me preparando para aquele momento durante toda minha vida – desde a primeira vez que peguei um controle de videogame.

Eu sabia o que tinha que fazer.

Puxei o manche de voo para trás e disparei o acelerador, lançando meu drone para cima da massa de caças Glaive aglomerados no céu bem à frente dele. Meu display ocular realçou a nave mais próxima da minha posição, e eu mirei nela, me demorando no alvo apenas o suficiente para compensar pela velocidade e distância de apertar o gatilho, então disparei uma rajada constante das minhas armas solares, marcando dois tiros diretos. O primeiro derrubou os escudos do caça Glaive, e o segundo o destruiu numa bola de fogo brilhante um milissegundo depois.

Sem saber, eu havia acabado de cometer a primeira baixa inimiga da batalha, e da guerra.

Mas depois disso as coisas começaram a ir ladeira abaixo.

A Batalha do Palácio de Cristal, como ela veio a ser conhecida, foi meu primeiro gostinho de combate real de vida ou morte. Muito embora eu não estivesse fisicamente dentro do meu Interceptor, meu corpo estava apenas a umas centenas de metros de distância, em algum lugar no fundo da base subterrânea que eu lutava para proteger. Se os aliens conseguissem romper nossas defesas de superfície e entrar, eu seria morto, junto com Lex, o almirante e todos os outros.

Eu não ia deixar isso acontecer.

Também não ia ficar esperando até RedJive ter seu drone lançado e depois prosseguir para roubar toda a glória.

Pigarreei.

– CAT? – perguntei. – Você está aí?

Eu esperava ouvir a voz feminina sintetizada padrão responder, mas para minha surpresa o sistema também havia importado meu perfil de som personalizado de *Armada*, então o que ouvi foi a conhecida voz de *O voo do navegador*.

– Obedecendo! – disse meu CAT, usando sua versão digitalizada da voz falsa de computador de Paul Reubens. – Em que posso ajudá-lo, tenente Lightman?

– Ligar piloto automático – ordenei, pressionando a tela do meu display tático. Arrastei o dedo por ela, indicando uma trajetória em forma de S passando pela concentração mais alta de caças inimigos.

– Leve-me bem para o meio da confusão. Você voa; eu atiro.

– Obedecendo!

Agora que estava numa batalha de verdade, meu perfil de som

de *O voo do navegador* parecia inadequado e me distraía, então coloquei de volta a voz feminina padrão, que – fato curioso – havia sido gravado pela atriz Candice Bergen. A Chaos Terrain não havia poupado despesas.

Com o piloto automático ligado, alterei as configurações do meu controle para que o manche de voo e o acelerador agora funcionassem como dois controles de disparo multieixo para a torre de laser omnidirecional do Interceptor. Quando fiz isso, o sistema de alvo tridimensional da torre foi ativado, realçando as naves inimigas ao meu redor numa espiral cada vez mais ampla de chaves de alvo vermelho sobrepostas.

– Oi, peixes – sussurrei, recitando um encantamento antigo. – Bem-vindos ao meu barril.

O CAT pilotou meu Interceptor ao longo do arco em forma de saca-rolhas que eu havia traçado, mergulhando diretamente no meio caótico de inimigos. Um redemoinho de alvos realçados apareceu em sobreposição no display ocular. Aumentei o volume da minha música ainda mais, mirei num dos líderes e abri fogo.

Para minha surpresa, consegui abater sete naves inimigas em rápida sucessão, com rajadas precisas e constantes de minha torre laser, antes que qualquer um deles sequer tivesse tempo de efetuar uma ação invasiva. Depois, as outras naves no meu display ocular saíram de suas formações e se dispersaram em todas as direções, o tempo todo disparando em mim – ou onde quer que meu Interceptor tivesse estado um milissegundo antes. Assim como eu tinha planejado, quando o Interceptor passou diretamente pelo centro da manopla simétrica do inimigo, suas naves foram apanhadas em seu próprio fogo cruzado por dois ou três gloriosos segundos, o que resultou na destruição de pelo menos uma dezena de seus caças. Então, como se controlados por uma mente-colmeia, todos cessaram o fogo simultaneamente, permitindo que meu drone escapasse pelo outro lado.

Eu tinha executado essa manobra centenas de vezes em lutas simuladas do *Armada* e, se tivesse o timing certinho, funcionava que era uma beleza, pois as naves inimigas reagiam do mesmo jeito todas as vezes – do jeito que inimigos de videogame costumam fazer.

Mas por que a mesma tática funcionaria agora, no mundo real? Se aqueles eram drones de ataque alienígena verdadeiros, sob o controle de seres sencientes vivendo nos oceanos subterrâneos de Europa, a meio bilhão de quilômetros de distância, por que eles voariam e lutariam exatamente como seus correspondentes no videogame?

Como a Chaos Terrain teria sido capaz de simular as manobras e

táticas do inimigo com tamanho nível de precisão? Isso não deveria ser possível, a menos que os drones europeus estivessem sendo controlados por uma espécie de inteligência artificial ou uma espécie de mente-colmeia interligada, em vez de serem pilotados por seres sencientes individuais.

Meu Interceptor levou um disparo de raspão nos escudos e uma sirene de alarme soou, atraindo toda minha atenção de volta ao combate. O sistema de feedback tático da minha cadeira vibrou para simular o impacto da rajada de plasma inimiga contra meus escudos, e observei a barra indicadora de energia cair pela metade. Realcei outro curso no meu display tático e apertei o ícone OBEDECER.

– Afirmativo – disse o CAT calmamente quando o computador nos puxou para uma subida íngreme. No meu display ocular, vi uma longa cadeia de caças Glaive inimigos convergindo no meu encalço e subindo num arco para me seguir.

Minha torre laser já havia drenado a maioria das reservas do meu núcleo de energia, então voltei às minhas armas solares, girei minha retícula de alvo para o líder, mirando com cuidado. Fechei um dos olhos, prendi a respiração e depois disparei. E disparei mais uma vez. BUM! CABUM! BUM! Três outros Glaive explodiram com um brilho incandescente à minha frente, um depois do outro, assim como fizeram no videogame incontáveis vezes – acompanhei todas elas da segurança do meu quarto suburbano, e ouvi as palavras de um jovem Luke Skywalker ecoarem em minha cabeça: *Vai ser como o Desfiladeiro do Mendigo lá em casa.*

Derrubei mais um Glaive, e depois mais outro. Eu sabia de tudo. Tudo a respeito de como esses caças Glaive se moviam e atacavam era familiar – de certas maneiras, até mesmo previsível.

E eu ainda achava que era fácil demais. Como muitos vilões alienígenas ficcionais, os caças Sobrukai que enfrentei em *Armada* sempre sofriam de Síndrome de Stormtrooper. Não conseguiam mirar de jeito nenhum, e eram fáceis demais de matar. Mas aqueles haviam sido aliens ficcionais em um videogame. Estas eram naves extraterrestres verdadeiras numa batalha da vida real. Então por que as mesmas táticas ainda funcionavam?

Murmurei a letra da canção do Queen que tocava no meu fone enquanto destruí um Glaive atrás do outro no céu. *And another one gone, another one gone, another one bites the dust.*

Derrubei mais três Glaive com uma saraivada de raios de plasma, levando minha soma de mortes para dezessete. De acordo com o timer da missão no meu display ocular, meu Interceptor só tinha estado no celular por 73 segundos.

Então, justo quando estava começando a me sentir invencível,

minha nave foi atingida por uma série de disparos diretos por trás e meus escudos falharam completamente. Indicadores de aviso começaram a piscar no meu display ocular quando CAT colocou meu Interceptor num movimento evasivo de rolagem e mergulhamos sobre a base.

O terreno abaixo já estava atulhado com os restos queimados de centenas de DHITABs derrubados. Mirei em um que estava sem pernas e decapitado, mas que ainda se debatia e disparava cegamente suas armas. Então seu criador finalmente ativou a sequência de autodestruição do drone, e a detonação fez com que um dos prédios em chamas quase desabasse.

Uma série rápida de gritos devastadores, cada qual acompanhado pelo que parecia um breve trovão, explodiu nos alto-falantes que percorriam paredes, piso e teto da minha estação de controle de drones. Era um som que eu conhecia bem de tanto jogar *Armada* – canhões terra-ar sendo disparados. Durante as missões co-op on-line do game, aprendi a reagir a esse som checando fogo amigo, pois os jogadores relegados a operar armas de superfície durante as batalhas eram normalmente aqueles com a pior mira.

Inclinei minha nave para estibordo e observei todo o chão abaixo, rastreando o som até sua fonte. Diversas trincheiras longas e ocultas haviam se aberto no terreno que cercava a fazenda por todos os lados. Cada uma delas estava coberta por dezenas de canhões de plasma antiaéreos e torres de laser terra-ar. Cada uma delas já estava se movendo e disparando em seu próprio padrão único, e percebi que essas armas deviam estar agora sob o controle de outros recrutas da Aliança de Defesa da Terra como eu, que também estavam lutando por suas vidas de uma estação de controle de drones escurecida em algum lugar subterrâneo.

Reorientei meu display tático para uma vista bidimensional, e isso me fez lembrar no mesmo instante do clássico jogo de fliperama *Missile Command*. Esquadrões de caças Glaive estavam atacando repetidamente as portas blindadas embutidas na superfície, mergulhando nessa direção em grupos fechados de quatro e cinco, fazendo chover bombas de plasma enquanto se aproximavam – ao mesmo tempo que tentavam fugir do constante dilúvio de fogo que vinha das armas de superfície da base, com pouco sucesso.

O número de naves inimigas já estava começando a diminuir, e elas estavam caindo sob mais fogo a cada segundo, à medida que um fluxo intermitente de drones Interceptores de reserva continuava a emergir dos túneis de lançamento do silo de grãos e se juntar ao combate.

As reservas de infantaria estavam começando a chegar. Novos

DHITABs e Sentinelas estavam saindo de seus bunkers subterrâneos num fluxo constante, disparando suas armas nos invasores à medida que avançavam.

Meus escudos estavam voltando, então desativei o piloto automático e enfiei o nariz do meu Interceptor num mergulho em espiral, tentando atingir outro esquadrão de caças Glaive enquanto eles caíam num arco para baixo a fim de bombardear as portas já incandescentes que começavam a dobrar na sua maciça estrutura de terra, criando falhas ao longo de suas margens que aumentavam a cada segundo. Dali a pouco elas ficariam grandes o bastante para um caça entrar – isso era tudo de que eles precisariam.

Ajustei o ângulo de aproximação da minha nave e cheguei por cima dos caças Glaive, girando minha retícula de mira sobre suas silhuetas no meu display ocular. Apertei o botão do meu seletor de armas e armei meu módulo de mísseis Macross do meu Interceptor. Mas justo quando estava prestes a dispará-lo, meus alvos pararam de disparar e aceleraram seu mergulho.

Por uma fração de segundo eu estava certo de que todos os cinco iam bater em uma das portas em uma espécie de missão kamikaze. Mas então percebi que eles não iam bater nas portas. Estavam mirando em um ponto a dezenas de metros de distância, perto do centro da fazenda – próximo de um aglomerado dos nossos drones de infantaria restantes, que já estavam se dispersando para sair do caminho deles.

Mas o esquadrão deslizou para frear bruscamente logo antes do impacto, então pairou a poucos metros acima do chão. No espaço de alguns segundos, os cinco caças Glaive se viraram e circularam numa formação de estrelas, de forma que as pontas de suas asas quase se tocaram, se juntando numa cadeia cíclica. Então as suas pontas curvas parecidas com lâminas começaram a se travar e fundir umas com as outras, rapidamente se combinando e depois se configurando para formar um único robô humanoide gigante, mais ou menos do tamanho de um dos nossos próprios Sentinelas – como um Basilisco improvisado.

O Golem gigantesco de ferro-velho começou a pular pela solitária estrada pavimentada que levava até a isolada fachada de casa de fazenda, puxando a fileira de postes de luz adjacentes a ela até as linhas de energia estourarem no seu peito como se ele fosse Godzilla. Faíscas elétricas explodiram brevemente em seu torso, mas isso não atrasou seu progresso. Ele continuou seguindo, à medida que outros Glaive começaram a se combinar e pousar atrás dele.

Foi aí que parei de me sentir animado, e comecei a ter medo – fiquei aterrorizado, na verdade. Nenhuma das naves Sobrukai jamais havia se comportado dessa forma em *Armada* ou *Terra Firma*.

Isso era algo novo. Esquadrões próximos de DHITABs e Sentinelas já estavam convergindo sobre a ameaça, lutando para atacar esse novo inimigo no seu meio.

– Você só pode estar de brincadeira comigo! – ouvi uma voz feminina gritar por cima da transmissão de comlink aberta. Era Lex.
– Desde quando essas coisas aprendem a se transformar em Voltron?

Ela disse mais uma coisa depois, mas sua voz foi afogada pelo rugido tipo motosserra das armas Gauss de seu Sentinela quando descarregou um par delas naquela coisa.

Ouvir a voz de Lex pareceu lembrar todos os outros operadores de drones que *eles* também tinham acesso a um comlink, pois o canal público foi subitamente inundado de vozes sobrepostas. Diversas delas eram de tropas na terra gritando para mais suporte aéreo, à medida que aquela coisa gigante de cinco Glaive começava a avançar no meio de suas fileiras comparativamente liliputianas, arrastando-os com rajadas de plasma dos canhões fotônicos que despontavam em cada um dos seus membros blindados. Uma chama azul explodia dos propulsores aos seus pés quando ela flexionava os joelhos e saltava para diante, impulsionando-os cem metros adiante por sobre a paisagem em chamas, na direção das portas blindadas maciças da base, que tinham dobrado e se soltado de suas molduras, criando imensas fendas ao longo de suas bordas – várias das quais pareciam largas bastante para permitir que o gigantesco mecha alienígena passasse espremido e entrasse.

Vasculhei a onda de DHITABs e Sentinelas que percorriam a paisagem abaixo de mim. O sinal de chamada aparecia sobreposto aos respectivos drones no meu display ocular, mas ainda levei vários segundos para localizar Lex. Ela estava dando grandes saltos na direção dos mechas Glaive recém-montados, mas seu drone e aqueles ao seu redor estavam lutando através de uma saraivada de fogo de plasma vinda do alto enquanto os esquadrões Glaive remanescentes avançavam para depositar fogo de cobertura para seus parceiros na superfície.

Virei minha nave para baixo e para esquerda, juntando-me a uma fileira de Interceptores que iniciavam uma corrida de ataque sobre a massa remanescente de Glaive. Nós nos lançamos direto no meio, descarregando tudo que tínhamos em cima deles. Peguei pelo menos dois caças inimigos sozinhos e vi no mínimo mais uma dezena ser atingida em cheio por outros no mesmo espaço de tempo, mas perdemos vários de nossos Interceptores durante o ataque.

Lá embaixo na superfície, eu vi o Sentinela de Lex derrubar o principal mecha Glaive. Os dois imensos oponentes começaram a

lutar um contra o outro na margem da maior brecha das portas blindadas. O Sentinela executou um movimento impressionante, girando no sentido anti-horário e fazendo com um de seus braços imensos uma manobra que separou a perna do mecha inimigo completamente do seu torso improvisado. Lex deu um longo salto com seu Sentinela para longe dela justamente logo antes de dois outros Sentinelas descarregarem na fera de metal imobilizada. Essa barragem foi formada por centenas de DHITABs reunidos, que começaram a disparar nela também. Em poucos segundos o mecha de cinco Glaive se explodiu, fazendo chover restos e destroços sobre as portas fumegantes, produzindo sons metálicos agudos ao passo que cada peça chocava-se nelas.

Girei meu Interceptor para cima e ao redor novamente, com a intenção de fazer outra passagem sobre os Glaive remanescentes. Mas aí vasculhei meu display ocular e vi que só restavam quinze desses caças Glaive, um pequeno aglomerado de triângulos verdes no meu display tático organizando-se em uma espécie de formação de ataque bem acima de mim.

Girei minha nave no ângulo da direção do esquadrão remanescente, bem a tempo de vê-los se virarem simultaneamente em um mergulho íngreme, disparando reto para a base, como se quisessem fazer um último mergulho kamikaze. Mas me parecia que o ângulo deles estava errado – eles não estavam mergulhando na direção da brecha nas portas. Em vez disso estavam descendo na direção da longa fileira de túneis de lançamento de Interceptores próxima, aquelas que estavam disfarçadas de silos de grãos até poucos minutos atrás. Agora a maior parte daquele disfarce estava queimada e detonada, restando nada mais que uma blindagem marcada por baixo.

A linha de mergulho de caças Glaive começou a se espalhar, cada um se alinhando com uma torre de lançamento diferente. E cada um desses túneis – que, como de repente percebi, estavam todos bem abertos nos seus topos – levava diretamente para o hangar de reserva de drones abaixo. Segundo o diagrama no meu display, esse hangar estava bem no interior da base, não muito distante de onde eu estava.

A intenção deles era fazer uma corrida kamikaze final para dentro da base, através das bocas abertas daquele túnel de lançamento de drones. Os invasores alienígenas do game *Armada* nunca haviam tentado esse movimento. Como os cientistas que haviam projetado essa base não tinham visto esse grande furo em suas defesas?

Por sorte eu estava ali para salvar o dia.

Empurrei meu acelerador para a frente e me movi para girar

acima deles, disparando as armas antes mesmo de estar sequer dentro do alcance. Num golpe de sorte consegui abater dois. Depois alguns dos outros Interceptores que estavam ali por perto finalmente começaram a disparar sobre eles também, abatendo mais duas naves inimigas logo antes de elas alcançarem as bocas dos túneis de lançamento.

Mas o último caça Glaive remanescente conseguiu passar, e eu continuei a persegui-lo enquanto ele se lançava para baixo, fechando na fileira de silos de lançamento que se projetava da terra esturricada, como uma fileira de dedos esqueléticos.

– Atenção, todos os pilotos de Interceptores, comando do Palácio falando – a voz familiar do almirante Vance gritou pelo comlink. – Recuar e cessar fogo! Não tentem perseguir aquela nave dentro dos túneis de lançamento! Repito: recuar e cessar fogo! Temos dispositivos automáticos contra falhas de segurança habilitados que...

Desliguei a voz do almirante no meu comlink.

No meu visor tático, vi a asa de Interceptores me arrastando para me fazerem parar e recuar, assim como Vance havia orientado, e por um breve segundo quase fiz isso também – os anos que passei jogando *Armada* me condicionaram a seguir ordens, e especialmente as de Vance, porque o jogo compensava a habilidade de obedecer aos oficiais.

Mas aquilo havia sido o videogame; isto era vida real, e aquela ordem de última hora do almirante, dizendo para eu interromper minha perseguição, parecia suicídio certo. Se eu não destruísse aquele último caça Glaive antes que ele alcançasse a outra extremidade do túnel de lançamento, nada o impediria de sobrecarregar seu núcleo de energia dentro do hangar de drones. A detonação poderia fazer com que toda a base subterrânea desabasse sobre si mesma, matando a mim, a Lex e a todos ali dentro antes que qualquer um de nós tivesse a grande chance de salvar o mundo. Eu não estava disposto a correr esse risco – nem a confiar minha vida ao mesmo “mecanismo de segurança automático” idiotamente projetado que havia acabado de permitir essa grande brecha inimiga em nossas defesas.

Então tomei a decisão apressada de desobedecer uma ordem direta e continuei a perseguir os Glaive kamikazes enquanto embicavam pela boca do silo, para dentro do túnel de lançamento, ignorando a voz insistente do Mestre Yoda que repassava em *loop* na minha mente: *Falar eu falei. Lamentar isto você irá.*

Nós dois passamos velozmente pelo túnel estreito, como uma bala perseguindo a outra pelo cano de uma arma, ambas tomando a direção errada. Bem quando eu iria abrir fogo contra a nave inimiga

outra vez, ela começou a rolar e raspar a ponta laminada de sua asa direita contra a parede do túnel, lançando uma chuva de fagulhas em seu rastro, e eu rodei na direção horária para me desviar dela. Assim que me recompus, consegui avistar o Glaive novamente por um momento, e disparei uma pequena rajada nele com minhas armas solares. No entanto, ela ricocheteou nos escudos do caça e ele continuou em frente. Então, por eu ter disparado minhas armas além da conta, meu drone começou a desacelerar aumentando a distância em relação ao Glaive, o que tornou ainda mais difícil acertá-lo. Isso me lembrou *Space Invaders* – o último alien vivo é sempre o filho da puta do bando e o mais duro de matar, porque era o mais rápido de todos. Era só impressão minha ou esse Glaive subitamente parecia bem mais duro de matar que todos os seus irmãos bucha de canhão?

Tive que parar de disparar por um segundo para me concentrar em evitar que meu Interceptor batesse nas paredes do túnel enquanto eu voltava a acelerar lentamente, tentando colocar o inimigo de volta na mira. Seu casco metálico reluzia adiante enquanto as luzes de colisão pulsantes embutidas nas paredes de concreto do túnel traçavam um borrão de néon passando por mim.

A energia do meu Interceptor estava quase no fim. Em breve eu teria de escolher entre disparar e manter a velocidade do drone. Eu só tinha energia suficiente para mais dois disparos de arma solar.

Enquanto nossas naves continuavam a disparar para baixo numa perseguição em mergulho, vi o túnel começar a se abrir levemente, então disparei outra rajada de minhas armas solares. Mas elas não atingiram nada, e minha arrogância agora se transformava em pânico, pois o Glaive havia acabado de deixar o túnel pela outra extremidade, se aproximando do hangar cavernoso de drones.

Eu o acompanhei até lá dentro, então pressionei meus freios de inércia, pois parecia que agora tinha meu inimigo cercado. Continuei disparando rajadas de plasma no Glaive, e fazer isso de um ponto fixo melhorou minha mira drasticamente. Acertei dois tiros diretos em seus escudos em rápida sequência, fazendo com que eles vacilassem e depois falhassem.

No segundo em que isso aconteceu, o caça Glaive mergulhou diretamente ao centro cavernoso do hangar. Eu já tinha visto caças Glaive e Interceptores executarem essa manobra incontáveis vezes em *Armada*. Eu mesmo já a havia executado muitas vezes – o drone tinha acabado de iniciar o procedimento de autodestruição. O núcleo reator sobrecarregaria em aproximadamente sete segundos.

Disparei outra rajada de plasma na nave inimiga desprotegida, que já estava vibrando pela acumulação de energia no núcleo reator, e prendi a respiração enquanto o plasma seguia na direção

dele, rezando silenciosamente a Crom para que as rajadas alcançassem o Glaive e o destruíssem antes de ele se transformar em uma arma de destruição em massa.

O tempo pareceu parar. Quando captei o vislumbre de um segundo de duração do hangar ao redor de nós, reparei que estava meio cheio. Milhares de Interceptores novinhos em folha estavam aninhados nas plataformas de lançamento alimentadas por esteiras que se alinhavam às paredes curvas de concreto reforçado.

Eu observei em câmera lenta enquanto as balas que eu havia disparado se aproximavam do casco metálico trêmulo do Glaive. Pareceram finalmente chegar ao seu marco, e vi um clarão branco cegante contra as telas do meu cockpit.

Então tudo escureceu e toda a estação de compilador do meu drone se desligou, mergulhando aquele pequeno recinto no breu. Acima de mim, ouvi a explosão atômica abafada de uma estrutura detonando, acompanhada por um rugido horrível que poderia ser os vários andares da base desabando um em cima do outro.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentado na escuridão total ouvindo a conclusão do meu erro. Mas em algum momento a porta da minha estação de controle se abriu, e uma terrível inundação de luz se assomou, me cegando por um momento. Enquanto minha visão voltava gradualmente ao normal, vi uma silhueta feminina se formar na porta. Lex estava parada ali com uma das mãos nos quadris.

– Você viu o que aconteceu? – perguntou, meneando a cabeça negativamente. – Algum piloto de Interceptor idiota perseguiu aquele último caça Glaive para dentro de um túnel de lançamento logo antes de todo o hangar ir pelos ares.

Assenti e me levantei sem firmeza. Então saí do meu módulo de controle, quase me sentindo como se tivesse saído de um verdadeiro Interceptor – e de uma batalha de verdade. O que realmente havia acontecido.

– Eu nem sei muito bem o que aconteceu aqui – menti.

– Nós já vencemos – disse ela. – Tínhamos acabado de destruir todos, menos um dos drones deles; mas aí de alguma forma o último caça Glaive que sobrou entrou no hangar de drones antes de se autodestruir. Alguém fez besteira.

Como eu não disse nada, ela observou meu rosto por um momento.

– Foi você, não foi? – indagou ela. – Não ouviu o almirante Vance gritando no comlink para você parar? Tenho certeza de que todo mundo ouviu.

Ela contraiu os lábios e virou os polegares para cima, me dando dois joelhos.

Antes que eu pudesse começar a formular minha defesa, meu ComQ emitiu um *bip* e vibrou em meu antebraço. Então a tela, agora vermelha, começou a piscar para chamar minha atenção. Uma mensagem de texto apareceu, ordenando que eu me apresentasse ao almirante Vance no centro de comando. Surgiu um mapa interativo da base abaixo, e um caminho verde se iluminou mostrando o trajeto do meu local atual no centro de controle de drone até o corredor do lado de fora, depois descendo até outro hall de elevadores.

Assim que terminei de ler a mensagem, aquela voz feminina sintetizada soou pelo sistema de som da base:

– Tenente Zack Lightman. Você tem ordem de se apresentar ao almirante Vance no centro de comando no terceiro andar imediatamente.

Quando Lex deu um passo para o lado abrindo caminho para mim, sussurrou:

– Você está ferrado.

O mapa tridimensional do meu ComQ me guiou numa tortuosa rota multinível pela base. Parecia estar me fazendo desviar das seções mais detonadas pela explosão do hangar, mas ainda assim eu podia ver vestígios por toda parte do que havia acontecido.

Enquanto eu descia por corredores parcialmente destruídos, repletos de fumaça e faíscas elétricas, diversas equipes de resposta de emergência de DHITABs passaram por mim, chegando de outra direção. Também me deparei com alguns dos meus colegas operadores de drones, muitos deles cobertos de pó e cinzas. Uns arrastavam os pés feito zumbis, enquanto outros corriam histéricos. A cada esquina, eu esperava ver um cadáver – alguém que havia morrido por minha causa.

A euforia onírica que eu senti durante minha chegada aqui acabou completamente, substituída por um coquetel de confusão, incerteza e acima de tudo desgraça.

Quando passei pela porta de segurança que dava para o centro de comando do Palácio de Cristal, os dois guardas na entrada pareciam saber quem eu era e o que estava fazendo ali. Na verdade, parecia que todo mundo que me via fixava em mim um olhar fulminante. Mas eu cravei os olhos em cada um deles de modo desafiador.

Quando finalmente cheguei ao escritório do almirante Vance, parei fora do corredor e pratiquei prestar continência algumas vezes, imitando a maneira como eu tinha visto soldados fazerem no cinema. Então respirei fundo e pressionei com mão a placa de escâner na parede. Após um som as portas se abriram deslizando.

Com algum esforço, entrei, e as portas se fecharam atrás de mim sibilando.

O almirante Vance estava sentado à sua mesa, mas se levantou quando entrei. Parei logo perto da entrada e prestei a continência amadora que havia acabado de ensaiar.

Ele me surpreendeu empertigando-se e retribuindo a continência, erguendo a mão direita rígida até a testa num borrão e depois a deixando cair como a lâmina de uma guilhotina meio segundo depois. Foi aí que reparei na arma no quadril direito dele. Uma velha Beretta 9mm. Eu tinha certeza de que ele não a estava usando mais cedo no auditório.

Abaixei minha mão, mas tomei cuidado para continuar em posição de sentido, enquanto dava o melhor de mim para evitar olhar nos olhos do almirante – coisa surpreendentemente difícil, considerando que ele só tinha um olho. O almirante manteve o silêncio e percebi que ele estava esperando que eu falasse primeiro.

– Tenente Zack Lightman – falei, com um pigarro. – Apresentando-se como ordenado... senhor.

– Descansar, tenente – respondeu o almirante, soando surpreendentemente calmo. – Sente-se.

Ele indicou uma cadeira metálica ao lado de sua mesa. Quando se sentou, estendeu a mão para desligar um dos monitores de computador dispostos ao redor da mesa em semicírculo, mas logo antes que a tela escurecesse, captei um vislumbre do que estava exibido nela – a mesma foto do meu crachá de segurança estava claramente visível no alto, junto com minha foto do anuário da escola e parágrafos e mais parágrafos de texto – todas as minhas informações privadas, incluindo meus registros da escola. Antes que eu entrasse no escritório, o almirante estava estudando toda a história da minha vida – e não fez esforço para esconder isso de mim.

– Você teve um primeiro dia e tanto, Sr. Lightman – começou a falar. – Você vai ser o primeiro recruta na história da Aliança a sofrer corte marcial menos de uma hora depois de alistado. – Ele sorriu. – Pode até entrar para *O livro dos recordes*, se ele ainda existir amanhã.

– Almirante, senhor, eu ainda não tenho certeza do que foi que fiz de errado – eu disse, e isso era em grande parte verdade. – Estava tentando impedir aquela nave de entrar na base antes de se autodestruir! O que o senhor esperava eu que fizesse?

– Cumprir ordens, tenente – respondeu o almirante, e acho que finalmente detectei um vestígio de raiva em sua voz. Ele apertou uma tecla em seu computador, sua tela se acendeu. Clicou o mouse algumas vezes e meu Interceptor apareceu no monitor, descendo

num grande mergulho íngreme para perseguir o último caça Glaive remanescente descendo pela boca do túnel de lançamento de drones enquanto o almirante gritava pelo comlink: *“Recuar e cessar fogo! Não tentem perseguir aquela nave até os túneis de lançamento! Repito, recuar e cessar fogo!”*

– Ei, o senhor pulou a parte em que eu aparecia destroçando todo mundo – protestei. – Não podemos ver um pouco, o senhor sabe, para fins de contexto?

O almirante me ignorou. O clipe cortou para outra câmera, que mostrou o último caça Glaive quando ele emergiu do lado oposto do túnel de lançamento de drones e entrou no hangar, com minha nave em seu encalço, ainda disparando nele. O almirante voltou a fazer uma pausa no filme.

– Eu dei aquela ordem por um bom motivo, tenente – disse eu com calma. – Se você não a perseguisse, um bloqueio de segurança blindado teria aparecido naquele túnel de lançamento em ambas as extremidades, impedindo que a nave inimiga voasse para dentro dele. Assim, está vendo?

Em outro monitor, o almirante apontou para um gráfico em wireframe animado que mostrava um caça Glaive se aproximando da boca aberta do túnel de lançamento. Mas antes de chegar lá, um disco circular espesso apareceu, cobrindo a entrada do túnel. Um segundo mais tarde, a nave inimiga bateu nele e explodiu em uma bola de fogo simulada.

– Mas não foi isso o que aconteceu, foi? – perguntou o almirante. – Porque você ignorou minha ordem e continuou a perseguir a nave inimiga de perto. O transponder dentro de seu Interceptor desabilitou os bloqueios de segurança do túnel para permitir passagem segura para ele. Infelizmente isso também permitiu que o caça Glaive que você estava perseguindo fizesse a mesma coisa. Graças a você, ele foi capaz de romper as defesas e entrar no nosso hangar de drones, onde rapidamente detonou seu núcleo reator.

Ele voltou a rodar o filme, e eu fiquei observando em silêncio enquanto o caça Glaive completava seu procedimento de autodestruição e detonava.

– Bravo, BeagleDeAço – disse o almirante me aplaudindo, irônico. – Por algum milagre ninguém foi morto na explosão. Mas nós perdemos mais de quinhentos novos Interceptores ADI-88.

Fiz uma careta. Era muita coisa.

– Eu derrubei mais caças inimigos do que qualquer um dos outros pilotos – falei.

– É verdade – retrucou ele. – Mas seu pequeno erro causou muito mais danos a esta base do que o ataque sorrateiro do inimigo.

– Franzü a testa para mim. – De que lado você está?

Eu não tinha resposta para aquilo. A decepção controlada em sua voz de algum modo era pior do que os gritos ao estilo de *Nascido para matar* que eu esperava.

– Aqueles drones levaram anos para ser construídos, e custaram milhões – ele disse. – Mas é só dinheiro. Para a humanidade eles não tinham preço, já que estamos sem tempo para construir mais.

– Mas, senhor, como eu poderia saber daqueles bloqueios de segurança automáticos? – argumentei. – Isso nunca fez parte do jogo. Em *Armada*, os Sobrukai nunca tentaram voar com um de seus caças para uma base da Aliança por seus túneis de lançamento de drones.

– Isso era porque não achávamos que houvesse nenhuma maneira de os caças inimigos passarem pelos bloqueios de segurança do túnel de lançamento. – Ele suspirou. – Aparentemente, ninguém acreditava que um de nossos próprios pilotos seria burro o bastante para caçar uma nave inimiga que ia fazer uma corrida suicida para dentro do nosso hangar de drones.

– Não é justo me acusar disso – retruquei. – Eu nunca estive em combate antes; nunca quis estar! Você me trouxe aqui e me disse que estávamos sendo invadidos por aliens cerca de dez minutos antes que eles atacassem esta porra deste lugar! Eu ainda estou na escola! Devia estar na aula agora!

O almirante assentiu, levantando as mãos num gesto apaziguador.

– Você tem razão – concordou ele. – Peço desculpas. Não é sua culpa. – Ele deu um sorriso debochado. – Não totalmente.

Sua resposta me desconcertou. Não reagi.

– A Aliança sempre soube os riscos de usar uma simulação de videogame como único método de treinamento de recrutas civis – explicou ele. – Mas naquelas circunstâncias não havia outra opção. Era a única maneira de localizar e treinar milhares de pessoas comuns para operar drones de combate em um curto período de tempo sem que ninguém soubesse. Seu ato de insubordinação hoje, e a consequência desastrosa dele, é o resultado inevitável de colocar um civil instável e indisciplinado como você na linha de frente. Mas você é um de nossos pilotos mais habilidosos, então, em seu caso, disseram que os benefícios seriam maiores que os riscos. – Ele soltou um suspiro cansado. – Obviamente não foi o caso.

Ele parou, me dando outra chance de falar em minha própria defesa. Não a aproveitei.

– Se você agir sem pensar numa luta de naves de *Armada*, não há consequências reais – continuou. – Você cai algumas posições no ranking e o game lhe dá uma palestra em cutscene que você

rapidamente ignora. – Ele se inclinou para a frente. – Mas as coisas mudaram. Este não é mais um game. Não podemos cometer mais erros como o que você acabou de cometer. Entendido?

– Então isso quer dizer que o senhor não vai me colocar em corte marcial?

– É claro que não – disse Vance. – Precisamos de você, tenente. Assim que a armada europeia começar a chegar, vamos precisar de cada humano capacitado na Terra para pegar em armas e nos ajudar a combatê-los. Mesmo isso pode não ser o bastante.

Ele olhou para o relógio da contagem regressiva na parede acima de sua mesa, e os meus olhos o seguiram: 7 horas, 2 minutos e 11 segundos. Olhei de relance para meu ComQ e vi a mesma contagem regressiva na tela. Era difícil de acreditar que o ataque e a batalha subsequente tivessem todos ocorrido em menos de uma hora. Vi os segundos passarem.

– Mas este foi seu primeiro e único aviso – disse o almirante. – Se me ferrar de novo assim... “vai pilotar um avião de carga cheio de banana podre para Hong Kong”.

Olhei para ele surpreso. Ele olhou de volta para mim por vários segundos, e depois me deu um sorriso quase perceptível. Subitamente percebi com quem estava falando – o almirante Vance também era Viper, o piloto de *Armada* atualmente em quarto lugar, logo acima de Rostam. Viper também era o nome de um personagem em *Top Gun*, o filme que ele tinha acabado de citar.

Até agora, eu não sabia que Viper e o almirante Vance eram o mesmo cara. Esse pequeno detalhe ainda ia ser revelado na história de *Armada* – que agora aparentemente havia se infiltrado para dentro da realidade.

O almirante ainda olhava para mim, esperando uma resposta. Seu sorriso havia desaparecido.

– Nós estamos nos entendendo aqui, filho?

Fiz uma careta ao ouvir aquelas palavras que o almirante decidiu usar.

– Sim, senhor – respondi entredentes. – Mas não sou seu filho.

Ele me encarou por um momento, depois sorriu e assentiu.

– Eu sei. Você é filho de Xavier Lightman.

Nós nos encaramos.

– Você é igualzinho a ele – disse o almirante como se fosse uma coisa normal. – E também voa igual a ele.

O escritório parecia estar girando agora, tudo pelo meu redor parecia rodopiar cada vez mais rápido.

– O senhor conheceu meu pai? – finalmente consegui perguntar.

– Eu conheço ele – continuou, apontando para o meu ComQ. – Acabei de falar com o general Lightman antes de você chegar ao

escritório. Falamos de você, é claro.

As palavras desabaram em mim como uma avalanche.

Desde garoto, eu havia imaginado incontáveis cenários absurdos no qual meu pai havia de algum modo forjado a própria morte, perdido a memória ou sido sequestrado pela CIA e sofrido lavagem cerebral para se tornar um assassino como Jason Bourne. Mas as fantasias tinham sido só isso – fantasias. Nunca duvidei que ele estivesse morto. Não até aquele momento.

– Meu pai está morto – falei, sem emoção. – Ele não viveu para ver meu primeiro aniversário.

– Seu pai está vivo – disse o almirante. Ele estendeu a mão para tocar a cicatriz rasgada na sua bochecha direita. – E eu lhe devo minha vida. Todos nós devemos.

Minha mente continuava rejeitando o fato de que aquilo fosse possível. Que tudo isso estivesse realmente acontecendo. Meu pai não estava só vivo, mas também era general da Aliança de Defesa da Terra? Um herói de guerra, com a tarefa de salvar o mundo?

Abri a boca, mas Vance pareceu antecipar minha próxima pergunta antes que a fizesse.

– A Aliança forjou a morte de seu pai quando ele foi recrutado. Todos os nossos primeiros recrutas foram forçados a cortar os contatos com suas antigas vidas. Em troca a Aliança prometeu tomar medidas para ajudar suas famílias financeiramente enquanto eles estavam fora salvando o mundo.

Então meu pai havia consciente e espontaneamente nos enganado e abandonado? Como ele pôde fazer...

O almirante Vance interrompeu meus pensamentos de novo.

– Tente não ficar zangado com seu pai. Ele fez isso para proteger *você*. Para proteger o *mundo*. E também não fique lamentando muito sua situação. Sua família não foi a única que teve de fazer sacrifícios. – Ele olhou para o anel de casamento na sua mão esquerda. – Confie em mim, Zack. Seu pai nunca esqueceu você. Na verdade, ele era meio tipo bebê chorão quando falava da saudade que sentia, para ser sincero. – Ele me observou. – E muito embora você não estivesse consciente disso, na verdade ele voltou a entrar na sua vida há vários anos, embora de forma muito limitada.

“O general Lightman esteve supervisionando seu treinamento desde que a simulação de *Armada* entrou on-line. Ele participou de quase todas as suas missões de treinamento. Por acaso ele também é o piloto na mais alta posição do ranking de *Armada*. Sua indicação de chamada...”

– RedJive! – interrompi, completando a frase do almirante. – Meu pai é o RedJive?

O almirante concordou com a cabeça.

– Ele está aqui? – perguntei, olhando para trás, me perguntando se estaria prestes a entrar. – Quando posso vê-lo? – Levantei-me de um salto. – Quero falar com ele agora!

– Calma, tenente. O general não está estacionado aqui no Palácio.

Abriu uma pasta de plástico transparente em cima da mesa e me entregou a única folha de papel que havia ali dentro. Parecia ser uma espécie de memorando de escritório impresso em papel timbrado da Aliança de Defesa da Terra. Meu nome completo, posto e outras estatísticas vitais estavam impressos direitinho no alto, acompanhados de várias linhas de texto que continham muitas abreviações e acrônimos que eu não reconhecia. O nome e a assinatura do almirante estavam no fundo.

– O que é isso? – perguntei, ainda tentando decifrar o texto.

– Suas ordens – falou ele. – Juntamente com sua missão de estação de serviço. Uma cópia digital também foi enviada para o seu ComQ.

Olhei para ele.

– Não vou ficar aqui?

Ele balançou a cabeça, negando.

– A maior parte do pessoal do Palácio de Cristal está sendo realocada para outros pontos avançados enquanto falamos – explicou o almirante. – A localização desta base obviamente não é mais segredo para o inimigo; se é que algum dia foi. Além do mais, como você sabe, quase todos os nossos drones aéreos restantes foram destruídos quando o hangar reserva foi explodido.

Continuei a ler minhas ordens, tentando entender para onde estava sendo enviado – então eu vi, impresso perto do alto. MISSÃO DE ESTACIÓN DE SERVIÇO: BLA – CENTRO LUNAR.

– Não acredito. O senhor está me enviando para a Base Lunar Alfa?

Ele assentiu.

– Ela está realmente lá em cima? – perguntei. – A Aliança realmente construiu uma base de defesa secreta numa cratera do lado escuro da lua? Igual ao game?

– Sim, Lightman. Igual ao game. Tente se acalmar.

Seu ComQ zumbiu na mesa à sua frente e ele checou a tela. Então ele girou na sua cadeira e começou estudar a meia dúzia de telas dispostas atrás de si.

– Isso é tudo, tenente – disse ele, e apontou para a saída. – Pegue seu uniforme e se apresente ao hangar das naves auxiliares imediatamente.

Continuei encarando ele, sem arredar o pé.

– Não vou a lugar nenhum até o senhor me deixar ver meu pai,

senhor.

– Não sabe ler, tenente? Ele é o seu novo oficial comandante.

Olhei de volta para o papel na minha mão. Lá estava, impresso abaixo do meu posto de comando: COMANDANTE: GENERAL LIGHTMAN, X.

– Dê um abraço no seu velho quando chegar ao lado escuro da lua – disse o almirante Vance, numa voz que subitamente parecia anos-luz de distância. – E diga a ele que estamos quites.

O mapa na tela do meu ComQ me guiou de volta pelas sessões não danificadas da base, descendo até o nível quatro. Quando saí de um dos turbo-elevadores que ainda funcionavam, juntei-me à procissão de recrutas que faziam fila para entrar no Centro de Indução de Novos Recrutas, uma enorme sala captada preenchida por um labirinto de cubículos de escritórios de paredes altas. Aquilo me lembrou dos escritórios da DMV em Portland – embora, graças a Zod, a fila ali parecesse estar andando muito mais rápido. Quando cheguei à frente dela, um técnico uniformizado escaneou minhas retinas outra vez. Então pegou um uniforme de oficial de voo da Aliança novo em folha da longa plataforma atrás dele e o deu para mim, um cabide plástico claro, junto com um par de tênis pretos com solas cinza-escuro, presilhas de velcro e sem logotipo do fabricante. O uniforme de duas peças da Aliança era azul-escuro, e sua jaqueta com zíper tinha listras douradas ao longo dos ombros que desciam pelas mangas. Meu nome e posto estavam costurados no bolso esquerdo da jaqueta, acima da insígnia da Aliança.

Entrei na fila até os vestiários adjacentes, então encontrei um cubículo vazio e tirei a roupa. Depois de enfiar minhas roupas civis na mochila, coloquei meu uniforme. Tudo era do meu tamanho.

Evitei me olhar no espelho até ter terminado, então me virei para encarar meu reflexo. Eu não usava uniforme há muito tempo, e fiquei com medo de que este também não ficasse bom em mim. Mas quando vi meu perfil no espelho, na verdade achei que estava bem bonito, como um jovem e intrépido herói espacial prestes a embarcar em uma aventura épica. Então percebi que essa era mais ou menos a descrição do meu novo emprego.

Encarei meu rosto no espelho, vendo a estranha mistura de medo e expectativa lutando um contra o outro por supremacia.

Então ajeitei meu uniforme uma última vez, apanhei a mochila e saí do vestiário, me sentindo vários centímetros mais alto do que quando havia entrado ali pela primeira vez. O mapa no meu ComQ me guiou de volta pela base, mais uma vez realçando uma rota tortuosa que me desviou das áreas danificadas durante o ataque sorrateiro do inimigo.

Quando cheguei ao hangar das naves auxiliares, fiquei surpreso de ver que, além de alguns destroços e rochas espalhados pela pista, ela parecia ter escapado ao ataque – e à minha cagada monumental – sem danos.

Várias naves auxiliares estavam estacionadas em numerosos pads de pouso ao redor do perímetro da pista em forma oval do hangar, e desci a fila até avistar aquele especificado em minhas ordens. As portas de sua cabine estavam abertas, através delas pude ver que várias pessoas já estavam sentadas a bordo, esperando pela partida.

– Olha só – ouvi uma voz feminina dizer atrás mim. – Um oficial e um cavaleiro.

Virei-me para ver Lex, parada em posição de sentido em seu novo uniforme, que parecia ter sido feito sob medida para realçar seu corpo.

– E aí? – perguntou ela. – O que você acha?

Acho que você pode ser a garota dos meus sonhos e eu provavelmente jamais vou ver você de novo. Era isso que eu estava pensando. Mas não conseguia dizer isso em voz alta, então só dei um passo, endireitei a coluna e prestei uma continência.

– Tenente Zach Lightman, apresentando-se para o serviço, senhora.

– Tenente Alexis Larkin – respondeu ela retribuindo a continência. – Pronta para salvar o mundo.

Deixei a mão cair e dei um passo para trás.

– Você está incrível, tenente.

– Ora, obrigada, tenente – respondeu ela. – Você também não está nada mal. – Ela observou a patente do meu uniforme. – Parece que o almirante decidiu não te colocar em corte marcial?

Balancei a cabeça, negando.

– Ele me deixou livre, com uma advertência.

Ela balançou a cabeça.

– Viu só? Você claramente está recebendo tratamento especial. – Ela me deu um empurrão. – Seu velho é senador, chefe da máfia ou coisa assim?

Eu não sabia bem como responder, então fiquei calado.

– Para onde estão mandando você? – perguntei.

– Estação Safira. Esse é o codinome para outra base localizada nos arredores de Billings, Montana. E você?

Entreguei a ela o impresso das minhas ordens que Vance havia me dado. Quando ela finalmente localizou meu destino, arregalou os olhos e voltou a olhar para mim.

– Base Lunar Alfa? Ela existe mesmo?

– Parece que sim.

Ela me entregou a folha de papel com nojo.

– Mas que palhaçada – protestou ela. – Eu fico estacionada em Montana, e você, porra, vai pra Lua. Isso é injusto mesmo. – Ela me deu outro empurrão de brincadeira. – Talvez eu precise começar a ser insubordinada como você.

Eu sabia que ela estava brincando, então não respondi. Em seguida houve um silêncio constrangedor.

Lex soltou seu ComQ da faixa no seu antebraço.

– Estenda seu braço um segundo.

Eu fiz o que pediu. Ela tocou meu ComQ com o dela, e ambos os dispositivos emitiram um *bip*.

– Agora eu tenho seu número e você tem o meu. Podemos continuar em contato. – Ela apontou para o relógio de contagem regressiva no seu ComQ e sorriu. – Nós provavelmente só conseguiremos ficar em contato por mais 6 horas e 43 minutos, então não é grande coisa.

– Obrigado – falei, olhando para o nome dela no meu próprio display, depois para o timer de contagem regressiva ao seu lado.

– Uau, você é um cara popular – disse Lex olhando para a tela do seu ComQ. Ela batucou na tela algumas vezes, e depois se inclinou para mim novamente, e vi os três nomes na lista de contatos na tela: Arjang Dagh, Alexis Larkin e Ray Habashaw. Então ela tocou o ícone de música e vi que de algum modo ela tinha puxado todas as músicas do meu dispositivo também.

– Ei, como foi que você fez isso? – perguntei, tentando pegar o ComQ dela. Ela o afastou.

– Eu fiquei puta quando hackearam meu telefone velho, então decidi tentar hackear o deles. Foi incrivelmente fácil. – Ela sorriu. – Podem ter usado tecnologia alienígena nessas coisas, mas é evidente que o software instalado para rodar foi criado por humanos, programadores que trabalham demais e ganham pouco, como eu, que fazem todo tipo de atalho. Os protocolos de segurança no sistema de compartilhamento de arquivos são uma piada total. Só levei cinco minutos para quebrar esta coisa.

Ela jogou seu ComQ atrás das costas com uma das mãos, depois o pegou sem esforço com a outra, olhando para mim o tempo todo. Então voltou a erguê-lo na minha frente.

– O acesso à rede de telefones públicos ainda está desabilitado, então não consegui ligar para minha avó – continuou ela. – Mas consegui habilitar privilégios de administrador na rede do ComQ. Agora consigo puxar dados privados armazenados em outro ComQ só ligando para ele ou o tocando com o meu. Contatos, mensagens de texto, e-mails, tudo.

– Mas por que esses recursos seriam sequer incluídos no

software?

– Por que você acha? – perguntou ela. – Para que o Grande Irmão possa continuar espionando cada um de nós, até o final. – Ela agarrou meu telefone. – Aqui, vou quebrar o seu também.

Fiquei olhando enquanto seus polegares dançavam pelo teclado na tela do meu ComQ por um momento.

– Você é meio que incrível – soltei, porque era isso que eu estava pensando, e recentemente me disseram que o mundo estava para acabar. – Sabia disso?

Ela corou, mas não desviou o olhar da tela do meu ComQ.

– Bom – disse ela, revirando os olhos de brincadeira. – Isso é só sua, tipo assim, sua *opinião*, cara.

Eu ri e me aproximei dela um passo. Ela não se moveu.

– Escute – falei. Sei que acabamos de nos conhecer, mas eu queria que você soubesse que gostaria que tivéssemos nos conhecido muito tempo atrás, numa situação diferente...

Ela sorriu.

– Não vá ficar todo emotivo pra cima de mim agora, princesa – interrompeu, recuando. –Tchau.

Ela se virou como se fosse se afastar, então do nada se virou, rodando nos calcanhares, me agarrou pelas lapelas e depois me deu um beijo – bem nos lábios, com língua e tudo. Quando finalmente voltamos a respirar, Lex me abraçou apertado. Então recuou e apontou um polegar por sobre o ombro, na direção da nave auxiliar solitária do outro lado da baía.

– A minha nave é aquela – comentei. – Acho que deve estar esperando por mim.

– A gente devia ir.

– É, a gente devia.

Nenhum de nós deu um passo.

– Boa sorte, Lex – falei finalmente.

– Acaba com eles, Zack – respondeu ela sorrindo. – Me liga do lado escuro da lua. Me avisa se avistar algum Decepticon ou alguma base nazista secreta escondida lá em cima.

– Pode deixar.

Voltamos a prestar continência um para o outro; então ela pegou sua nova mochila da Aliança e correu para sua nave. Fique olhando até Lex entrar nela e as portas se fecharem. Alguns segundos depois a nave auxiliar seguiu e subiu pela fenda estreita entre as portas blindadas lá no alto, que estavam detonadas demais para se abrirem completamente.

Então a nave auxiliar de Lex subiu para o céu e disparou sumindo de vista.

Respirei fundo, levantei minha mochila e a joguei no ombro, e

comecei a caminhar na direção da minha própria nave auxiliar, me perguntando quanto tempo ela levaria até a Lua.

Quando me aproximei da nave auxiliar, pude ouvir várias vozes altas se sobrepondo, vindas pela comporta aberta.

– Por que todo mundo sempre supõe automaticamente que RedJive é homem? – perguntou uma mulher, com um sotaque carregado, tipo *Fargo*. – Isso é muito machista, se querem saber minha opinião.

E uma voz feminina mais jovem entrou na conversa.

– Pode ser que “Baronesa Vermelha” seja um apelido mais apropriado, para *ela*.

Parei alguns metros da nave e me agachei, fingindo que estava ajustando as tiras de velcro dos meus novos tênis para poder continuar a ouvir.

– As pessoas supõem que RedJive é um cara por que Red Five era um cara – respondeu uma voz masculina. Ele tinha um sotaque da Costa Leste que soava igualmente carregado para meus ouvidos do noroeste do Pacífico. – Detesto dizer a vocês, mas o Barão Vermelho também era um cara, assim como Maverick, Goose, Iceman e todos os outros pilotos de caça ases da história.

– Você está sabendo que todos esses personagens são fictício, certo? – perguntou a mais nova, sua voz sobrepondo os risinhos do homem. – Para sua informação, já existiam mulheres pilotos de caça há mais de cem anos. Eu escrevi um trabalho para a escola a respeito. Uma mulher chamada Marie Marvingt sobrevoou a França em missões de combate na Primeira Guerra Mundial, e os russos usaram mulheres pilotos de caça na Segunda Guerra Mundial. E os

militares americanos têm usado mulheres pilotos de caça desde os anos 1970.

Depois de uma pausa em que todos ficaram sem saber o que dizer, a voz masculina respondeu irritada:

– Tá, pode ser.

Isso foi acompanhado por outra rodada de risinhos agudos e alguns poucos aplausos. Tomei isso como uma deixa e me levantei, depois subi a pequena escada retrátil da nave auxiliar.

Os risos morreram assim que os quatro ocupantes da cabine me viram aparecer na comporta aberta e se viraram para me encarar. Fiquei ali por um segundo bizarro, deixando que me avaliassem, enquanto eu fazia o mesmo com eles.

Estavam todos vestidos com os novos uniformes de voo da Aliança, assim como eu. Bem à minha esquerda estava sentada uma linda mulher de meia-idade com pele bronzada e cabelo escuro, e o nome TENENTE WINN bordado no uniforme. Havia um assento vazio à sua direita ao passo que na esquerda estava sentado um sujeito corpulento com uma barba espessa que parecia me olhar desconfiado. Em frente a ele estava uma adolescente afro-americana que ainda não devia ter idade para dirigir. Um jovem asiático estava sentado ao lado dela. Devia ter vinte e poucos anos, e havia uma pequena bandeira chinesa sobre o emblema da Aliança em seu uniforme, em vez da pequena versão bordada da Old Glory que adornava os uniformes de todos os outros, e em vez das palavras “Aliança de Defesa da Terra” havia uma série de caracteres em chinês.

Depois de olharmos em silêncio pelo que senti ser um bom período de tempo, enfiei minha mochila no compartimento acima e me sentei no lugar vazio ao lado da mulher mais velha, porque ela era a única que tinha sorrido para mim.

– Oi – falei, estendendo a mão. – Sou Zack Lightman. De Portland, Oregon. – Por mais atordoado que eu estivesse, ainda lembro de dizer que era de Portland em vez de Beaverton, para não parecer um caipira, nem ter de ouvir nenhuma tentativa de piada com o nome da minha cidade natal.

– Bem-vindo a bordo, Zack – respondeu ela, apertando minha mão entre as dela. – Sou Debbie Winn. – Alguma coisa no comportamento dela e no tom de voz me fizeram imaginar que fosse professora.

– Prazer em conhecer você, Debbie.

– Digo o mesmo, apesar dessas circunstâncias assustadoras. – Ela riu e me deu um sorriso de ansiedade. Retribuí com um igual. – Aquele ali é Milo. – Ela o indicou com um gesto, era um homem tipo urso à esquerda dela, que ainda me encarava com franca

hostilidade. O emblema em seu uniforme o identificava como TENENTE DOBSON.

– E aí, Milo? – cumprimentei, estendendo a mão. – Como vai?

Ele só ficou olhando minha mão sem responder, até eu finalmente dar de ombros e baixá-la.

– Ah, ignore; ele é da Filadélfia – disse Debbie, como se isso explicasse seu comportamento rude. Então ela acenou com a cabeça para a jovem do outro lado. – Zack, esta aqui é Lila. Lila, este é o Zack.

– Ninguém me chama assim – interrompeu a garota. – Todo mundo me chama pelo meu apelido, Whoadie. Esse também é meu indicativo de chamada em *Armada*.

Apertamos as mãos, e eu estava prestes a dizer a ela que reconhecia seu indicativo de chamada, mas aí o jovem ao lado dela pigarreou. O nome TENENTE CHÉN estava bordado em seu uniforme.

– Este aqui é Jiang Chén, mais conhecido como CrazyJi – disse Whoadie. – Ele é chinês, e não fala inglês muito bem.

Chén sorriu e apertou minha mão. Ele tinha cabelos vermelhos espetados que fazia sombra na metade direita do seu rosto, mas o visual ficava bom. Chén olhou para baixo, para o ComQ amarrado no seu pulso direito, em cuja tela aparecia uma torrente de caracteres em mandarim. Devia estar traduzindo o que Whoadie havia dito, porque depois que Chén terminou de ler, levantou a cabeça e me deu um sorriso cansado.

– O-lá – disse ele, com um sotaque carregado. – *Plazer conhecer você*.

– É um prazer conhecer você também – respondi devagar. – Conheço bem seu indicativo de chamada, CrazyJi. O seu também, Whoadie. Já fizemos muitas missões juntos. É uma honra finalmente conhecer vocês pessoalmente. – Levantei e estendi a mão. – Eu sou Zack, também conhecido como BeagleDeAço.

Assim que ouviram meu indicativo de chamada, a tensão na pequena cabine se evaporou, e todos os meus novos companheiros relaxaram – especialmente Milo, que chegou a sorrir para mim pela primeira vez desde que eu havia posto os pés a bordo.

– O Beagle! – repetiu Whoadie, sorrindo ao reconhecer meu nome. – Que bom finalmente conhecer você. Caralho, você é uma lenda, cara!

Vi Debbie fazer uma careta quando Whoadie falou a palavra com “C”.

– BeagleDeAço? – repetiu Chén com sobrancelhas erguidas, no que soou como inglês perfeito.

Quando assenti, ele pulou da sua cadeira para apertar minha mão, falando empolgado em chinês. Uma tradução para o inglês

apareceu no meu ComQ – uma corrente atrapalhada de elogios, pelos quais agradei muito. Quando ele finalmente se acalmou e me soltou, voltamos a nos sentar.

– Qual é o seu indicativo de chamada, Debbie? – perguntei, muito embora eu já tivesse um bom palpite, apenas por eliminação.

Ela levou a mão ao peito e abaixou a cabeça.

– AtomicMom ao seu dispor. – Sorriu nervosa. – Você sabe, como “Atomic Bomb”, bomba atômica?

– Moça, a gente entendeu – disse Milo, revirando os olhos injetados.

– Deixe-me adivinhar – falei, apontando o dedo para ele. – Você é Kushmaster5000, certo?

Ele sorriu, parecendo imensamente satisfeito.

– O primeiro e único.

O Kushmaster, também chamado de “KM5K” para seus muitos detratores, era um piloto conhecido por sua incessante (e muitas vezes hilária, mesmo sem querer) fanfarronice e as bobagens que falava nos fóruns de jogadores da Chaos Terrain, onde ele usava uma folha de *canabis* prismática como avatar. Ele também adorava fazer uma voz de comentarista de corridas da batalha sobre o canal de comunicação pública, como Jack Barton transmitindo no seu PX. Eu normalmente tirava o som dele, mas ainda reconhecia seu sotaque da Filadélfia, e a atitude arrogante que parecia vir junto. Não sabia bem se eu gostava dele, mas ele parecia querer isso.

Mas, de uma maneira estranha, saber quais eram os indicadores de chamada deles subitamente me fez sentir como se eu estivesse entre velhos amigos – ou pelo menos aliados conhecidos. AtomicMom, Whoadie, CrazyJi e Kushmaster5000 eram todos nomes com os quais eu convivia diariamente há um ano, pois eram quatro dos indicadores de chamada sempre relacionados dentre os dez primeiros lugares do ranking do *Armada* – abaixo do meu próprio nome. Da última vez que chequei os rankings, na noite anterior, o indicativo de chamada de Whoadie havia sido listado logo depois do meu em sétimo lugar, seguido por CrazyJi em oitavo, AtomicMom em nono e Kushmaster5000 em décimo.

– Desculpe se fui um babaca antes – disse Milo, solenemente me oferecendo seu punho para um soquinho em cumprimento, o que eu fiz. – Pensei que você pudesse ser RedJive, ou um dos outros babacas elitistas do top 5.

Chén leu a tradução, depois sussurrou uma resposta em chinês no seu ComQ. O dispositivo instantaneamente traduziu suas palavras e as repetiu em inglês.

– Eu estava pensando a mesma coisa – disse o computador, numa voz masculina sintetizada que soava exatamente como a

utilizada por Stephen Hawking.

Subitamente me peguei pensando se Hawking também havia participado daquele grande encobrimento. E quanto a Neil deGrasse Tyson? Se haviam deixado Carl Sagan saber do segredo, podia ser que outros cientistas famosos também soubessem. Acrescentei isso à lista de perguntas sem resposta rodopiando dentro da minha cabeça, que parecia estar apenas aumentando ao longo daquele dia muito louco.

– Também não estou gostando de RedJive – continuou declarando alto o tradutor de Chén no seu tom monocórdio. – Ele é um babaca total!

Whoadie riu e fez a mímica da voz do tradutor enquanto fazia movimentos robóticos duros com seus braços.

– Sim – entouou ela. – O Barão é muito viado!

Os outros riram, mas eu me mexi desconfortável no meu assento. Felizmente, a sacanagem improvisada com meu pai foi interrompida um segundo mais tarde, quando a porta que dava para o cockpit se abriu e um DHITAB entrou com pés metálicos batendo forte. A cabeça do drone se abriu ao meio e estendeu um pequeno monitor de telepresença em tela plana que exibiu uma imagem ao vivo do operador do drone, um oficial de meia-idade da cadeia com um impressionante bigode do tamanho do de Sam Elliott.

– Bem-vindos a bordo – disse ele. – Serei seu piloto hoje. Capitão Meadows.

No segundo em que ele terminou de se apresentar, foi bombardeado com perguntas de todos os lados, numa variedade de sotaques, e em pelo menos dois idiomas. Eu mesmo queria fazer milhares de perguntas, mas ele já estava levantando uma das mãos de garra de seu drone, pedindo silêncio. Levou um minuto para todos ficarem em silêncio.

– Não estou autorizado a responder suas perguntas. O novo oficial de comando os orientará assim que chegarmos à base lunar. Se tiverem alguma outra pergunta e as respostas não forem secretas, vocês poderão encontrá-las usando o app do Manual de Orientação para Recrutados da Aliança no ComQ de vocês. Entendido?

Todos concordaram com a cabeça e olharam para seus ComQs.

– Maravilha – concluiu o capitão diante da nossa obediência silenciosa. – Partiremos em apenas alguns minutos. Mas antes de sairmos, me disseram que tem alguém que quer se despedir de vocês.

Fez um gesto para a comporta aberta no momento em que um homem ruivo de meia-idade, que não me era estranho, entrou, inclinando-se para dentro da cabine lotada da nave auxiliar. Cumprimentou a todos com um sorriso reluzente muito adequado

para fotos de imprensa.

– Finn Arbogast? – vários de nós perguntaram em uníssono.

– Culpado – respondeu ele, sorrindo ligeiramente sem fôlego. – Corri do Centro de Operações até aqui para não perder a chance de finalmente conhecer todos vocês. – Deu a volta à cabine, dando a cada um de nós um firme aperto de mão. – Vocês cinco têm sido o orgulho e a alegria do projeto da Chaos Terrain há muito tempo. Na verdade, seu talento e sua dedicação nos ajudaram a convencer os chefões de que nossa iniciativa de treinamento civil por simulador podia finalmente funcionar em escala global, então obrigado.

Eu tinha visto muitas fotos e entrevistas de vídeo com o fundador da Chaos Terrain, só que em pessoa ele era mais baixo do que eu esperava. Ele apertou minha mão por último, e quando nos olhamos, ele inclinou a cabeça para mim de lado.

– Você é Zack Lightman, não é? – perguntou, balançando a cabeça enquanto observava meu rosto. – O famoso BeagleDeAço?

Fiz que sim e olhei ao redor para os outros, depois ele me deu um sorriso envergonhado.

– Escute, tenente Lightman. Espero que o almirante Vance não tenha sido muito duro com você mais cedo. Não havia como você ter sabido a respeito das portas do bloqueio de segurança naqueles túneis de lançamento de drones. Nenhuma nave inimiga jamais havia tentado aquela manobra em nenhum de seus ataques contra nossa base lunar, então nunca incluímos essa possibilidade em nenhuma das missões de treinamento de *Armada*. – Ele deu de ombros. – Vivendo e aprendendo, eu acho.

Olhei ao redor da cabine. Todos estavam olhando para mim surpresos.

– Aquele foi você? – perguntou Milo, rindo. – Você é o idiota kamikaze que perseguiu aquele caça Glaive até o hangar antes de explodir?

Fiz que sim.

Todos ficaram me encarando por um segundo constrangedor, então Arbogast bateu palmas.

– Bem, eu sei que vocês estão de partida para a BLA, então não quero atrasá-los. Só queria agradecer a cada um e elogiá-los pela sua bravura...

– Desculpe, senhor – interrompeu Milo no seu sotaque carregado da Filadélfia. – Mas onde é que está RedJive? O senhor sabe, o Barão Vermelho? Ele é o piloto número um de *Armada* no mundo, certo? Então por que não está aqui? O senhor também não vai recrutá-lo?

Arbogast me olhou de relance e depois encarou Milo.

– RedJive foi recrutado décadas atrás – contou ele. – É o nosso

piloto mais condecorado.

Arbogast observou minha reação enquanto os outros trocavam olhares de surpresa.

– Mas quem diabos é ele? – perguntou Milo. – Ou ela? – deu um sorriso conciliador para Debbie e Whoadie.

Arbogast assentiu.

– RedJive é o indicativo de chamada usado pelo general Xavier Lightman.

Um de cada vez, os outros se viraram para o nome bordado no meu uniforme. Então todos ficaram me encarando por alguns segundos. Como eu não consegui dizer nada, Debbie finalmente rompeu o silêncio.

– Algum parentesco, Zack? – perguntou ela baixinho.

Olhei para Arbogast. Ele também parecia interessado em saber como eu ia responder.

– Ele é meu pai – falei –, mas nunca o conheci. Cresci acreditando que ele tinha morrido quando eu ainda era apenas um bebê. Acabei de descobrir que a Aliança forjou sua morte quando o recrutou.

Todos ficaram olhando para mim em silêncio, assimilando a informação – menos Chén, que tinha de ler a tradução do seu ComQ para entender o que eu havia acabado dizer. Quando ergueu o olhar do display, segundos depois, soltou um assovio longo e baixo.

– E agora você está a caminho da Lua para vê-lo pela primeira vez? – indagou Debbie.

Fiz que sim.

– Meu Deus, garoto! – soltou Milo, balançando a cabeça. – E eu achei que *meu* dia estava ficando esquisito.

Virei-me para Arbogast.

– Você o conhece?

– Um pouco. Tive a honra de trabalhar com o general Lightman por um breve período alguns anos atrás. Ele foi um de nossos principais consultores militares do *Armada*. – Analisou meu rosto por um segundo, depois balançou a cabeça. – Você é a cara dele.

Assenti.

– É o que me dizem.

Ouvimos um gemido baixo quando os motores da nave auxiliar foram ligados. Arbogast se endireitou e prestou uma continência desajeitada a todos nós.

– Muito obrigado mais uma vez pelo seu serviço. – Boa sorte lá no alto.

Então saiu da nave antes que qualquer um pudesse sequer retribuir a continência. Depois que ele partiu, o DHITAB que Meadows estava controlando se virou para apertar um grande botão

vermelho na cabine. As portas da nave se fecharam com um sibilar pressurizado, que mal se conseguiu ouvir sobre o rugido crescente dos motores.

– Coloquem o cinto, recrutas – Meadows nos disse pelo seu comunicador. – Estamos prontos para a partida.

Puxei meu arnês de segurança e me atrapalhei com a fivela até finalmente encaixá-la, depois puxei as faixas contra o peito com força. Assim que todos estavam afivelados, o DHITAB de Meadows deu a todos um sinal de ok robótico.

– A jornada até a Base Lunar Alfa deverá levar apenas cerca de quarenta minutos. Assim que sairmos da atmosfera da Terra, vamos viajar extremamente rápido. Se encontrarmos alguma adversidade ao longo do caminho, vocês serão capazes de usar seus ComQs para controlar uma das torres de laser omnidirecionais montadas embaixo do casco. Mas nossos visores estão limpos agora, então a viagem deverá ser tranquila. Relaxem e aproveitem o passeio.

O drone voltou para o cockpit, e o vi se encaixar na estação de carga antes da comporta fechar. Quando olhei ao redor da cabine, vi que meus companheiros estavam de novo me encarando. Debbie e Whoadie desviaram o olhar rapidamente, mas tanto Milo quanto Chén continuaram me encarando, como se um chifre cheio de glitter tivesse brotado da minha testa. Ignorei-os o máximo de tempo que pude, depois girei minha mão como se estivesse rodando uma manivela lentamente para levantar o dedo médio da mão direita. Quando ele ficou totalmente erguido, finalmente pareceu que a ficha tinha caído para os dois, então eles desviaram o olhar.

Saquei meu ComQ e tentei digitar o número do celular da minha mãe no teclado, mas a ligação não completou, e um aviso apareceu numa caixinha pop-up me informando que o acesso ao sistema de telefones dos civis ainda estava restrito.

Dei um suspiro e coloquei o ComQ de volta ao pulso.

Decolamos alguns minutos depois. Assim como antes, o voo permaneceu perfeitamente tranquilo, mesmo enquanto a nave auxiliar subia pela atmosfera e acelerava até a velocidade de escape – e o céu visto de nossas janelas gradualmente passou de um tom de azul-claro até ser tomado por um negror total.

Dessa vez, quando chegamos à fronteira de toda aquela escuridão, a nave auxiliar não deu meia-volta e começou a cair de volta para a Terra. Continuamos seguindo em frente, para o espaço. Assim como na minha primeira viagem de nave auxiliar, a gravidade dentro da cabine nunca oscilou, e quando eu fechava meus olhos, parecia que estávamos imóveis, muito embora

estivéssemos nos movendo tão rápido que em poucos minutos já tínhamos viajado longe o bastante para que eu pudesse ver o planeta inteiro, algo que eu sonhava fazer desde que me entendia por gente.

Fiquei olhando a esfera azul e branca radiante que era o lar de tudo e todos que eu amava e, observando as falhas na camada de nuvens turbilhonante, localizei a linha da Costa Oeste da América do Norte, então a acompanhei até vislumbrar a tão familiar enseada de Portland, que quase não era visível. Foi então que percebi como eu já estava distante de casa. Estava ficando mais longe a cada segundo.

É para isso que estamos lutando, pensei. É isso o que eles vão tentar tirar de nós.

Pressionei o rosto contra a janela ao meu lado, torcendo o pescoço para ver o mais distante possível. E lá estava ela: um bulbo cinza esbranquiçado radiante, brilhando na escuridão bem longe de nós. Passei toda a minha vida acreditando que nenhum ser humano havia posto os pés em sua superfície desde a missão Apollo em 1972. Agora eu mesmo estava indo para lá, a bordo de um veículo espacial que incorporava tecnologia alienígena de engenharia reversa, para encontrar o pai que eu nunca tinha conhecido. Como ele estaria agora? O que diria ao me ver? Como eu reagiria?

Em frente a mim, reparei que Debbie estava de cabeça baixa e as mãos entrelaçadas sobre o colo. Os olhos estavam fechados e ela movia os lábios em silêncio.

– O que você está fazendo? – perguntou Milo, parecendo curioso de verdade.

Debbie sussurrou silenciosamente “*Amém*” para si mesma, depois abriu os olhos e o encarou.

– Obviamente, eu estava tentando rezar, Milo – respondeu ela.

– Você estava *rezando*? – indagou ele, a voz transbordando de sarcasmo. – Para quem?

Debbie olhou para ele sem acreditar.

– Para Jesus, nosso Senhor e Salvador, claro.

– Ah, é claro – disse Milo. – Só uma pergunta, ô da religião: em que parte da Bíblia Jesus nos avisou desta invasão alienígena? – Ele olhou ao redor da cabine como se procurando apoio no resto de nós. – Porque esse versículo eu devo ter pulado!

Debbie o encarou, lívida. Ela abriu a boca, mas a pergunta dele parecia tê-la deixado tão atordoada que ela não sabia como responder.

Mas Whoadie sabia.

– “E o quinto anjo soou a trombeta” – recitou ela, olhando bem nos olhos de Milo – “e eu vi uma estrela cair do céu para a Terra: e

a ele foi dada a chave do poço sem fundo. Ele abriu o poço sem fundo; e surgiu uma fumaça de dentro do poço, como fumaça de uma grande fornalha... E o sol e o ar foram escurecidos pela fumaça do poço.”

– Que poço? – perguntou Milo. Seu sorriso havia sumido do rosto. – Do que você está falando, garota?

Eu havia sido criado para acreditar que não existia diferença de verdade entre religião e mitologia, mas as palavras de Whoadie me assustaram mesmo assim. O versículo que ela citou conjurava uma lembrança vívida do fogo e da fumaça cataclísmicos que saíram das portas do Palácio de Cristal quando elas dobraram sob uma saraivada de raio laser alienígena.

– “E eles veneraram o dragão que deu poder para a besta” – continuou Whoadie –, “e eles veneraram a besta, dizendo, quem se compara à besta? Quem será capaz de fazer guerra com ela?”

Quando ela terminou, todos simplesmente a ficaram encarando por um momento. Então Debbie começou a aplaudir, e Chén e eu também. Whoadie corou e olhou para os pés.

– Meu tio Franklin adora citar a Escritura – explicou ela dando de ombros. – Eu ouço ele recitar o Apocalipse antes mesmo de ter aprendido a andar.

– Bom, eu voto por nada mais de versículos da Bíblia – disse Milo, levantando a mão direita. – Isso me assustou, sério.

– Citar o Apocalipse provavelmente é uma ideia ruim agora – concordou Debbie. – Acho que já estamos todos assustados demais.

Whoadie deu a Milo e Debbie um olhar de decepção antes de responder.

– “Aquele que não tem estômago para essa luta, deixem-no partir” – recitou ela, ainda fuzilando os dois adultos com o olhar. – “Seu passaporte deve ser feito e coroas para o comboio postas em sua bolsa; não queremos morrer na companhia daquele homem, que teme que sua amizade morra conosco.”

Ambos olharam para ela por um longo momento.

– Qual é o seu problema, garota? – perguntou Milo finalmente.

Whoadie tornou a dar de ombros.

– A única coisa que meu tio Franklin adora recitar mais que a Escritura é Shakespeare. – Sorriu para si mesma. – Eu vi todos aqueles filmes do Branagh e do Zeffirelli um zilhão de vezes, então sei cada palavra de cor.

Chén digitou uma coisa no seu tradutor do ComQ, e depois o inclinou na direção dela.

– Você é muito inteligente e tem uma memória fantástica – falou a voz sintética.

Muito embora seu elogio viesse pelo computador, foi o bastante

para fazer com que Whoadie ficasse corada de novo, e respondesse sussurrando:

– Obrigada.

Ela e Chén trocaram outro olhar. Já pareciam interessados um no outro, apesar da barreira do idioma.

– Quantos anos você tem, Whoadie? – perguntou Debbie, obviamente tentando mudar o assunto.

– Acabei de fazer dezesseis anos semana passada. Mas ainda não tenho minha carteira de motorista.

– Parece que você é de Nova Orleans – disse Debbie, dando seu melhor para pronunciar o nome da cidade com o sotaque do local.

Whoadie fez que sim.

– Eu moro no Ninth Ward. Na verdade é de onde meu apelido vem. *Whoadie* é como os locais dizem *wardie*, uma pessoa que vive na mesma zona que você – explicou ela. – Meus pais me chamavam de Whoadie desde que eu era bebê. Eu nem sempre gostava, porque uns garotos da escola gostavam de me chamar de Whoadie the Toadie o tempo todo. Mas aí eu dei umas porradas neles e eles pararam.

Ela disse isso numa vozinha tão doce de menininha que me fez soltar uma gargalhada. Milo também. Mas Debbie pareceu absolutamente horrorizada.

– Lila – disse ela, fazendo careta. – Que linguagem, meu amor! Seus pais deixam você xingar assim na frente deles?

Whoadie cruzou os braços.

– Bom, não, eles não deixavam. Mas morreram num furacão quando eu era pequena, então agora digo a merda que eu quiser.

– Caramba – murmurou Milo baixinho.

– Coitadinha – falou Debbie, parecendo envergonhada. – Desculpe, eu não sabia.

Whoadie assentiu e desviou o olhar, deixando Debbie desconfortável no silêncio que se seguiu. Foi aí que Milo decidiu tentar ajudar a salvar a conversa.

– Ei – disse ele, acenando com a cabeça para mim. – O Zack ali pensou que o pai dele estava morto também, mas não estava. Quem sabe seus pais ainda estejam vivos também?

Whoadie olhou fuzilando para ele, depois balançou a cabeça devagar.

– Eles se afogaram. Eu vi os corpos.

Ela não deu mais detalhes. Milo ficou muito chocado para sequer responder. Whoadie se virou para olhar pela janela, e eu a observei, me lembrando do que o almirante Vance havia me dito sobre não lamentar muito meus próprios problemas.

– E você, Debbie? – perguntei, desesperado para mudar o

assunto. – De onde você vem?

– Duluth, Minnesota – respondeu ela, com um sorriso grato. – Sou bibliotecária numa escola de lá. Também tenho três filhos, todos adolescentes agora. O mais velho tem apenas quinze. – Seu sorriso desvaneceu. – Não consegui nem me despedir de ninguém. Deixaram-me mandar para minha irmã uma mensagem de texto pedindo que os apanhasse, mas obviamente não pude dizer porquê.

– Seu marido não pode tomar conta deles? – perguntou Whoadie.

Debbie deu uma olhada na aliança de casamento na mão esquerda, depois sorriu para a garota.

– Receio que não, querida – respondeu ela, olhando bem nos olhos de Whoadie. – Howard morreu de ataque cardíaco ano passado.

Agora foi a vez de Whoadie ficar envergonhada.

– Desculpe.

– Tudo bem. Meus garotos são durões. Tenho certeza de que vão passar por isso bem. Só espero... – ela perdeu a voz por um momento, mas acabou continuando: – Quando me permitirem ligar para eles mais tarde, espero que compreendam por que eu não poderia ficar com eles durante tudo isso.

– Todos vão compreender – afirmei, com o máximo de segurança que pude. – Seus filhos também são gamers, certo?

Ela assentiu.

– Todos eles jogam *Terra Firma* juntos todas as noites, enquanto a mãe deles está jogando *Armada* – explicou ela. – Todos temos nossos computadores montados um do lado do outro na sala de estar.

– Então os garotos vão ficar lutando do nosso lado – comentei, sorrindo para ela. – Certo?

Debbie assentiu e enxugou os olhos na manga.

Isso mesmo, eu tinha esquecido.

– Porra, do caralho! – gritou Milo. – Vamos ter os garotos da AtomicMom arrasando do nosso lado também? – Ele sorriu para Debbie. – Esses merdinhas alienígenas não vão ter chance.

Para minha surpresa, Debbie voltou a sorrir, e eu me peguei reconsiderando minha primeira impressão de Milo. Sua maneira Rocky Balboa de falar de algum modo fez seu entusiasmo arrogante parecer bacana.

Chén – que só agora havia conseguido acompanhar a conversa usando seu tradutor – assentiu vigorosamente, concordando com Milo, então falou em seu aparelho.

– Eu sei que minha família e meus amigos em casa vão nos ajudar a lutar também – disse o software por ele, finalmente dando

uma tradução coerente. – E isso é muito reconfortante pra mim.

– Obrigada, Chén – disse Debbie. – Você também, Milo. Tem razão, isso é reconfortante. – Ela contorcia as mãos no seu colo. – Mas ainda estou com medo pela minha família, e por todos nós. – Balançou a cabeça. – Nunca acreditei que algo assim pudesse de fato acontecer. É um pesadelo.

– Não sei – disse Milo, se recostando. – Para mim mais parece um sonho que se realiza.

Debbie o encarou.

– Você está maluco? – perguntou. – Como você pode pensar numa coisa dessas?

Milo deu de ombros.

– Ontem eu estava morando num apartamento de merda no subsolo e fazendo um trabalho entediante de cubículo que acabava com minha alma. – Fez um gesto para a vista surreal que tínhamos da janela da nave. – Olhem para mim agora! Sou oficial da Aliança de Defesa da Terra e estou a caminho da Lua para salvar a Terra de uma invasão alienígena! – Ele se virou para Debbie. – Agora, por favor, me explique como este não é o maior dia *de todos*? Tipo assim, na história?

– Porque todos estamos prestes a ser mortos, imbecil! – gritou ela de volta, com o tremor de histeria entrando na sua voz. – Você nem sequer prestou atenção durante a instrução do almirante? Viu o tamanho da armada deles? Nós vamos estar ridiculamente em menor número!

Milo me pareceu verdadeiramente surpreso.

– Posso ter perdido essa parte da instrução – confessou ele. Então, sob o olhar implacável dela, acrescentou: – Eu tenho DDA! Minha mente começa a viajar durante reuniões muito longas! – Pela primeira vez detectei medo genuíno na voz dele. – As chances são realmente tão ruins assim? O almirante nunca falou...

– O quê? – perguntou Debbie, o interrompendo. – Que estamos provavelmente condenados? Por que ele iria dizer isso em voz alta? – Ela se virou para olhar pela janela. – Não precisa. É óbvio. Quer dizer, quão desesperadoras devem ser as chances se *nós* somos a grande esperança da Aliança? Somos um bando de gamers geeks, não soldados.

– Somos, sim! – replicou Milo. – Acabamos de nos alistar, lembra? – Balançou a cabeça para ela. – Qual é, moça, não pode tentar ser um pouco mais otimista? Isso ainda não acabou. Ainda podemos vencer essa coisa!

Debbie o observou por um momento antes de responder.

– Você não entendeu, Milo? Não importa quem ganhe, milhões de pessoas vão morrer quando a luta começar daqui a algumas

horas.

Ele acenou para ela, despreocupado.

– Ah, vê se cresce! Se matar esses aliens merdinhas tiver metade da facilidade que tem no jogo, vamos chutar as bundas europeias deles!

– *Europanas*, Milo – falei. – Não “europeias”.

– Ah, chame do jeito que você quiser, porra. – Ele suspirou. – Você entendeu o que eu disse.

– Detesto dizer isso – disse Whoadie –, mas concordo com Milo. Se a gente dá uma surra neles no jogo, podemos fazer isso na vida real. – Ela olhou para nós três, cheia de esperança. – Afinal, somos os melhores dos melhores, certo?

Antes que seu ComQ terminasse de traduzir para ele, Chén gritou “Isso!” com o punho erguido. Então arreganhou os dentes e gritou algo que soou como “Sheng-lee!”

Seu ComQ repetiu a palavra em inglês sintetizado:

– Vitória!

Whoadie sorriu e ergueu um punho, depois repetiu Chén, gritando quase no mesmo volume:

– Sheng-lee!

– É isso aí! – gritou Milo, fazendo a mão chifrada dos roqueiros.

Debbie olhou para mim, esperando para ver se eu também diria o grito de guerra deles. No íntimo, eu tinha a mesma opinião dela sobre nossas chances. Mas fingir otimismo parecia a melhor coisa para o moral de todos – incluindo o meu.

Então ergui um punho igual aos outros, com o máximo de entusiasmo que eu podia reunir, e repeti o grito de guerra “Sheng-lee!”. Cutuquei Debbie com o cotovelo, e ela suspirou resignada.

– Sheng-lee! – repetiu ela, erguendo o punho meio sem vontade.

Chén abriu um largo sorriso para todos nós, inclinou-se para a frente e estendeu a mão direita com a palma virada para baixo. Whoadie sorriu de volta e colocou a mão dela em cima da dele. Depois Milo, Debbie e cada um de nós fizemos a mesma coisa. Então, em uníssono, todos gritamos “Sheng-lee!” mais uma vez.

Um segundo mais tarde ouvimos a voz do capitão Meadows no intercom novamente, anunciando que estávamos no estágio final de aproximação da Base Lunar Alfa. Parece que isso fez com que ficassemos constrangidos, e todos rapidamente tiramos as mãos.

A nave auxiliar fez uma curva fechada, e a superfície cheia de crateras da Lua subitamente preencheu as janelas de bombordo quando entramos com tudo na órbita. Tive um breve vislumbre da cratera Tycho quando nos aproximamos dela no caminho para o lado escuro, cuja maior parte se encontrava nas sombras. Esse hemisfério da Lua não ficava virado para a Terra, então era a

primeira vez que qualquer um de nós o via com os próprios olhos. A superfície era desnivelada em algumas poucas regiões escurecidas, que pareciam marcas de queimado, mas não havia trechos escuros do tamanho do oceano nem “mares” como aqueles que distinguiam o lado mais conhecido da Lua. A paisagem do lado escuro da Lua tinha uma cor e um aspecto bem mais uniformes, mas isso não o tornava mais convidativo.

Enquanto passávamos pela superfície lunar desolada cheia de crateras, fui acometido por uma breve imagem da Terra depois do conflito que estava por vir. A batalha havia deixado nosso mundo devastado e morto; tão sem vida e cor quanto sua própria Lua. Os oceanos e a atmosfera haviam sido consumidos, suas poderosas cidades substituídas por crateras, e toda a sua superfície, antes bela, encontrava-se esturricada pelo fogo da guerra.

Meneei a cabeça e esfreguei os olhos com as palmas das mãos antes de voltar a olhar a superfície lunar.

O sol estava baixo no céu, o que fazia com que até as mais preeminentes crateras lançassem longas sombras que se estendiam pela superfície marcada como dedos negros retorcidos. Bem mais abaixo, uma enorme cratera em forma de tigela apareceu, e a visão fez calafrios percorrerem por minha espinha. Eu reconheci aquele lugar. Eu estava olhando para o complexo de crateras Daedalus, o local secreto da Base Lunar Alfa. Eu sabia que este era nosso destino, mas ainda não havia sido capaz de me convencer de que aquilo realmente existia até aquele momento, quando vi com meus próprios olhos.

A cratera grande, Daedalus, tinha uma cratera muito menor e mais íngreme chamada de Daedalus B imediatamente adjacente, e uma terceira ainda menor contígua a esta, conhecida como Daedalus C. As bordas de todas estas crateras se tocavam, e quando vistas de cima seus contornos lembravam de algum modo a forma de um relógio de bolso, com Daedalus B no lugar do pequeno botão no topo, e Daedalus C fazendo as vezes da roda dentada ainda menor ligada a ela. Essas três crateras se destacavam logo à primeira vista das outras milhares na superfície lunar, porque, mesmo a esta distância, todas apresentavam óbvias evidências de intervenção humana.

As paredes da grande cratera haviam sido polidas e curvadas em uma perfeita forma de tigela para criar uma antena parabólica para um enorme rádio telescópio. Seu design era semelhante àquele do Radiotelescópio de Arecibo nas montanhas de Porto Rico, mas centenas de vezes maior. As duas crateras menores tinham cada qual uma esfera blindada aninhada em seu interior, como uma bola de golfe colocada em cima de um copo de vidro. Eram feitas de

placas de metal blindados que haviam sido pintadas de cinza para se igualar à superfície lunar.

– Base Lunar Alfa – gritou Chén quando também a avistou. Então começou a falar em chinês com animação quando apontou as coisas à superfície. Os outros giraram o pescoço para ver pela janela mais próxima, e cada um deles perdeu o fôlego ao ter o primeiro vislumbre de nosso destino.

– Lá está – disse Whoadie, pulando no assento. – Está mesmo lá! É mesmo de verdade!

A Base Lunar Alfa era uma visão familiar a todos nós, porque já havíamos voado com nossos Interceptores dentro e fora de uma versão simulada dela centenas de vezes enquanto jogamos *Armada*. Nossa nave auxiliar estava até mesmo se aproximando ao longo da mesma trajetória, me dando uma estranha sensação de *déjà vu*.

Ao fazermos nossa aproximação final, a cúpula no alto da esfera menor se dividiu em segmentos iguais, como uma laranja, e ficou longe o bastante para permitir a entrada de nossa nave. Assim que descemos dentro da cúpula, seus segmentos blindados voltaram a se fechar acima de nós, tornando a encerrar o hangar, que basicamente funcionava como uma comporta gigante. Seu design sempre havia me lembrado do cais de atracação da ficcional Base Clavius apresentada em *2001: Uma odisseia no espaço* – agora eu me pegava perguntando se eles haviam copiado elementos do projeto de Stanley Kubrick. Afinal, obviamente coisas mais estranhas já haviam me conhecido – e ainda estavam acontecendo.

Nossa nave tocou o piso do hangar um momento depois, quando os motores foram desligados. A cabine foi tomada por um silêncio súbito. Os outros ficaram todos colados nas janelas, mas eu não consegui olhar. Fiquei simplesmente ali congelado no assento, paralisado por ondas oscilantes de expectativa e pavor.

O DHITAB de Meadows emergiu do cockpit e usou uma de suas mãos em garra para apertar um grande botão verde na cabine. As barras de segurança ao redor de nossos assentos se recolheram para o teto enquanto as portas se abriram com um sibilar.

– Deixem seu equipamento e me sigam – falou Meadows sobre o microfone falante de comunicação do drone. Então o DHITAB se virou e saiu da nave auxiliar, fazendo um gesto para que nós o seguíssemos.

Whoadie imediatamente se desvencilhou de seu arnês e ficou de pé. Ela começou a correr em seguida.

– Não posso acreditar que estamos na Lua! – disse ela com um deslumbre infantil, abrindo bem os braços enquanto saltava pela porta aberta da nave. Eu a vi disparar e reparei que ela não quicava enquanto corria, da maneira que os astronautas da Apollo sempre

faziam na filmagem do pouso na Lua, o que significava que a gravidade ali estava sendo de algum modo alterada para se igualar com a da Terra.

Chén fez um enorme esforço para se livrar de seu próprio arnês, depois saiu correndo atrás de Whoadie. Milo levou um pouco mais de tempo para se desvencilhar, mas depois também saiu da nave, sorrindo feito um garotinho na manhã de Natal, deixando Debbie e eu sozinhos na cabine dos passageiros. Ela soltou o arnês de segurança e se virou para me encarar.

– Está pronto para ir lá fora?

Comecei a fazer que sim mas acabei balançando a cabeça em negativa.

– Passei a vida inteira sonhando com esse momento – disse a ela. – E agora acho que estou apavorado demais até para ir lá fora.

– Vai ficar tudo bem – comentou ela. – Ele deve estar tão nervoso quanto você com esse encontro. Talvez até mais.

O DHITAB de Meadows enfiou a cabeça de volta na cabine, com seu monitor de telepresença agora exibido. Sorriu para Debbie pela tela, depois girou a cabeça do seu drone para falar comigo.

– O general está bem ali fora no hangar, esperando você, tenente. – Ele se virou para Debbie. – Ele pediu que a escoltasse e aos outros recém-chegados até as Operações, para que ele e o tenente possam ter alguns minutos sozinhos. Daqui a pouco eles se encontrarão com vocês.

– É claro – disse Debbie, se levantando. Ela tirou uma mecha de cabelo da minha testa e depois apertou meu ombro e me deu outro sorriso. – Te vejo em alguns minutos, ok?

Assenti.

– Obrigado, Debbie.

Ela me deu outro sorriso antes de partir com o DHITAB de Meadows. Fiquei sentado sozinho dentro da cabine por mais alguns segundos, reunindo minha coragem. Então apertei a trava de segurança do meu arnês, me liberei dele e lentamente me levantei. Quando finalmente saí, ele estava bem ali esperando por mim.

1 A palavra inglesa *toadie* é usada como gíria para “puxa-saco”.

Ele estava a apenas alguns metros de mim, parado em posição de sentido, com um uniforme igual ao que eu estava usando. Meu pai, Xavier Ulysses Lightman. Vivendo e respirando.

E sorrindo.

Ele estava sorrindo para mim – com meu próprio sorriso, numa versão mais velha do meu rosto. O homem à minha frente poderia se passar por meu eu futuro viajante do tempo, que voltou para me avisar de nosso destino comum.

Pelo canto do olho, vi o DHITAB de Meadows escotar Debbie por um par de portas blindadas no outro lado do hangar. Chén, Milo e Whoadie estavam esperando por eles logo dentro do túnel do outro lado, junto com um oficial que não reconheci e que tinha uma bandeira japonesa no uniforme. Todo o grupo ficou olhando para nós pelas portas abertas da comporta até que elas se fecharam um segundo depois com um estrondo seco que ecoou pelo vasto hangar.

Eu estava apenas vagamente consciente da partida deles, ou do novo lugar onde me encontrava, pois todos os meus sentidos estavam agora agudamente concentrados em meu pai. O fantasma paterno cuja ausência havia assombrado toda a minha adolescência agora estava diante de mim, milagrosamente ressuscitado. Quando dei por mim estava olhando para uma gota de suor que havia se formado na testa dele, depois fiquei vendo enquanto ela rolava pela lateral do seu rosto, como se esse detalhe fosse prova do que estava acontecendo. Isso me fez pensar em uma cena de *O vingador do*

futuro original – outro filme que eu sabia de cor porque ele tinha gravado em VHS.

Dei uma longa olhada nele, enquanto ele fazia o mesmo comigo. Enquanto eu absorvia os detalhes do rosto do meu pai há muito tempo perdido, minha similaridade com seus traços tornou fácil para mim detectar o medo que ele estava tentando esconder.

Ele parecia mais velho do que eu esperava – talvez porque ele nunca havia passado de 19 anos em todas as fotos que eu tinha visto dele. Acho que também parte de mim estava subconscientemente esperando que, quando eu o visse, ele não tivesse envelhecido em nada, pois teria sido congelado em carbonita ou submetido à dilatação de tempo na velocidade da luz para ficar jovem para a guerra contra os alienígenas. Não tive essa sorte. Ele teria 37 anos agora, a mesma idade de minha mãe – mas, ao contrário dela, ele parecia uma década mais velho, em vez de uma década mais jovem. Ele ainda parecia estar em excelente condição física, mas seu cabelo outrora escuro estava agora grisalho, e havia pés de galinha bem marcados ao redor dos olhos, que tinham exatamente o mesmo tom de azul dos meus. Um cansaço endurecido parecia permear seus traços, e me perguntei se estava olhando para como seria meu rosto se de algum modo eu chegasse a alcançar aquela idade.

Ainda estava imaginando isso quando percebi que ele já estava vindo na minha direção, reduzindo a curta distância entre nós. De repente ele estava me abraçando.

Uma represa se rompeu em algum lugar do meu peito, e uma torrente de sentimentos veio para mim de uma vez só. Isso disparou uma memória sensorial há muito adormecida: a sensação de meu pai me abraçando exatamente assim quando eu ainda era bebê. Pode ter sido minha memória da última vez que ele me havia me abraçado antes de desaparecer de minha vida para sempre.

Não, não para sempre, eu disse a mim mesmo. Mas até aquele momento.

– Estou tão feliz em ver você, Zack – sussurrou ele com um leve tremor na voz. – E me desculpe, me desculpe mesmo por ter deixado você e sua mãe. Nunca imaginei que ficaria longe por tanto tempo.

Cada palavra que ele dizia preenchia meu coração, até eu sentir que ele poderia explodir. Num só fôlego meu pai tinha acabado de falar todas as coisas que sempre sonhei em ouvi-lo dizer, quando eu ainda me permitia fantasiar sobre ele estar vivo. Eu estava muito emocionado para responder. Parte de mim ainda tinha certeza de que tudo isso era alguma espécie de sono precário, e que se eu dissesse ou fizesse a coisa errada acordaria agora, no pior momento

possível.

Tentei falar novamente, dizer a ele que sonhava com esse momento a minha vida toda. Mas não consegui falar. Meu pai parecia encarar esse silêncio contínuo como um sinal negativo. Ele me soltou e recuou, então começou a estudar meu rosto, tentando decifrar minha expressão confusa.

– Esperei dezoito anos para te dizer tudo isso, Zack – falou ele baixinho. – Ensaiei isso na minha cabeça um milhão de vezes. Espero ter dito certo. Espero não ter estragado tudo.

Absurdamente, me peguei desejando que minha mãe estivesse ali, para que ela pudesse me apresentar aquele completo estranho que estava usando o meu rosto.

– Você não estragou tudo – consegui dizer finalmente, num tom quase inaudível. Então pigarreei e tentei novamente, com cuidado. – Você não estragou tudo. Estou feliz em ver você também.

Meu pai soltou o ar.

– Fico aliviado em saber disso. Não tinha certeza se você ficaria feliz. – Ele sorriu nervoso. – Você tem todo o direito de ficar zangado, e eu sei que você é temperamental, então...

Ele parou de falar quando viu meu sorriso desaparecer. Então fez uma careta e contorceu as sobrancelhas – da mesma maneira que eu sempre fazia quando dizia algo e no mesmo instante me arrependia.

– Como é que você pode saber se eu sou “temperamental”? – perguntei, a raiva subindo na minha voz como mercúrio. Meu pai não conteve uma risada diante da ironia da minha resposta, mas eu não havia visto graça naquilo, e sua reação só me fez sentir ainda mais magoado e puto. De algum modo, toda a empolgação e euforia que senti ao encontrá-lo havia se dissipado no espaço de alguns segundos. – O que faz você achar que me conhece?

– Desculpe, Zack, mas sou seu novo oficial comandante. Li o seu perfil de recruta da Aliança, e ele contém todo seu registro civil da escola e da polícia.

– Todos os resultados da minha avaliação psiquiátrica particular também, apostou.

Ele fez que sim.

– A Aliança descobre tudo que puder a respeito de seus recrutas em potencial.

Assenti.

– Meu “perfil de recruta” menciona que minhas questões de gerenciamento da raiva poderiam estar ligadas à morte trágica do meu pai numa explosão numa fábrica de merda quando eu tinha dez meses de idade?

A pergunta claramente o magoou, mas não pude evitar e

cutuquei um pouco mais aquela ferida.

– Como acha que foi para mim crescer acreditando que é assim que meu pai morreu? – perguntei. – E ter de fazer todo mundo na cidade inteira acreditar nisso também? Você estava tentando arruinar minha vida? Não podia ter fingido morrer na porra de um acidente de carro ou coisa assim?

Ele abriu a boca e a fechou algumas vezes antes de conseguir formar qualquer palavra.

– Eu não tive escolha, filho. Tinha de ser uma explosão, para que o corpo não pudesse ser identificado. Eles enterraram um qualquer no meu lugar. – Ele me olhou bem nos olhos. – Lamento. Eu mesmo era um garoto na época. Não compreendia de verdade o que estava concordando em fazer... e em deixar para trás.

Ficamos ali olhando um para o outro em silêncio por um momento; então o ComQ do meu pai emitiu um *bip*. Ele olhou para a tela, franzindo a testa, e depois para mim.

– Precisamos ir até as Operações e instruir você e os outros recém-chegados – disse ele. – Mas vamos ter uma chance de ficarmos sozinhos para falar sobre isso depois, ok?

Assenti calado. Eu havia esperado até agora – e, sério, que escolha eu tinha?

Meu pai tirou um pequeno objeto prateado do bolso.

– Aqui. – Ele me entregou o objeto, apertando-o na palma da minha mão. – Isto é pra você.

Eu o virei. Era um pen drive USB com o emblema da Aliança estampado.

– O que tem aqui dentro?

– Cartas, na maior parte – respondeu. – Escrevi para você e sua mãe todos os dias em que estive aqui. – Reparei que ele estava revezando o peso de um pé para o outro enquanto falava: outro dos meus próprios tiques nervosos. – Eu espero que eles ajudem a explicar porque tomei a decisão que tomei, e como foi difícil para mim conviver com essa escolha desde então. – Deu de ombros, ainda evitando meu olhar. – Desculpe, são tantas... você provavelmente não terá tempo de ler todas elas.

Sua voz hesitou e ele se virou para esconder o rosto. Olhei para o pen drive e depois fechei na minha mão protegendo-o, nervoso que um objeto tão pequeno pudesse conter um conteúdo tão inestimável.

Meu pai tocou uma série de ícones na tela do seu ComQ. Houve um clangor metálico quando uma fileira de portas de compartimentos de armazenamento embutidos na parte de baixo da fuselagem da nave deslizou e abriu, revelando contêineres de embarcação em forma de cubo. Meu pai sussurrou uma série de

comandos no seu ComQ e em poucos segundos uma equipe de quatro DHITABs se soltou de uma comporta de carga próxima e marchou em fila indiana até a nave. Três dos drones começaram a descarregar, enquanto o quarto entrou na cabine do passageiro para retirar nossas mochilas.

– Pronto, tenente? – perguntou meu pai, acenando com a cabeça para a saída.

– Sim, senhor – respondi, enfiando o pen drive num dos bolsos da camisa do meu uniforme, de modo que ficou descansando sobre meu coração. Então, juntos, continuamos a atravessar o hangar, e finalmente ampliei meu foco o bastante para abranger os detalhes do lugar surreal onde eu estava.

O hangar da Base Lunar Alfa era um lugar estonteante. As paredes curvas da cúpula blindada ao nosso redor estavam repletas de drones e Interceptores reluzentes dispostos na plataforma de lançamento com esteira que os disparariam no espaço como balas de uma arma de gás comprimido de alta velocidade. Esses eram os drones que tínhamos trazido ali para pilotar, percebi. Nós usaríamos essas mesmas naves para lutar contra o inimigo quando ele chegasse, dali a apenas pouco mais de cinco horas e meia.

Naquele momento eu me senti como Luke Skywalker inspecionando um lugar cheio de caças A-, Ye X-Wing logo antes da Batalha de Yavin. Ou o capitão Apolo ao subir no cockpit de sua Viper no convés de voo da *Galactica*. Ender Wiggin chegando na Escola de Batalha. Ou Alex Rogan, segurando com força seu uniforme da Liga Estelar, observando com olhos arregalados um hangar cheio de Gunstars.

Mas aquilo não era fantasia nenhuma. Eu não era Buck Rogers nem Flash Gordon nem Ender Wiggin nem qualquer outro. Aquela era a vida real. Minha vida. Eu, Zachary Ulysses Lightman, um garoto de 18 anos de Beaverton, Oregon, recém-recrutado pela Aliança de Defesa da Terra, e havia acabado de me unir com meu pai desaparecido há muito tempo no lado escuro da Lua – e agora, juntos, estávamos prestes a travar uma batalha desesperada para impedir a destruição da Terra e salvar a raça humana do extermínio total.

Se isso tudo era apenas um sonho, eu não sabia bem se queria que acabasse.

Mas ele *ia* acabar, e logo – porque havia um cronômetro oval preso no meu antebraço contando exatamente quantas horas, quantos minutos e segundos restavam até meu amargo despertar.

Quando meu pai chegou à saída, continuou a caminhar por entre as portas abertas da comporta, alcançando o túnel de acesso em forma de tubo, que – se o design daquele lugar fosse tão

idêntico à sua contraparte virtual em *Armada* quanto parecia – levava para baixo da superfície lunar, para a cratera de Daedalus B adjacente, onde ficava localizado o resto da base.

Mas eu parei logo antes da saída e me virei para dar mais uma olhada nos milhares de Interceptores encrustados na parede da cúpula curva ao meu redor, e nas usinas de montagem de drones automatizadas do outro lado, seus compiladores de matéria e nanorobôs trabalhando naquele instante para construir mais ADI-88 – o que provavelmente nunca teriam tempo de terminar, se o que Vance havia me dito sobre a velocidade dos aliens era verdade. Fiz uma careta ao sentir outra onda de vergonha ao me lembrar da minha cagada colossal no Palácio de Cristal, e do hangar cheio de drones que isso havia nos custado.

Mas então me lembrei de uma das imagens do filme de instruções da Aliança, da armada europeia, um anel maciço e mortal de naves de guerra cercando a lua gelada, tudo indo agora em direção à Terra.

Os drones que foram perdidos no Palácio de Cristal não teriam feito diferença. Nem aqueles drones ali, nem os do arsenal na Terra.

Meu pai me viu parado dentro do hangar e voltou para me buscar.

– O que houve, Zack?

Ri alto com o absurdo da pergunta.

– O que houve? – repeti. – Puxa, deixe-me pensar agora...

– Precisamos ir em frente, tenente. Não temos muito tempo.

Mas não me mexi. Meu pai esperou.

Virei-me para observar o rosto dele, e então fiz a pergunta que precisava fazer:

– Estamos em muita desvantagem numérica? Assim que toda a armada chegar?

– De uma forma que nem vale a pena pensar – respondeu ele imediatamente, sem nem fazer uma pausa para considerar sua resposta. E a falta de preocupação em seu tom de voz me deixou puto de novo.

– Então por que diabos me trouxe até aqui? – perguntei. – Para que pudesse ter um encontro rápido pai e filho antes de nós dois termos uma morte horrível? – Apontei para a nave. – Se estamos condenados, me diga agora. Prefiro voar naquela coisa para casa e morrer com minha mãe. Ela está sozinha agora, entende?

Meu pai fez uma cara como se eu tivesse acabado de enfiar uma faca nele, e senti uma pontada de arrependimento – mas isso estava misturado com uma sensação perversa de satisfação. Eu me sentia bem em ferir seus sentimentos – era uma vingança pela maneira

como as escolhas dele haviam irrevogavelmente me prejudicado.

Meu pai levou um tempo para responder. Quando falou, o tom da sua voz tinha endurecido.

– Eu não “trouxe” você aqui para cima, tenente. Você se alistou voluntariamente como soldado na Aliança de Defesa da Terra. E não vai fugir para casa agora só porque está apavorado. Acredite em mim.

– Não estou apavorado – retruquei, mentindo entredentes.

– Porra, se isso é verdade, você é um idiota – respondeu ele. – Mas sei que não é o caso. – Ele me olhou nos olhos. – Passei metade da minha vida lutando nessa guerra, Zack, e eu estou apavorado. Você não sabe quanto tempo vivi com medo desse dia, e agora ele chegou.

– Você não está fazendo com que me sinta melhor agora – comentei.

– Eu sei disso, tenente. Também sei como nossas chances devem parecer impossíveis, considerando o que disseram a você e às imagens que viu. Mas acredite em mim, filho, tem muita coisa sobre a nossa situação, e sobre o nosso inimigo, que você ainda não sabe.

Olhou para trás na direção de uma grande câmera de segurança montada acima da saída mais próxima, que girava a lente de um lado para outro lentamente. Então se voltou para mim e acho que foi aí que avistei pela primeira vez algo realmente perturbador nos olhos do meu pai. Um vestígio da mesma loucura que sempre temi que poderia ter herdado dele.

– Não podemos falar aqui e agora – sussurrou ele. – Mas as coisas não estão tão terríveis quanto parecem, Zack, eu te prometo. – Ele me deu um sorriso esperançoso. – Por isso estou tão feliz por você estar aqui agora. Vou precisar da sua ajuda.

Apesar do meu lado racional dizer que não, fui em frente e perguntei:

– Com o quê?

– Salvar o mundo, filho. Acha que está pronto para isso?

Endireitei minha postura e pela primeira vez reparei que agora tínhamos a mesma altura.

– Sim, senhor, general – respondi. – Definitivamente.

Não havia como confundir o olhar de orgulho no rosto de meu pai. Era intoxicante.

– Estava esperando que você dissesse isso. – Ele deu palmadinhas nas minhas costas. – Me acompanhe.

Ele se virou e começou a correr de volta pela saída do hangar.

Dei outra olhada furtiva por trás do ombro para as naves de caça reluzentes empilhadas ao meu redor. Então me virei e corri atrás de meu pai – muito embora ainda não tivesse bem certeza de

exatamente para onde ele estava me levando.

Enquanto o general Lightman me levava pelos corredores acarpetados e laminados da Base Lunar Alfa, eu ficava mordendo o interior da minha bochecha a cada minuto, porque, cada vez que sentia dor com uma mordida, tinha a prova de que eu estava acordado, de que tudo aquilo estava de fato acontecendo.

Quando pegamos uma rota tortuosa que descia até o nível de Operações, fiquei maravilhado com a estranha familiaridade do ambiente que me cercava, como a versão simulada da base lunar de *Armada* correspondia perfeitamente à realidade.

Quando comentei com meu pai que parecia que certos elementos do design exterior da base haviam sido “emprestados” da Base Clavius do filme *2001: Uma odisseia no espaço*, ele ficou encantado em confirmar que era verdade.

– A equipe de engenheiros que projetou e construiu este lugar estava com muita pressa, então copiaram muitos projetos existentes – explicou ele, fazendo um gesto para os corredores acarpetados ao nosso redor. – Roubaram um monte de ideias de Syd Mead e Ralph McQuarrie, como todos os outros. Outras pessoas também. – Ele sorriu. – Os corredores de acesso no nível da manutenção parecem ter sido roubados bem do cenário de *Aliens*, juro. Espere só até vê-los.

Quando ele me disse tudo isso, subitamente comecei a ver evidências de plágio para todo lugar que olhava dentro da base. Tudo era dinâmico, econômico e de design vagamente retrofuturista, que muitas vezes parecia valorizar mais a forma que a função.

Também havia muitos cartazes *vintage* de filmes e bandas de rock colados por toda parte, mas eu tinha certeza de que isso havia sido ideia dos atuais donos da base – assim como o grafite vermelho que reproduzia uma piada da primeira versão do jogo *Portal* numa das paredes do corredor: THE CAKE IS A LIE!

Também passamos por um corredor ladeado por dezenas de fotos emolduradas de homens e mulheres vestindo uniformes de oficiais de voo da Aliança com estilos de penteado de no mínimo quatro décadas diferentes. Cada foto era acompanhada de uma pequena placa com o nome do oficial, duas datas indicando seu tempo de serviço e pela frase: “Fez o sacrifício definitivo para proteger a todos nós.”

– Todas essas pessoas serviram aqui? – perguntei a meu pai. Ele assentiu.

– Morreram aqui também – disse ele. – Esses são oficiais que

perderam a vida em combate.

– Mas eram apenas pilotos de drones, certo? – perguntei. – Como eles todos morreram?

– Nos ataques anteriores que o inimigo fez a esta base – explicou ele. Então, antes que eu pudesse pedir que ele desse mais detalhes, falou: – Eu explico quando passar as instruções.

Quando chegamos ao fim desse corredor, meu pai me levou a um elevador turbo que nos levou até o nível de Operações, localizado cerca de dois quilômetros abaixo da superfície lunar, em apenas alguns segundos. Depois me conduziu por uma série de câmaras cavernosas escavadas na pedra lunar, que abrigava os geradores de fusão fria, sistema de suporte de vida, compiladores de matéria e o enorme sistema de distorção da gravidade.

– Não sei como a maior parte dessas coisas funciona – confessou meu pai. – Nem sequer sei como operá-las. Mas nunca precisei, pois todos os sistemas da base são completamente automatizados. E toda a manutenção é feita por drones operados por gente de verdade na Terra.

Quando passamos pelo setor médico com paredes de vidro, vi que ele também estava repleto de drones. O médico da base parecia ser um DHITAB especialmente equipado com um par de mãos humanas articuladas que permitia que um cirurgião na Terra os operasse remotamente.

– Um doutor em Londres usou um desses drones médicos para remover meu apêndice alguns anos atrás – comentou ele. – O procedimento seguiu sem falhas.

O ambiente da tripulação estava no mesmo nível – cinquenta dormitórios modulares, cada qual projetado para dois residentes.

– Como só três dos quartos estão ocupados atualmente, cada um receberá um quarto individual – disse ele. E apontou para uma porta com a placa A7. – Estes são seus aposentos. A porta já foi codificada para seu sistema biométrico, e sua mochila já deve estar ali dentro.

Ergui meu ComQ e chequei o cronômetro de contagem regressiva.

– Por que se preocupar em me dar um quarto? – perguntei. – A vanguarda chega daqui a algumas horas; não é que eu vá tentar tirar um cochilo nesse meio-tempo.

– Não – concordou ele, sorrindo. – Mas você pode querer um pouco de privacidade mais tarde, assim que for capaz de ligar para sua mãe.

Fiquei o encarando até ele olhar nos meus olhos.

– Está planejando ligar para ela?

Ele balançou a cabeça, negando.

– Duvido que isso seja uma boa ideia – desabafou ele. – Por que ela ficaria interessada em falar comigo, assim que descobrir que estou vivo e que eu... abandonei vocês dois?

– É claro que ela vai querer falar com você! Ela não vai caber em si de felicidade quando descobrir que você está vivo. – Então, sem pensar acrescentei: – Assim como eu.

Ele estudou meu rosto.

– Você acha mesmo?

– Eu *sei* – afirmei, embora estivesse tentando me convencer disso tanto quanto ele. – Ela nunca superou sua perda. Ela nunca mais se casou depois de você. Ela me disse isso.

Meu pai subitamente se virou, e ouvi um pequeno ruído escapar dele – como o som de um animal ferido apanhado numa armadilha. Como ele não fez outra tentativa de responder, fiz um gesto para as outras portas que ladeavam o corredor.

– Qual é o seu quarto? – perguntei.

Ele apontou para a primeira porta no fim do corredor, com a placa A1.

– Mas isso não faz parte da excursão – comentou ele, tentando me levar na direção oposta.

– Me deixe olhar lá dentro só por um segundo – pedi, fincando os pés no chão. – Por favor, senhor.

– Realmente não há muito o que ver – insistiu, ainda se colocando entre mim e a porta.

Mas, a julgar pela reação dele, obviamente havia muito o que ver – e eu estava determinado. Não me movi. Nosso impasse continuou por uns dez segundos antes que o general finalmente saísse do caminho e abrisse a porta com a palma da mão, seu rosto já corado de vergonha quando passei por ele para espiar o pequeno quarto modular.

Toda a parede dos fundos do quarto estava coberta com fotos minhas e de minha mãe, incluindo todas as fotos do meu anuário da escola, desde o primário. Uma foto de minha mãe no seu uniforme de enfermeira, que ele deve ter encontrado no site do hospital onde ela trabalha, estava afixada sobre sua cama. As outras paredes estavam completamente vazias.

Antes que eu pudesse examinar mais um pouco seu espaço, ele me empurrou para o corredor e depois trancou a porta.

– Depressa – falou, tentando esconder a falta de firmeza na voz.

– Cada segundo conta.

Outro elevador turbo nos levou para baixo a uma velocidade perturbadora, e então parou apenas alguns segundos depois. Uma tela embutida na parede exibiu um mapa em 3D da base, indicando que havíamos acabado de chegar ao seu nível mais baixo, no final da estrutura em forma oval aninhada na cratera Daedalus. Quando as portas se abriram, entramos em um corredor pequeno e acarpetado que terminava num par de portas blindadas deslizante com as palavras CENTRO DE OPERAÇÕES DE DRONES bem marcadas a estêncil sobre elas. Acima dessas portas, pintado na parede com spray em grafite estilizado estava o nome CÚPULA DO TROVÃO.

As portas se abriram quando nos aproximamos, e segui meu pai para dentro de um grande aposento circular, com um teto abobadado de concreto pintado de uma cor azul viva iridescente, como as telas usadas nos cenários de cinema como marcadores para efeitos digitais colocados mais tarde.

– Bem-vindo – disse meu pai, estendendo os braços – ao Centro de Operações de Drones da Base Lunar Alfa. Nós o chamamos de Cúpula do Trovão.

– Por quê?

– Ué, porque tem uma cúpula – argumentou ele, apontando para o alto. – E lutamos dentro dela, como em *Mad Max*. – Ele deu de ombros. – E porque Cúpula do Trovão é mais maneiro do que Centro de Operação de Drones.

No centro do aposento, sobre uma plataforma elevada, ficava uma cadeira de comando rotacional com telas de toque curvas

ergonômicas embutidas no seu descanso de braço. Ela estava cercada por dez poços ovais escavados no piso de pedra, cada um contendo um módulo de controle de drones individual. Ao contrário das estações multifuncionais que tínhamos usado no Palácio Cristal, esses módulos pareciam ter sido projetados para controlar apenas Interceptores. Cada poço continha um simulador de cockpit de Interceptor ADI-88: um assento de piloto, um manche de voo e todos os seus painéis de controle e indicadores de sistema dispostos abaixo de uma tela 180 graus que se encaixava sobre você quando se sentava na cadeira.

Meu pai apertou um botão no seu ComQ, e a cúpula azul brilhante sobre nossas cabeças se acendeu como uma tela de TV de alta definição, oferecendo uma visão de 360 graus da paisagem de crateras que cercava a base lunar, dando a impressão de que estávamos parados no deque de observação no nível superior da base, em vez de num bunker reforçado bem abaixo da superfície lunar.

Enquanto ele me levava ao longo do enorme bunker abobadado, olhei para dentro de cada um dos módulos de controle de drones aos meus pés. Eu podia ver através de suas tampas semitransparentes, e quatro dos módulos já estavam sendo usados: Debbie, Milo, Whoadie e Chén já estavam neles, testando seus novos equipamentos em uma espécie de treinamento.

O oficial japonês que eu vira antes estava parado no console de comando com outro oficial – um homem alto de pele escura que eu nunca tinha visto antes. Os dois pareciam ter a mesma idade do meu pai, e a mesma disposição cansada, endurecida pela batalha, que eu tinha visto nele. Quando foram me cumprimentar, olhei para os colarinhos de seus uniformes e vi que ambos tinham o posto de major.

– Zack, quero que conheça dois dos meus mais velhos amigos – disse meu pai. – Major Shin Hashimoto e major Graham Fogg.

– *Konichiwa*, Lightman-san – disse o major Shin. Prestei continência para ele, mas ele me desconcertou retribuindo com uma mesura. – É bom conhecer você finalmente. Seu pai falou muito sobre você ao longo dos anos. – Ele sorriu. – Na verdade já estou até de saco cheio disso.

– Desculpe – comentei, só para ter o que dizer.

Shin observou meu rosto até começar a me assustar; então olhou para meu pai e depois para mim, comparando nossas faces.

– Caramba! – E soltou um assovio. – Você realmente é a imagem cuspida e escarrada do seu velho. – Ele me deu uma cotovelada nas costelas, abrindo um sorriso largo. – Minhas condolências, garoto!

Ele riu muito da própria piada, e meu pai me deu um olhar de

desculpas – o mesmo olhar que eu costumava dar a minha mãe quando um dos meus amigos chegava e quebrava uma coisa. Mas ri educadamente e me virei para apertar a mão do major Fogg, que parecia ser a pessoa mais alta da Lua.

– É um grande prazer conhecer você, tenente Lightman – falou ele, animado. Ele me surpreendeu falando com um forte sotaque britânico. – Bem-vindo à Base Lunar Alfa.

Olhei para o ombro do seu uniforme e vi a bandeira do Reino Unido em vez da dos Estados Unidos.

– São só vocês três? – perguntei. – Ninguém mais vem aqui para cima?

– Só nós – confirmou Shin. – Uma nave auxiliar de suprimentos vem duas vezes por mês, mas no restante do tempo ficamos sozinhos. Sem contar os drones, é claro.

Graham assentiu.

– A Aliança costumava ter dezenas de pessoas estacionadas aqui em cima para ajudar a manter todos os diferentes sistemas em perfeito funcionamento. Mas assim que a rede do ComQ foi ativada, quase tudo podia ser feito remotamente com drones, então reduziram tudo a apenas uma equipe mínima, formada pelo grupo essencial de militares.

– Costumávamos ter mais alguns pilotos estacionados aqui em cima – acrescentou meu pai –, incluindo o almirante Vance, mas agora somos só nós.

– Os Três Mosqueteiros – completou Graham sorrindo. – Somos uns caras de sorte mesmo.

Uma comprida mesa de madeira dobrável e três cadeiras metálicas também dobráveis estavam dispostas contra a outra parede. A superfície da mesa estava coberta por uma variedade de livros de regras de *Dungeons & Dragons*, telas de jogo e dezenas de dados de formatos estranhos.

– Nós jogamos *D&D* quatro ou cinco noites por semana – explicou Graham quando me viu olhando tudo aquilo montado. – Ajuda a passar o tempo. Shin costuma ser nosso mestre. – Sorriu para mim. – Meu personagem é um arqueiro elfo de nível 27.

– Por que você não mostra a ele sua folha de personagem, Graham? – perguntou Shin. – Isso vai impressionar o garoto.

Graham o ignorou e continuou a me seguir com seu sorriso entusiasmado, como um menino exibindo seu quarto, enquanto eu vagava pelo centro de controle. Perto dali, avistei uma grande bateria, duas guitarras e três estandes de microfone, ladeados por pilhas de amplificadores. Fui até lá para examinar o equipamento.

– O que é isso? Vocês têm uma banda ou algo do gênero? – perguntei.

– Na verdade, temos – disse Graham, orgulhoso. – O nome dela é The Bishop of Battle. É o nome do...

– Do curta estrelando Emilio Estevez – terminei por ele. – Da antologia de horror *Pesadelos diabólicos*.

Meu pai e seus dois amigos olharam surpresos para mim e sorrisos imbecis se espalharam pelos seus rostos.

Sorri para eles também, e depois acenei com a cabeça para meu pai.

– Eu vi quando estava assistindo a todas as suas velhas fitas VHS. Ele...

Parei quando percebi o quanto minha última frase havia sido reveladora. Mas nenhum deles notou. Estavam todos ainda sorrindo para mim por eu ter entendido o nome da banda.

– Gostei do garoto, Xavier – disse Shin.

Meu pai assentiu.

– É, eu também.

– Podemos tocar uns covers bem decentes do Van Halen – continuou Graham. – Quem sabe a gente não pode fazer uma *jam session* para vocês depois?

– Claro – confirmei sem ter certeza. – Seria maneiro.

Olhei de volta para meu pai, mas ele estava olhando para os pés e balançando a cabeça envergonhado.

– Não vamos tocar para eles, Graham, eu te falei – sussurrou ele. – Invasão de aliens daqui a algumas horas, lembra?

– Quer razão melhor para tocar um bom rock pela última vez? – respondeu Graham, fazendo o sinal dos roqueiros com as duas mãos.

Fui até a beirada do poço mais próximo da estação de controle de drones e dei uma espiada lá dentro. Havia um aviso de COM DEFEITO colado com fita-crepe na tela.

– Que aconteceu com este daqui? – perguntei.

– Graham derramou Coca-Cola Zero, foi isso o que aconteceu – disse Shin. – Custou milhões aos esforços de guerra.

– Pare de tentar botar a culpa em mim – resmungou Graham. – Você deixou suas sandálias por aí e eu tropecei nelas. Estes milhões são por sua conta, Shing-ling.

Graham riu, mas quando ri também ele me fez uma cara feia.

– Qual é a graça, garoto? – ele perguntou. – Eu fritei um módulo de drones. Isso não é nada comparado aos milhões de dólares em drones que perdemos hoje cedo graças à sua manobrinha!

Shin assentiu e os dois me olharam de cara feia por mais alguns segundos até os dois explodirem em gargalhadas.

– Estou de brincadeira, garoto – disse Graham, ainda rindo. – Devo ter visto o vídeo de você caçando aquele Glaive para dentro

da base umas cinquenta vezes até agora! Não tem preço!

Shin balançou a cabeça em uma negativa.

– Como foi que você impediu Viper de te matar por isso?

– Talvez ele tivesse percebido que eu já sou um homem morto, então não houve motivo.

Meu pai franziu a testa para mim e pareceu prestes a dizer uma coisa, mas Shin mudou de assunto antes.

– Vai um lanchinho aí, tenente? – perguntou. – Seus lanches favoritos foram listados em cada um dos seus perfis da Aliança, então fizemos um estoque de todos. Você gosta mesmo é de Lucky Charms, certo? Seco, sem leite? Colocamos umas dúzias de caixas pra você, ok?

Ele apontou para um dos módulos desocupados do outro lado da sala, onde seis caixas do meu cereal favorito para comer no café da manhã estavam empilhadas como caixas de munição. Os outros novos recrutas tinham um sortimento de lanches e bebidas no chão ao redor dos seus módulos também. Pilhas de Combos sabor nacho e queijo e Slim Jims estavam espalhadas ao redor do módulo de Milo, junto com uma pequena montanha de Diet Mountain Dew. Havia sacos de Cheetos sabor cheddar e jalapeño e uma fileira de garrafa de dois litros de Hawaiian Punch para Whoadie, saquinhos de Skittles multicoloridos para Debbie e, ao lado do módulo de Chén, dezenas de latas de energéticos prateadas com QI LI escrito na lateral, ao meio de várias palavras em chinês.

– Como foi que nossos lanches favoritos acabaram em nosso perfil? – perguntei a Shin, mas quem respondeu foi Graham.

– A Aliança sabe tudo sobre todos, garoto – resumiu ele. – Suas comidas e bebidas preferidas não foram as únicas coisas que foram registradas enquanto você estava jogando *Armada* e *Terra Firma*, acredite. Sua pulsação, pressão sanguínea, conteúdo do suor... a Aliança deixa a CIA e a Agência de Segurança Nacional no chinelo.

– Ótimo – falei. – O governo tem espionado a todos nós a vida inteira, mas pelo menos acabamos conseguindo nossos lanches favoritos. Bônus.

Para minha surpresa, meu pai sorriu com minha observação. Logo então os outros recém-chegados emergiram de seus módulos, e ele foi cumprimentá-los. Chén prestou continência e ficou em sentido quando viu meu pai se aproximar. Os outros se viraram para fazer o mesmo.

– Descansar, recrutas – disse meu pai quando foi até eles. – Bem-vindos à Base Lunar Alfa. Eu sou o general Xavier Lightman, seu novo CO. Peço desculpas por tê-los deixado esperando.

Passou os olhos pelos rostos deles, esperando uma resposta, mas meus novos amigos pareciam todos surpresos demais para falar.

Meu pai foi para a frente de Milo, que estava sorrindo como se estivesse prestes a conhecer um de seus astros de cinema favoritos – ao que parecia, aquele desdém de antes foi esquecido.

– Você é Milo Dobson, certo? Mais conhecido como Kushmaster5000?

Milo confirmou com um aceno de cabeça quase imperceptível, flagrado em espasmos de alguma espécie de aneurisma no estilo fanboy gamer.

– É uma honra afinal conhecer você em pessoa, tenente Dobson – disse meu pai. Virou-se para os outros: – É uma honra conhecer todos vocês. Whoadie, CrazyJi, AtomicMom. – Apertou as mãos de cada um deles e depois acenou com a cabeça para mim. – E, claro, BeagleDeAço. Vocês são cinco dos pilotos mais capazes que já vi em ação. É um privilégio tê-los aqui.

Eles sorriram e seus rostos coraram, cheios de orgulho – e pode ser que o meu tenha ficado um pouco, também.

– Obrigado, senhor – disse Chén, repetindo com todo o cuidado a tradução escrita em seu ComQ.

– Valeu, general! – disse Milo, finalmente recuperado de seu ataque de paralisia. – Quero dizer, puta merda! É um enorme cumprimento vindo do próprio RedJive! O senhor é o melhor dos melhores dos melhores, senhor! Estudei seus movimentos por anos. Todos nós estudamos.

Meu pai pareceu realmente envergonhado com os elogios.

– Você está me dando crédito demais – respondeu. Então apontou para seus camaradas: – Shin e Graham estavam fortemente envolvidos com seu treinamento de simulador também. Tenho certeza de que vocês reconhecerão seus indicadores de chamada. Shin usa o nickname MaxJenius, e Graham...

– Meu indicativo de chamada é Withnailed – completou Graham. – Embora estes dois raramente o usem.

– Preferimos chamá-lo de “Limes” – disse Shin. – É uma forma carinhosa de dizer “limey”, ou “inglês”. Ele detesta.

– Detesto mesmo – assentiu Graham.

Todos nós sorrimos ao reconhecer seus indicadores de chamada. MaxJenius e Withnailed eram ambos baluartes dos rankings de piloto top 5 também. Desde o primeiro ano que o game foi lançado, ambos haviam se alternado nos segundo e terceiro lugares, abaixo de RedJive.

– Não quero ser rude, general Lightman – disse Debbie. – Mas quando o senhor vai nos dizer por que a Aliança nos mandou aqui? – Ela olhou para Shin e Graham. – Por que não podíamos simplesmente voltar à Terra com os outros recrutas?

Meu pai trocou um sorriso estranho com seus dois amigos,

depois assentiu para Debbie.

– Eu ia agora mesmo informar vocês sobre este assunto – respondeu ele.

Graham sorriu, depois fez um gesto para uma fileira de poltronas acolchoadas baixas atrás de nós.

– Pode ser que vocês queiram estar sentados quando ouvirem isso – completou, antes mesmo de se sentar.

Milo e Debbie se juntaram a ele, mas Chén, Whoadie e eu continuamos de pé.

Meu pai fez um gesto para a tela que cobria o teto abobadado, e a imagem nela mudou. Não estávamos mais olhando para um feed ao vivo da paisagem lunar do lado de fora da base, mas para um gráfico animado tridimensional de nosso sistema solar, com a rodopiante Terra à frente e a Lua orbitando preguiçosamente a distância, as duas cercadas por uma série de anéis concêntricos indicando os caminhos orbitais dos planetas. Meu pai fez mais um gesto para a tela e a animação do sistema solar começou a acelerar, fazendo planetas darem a volta ao redor do Sol como um grupo de carros de corrida, cada qual numa pista separada.

– Uma das coisas que não lhes disseram durante sua instrução de alistamento é que esta não é a primeira vez que os europeanos enviaram naves para nos atacar – disse o general. – Ao longo das últimas quatro décadas, eles fizeram isso exatamente 37 vezes.

Na tela em cúpula, o relógio celeste de nosso sistema solar continuou a girar para a frente até que as órbitas da Terra e de Júpiter se alinharam, trazendo os dois planetas para sua maior proximidade anual. Então, quando a órbita da lua joviana Europa a trouxe para o mais perto possível da Terra, a animação congelou.

– A cada 398,9 nove dias, um evento celeste conhecido como Oposição Joviana ocorre – explicou o general –, quando o Sol e Júpiter estão ambos em lados opostos da Terra, e Europa está em sua maior proximidade de nós. Desde nosso primeiro contato com eles, os europeanos usaram essa proximidade para enviar um pequeno destacamento de naves para a Terra, para nos vigiar, testar nossas defesas e abduzir espécimes humanos vivos para estudo.

Ele bateu na tela do seu ComQ, e uma imagem da Base Lunar Alfa apareceu na tela, vista de cima, aninhada na cratera Daedalus.

– Assim que os europeanos começaram a enviar missões batedoras para a Terra, a Aliança decidiu construir uma base de defesa secreta aqui no lado escuro da Lua. – disse o general. – No início, a intenção era que funcionasse como um posto externo de vigilância de longo alcance como as ações. Mas quando finalmente se tornou operacional, em setembro de 1988, e uma presença humana permanente se estabeleceu aqui, a tática do inimigo

mudou. Na Oposição Joviana seguinte, os europeanos não enviaram seu destacamento de naves batedoras direto para a Terra. Desta vez eles vieram aqui para a Base Lunar Alfa primeiro, e a atacaram.

Um filme começou a passar na tela em cúpula, mostrando uma grande formação de caças Glaive descendo pela escuridão cheia de estrelas do céu lunar para cair na pequena base lunar alinhada na cadeira abaixo, quando Interceptores começaram a ser lançados do hangar da base e voar ao encontro deles, iniciando uma gigantesca batalha aérea.

– Nós conseguimos derrubá-los, mas por pouco – continuou o general. – Levamos quase um ano inteiro para consertar os danos. E quando a Oposição Joviana seguinte aconteceu, os europeanos tornaram a atacar, desta vez com força ainda maior para se equiparar com as defesas da Base Lunar Alfa, que também foram reforçadas. E mais uma vez as forças quase não os derrotaram.

– A mesma coisa aconteceu no ano seguinte – disse Graham. – E no ano depois desse.

– Todo ano eles enviam ainda mais drones para atacar a base – disse Shin. – E todo ano aumentamos nossa defesa aqui esperando o próximo ataque.

Meu pai assentiu.

– Essa escalada continuou por mais uma década, até os europeanos mudarem o jogo de novo no ano passado, revelando uma nova arma, uma que você todos encontraram durante seu treinamento de *Armada*: o Disruptor.

Um gemido coletivo escapou das bocas dos novos recrutas. Na tela, ficamos vendo um aglomerado de naves inimigas aparecer, descendo na direção da Base Lunar Alfa em formação perfeita, criando uma imagem que por um momento lembrou um screenshot do game *Space Invaders*.

Um diagrama em wireframe de um dodecaedro rodopiante apareceu no lado dele na tela, e senti os pelinhos da nuca se arrepiarem.

– O Disruptor parece funcionar se acoplando a um grande corpo celeste, como um planeta ou lua. – Na tela, uma animação mostrava um dodecaedro de cromo rodopiante caindo na Terra e depois disparando um feixe de energia vermelha no núcleo do planeta. – Então o dispositivo acessa o campo magnético do planeta, usando-o para gerar um campo esférico que perturba todas as comunicações quânticas em seu interior.

– Todos os drones da Aliança têm unidade de controle de rádio de apoio – acrescentou Shin. – Infelizmente, o Disruptor também interfere com as comunicações normais de rádio da Terra, portanto eles são inúteis.

Na tela, o Disruptor verde-esmeralda começou a gerar uma esfera transparente de energia vermelha que envolveu todo o planeta Terra junto com toda sua atmosfera, fazendo com que os drones da Aliança caíssem do céu. Mas a Lua estava fora do alcance do Disruptor, assim como a base de defesa secreta no seu lado escuro.

– O efeito de disrupção quântica só funciona se as extremidades de transmissão e recepção de um link estiverem *ambas* contidas dentro de seu campo esférico – explicou o general. – Se o drone ou seu operador estiverem fora de seu campo esférico, o link quântico não é afetado e permanece intacto. Se o inimigo conseguir acoplar seu Disruptor à Terra, somente o pessoal da Aliança estacionado aqui na Lua, ou seja, nós, ainda seremos capazes de controlar os dois drones que temos armazenados na Terra e vice-versa.

Meu pai saiu da animação em wireframe e voltou à filmagem dos caças inimigos, revelando um grande dodecaedro cor de ônix – uma joia escura e multifacetada rodopiando no meio deles. O objeto pulsava rapidamente mudando de cor, passando de preto azeviche para vermelho, ao longo de suas faixas angulares iluminadas.

– Logo antes de os europeus atacarem esta base durante a última Oposição, eles ativaram o Disruptor, acoplando-o ao campo magnético da Lua, que é fraco se comparado ao da Terra.

Enquanto ele falava, o dodecaedro pulsante disparou um raio de energia vermelho no núcleo da Lua. Ele começou a gerar um campo esférico de energia ao redor de si mesmo, que começou a aumentar rapidamente de diâmetro até cobrir completamente a Base Lunar Alfa, junto com grandes trechos da superfície da Lua que eu sabia, pelas instruções que recebemos, estar no padrão que era compatível com o campo magnético inerente da Lua.

– Quando o Disruptor foi acionado, ele derrubou nossa capacidade de controlar drones daqui de dentro da base – explicou meu pai. – Mas todos os pilotos de drones baseados na Terra não foram afetados, pois estavam fora do campo de disrupção.

Shin puxou um gráfico diferente na tela mostrando a Terra e a Lua em suas proximidades, cujo lado escuro estava coberto pelo campo transparente do Disruptor, que era enorme, mas não o bastante para envolver a Lua e a Terra ao mesmo tempo.

– Os drones do inimigo continuaram funcionando pelo mesmo motivo – disse meu pai. – Os operadores estavam em Europa, a centenas de milhares de milhões de quilômetros do campo de disrupção.

– Esta base tem uma intranet hardline de apoio – completou Shin, assentindo. – Então ainda fomos capazes de defender a base usando as armas de superfície, e com drones de apoio cabeados,

todos sem controle remoto e, portanto, não afetados pelo Disruptor.

Na tela um filme mostrava armas de Sentinela por todo o exterior da base sendo acionadas e retribuindo fogo enquanto caças Glaive e Wyvern inimigos continuavam atacando, fazendo chover um dilúvio de fogo de laser e rajadas de plasma sobre a defesa da base. Na superfície umas poucas dezenas de DHITAB e Warmechs também continuaram a defender a base, rolando seus cabos de fibra ótica atrás deles, o que tragicamente limitava sua mobilidade, sua eficiência e seu alcance.

“A Aliança enviou vários esquadrões de Interceptores de reforço da Terra para cá. E com a ajuda deles acabamos conseguindo destruir o Disruptor. Mas a base foi muito danificada e quase não sobrevivemos ao ataque.”

– Um Disruptor de verdade é tão difícil de destruir quanto aqueles do game? – perguntou Chén, usando seu ComQ.

Shin, Graham e meu pai fizeram que sim ao mesmo tempo.

– Então como vocês conseguiram? – perguntei.

Shin e Graham sorriram, como se estivessem esperando por essa pergunta.

– “It takes two to make a thing go right” – recitou Shin, sorrindo de modo enigmático.

Graham concordou, e acrescentou:

– “It takes two to make it out of sight.”

Parecia que eles estavam prestes a recitar mais uma parte da letra da canção de Rob Base, mas meu pai balançou a cabeça devagar e os dois ficaram em silêncio esperando que ele continuasse.

– Algumas pessoas acham que temos sorte – disse meu pai, olhando para Shin. – Eu particularmente acho que os europeanos nos permitiram destruí-los.

– Por que fariam isso? – perguntou Debbie.

– Boa pergunta – respondeu meu pai. – Aqui, veja o filme e tire suas próprias conclusões.

Ele voltou a bater no seu ComQ, e mais um vídeo granulado começou a passar na tela.

– Este filme foi capturado por uma das câmeras de vigilância na superfície da Base Lunar Alfa – falou Shin. – Com aproximadamente 23 minutos de ataque. Todas as comunicações de rádio quânticas ainda estão sendo embaralhadas pelo Disruptor. A maior parte da base, e quase todas as suas defesas de superfície, foram destruídas a esta altura.

Na tela, as ruínas fumegantes da base lunar eram visíveis ao fundo, seu exterior em forma de orbe fervilhando de drones alienígenas parecidos com aranhas percorrendo sua pele metálica

blindada e se enterrando nela com lasers. No primeiro plano, logo além da beirada da cratera Daedalus, ficava o gigantesco dodecaedro Disruptor, rodopiando com todo o vigor logo acima da superfície lunar enquanto explodia seu raio acoplador vermelho pulsante no núcleo magnético da Lua. No céu lunar preto aveludado, centenas de Interceptores estavam lançando um ataque ao escudo do Disruptor, disparando nele de muitos ângulos diferentes.

– Como vocês vão se lembrar de seu treinamento, o Disruptor tem apenas um ponto fraco – prosseguiu Shin. – Um dilúvio constante de raios laser e rajadas de plasma vai fazer com que seus escudos caiam, mas o núcleo de energia do Disruptor é tão grande que ele se recupera bem mais rapidamente do que qualquer um dos outros drones do inimigo. Seus escudos só caem por cerca de três segundos, e depois voltam com força total.

– E três segundos não é tempo suficiente para destruí-lo – completou Milo. – Pelo menos nunca foi no game. Por isso nunca ninguém jamais abateu um Disruptor. Nem mesmo o Circo Voador.

– Vejam! – Shin apontou para a tela. – Lá vem ele para salvar o dia!

Na tela, um mecha solitário da Aliança apareceu, dando grandes saltos pela superfície lunar, disparando destemido na direção do pilar de luz vermelha cegante criado pelo raio acoplador transparente do Disruptor.

– O velho Viper Vance! – Graham balançou a cabeça, admirado. – Olhem só para ele!

– O almirante Vance está controlando aquele mecha? – perguntou Whoadie.

– Sim – respondeu meu pai. – Mas ele era apenas um general na época. Ele costumava estar no comando da Base Lunar Alfa. Assumi seu cargo quando ele foi promovido a almirante, em parte pelo ato de bravura que estamos vendo agora.

– Embora o Viper costumasse fazer umas merdas loucas desse tipo o tempo todo – acrescentou Shin. – Aquele cara era destemido.

– Tenho certeza de que ele ainda é – sussurrou meu pai, os olhos ainda na tela.

Continuamos a observar o filme silencioso do ataque do general Vance na direção do Disruptor, nos perguntando o que aconteceria quando ele chegasse lá.

– Como ele está controlando aquele mecha, com o Disruptor ainda em operação? – me perguntei em voz alta, ainda estudando o filme com atenção. – Ele está indo muito rápido para ter um cabo, não está?

Meu pai assentiu.

– Tem razão, ele está – disse. – Drones cabeados sempre foram lentos demais para o gosto de Vance. – Ele acenou com a cabeça para tela. – Ele está pilotando o mecha de dentro dele. Tem um cockpit incorporado no seu torso, logo acima de seu núcleo de energia, que Viper está configurando para sobrecarga... bem... agora!

Na tela, o mecha de Vance chegou ao alcance do braço do raio acoplador, então subitamente ficou mole e caiu na superfície como uma gigantesca boneca de trapos metálica, lançando para o alto uma nuvem de pó.

– Ele configurou o mecha para se autodestruir *de dentro dele*? – perguntou Milo sem acreditar. – O velho tinha vontade de morrer?

Shin e Graham assentiram; depois Shin apontou para meu pai.

– Eu costumava achar que tanto ele quanto o general Lightman aqui tinham.

Apontei para a tela.

– Mas ele não vai ter tempo de se ejetar.

Meu pai assentiu.

– O sistema de lançamento do módulo de fuga de Vance ficou danificado durante seu ataque. Então agora ele está preso ali, junto com a própria bomba-relógio.

Eu já tinha começado a fazer a contagem regressiva dos sete segundos que o procedimento de sobrecarga no núcleo de energia levava para ser concluído, mas quando eu estava ainda no cinco mais dois mechas apareceram, correndo ao fundo no vídeo. Laser e fogo de plasma choveram em cima deles, vindo da furiosa luta de caças no céu escuro acima da base da Lua queimada e semidestruída. Então ouvi um rock clássico familiar estourando no comunicador de Vance – uma canção da playlist *Raid the Arcade* do meu pai. “Black Betty”, do Ram Jam.

– Esse é um dos nossos apelidos para o Disruptor agora – disse Shin, acenando com a cabeça para o dodecaedro preto rodopiante na tela. – Uma Black Betty. Ou um “dado de dez”.

Continuei a estudar a tela. À medida que os dois Warmechs Titãs quicavam na direção do mecha imóvel que continha Vance, eles se moveram numa estranha espécie de uníssono, quase como um par de nado sincronizado. Os dois pareciam se desviar e ziguezaguear perfeitamente sem parar, bem a tempo de evitar serem destruídos, sempre se movendo para a frente, aparentemente sem perceber os gêiseres de rocha e pó lunar explodindo por toda parte – e às vezes logo à frente – deles.

Shin fez uma pausa no vídeo.

– Seu pai está operando aqueles dois mechas. Ao mesmo tempo. Ele está dentro daquele à esquerda, e está conectado ao da direita

por um cabo de fibra ótica dentro de um outro cabo reforçado com titânio esticando-se entre os dois.

– Shin deve lembrar – comentou meu pai sem tirar os olhos da tela. – Foi ele que me ajudou a cabeá-los cerca de dez minutos antes desse filme ser feito.

Shin voltou a apertar o “play”, e meus olhos foram atraídos de volta à tela. Fiquei olhando seus dois mechas avançarem, descarregando suas armas solares e canhões laser no escudo esférico maciço do Disruptor enquanto passavam por baixo da gigantesca forma rodopiante e do conjunto do acoplador no seu polo sul.

Então o mecha do meu pai alcançou o de Vance, arrancou seu módulo de fuga – com Vance lá dentro – e o enfiou embaixo do braço como uma bola de futebol americano.

Um anel de parafusos explosivos disparou ao redor do cabo blindado que ligava o mecha do meu pai ao outro ao lado dele, cortando a conexão entre eles. O drone do meu pai jogou para o céu o drone do general Vance, que agora estava apagado, como em um disparo, na direção do conjunto de acopladores ainda escudado do Disruptor.

No mesmo movimento ele deu um salto de energia na direção oposta enquanto jogava o módulo de fuga de Vance na frente dele, um segundo antes de ejetar o próprio módulo. Os dois módulos saíram voando para fora do alcance do vídeo logo antes do mecha de Vance finalmente completar sua contagem de sete segundos de autodestruição e detonar. Dois segundos depois, o drone que meu pai havia atirado para o céu fez exatamente a mesma coisa – dois movimentos perfeitamente calculados. Um disparo quase impossível, como uma cesta de três pontos do meio da quadra faltando um segundo para terminar a partida.

Mas mesmo aquele timing perfeito não foi bastante. Porque logo antes dos dois mechas baterem contra o escudo transparente do Disruptor, o escudo caiu, deixando o dodecaedro desprotegido por aquele curto período enquanto seu núcleo de energia maciço recarregava o suficiente para voltar a ligar suas defesas. Foi durante esse incrivelmente curto espaço de tempo que ambos os mechas detonaram, um depois do outro.

A primeira detonação atingiu o casco duro como diamante do Disruptor, mas sua blindagem pareceu absorver o impacto da explosão de algum modo, e as facetas triangulares da superfície do dodecaedro se iluminaram de laranja enquanto a energia se dissipou por eles. Só quando o segundo mecha foi detonado meio segundo depois a blindagem enfraquecida do Disruptor finalmente caiu, numa explosão que abateu o próprio.

Tanto Graham quanto Shin começaram a aplaudir. Eu tinha a

sensação de que eles viam esse filme regularmente, e que aplaudiam assim todas as vezes. Whoadie, Milo, Debbie e Chén aplaudiram também, mas eu não. Estava ocupado demais olhando a tela.

– Podemos ver esse filme novamente? – perguntei. – Com metade da velocidade desta vez?

Shin concordou e tornou a rodar o filme. Então acabou rodando para nós várias outras vezes a pedido de todos. O filme ia ficando mais impressionante, e mais perturbador de ver, a cada vez. Meu pai tinha realmente conseguido uma chance em 1 milhão. Se os escudos no Disruptor tivessem falhado uma fração de segundo antes ou depois, o ataque também teria falhado. E, estudando o cronômetro do vídeo, parecia que o escudo do Disruptor ficou abaixado uma fração de segundo a mais do que deveria – apenas tempo bastante para meu pai conseguir um milagre.

– Quantos outros Disruptores estão a caminho daqui? – perguntou Milo cheio de medo. – Você deixou esse detalhezinho de fora da sua instrução.

– Três – respondeu meu pai. – Há um Disruptor acompanhando cada onda da força de invasão deles.

–Três! – repetiu Milo. – Não temos como destruir três Disruptores um atrás do outro; não com uma grande tempestade alienígena de merda descendo sobre nós.

Meu pai assentiu.

– Sim, eu diria que as chances são muito difíceis. Mas nós temos uma última carta na manga: o Quebra-Gelo.

– Mas achei que a missão do Quebra-Gelo já tivesse falhado – disse Debbie. – Ele foi destruído antes que o laser de derretimento sequer quebrasse a superfície de Sobrukai, quero dizer, Europa.

– O Quebra-Gelo que vocês escoltaram ontem à noite foi destruído, sim – disse meu pai. – Mas nós tínhamos um plano de contingência. Esperávamos poder ser capazes de destruir os europeanos antes que ele lançassem sua armada, mas sabíamos que nossa chance de sucesso era extremamente pequena. Então construímos um segundo Quebra-Gelo, que ficou oculto dentro de um asteroide oco e colocado em órbita ao redor de Júpiter, para evitar que os europeanos o detectassem. Assim que sua armada partiu para a Terra, deixando Europa desprotegida, lançamos o Quebra-Gelo. Ele já está a caminho.

– Quando chegará lá?

– Deverá alcançar Europa mais o menos no mesmo momento em que a segunda onda da armada inimiga chegar à Terra.

– E se não sobrevivermos à primeira onda? – perguntou Debbie.

– Então o Quebra-Gelo não fará a menor diferença – disse Shin.

– Mas é por isso que temos de garantir nossa sobrevivência! Porque,

então, poderemos finalmente ter a chance de encerrar essa guerra de uma vez por todas.

Esperi que Graham ou meu pai concordassem com Shin, mas os dois estavam quietos.

– Tem alguém com fome? – perguntou meu pai. Ele levantou seu ComQ. – Acabei de saber que os drones terminaram de preparar nosso jantar no refeitório.

– Graças a Deus! – gritou Milo, já indo para saída. – Eu estava com medo de que Cheetos e cerveja sem álcool fossem ser minha última refeição. Vamos comer!

Whoadie e Debbie assentiram, assim como Chén ao terminar de ouvir a tradução.

– Não estou com muita fome – falei. Se eu ia morrer, queria que o café da manhã que minha mãe havia preparado para mim naquela manhã fosse minha última refeição, não um jantar com filé a Salisbury requeentado no micro-ondas da base lunar.

Meu pai assentiu, e ele e Shin começaram a guiar os outros para a saída. Graham me viu ficando para trás e jogou um braço pelos meus ombros.

– Confie em mim, você vai mudar de ideia assim que ver a comida lá em cima – disse Graham. – Trouxeram uma refeição gourmet especial de cinco pratos para nós na sua nave auxiliar.

– Por quê? – perguntou Debbie. – Por que provavelmente será nossa *última* refeição?

– Provavelmente – respondeu Graham, me dando um sorriso sombrio ao apressar o passo para a saída. – É por isso que eu, por exemplo, pretendo encher minha pança.

A sala de jantar da Base Lunar Alfa era um longo aposento retangular que continha quatro mesas redondas feitas de aço escovado, flanqueados por bancos combinando presos ao chão. Diversos servidores modulares de comida e bebida estavam embutidos em uma longa parede, junto com alguns micro-ondas – mas nenhum replicador, até onde eu podia ver. A parede oposta era dominada por uma grande janela curva que fornecia uma visão estonteante da gigantesca cratera Daedalus abaixo de nós, como um Grand Canyon monocromático.

Como prometido, uma refeição extravagante já estava sobre as mesas, pronta e esperando por nós – o que parecia comida mais do que suficiente para diversos jantares de Ação de Graças. Uma das mesas de aço estava coberta com uma toalha de mesa de seda e com oito lugares postos, com talheres de prata e uma bonita porcelana chinesa, e ao lado havia quatro DHITABs parados em silêncio, prontos para nos servir. Um smoking de papel estava colado em cada uma das placas peitorais deles.

Sentei na última cadeira vazia, entre meu pai e Milo. Graham se sentou ao lado de Deb, e só então percebi, pela linguagem corporal, que os dois estavam se dando muito bem. Milo também reparou e revirou os olhos, depois me cutucou e acenou com cabeça para os dois, então para Chén e Whoadie que também estavam fazendo contato visual disfarçadamente.

– Mas que maravilha, hein? – resmungou ele baixinho. – Pensei que estava sendo recrutado para uma aventura espacial épica, mas acho que sou um astro convidado em *O barco do amor: a nova*

geração.

– Definir o curso... *para romance!* – gritou Shin, fazendo uma imitação tão perfeita de Patrick Stewart que eu e Milo rimos alto.

Todo mundo começou a passar pratos e se servir de comida – todos menos Debbie, que abaixou a cabeça e começou a murmurar sozinha uma prece. Todos ficamos parados, sem graça, por um segundo, depois baixamos a cabeça em solidariedade até ela terminar.

Mesmo com toda aquela comida deliciosa na minha frente, eu ainda não tinha apetite. Mas os acontecimentos bizarros do dia pareciam ter deixado todos os outros famintos, e por um tempo eles estavam ocupados demais enchendo a barriga para poderem falar. Lancei alguns olhares de esguelha para meu pai, mas ele enfiava comida roboticamente na boca enquanto evitava contato visual comigo.

Quem quebrou o silêncio foi Chén.

– Meu telefone ainda não está funcionando – comentou ele, usando o tradutor do ComQ. – Quando terei permissão de ligar para casa e falar com minha família?

– Falta uma hora para que a vanguarda nos alcance – disse meu pai, depois de checar a hora no seu ComQ. – É aí que os líderes de cada nação no mundo darão a notícia para seus concidadãos. Assim que o segredo for revelado, você vai poder ligar para casa. Creio que não vamos precisar esperar muito.

– Por que a Aliança está esperando até o último minuto para dizer a todos sobre a invasão? – perguntou Whoadie. – Não vão dar ao mundo muito tempo para se preparar para o ataque da vanguarda.

– O mundo já está tão preparado quanto poderia estar – respondeu meu pai.

Shin assentiu.

– A população já está começando a entrar em pânico, a julgar pelo que tem sido visto nos noticiários globais. Gente em toda parte do mundo viu as nossas naves auxiliares com os próprios olhos esta manhã, quando estavam voando para apanhar os recrutas indispensáveis. A mídia tem exibido e analisado filmes o dia inteiro, junto com informações sobre a conexão entre as naves e os games da Chaos Terrain. O mundo inteiro quer saber o que está realmente acontecendo.

Meu pai balançou a cabeça em uma negativa.

– Não quer, não. Assim que as pessoas descobrirem sobre a invasão, o caos vai se espalhar como um incêndio na mata. A civilização vai começar a desabar.

Graham fez um som de desprezo.

– A Aliança sabe que as pessoas provavelmente ficarão e lutarão se não tiverem tempo para fugir para as colinas com o rabo entre as pernas.

Olhei para meu pai e ele retribuiu o olhar rapidamente, depois voltou-se para Debbie, que estava olhando para o relógio de contagem regressiva no seu ComQ, que estava sobreposto sob uma foto que ela tinha colocado como seu fundo de tela – três meninos sorridentes de cabelo preto descansando o queixo na borda da piscina na luz do sol brilhante.

– Garotos bonitos – disse Graham.

– Obrigada – respondeu ela. – Estou preocupada com eles. – Então estendeu a mão e cobriu o relógio de contagem regressiva com o dedo para poder ver os rostos dos filhos. – E vocês dois? – perguntou Debbie, se dirigindo a Shin e Graham. – A Aliança vai deixar vocês entrar em contato com suas famílias também?

– Na verdade eu estou um pouco nervoso quanto a isso – disse Graham. – Minha mãe está viva, mas acha que morri nos anos 1990. Meu pai já tinha morrido quando fui recrutado, então a deixei sozinha, e ela continua assim desde então. A Aliança tem cuidado dela financeiramente, é claro, mas emocionalmente, bem, o que se pode fazer?

Graham piscou algumas vezes, depois engoliu em seco.

– Espero que ela ainda me reconheça – comentou ele. – E, se reconhecer, espero que ela não tenha um enfarte; quer dizer, se o discurso do primeiro-ministro não fizer isso antes. – Balançou a cabeça. – A coitada está com sessenta e poucos anos agora.

Eu não estava assim tão preocupado sobre como minha mãe reagiria à notícia de que nosso planeta estava sendo invadido. Ela sempre fora a personificação da calma diante de crises. Parecia se alimentar disso. Mas quando soubesse que meu pai ainda estava vivo, bem, isso era outra história.

– E você, Shin? – perguntou Debbie. – Você tem família, querido?

O sorriso de Shin se desvaneceu aos poucos.

– Infelizmente meus pais faleceram anos atrás. Isso foi mais ou menos na metade do meu tempo de serviço aqui em cima. Então nunca consegui me despedir deles, o que na época foi extremamente doloroso. – Então a expressão dele se iluminou, e ele estendeu a mão e apertou o ombro do meu pai antes de bater nas costas dele. – Mas meu amigo Xavier aqui já havia passado pela mesma coisa, e me ajudou a passar por isso. Ele também perdeu os pais, alguns...

Shin parou de falar, depois olhou nervoso para mim e meu pai, que estava olhando para a toalha de mesa.

– De qualquer maneira – continuou Shin –, agora estou apenas feliz que eles tenham conseguido viver suas vidas em paz, que não estejam por aqui para... o que está para acontecer.

Todos ao redor da mesa concordaram, menos meu pai, que parecia estar lentamente se transformando em pedra. Shin pareceu sentir isso, e se virou para mim.

– Como você está, Zack? Está aguentando bem?

Balancei a cabeça afirmativamente. Depois, negativamente. Depois dei de ombros e voltei a balançar a cabeça negativamente.

– Não fique tão preocupado – disse Shin. – O general esqueceu de falar uma coisa durante seu pequeno papo mais cedo. – Ele me deu um sorriso conspirador. – Temos uma arma secreta, o maior piloto de drone que já existiu. – Apontou para meu pai. – Sabia que seu velho já derrubou mais de trezentas naves inimigas? Ele detém atualmente o recorde da Aliança. Seu pai também recebeu a Medalha de Honra três vezes, de três presidentes diferentes. Aposto que você não sabia disso, sabia? – Ele balançou a cabeça para meu pai. – Ele é modesto demais para contar até para o próprio filho.

– Sério? – perguntei a ele. – *Três* Medalhas de Honra?

Meu pai assentiu, fechando os olhos de vergonha – do mesmo jeito que eu fazia quando recebia elogios.

– Eram Medalhas de Honra *secretas* – argumentou meu pai. – Ninguém ia ficar sabendo mesmo.

– Eu acabo de saber. Mamãe também saberá quando eu tiver uma chance de falar com ela.

Ele me deu um meio sorriso, depois tornou a abaixar a cabeça.

Minha mãe ficaria orgulhosa dele, mas isso poderia não ser o bastante, e ele sabia disso. Pude ver no olhar derrotado que passava pelo seu rosto sempre que eu a mencionava. Meu pai sabia tão bem quanto eu que talvez nem todas as suas nobres motivações e sacrifícios fossem suficientes para ganhar o perdão dela – até mesmo a sua compreensão – pelo que ele havia feito conosco. Não no tempo limitado que ela teria para fazer isso. Eu ainda não tinha certeza se o havia perdoado.

Olhei de relance para meu pai. Eu sabia que ele não estava planejando ligar para minha mãe, mas eu faria isso por ele se fosse preciso. Não tinha certeza do que ele deveria dizer a ela, depois de sumir por dezessete anos – eu não sabia o que ia dizer a ela quando conversássemos, e havia acabado de vê-la hoje cedo –, ou se ela estaria disposta a ouvir. Mas eu tinha de tentar.

Quando Whoadie terminou de comer um instante depois, levantou da mesa e foi até a janela de observação, depois passou um momento olhando para a antena de rádio aninhada na enorme cratera lá embaixo.

– Qual o nome desse negócio mesmo? – perguntou ela.

– Aquele é o Observatório Daedalus – respondeu Shin, com uma pontada de orgulho na voz. – O maior telescópio de rádio já construído, pelo menos por humanos.

– Nós o construímos para falar com os aliens? – perguntou Whoadie.

Shin assentiu.

– Essa cratera fica perto do centro do lado escuro da Lua, então esta localização está completamente protegida de toda interferência de rádio criada por humanos, o que faz dela um lugar ideal para enviar e receber transmissões de rádio sem ser monitorada na Terra.

– Ele suspirou. – Infelizmente os europeanos nunca se interessaram em conversar.

– Uma das primeiras ações da Aliança foi criar uma força-tarefa interna chamada Conselho de Armistício, composto de um bando de cientistas famosos, incluindo Carl Sagan... – disse Graham.

– Estive pensando nisso – interrompi. – Como conseguiram que Carl Sagan mantivesse os europeanos em segredo por tanto tempo?

– Ele sabia que a notícia poderia criar um pânico mundial e virar a civilização do avesso – disse meu pai. – Só concordou em permanecer calado com a condição de que a Aliança lhe desse os fundos necessários para educar a população mundial e tentar prepará-la para a notícia de que a humanidade não estava só. Foi assim que ele conseguiu o financiamento para sua série de TV *Cosmos*.

– Infelizmente, o Dr. Sagan morreu antes que as coisas realmente comessem a piorar com os europeanos – comentou Shin.

– O Conselho de Armistício continuou tentando estabelecer conversas de paz depois que ele morreu – completou Graham –, mas as lulas nunca enviaram uma resposta.

– Lulas? – repeti. – Achei que não soubéssemos nada sobre a biologia dos europeanos.

– Essa é a história oficial, sim – disse Graham, adotando um tom conspiratório. – Mas acredite em mim, parceiro: eles são lulas. O alto comando sabe muito mais sobre nosso inimigo do que nos permite saber; sempre soube. – Ele olhou de esguelha para Shin, depois para meu pai, e depois voltou para mim.

– Do que você está falando? – perguntou Milo. – Os europeus declararam guerra a nós sem motivo!

Todo mundo já havia desistido de corrigir Milo toda vez que se referia aos europeanos como europeus – até mesmo o pobre Graham, que *era* europeu.

– Essa é a história oficial, sim – disse Graham. – Mas faz algum

sentido? Pense bem. Se os europeanos tivessem nos atacado dez, vinte ou até trinta anos atrás jamais teríamos sido capaz de detê-los.

Endireitei-me na cadeira e olhei para meu pai. Mas os olhos dele estavam fixos em Graham.

– Não poderíamos ter sequer impedido que um asteroide ou meteoro nos exterminasse na época, quanto mais uma espécie alienígena zangada com armamentos e tecnologia extremamente superiores – continuou Graham. – Eles estavam no controle desde o começo, então por que não tirar proveito disso? Em vez disso, basicamente apenas nos entregaram sua tecnologia e depois nos dão todo o tempo do mundo para fazer uma engenharia reversa dela. Depois nos deram ainda mais tempo para construir um grande arsenal de milhões de drones para nos defendermos contra os drones que *eles* estavam construindo.

Era bem perturbador ouvir Graham vocalizar muitas das mesmas perguntas que tinham estado me roendo por dentro desde a instrução.

– Eles construíram todas as suas naves drones em órbita de Europa em plena vista das câmeras da *Galileu*! Eles não tinham como não saber que estávamos observando. Eles queriam que víssemos! Foi como se estivessem rodando sem parar um episódio de um ano inteiro de duração de *How It's Made By Aliens*.

Graham reparou que Shin estava fazendo um gesto de loucura com o dedo indicador e mostrou o dedo do meio enquanto continuava.

– Os europeanos tinham essa imensa vantagem sobre nós, mas aí eles lenta e gradualmente a reduziram de propósito em vez de simplesmente nos chacinar num fim de semana. Por quê? Por que enviar um pequeno grupo de naves batedoras todo ano, ano após ano, a fim de estudar, mutilar nosso gado e atacar nossa base secreta na Lua? – Ele abaixou a voz até ela se reduzir a um suspiro. – Mas não eram ataques realmente sérios. Eles nunca tentam destruir toda a base e matar todo mundo dentro dela durante os ataques anuais da Oposição Joviana. Percebam, eles provocam apenas os danos necessários para provar que realmente poderiam destruir toda a base se quisessem. Depois partem sem fazer isso. Por quê?

Shin voltou a interrompê-lo.

– Você vai deixá-lo falar essas bobagens todas na frente dos novos recrutas? – perguntou ele a meu pai. – Logo antes do ataque? Ele vai desmoralizar todo mundo!

Meus colegas recrutas realmente pareciam abalados com o discurso de Graham. Como eu também – mas por um motivo

diferente. Tudo o que ele dizia batia com minhas próprias suspeitas com uma precisão assustadora, mas não queria ouvir aquilo. Shin tinha razão: preocupar-se com abstrações e perguntas sem resposta apenas a poucas horas antes da luta de nossas vidas era uma distração inútil – e até mesmo perigosa.

– Você não pode impedir o sinal, camarada! – argumentou Graham. – Eu também já tinha ouvido, de diversas fontes confiáveis, que um dos batedores deles tinha caído na Flórida no final dos anos 1980, só que não era um drone. Eles o recuperaram com dois pilotos europeus mortos, flutuando dentro de um cockpit pressurizado em forma de aquário. Dizem que ainda temos os corpos congelados num bunker oito quilômetros abaixo da base da força aérea Wright-Patterson.

– Ele está apenas repetindo velhos boatos – disse Shin. – Fofocas da Aliança, histórias para boi dormir que têm circulado por décadas. Não há nenhuma evidência sobre nada disso!

– Isso não é verdade e você sabe disso, Shing-ling – retrucou Graham. – Por que acha que os Sobrukai foram projetados como seres extremófilos aquáticos nos jogos da Chaos Terrain? Porque é assim que os europeus são, cara! – Ele se virou para falar comigo e os recém-chegados. – A aparência do senhor da guerra dos Sobrukai foi baseada na biologia dos europeus de verdade. Só o deixaram mais assustador para as pessoas.

– Bom, funcionou – disse Debbie. – Sempre tenho pesadelos com esse senhor da guerra. Sempre me esqueço de pular a introdução e sem querer dou uma olhada nele; naquela coisa, quero dizer.

– Mais uma vez, receio que o Graham aqui esteja falando uma grande merda – disse Shin. – Não temos ideia se eles são cefalópodes ou não. Isso é só um bom palpite, baseado no habitat deles. Na realidade, não sabemos se são compostos de carbono ou sequer se são nativos de Europa. – Sorri para Debbie. – Não se preocupe. O senhor da guerra é inventado. Foi criado pela Chaos Terrain também para dar ao inimigo um rosto; um alienígena ligeiramente humanoide e de aspecto vilanesco contra o qual a humanidade pudesse lutar! Como Ming, o Impiedoso, Darth Vader, Zod ou...

– Eu entendi – disse Debbie, e balançou a cabeça negativamente. – Por algum motivo, não saber como ele parece é ainda mais aterrador.

Whoadie e Milo ambos assentiram. Tornei a olhar para meu pai, mas ele estudava meu rosto, como se tentasse aferir minha reação ao que estava ouvindo.

– Você acredita em algumas dessas coisas, general? – perguntou Debbie.

Ele hesitou por um momento e trocou olhares com Graham, até finalmente quebrar o silêncio.

– Sou bem mais cético a respeito dessas coisas que Graham – respondeu ele. – Entretanto, também não concordo completamente com a avaliação direta que Shin está fazendo das coisas. – Então ele olhou para mim. – Todos nós já trocamos argumentos sobre isso; o almirante Vance também. Todos interpretamos as poucas informações que temos de modo totalmente diferente. – Ele deu um sorriso leve. – É parte de ser humano, eu acho.

– O senhor não respondeu à pergunta, general – disse Whoadie. – No que o senhor acredita?

– Sim, general – disse Shin. Ele assumiu subitamente um tom de desprezo. – Por que o senhor não é honesto e diz a verdade a eles? Conte a verdade a seu filho, sobre sua teoria. Isso realmente deveria acrescentar um pouco ao moral aqui, logo antes do momento decisivo.

Shin deixou cair os talheres no seu prato com um estrondo, levantou-se da mesa e saiu do refeitório. Meu pai o seguiu com o olhar.

– Nós três temos discutido esse tema por anos – disse Graham, ao dar de ombros e voltar a comer. – Nossas diferenças de opinião iam chegar a um conflito.

– Shin está apenas passando por um estresse tremendo agora – disse meu pai. – Todos nós estamos.

– Do que está falando? – perguntei. – Sobre sua teoria?

Meu pai suspirou e olhou de relance para os outros, que estavam o encarando sérios, incluindo Graham.

– Quase todo mundo do alto escalão na Aliança concorda com Graham sobre o fato de que os comportamentos e as táticas dos europeanos ao longo dos últimos 42 anos levantam muitas questões; pelo menos de uma perspectiva humana. – Ele balançou a cabeça. – O problema é que ninguém jamais foi capaz de chegar a um consenso sobre como interpretá-las. A maioria das pessoas no comando, pessoas como o almirante Vance, perdeu o interesse em tentar se comunicar com os europeanos depois que eles começaram a enviar drones para nos atacar.

– Mas está certo! – falei. – Eles declararam guerra a nós.

– É verdade – concordou ele. – Mas e se os europeanos esperaram até agora para atacar, é porque têm um motivo oculto; um motivo que ainda não conseguimos descobrir. Quem sabe interpretamos mal as ações deles? Ou talvez eles tenham interpretado mal as nossas?

– Mas que caralho tem ali para interpretar mal? – eu me ouvi perguntar. – Eles estão vindo matar a todos nós, do jeito que estão

prometendo fazer desde antes de qualquer um de nós ter nascido.

Meu pai deu de ombros. Ele parecia acuado.

– Não sei, filho. Talvez.

Eu me levantei.

– Talvez? Você disse *talvez*?

– Calma, Zack – disse meu pai. – Vamos conversar melhor...

– Já ouvi muita conversa, general! Shin tem razão. Você deveria estar nos liderando ao combate e nos inspirando, não... não jogando em cima de nós todo o seu medo!

Foi como se minha acusação detonasse no rosto dele como uma bomba. Seus traços se tornaram tensos, mas dei as costas a ele para não ter de ver o resto de sua reação.

Saí dali o mais rápido que pude sem olhar para trás.

Quando finalmente parei de caminhar, alguns minutos depois, percebi que estava perdido. Então puxei um mapa interativo da base no meu ComQ e o usei para localizar o elevador turbo mais próximo. Desci nele até o andar habitacional e voltei para onde estavam os quartos. Ao chegar a minha porta, pressionei a palma da mão ao painel de ônix ao lado dela e ela se abriu deslizando. As luzes acenderam quando entrei.

O interior parecia um quarto do dormitório da Academia da Frota Estelar. Tinha um design simétrico para dois ocupantes, com uma cama alta de cada lado, cada qual fechada numa caixa transparente à prova de som que podia ser escurecida com um toque de botão, para mais privacidade. Cada loft tinha também uma escada embutida, uma penteadeira e um armário de uniforme, e havia um grande monitor de TV de tela plana embutido no teto exatamente acima da cama. Além disso, havia um pequeno nicho de computador embaixo de cada cama, com uma cadeira ergonômica presa ao chão. Minha mochila estava ali perto.

Sentei-me ao computador e seu monitor embutido se iluminou, exibindo o logo da Aliança na área de trabalho e alguns ícones de programas.

Saquei o pen drive que meu pai tinha me dado e o conectei. Contive a respiração quando a lista de arquivos surgiu numa janela. Havia centenas de arquivos de texto salvos no drive, e dezenas de arquivos de vídeo, todos com nomes semelhantes: “QueridoZack” seguido por uma data de seis dígitos. O primeiro arquivo estava nomeado QueridoZack100900.txt. Nove de outubro de 2000. Alguns dias depois da suposta morte de meu pai.

Querido Zack,

Nem sei direito como começar esta carta. Tanta coisa aconteceu nos

últimos dias, e a maioria delas ainda não parece real.

Estou escrevendo esta carta para você da Lua. É sério, garoto, seu pai está na Lua!

Sabe, na verdade eu não morri na explosão na usina, como disseram a você e à sua mãe. O governo apenas fez parecer que eu tinha morrido, porque precisam da minha ajuda para evitar uma invasão alienígena. Eu sei que isso parece ridículo, como se fosse algo saído de um livro de ficção científica ou de um filme ruim. Mas existe um motivo para isso! *Star Wars*, *Star Trek*... todos aqueles filmes, romances, programas de TV e videogames de ficção científica que joguei minha vida toda, tudo isso foi projetado para preparar as pessoas do mundo para uma verdadeira invasão alienígena. Ainda estou tentando assimilar esse fato, mas sei que é verdade. Já vi as evidências com os próprios olhos.

Ainda não sabemos quando a invasão irá começar, então não tenho certeza de quanto tempo vou ficar longe de você e de sua mãe. Talvez só alguns meses. Mas pode ser que eu fique anos sem poder voltar para casa. Há também uma chance de que eu seja morto aqui em cima. Se isso acontecer, não quero que você passe o resto da vida acreditando que seu pai era apenas um cara fracassado que trabalhava com esgoto, que morreu num acidente besta antes sequer de ter feito algo importante na vida.

Quero que você saiba quem realmente fui, e o que aconteceu comigo de verdade. Mas, acima de tudo, preciso que você saiba como foi difícil para mim deixar vocês, e como está sendo difícil saber que acham que estou morto. Por favor, saiba que eu nunca teria feito vocês passarem por isso se achasse que tinha outra opção.

O governo prometeu cuidar de minha família enquanto estou fora. Eles forjaram uma espécie de acordo para o acidente, para que você e sua mãe nunca tenham de se preocupar com dinheiro. Vocês poderão viver com muito mais conforto do que nós três jamais poderia ter vivido com o salário de um trabalhador de esgoto, isso com certeza. Sei que isso não vai compensar minha partida, mas me faz sentir um pouco melhor.

Tenho muita saudade de vocês, de verdade, mas tenho de admitir que é meio que incrível aqui em cima. Por toda minha vida, tive a sensação de que eu estava predestinado a fazer algo importante, mas eu era bom só em videogames, e sempre achei que isso seria completamente inútil para mim. Mas não é inútil, e eu também não sou. Acho que sempre estive destinado a fazer isso na minha vida. Apenas nunca soube disso.

Toda a minha existência agora é ultrassecreta, então não me deixam sequer mandar para você cartões de aniversário enquanto eu estiver aqui. Mas eu vou escrever para você mesmo assim, sempre que puder, e guardar as cartas até poder dá-las a você. Também vou escrever para sua mãe. Faz apenas alguns dias que estou aqui, mas já sinto muita saudade de vocês dois.

Espero que estejam bem – espero que meu enterro não tenha sido muito duro para os dois, embora você não tenha nem um ano, então não vai se lembrar de ter estado ali, mas ela sim, e pensar em como deve ter sido duro para ela me faz sentir vontade de pular de um penhasco. É claro, percebo agora que já pulei. É por isso que estou preso aqui no momento.

De qualquer maneira, prometo escrever em breve de novo, assim que tiver mais tempo. Vou te contar tudo que aconteceu comigo, e tudo sobre a base lunar onde vivo. Vou indo agora, preciso ir defender a Terra de invasores alienígenas.

Com amor,
Xavier (seu pai)

Continuei lendo, devorando uma carta atrás da outra.

As primeiras cartas preenchiam detalhes perdidos da história que eu já havia montado ao ler seu velho caderno de notas de teoria. Meu pai descreveu em detalhes como ele havia começado a descobrir facetas da grande conspiração da Aliança nos anos antes de o recrutarem, após o encontro com o estranho jogo *Phaëton* no fliperama do bairro dele. Mais tarde ele descobriria que o mesmo protótipo foi usado pra recrutar Shin, Graham e o almirante Vance.

Depois de ser recrutado, as suspeitas de que meu pai teve durante sua vida inteira foram confirmadas – a Aliança o havia rastreado desde que ele estava no primário. Ele tinha sido colocado no topo da lista de observação deles depois de ter enviado dezenas de polaroides borradas de sua alta pontuação para a Activision. Mas ele foi considerado inelegível para recrutamento precoce devido a alguns resultados perturbadores na avaliação psiquiátrica preliminar que fizeram dele. Esse foi o motivo de só terem recrutado o meu pai muito depois, quando ele tinha 19 anos – logo após se tornar pai. Certa manhã, dois homens de preto apareceram no seu intervalo de almoço e o abduziram do emprego. Levaram-no para uma de suas estações secretas e mostraram uma versão anterior do filme de instrução da Aliança e lhe deram uma escolha: podia entrar para a ADT e utilizar sua habilidade em videogames para tentar salvar a humanidade ou podia, como disse, “ser um covarde e continuar mergulhado no esgoto para sobreviver até os aliens aparecerem e destruírem nosso planeta, junto com minha mulher, meu menino e todo mundo que conheço e amo”.

Que escolha eu tinha, Zack? Não queria deixar vocês dois, mas também não podia ficar sentado sem fazer nada enquanto isso acontecia. Então eu disse sim, muito embora soubesse que isso poderia significar nunca mais ver você e sua mãe de novo. Se eu morresse protegendo vocês dois e nosso lar, então achei que valeria a pena.

Aprisionamento. Foi como ele começou a chamar isso.

Em cada carta que eu abria, meu pai repetia o mesmo pedido de desculpas, marcando e lamentando cada aniversário ou Natal perdido. Para ele, cada marco da minha infância e adolescência

havia sido uma espada de dois gumes. Ele ter me visto crescer até a idade adulta lhe trouxera alegria, mesmo de uma distância tão grande. Mas essa alegria sempre seria marcada pela agonia amarga que ele sentia por ter perdido cada segundo, e a consciência da dor que a ausência dele causava.

Uma vez por mês, ele escreveu, a Aliança o atualizava sobre minha mãe e eu. Ele esperava a chegada desses dias como se fosse um feriado. Nesse ínterim, vasculhava a internet para encontrar qualquer fragmento de notícias sobre nós que pudesse estar em algum jornal local ou no site da escola. Toda vez que recebia uma foto nova minha, escrevia a respeito em suas cartas com detalhes infinitos, sem parar de falar como eu estava ficando grande. Sobre quanto ele sentia a minha falta e de minha mãe, cada vez mais a cada ano.

Ele me escrevia sobre seu dia a dia como piloto de drone de elite da Base Lunar Alfa. Contava os detalhes das batalhas que lutava cada ano, durante a Oposição Joviana. Escrevia sobre suas esperanças de vitória, sobre seu medo da “guerra vindoura”. Meu pai usava muito essa expressão em nossas cartas. “A guerra vindoura”. Isso me fez perceber como deve ter sido terrível para ele ter esse conflito sempre em mente, por todos esses anos. Ele tinha vivido toda sua vida adulta com esse fardo terrível, sabendo que o Fim de Tudo estava chegando, e que ele estava se aproximando a cada segundo.

Numa das cartas, ele confessou que tinha parado de temer a invasão vindoura. “Agora desejo que ela chegue”. “Porque, de uma maneira ou de outra, vai acabar com minha angústia, e meu aprisionamento aqui.”

Escreveu também: “Sinto tanta saudade de você e da sua mãe que às vezes mal consigo suportar.”

E então, meia dúzia de cartas depois, escreveu: “Não consigo mais aguentar.”

Em outra carta, ele disse que tinha ficado “um pouquinho maluco por um tempo”. Escreveu sobre como o fizeram tomar antidepressivos. Quando as coisas ficavam muito ruins, ele tomava tranquilizantes também. E era obrigado a fazer videoconferência com um psiquiatra na Terra duas vezes por semana.

Escreveu que eles viviam lhe dando medalhas, mas elas não importavam mais nada para ele. Só queria ir para casa. Mas não podia, pois seu trabalho era garantir que a humanidade ainda tivesse um lar quando tudo aquilo acabasse. Além disso, ele sabia que a Aliança não iria deixá-los voltar para casa, pois ele havia pedido isso a eles – repetidas vezes. Mas disseram que ele era um ativo muito valioso, que o mundo precisava dele exatamente ali,

onde ele estava. Então em vez disso ele começou a implorar à Aliança para dar a ele apenas algumas horas de licença em terra para poder estar com sua família e lembrar-lhe do motivo pelo qual estava lutando ali em cima. Disseram a ele que isso seria um risco de segurança muito alto, e se alguém soubesse que ele ainda estava vivo, especialmente a família, poderia pôr em risco tudo pelo qual havia trabalhado e se sacrificado durante todos esses anos.

Por mais difícil que tivesse sido para mim crescer sem meu pai, agora percebia que os anos em que ficamos distantes foram ainda mais difíceis para ele. Nos últimos dezessete anos, eu estive levando uma vida idílica nos subúrbios com minha mãe, cercado de amigos e todos os confortos do lar. Meu pai havia passado esse tempo aqui, neste lugar desolado no lado escuro da Lua, sozinho, e até onde ele sabia completamente esquecido por seus entes queridos.

Finalmente fiquei curioso e pulei até a coleção de videomensagens que ele havia gravado. Cliquei na mais recente, datada de menos de uma semana atrás. O marcador de tempo dizia que passava pouco de duas da manhã, pela hora da BLA.

Meu pai estava sentado numa sala grande e escura – maior que seus aposentos. Era uma parte da base que não reconheci. Seu rosto com barba por fazer estava a apenas centímetros do seu ComQ, e seus olhos paranoicos injetados preenchiam metade da tela. Sentado no escuro ali, falando sem parar na câmera de vídeo do seu ComQ, ele suava e parecia um paciente louco de camisa força – mais especialmente, muito com Brad Pitt em *Os doze macacos*.

– Tem uma coisa que preciso fazer – disse ele. – Uma coisa que não posso contar a você até vê-lo pessoalmente. Mas não sei se Vance realmente vai honrar meu pedido e botar você aqui comigo. Se ele não fizer isso, preciso que você saiba uma coisa.

Ele olhou bem para a lente da câmera, parecendo buscar as palavras certas.

– E se descobrir os verdadeiros motivos dos aliens for a única maneira de derrotá-los? – Deu de ombros e afastou o olhar. – Ou pelo menos de sobreviver a eles? A esta altura, sobreviver pode ser o melhor cenário da humanidade. – Tornou a olhar para a lente. – Espero que tudo isso faça sentido se você realmente chegar a ver isso. Se vir... por favor, me perdoe, filho. Por tudo. E não importa do que as pessoas me chamam, não importa o que disseram a respeito das minhas ações, quero que você saiba que fiz o que senti que tinha de fazer: proteger você e sua mãe e todos na Terra. Por favor, saiba que fiz o que fiz porque não tinha outra escolha. Se você estiver vivo para ver esta mensagem, saberá que fiz a escolha

certa.

Ele ficou olhando para a câmera por mais alguns segundos, cheio de expectativa, como se realmente esperasse que eu respondesse. Então bateu na tela à sua frente e a imagem desapareceu.

Arranquei o pen drive e enfiei no bolso. Então me ajoelhei para pegar a mochila. Minha velha mochila de lona estava enfiada ali dentro, junto com a jaqueta de couro coberta de emblemas de meu pai. Joguei a mochila sobre o ombro e fui para a saída.

Desci o corredor vazio até o quarto do meu pai. A porta se abriu automaticamente para mim assim que cheguei ao alcance de seu scanner de retina, e vi meu pai sentado numa cadeira no canto da sala, ligado a um Sistema de Controle de Voo do Interceptor do *Armada* igual ao que eu tinha em casa. Estava usando óculos de realidade virtual e um par de headphones de isolamento de ruído e não pareceu ter notado minha chegada. Pude ver que ele estava jogando uma missão de prática de *Armada* com Shin e Milo, porque ficava a toda hora chamando seus indicadores de chamada, seguido de sua frase registrada de RedJive, que ele pronunciava toda vez que fazia as naves de outros oponentes em pedacinhos virtuais.

– De nada. De nada. E você também, de nada.

Dei um pigarro alto e ele tirou os óculos e os headphones.

Mostrei seu pen drive. Ele assentiu e se levantou. Então olhou por cima do ombro para a câmera de segurança mais próxima antes de virar para mim.

– Vamos. Conheço um lugar onde podemos conversar em particular – disse ele.

Meu pai me levou por um labirinto de corredores mal-iluminado, e depois até um elevador turbo. Ele nos levou rapidamente para cima, para o nível principal da base, e as portas se abriram para o convés de observação. Reparei que a cúpula transparente era do exato tamanho do teto abobadado lá embaixo, na Cúpula do Trovão, e oferecia a mesma visão. Olhei ao redor até localizar a fileira de câmeras suspensas da estrutura blindada da cúpula, que captava a visão em 360 graus da paisagem ao redor e a projetava sobre o teto de concreto da Cúpula do Trovão, bem abaixo do manto rochoso da Lua.

Sem parar para admirar a vista, meu pai me levou até o outro lado do convés de observação, para outra porta de elevador. Ao contrário das outras portas nesta base, esta não abriu automaticamente quando ele se aproximou. Desta vez, meu pai abriu um painel ao lado para revelar um teclado numérico, então digitou um longo código, de memória. As portas se abriram e nós entramos. Havia um único botão, com uma seta para baixo, que se iluminou quando meu pai o apertou. O elevador nos levou para baixo, tão rápido que achei por um momento que meus pés iam sair do chão. Quando as portas da cabine se abriram, saímos em um estreito túnel de serviço cheio de fios e tubos de metal. Segui meu pai por toda sua extensão, quase correndo para acompanhar. Era um túnel bem comprido, com uma inclinação muito acentuada para baixo.

Quando finalmente chegamos ao outro lado, meu pai abriu uma

comporta circular no teto digitando mais um código de segurança. Depois de uma longa subida por uma escada de metal, chegamos a uma sala grande circular com um teto de cúpula clara. Ele oferecia uma visão estonteante da cratera ao redor e da esfera blindada que era a Base Lunar Alfa, visível à nossa direita – um orbe gigante blindado estava aninhado na cratera adjacente em forma de taça bem acima de nós, logo além da borda da grande cratera Daedalus em forma de tigela, na qual estávamos naquele momento.

– Bem-vindo ao Observatório Daedalus – disse meu pai. – Desculpe toda a poeira e o lixo; os droides de limpeza nunca vêm aqui, óbvio. Fecharam o Observatório há duas décadas e deixaram todo o lugar interditado.

Passsei um momento olhando para a superfície lunar desolada, que se estendia até o horizonte negro. A visão subitamente me fez perceber o fantástico isolamento do lugar. Era de se esperar que meu pai e seus amigos tivessem um comportamento um pouco estranho. Os anos de solidão que passaram aqui em cima provavelmente teriam deixado muita gente louca.

– Você disse que esse lugar estava interditado?

– Estava. *Está*. Mas eu descobri como se liga os sistemas de energia e suporte de vida daqui sem alertar ninguém na Terra. Deixei todos os microfones e as câmeras aqui dentro desabilitados, então este é um dos poucos lugares em toda a base onde não podem me monitorar ou me filmar.

Ele se inclinou para um pequeno microfone que despontava de um console próximo e depois falou alto nele.

– Abra as portas do hangar, HAL – recitou ele. – Eu disse, por favor, abra as portas do hangar, HAL. – Sorriu para mim. – Viu? Que doce privacidade.

– Claro, não íamos querer que o Canceroso nos escutasse – resmunguei. Mas ele ignorou a observação.

– Aqui. – Ele estendeu a mão para ligar um banco de chaves e inundando o espaço na penumbra com uma luz fluorescente piscante. – Era isto que eu queria te mostrar.

O outro lado da sala de controle era uma bagunça caótica e amontoada. Notas escritas a mão, diagramas, desenhos e impressões de computador estavam colados por toda parte, empilhados em toda superfície disponível. Parecia o antro de um detetive de homicídios de algum programa de TV – um que havia passado décadas rastreando um *serial killer* que ninguém acreditava que existia.

Atravessei a sala e a selva de papel que meu pai havia criado, estudando suas notas e impressos.

– Eu sei a impressão que tudo isso aqui dá – disse ele como se

lesse minha mente. – Como a garagem de Russell Crowe em *Uma mente brilhante*, certo?

– Eu estava pensando que parecia mais com o antro de um supervilão. – Comecei a apertar botões aleatórios no console à minha frente. – Qual deles é o de autodestruição?

– Na verdade, foi o que você apertou primeiro – respondeu, apontando para um botão vermelho sem etiqueta.

Acreditei nele por uma fração de segundo – o suficiente para arregalar meus olhos em pânico.

– Te peguei, garoto! – falou ele, sorrindo.

– Tá, você me pegou. Você fez tudo isso sozinho?

Ele assentiu.

– Nunca compartilhei nada disso nem com Shin nem com Graham. Shin não levaria nada disso a sério. E Graham... bem, Graham não tem uma mente muito cética, e eu queria abordar isso cientificamente. – Ele me olhou bem nos olhos. – Mas pelo que você falou no refeitório antes, certamente você não ia querer ouvir nada disso, né?

Meneei a cabeça negativamente.

– Andei me fazendo as mesmas perguntas que você e Graham. Eu só... não achei que descobrir as respostas pudesse fazer alguma diferença agora. – Olhei bem nos olhos dele. – Me conta.

Ele assentiu e respirou fundo.

– Você sabe quem é Finn Arbogast. – Não era uma pergunta, mas eu fiz que sim.

– O falso fundador da Chaos Terrain? – perguntei, lembrando meu breve encontro com aquele homem naquela manhã no Palácio de Cristal; parece ter sido uma vida inteira atrás. – O que tem ele?

– Eu fui seu principal consultor militar quando ele e a Chaos Terrain estavam desenvolvendo *Terra Firma* e *Armada*, bem como todos os primeiros pacotes de missão – explicou ele, e achei ter detectado um vestígio de orgulho na sua voz. – Sempre sonhei em trabalhar fazendo videogames quando crescesse, então você pode imaginar como me senti quando tive a oportunidade de ajudar a desenvolver os videogames que poderiam salvar o mundo. Arbogast e eu trabalhamos juntos por vários meses. Não pessoalmente, mas fazíamos videoconferências várias vezes por semana. O trabalho dele era criar videogames que treinariam a população do mundo a combater os europeanos. Então eles tinham de ser capazes de simular as naves, armas, manobras, táticas deles, tudo com um grau muito alto de precisão. Para realizar isso, deram a Arbogast acesso ilimitado a todos os dados da Aliança sobre os europeanos, a todas as informações que reunimos sobre eles desde que fizemos o primeiro contato. – Ele respirou fundo. – E eu consegui acessar alguns desses

dados ultrassecretos.

– Como? – perguntei. – Se você estava preso aqui em cima e ele estava na Terra?

– Ele ligou sua rede de computador à nossa – disse meu pai. – Para poder compartilhar novos modelos de *Terra Firma* e *Armada* conosco assim que estivessem prontos para teste. Isso permitiu que eu ganhasse acesso aos seus arquivos de pesquisa sobre os europeanos, que continham *muitos* dados ultrassecretos sobre nossas interações com eles ao longo dos anos... E tudo o que aprendi com eles confirmou a teoria que já vinha formulando há quase uma década.

Assenti, tentando disfarçar o quanto ele estava me deixando nervoso.

– Pode me contar.

– Ok. Lá vai. – Respirou fundo. – Desde que fizemos o primeiro contato com os aliens, eles têm interceptado nossos filmes e nossas transmissões de TV. Então eles editam vídeos de tudo e transmitem de volta para nós, uma vez por ano, logo antes da Oposição Joviana. Mas apenas algumas pessoas já tiveram permissão de ver o que eles nos enviam. – Apontou para a tela. – Agora eu preciso que você veja também.

Um dilúvio de vídeos editados por aliens começou a aparecer na tela – e cada um deles exibia alguma forma de conflito humano. Vi muitos filmes dos noticiários de cinema da Segunda Guerra Mundial, entrecortados por fotos e vídeos de dezenas de outros conflitos militares de grande escala que aconteceram nas décadas seguintes. Mas essas imagens da guerra da vida real eram entrecortadas com cenas de muitos filmes e séries de TV antigas de guerra. Quase parecia que os europeanos eram incapazes de diferenciar entre realidade e ficção. Ou isso ou eles estava entrecortando os dois de propósito, num esforço para emitir algum tipo de mensagem.

Algo ainda mais estranho: também comecei a identificar cenas breves retiradas de dezenas de filmes de ficção científica. Todas elas apresentavam invasores aliens de algum tipo. Em apenas alguns segundos, vi tomadas de vários filmes das franquias *Star Trek* e *Star Wars*, misturadas com cenas das várias versões de *Guerra dos mundos*, *O dia em que a Terra parou*, *V* e até mesmo – Deus nos ajude – *A reconquista*. Mas nada do gênero de filmes de alienígenas bonzinhos. Nem um único frame de *E.T.*, *Starman: o homem das estrelas*, *Terra para Echo* ou *ALF*.

– Olha essas transmissões – comentou ele enquanto o dilúvio de vídeos continuava a piscar na tela, mostrando uma coleção grotesca de invasores extraterrestres arrancados de toda a história do cinema

de ficção científica: Aliens, Predadores, Trífides, Transformers... pode escolher.

– Essas imagens, e a forma como foram dispostas, acho que é algum tipo de mensagem, filho. Uma mensagem intencionalmente críptica. É como... como se eles estivessem segurando um espelho para que possamos nos ver do ponto de vista deles.

Aquela rápida montagem de imagens perturbadoras passando na tela subitamente se transformou em uma série de vídeos de dois e três segundos de duração de blockbusters como *Independence Day*, *Armageddon* e *Impacto profundo*, a maioria deles eram cenas que demonstravam toda a humanidade se unindo como uma só espécie para salvar a si mesma e seu lar de um cometa mortal, um asteroide errante ou uma ampla variedade de invasores hostis alienígenas.

– Acho que os europeanos têm estudado a nós e a nossa cultura popular desde antes de fazermos o primeiro contato com eles – explicou meu pai, correndo as mãos pelo cabelo. – Acho que eles viram todos os filmes e programas de TV de ficção científica que mostram uma invasão alienígena de nosso planeta, e perceberam que isso era um dos piores pesadelos da nossa espécie. Então se encarregaram de fazer isso acontecer. Começaram a encenar uma invasão alienígena exatamente como aquelas que sempre imaginamos. O tipo reproduzido na nossa ficção, completo com naves-mãe gigantes, lutas de caças estelares, robôs assassinos... tudo isso!

Meu pai ficou me encarando, esperando que eu dissesse algo, mas por um momento fiquei sem fala. Só consegui continuar a encarar a tela na qual as imagens continuavam passando sem parar. Vi fotos dos relançamentos de *Enigma do outro mundo*, *O dia em que a Terra parou* e *Guerra dos mundos*, e depois um vídeo de um filme mais antigo, *Terra versus os discos voadores*.

– Eu sabia com certeza que as transmissões tinham a intenção de ser alguma espécie de mensagem quando ouvi isto – disse ele, batendo no seu ComQ. – Cada um desses minivídeos termina com uma série de cinco tons.

Era abertura de “Wild Signals” da trilha de John Williams para *Contatos imediatos do terceiro grau*. Os cinco tons que o governo mandou seu tecladista tocar quando começaram aquele jogo épico de *Genius* como os aliens no final do filme.

Tan-tan-tan-PAN-PAN!

Os tons soavam como se fossem produzidos pelos toques das teclas de um antigo telefone. Começaram a tocar, muito rapidamente, em *loop*. Então meu pai tirou o som e se virou para observar minha reação. Mas ouvir aquelas cinco notas de *Contatos imediatos* havia me desestabilizado por um momento. Nunca gostei

desse filme – provavelmente por causa da facilidade com que o protagonista, Roy Neary (alerta de *spoiler*) deixara a família no final. Era um pouco parecido demais com a minha situação.

Fiquei olhando para as imagens. Fiquei ouvindo os tons. E esperei que ele continuasse.

– Ok – prosseguiu ele. – Primeiro, pense só na cronologia dos eventos. Pense em como nosso primeiro contato com eles aconteceu. Os europeanos orquestraram todo este conflito; eles nos atraíram e nos manipularam. – Estreitou os olhos. – Por que mais colariam uma suástica gigante na superfície de Europa? Era uma armadilha, e caímos como um patinho! Exatamente como o almirante Ackbar, caralho!

Em outras circunstâncias, isso poderia ter me feito rir. Mas não naquele momento.

– Então – continuou ele –, a humanidade descobre esta mensagem ameaçadora, de uma inteligência obviamente não humana, colocada em um ponto onde sabiam que os humanos encontrariam quando nossa tecnologia avançasse até o estágio em que fôssemos capazes de enviar sondas para nosso sistema solar, meio que como um monólito enterrado na Lua em *2001*?

Assenti – não concordando, mas apenas para indicar que entendi a referência. Tenho certeza de que teria mencionado que havia lido seu exemplar de *A sentinela*, o conto de Arthur C. Clarke que serviu de inspiração para a história de *2001* de artefato-deixado-para-trás-por-aliens-ancestrais, mas, no íntimo, eu me perguntava se meu pai estava sofrendo de um enviesamento de confirmação ou de seleção observacional, ou um dos outros desvios que aprendi na minha aula de psicologia. Talvez ele estivesse vendo padrões onde na verdade não havia.

Ou talvez não.

– Os europeanos devem ter sabido que não seríamos capazes de resistir a enviar uma sonda lá para investigar a origem deles. E no momento em que fizemos isso, eles subitamente declararam guerra e a intenção de exterminar toda a nossa espécie. Segundo a história oficial, os aliens nunca nos deram a chance de explicar nossas ações ou de negociar com eles. Mas não nos mataram na hora, muito embora tivessem os meios tecnológicos para isso. Não, em vez de nos atacar, nos atraíram para uma espécie de corrida armamentista bizarra. Depois gradualmente nos deixaram diminuir o abismo tecnológico entre nós e eles. Ao longo de um período de 42 anos. Então, este ano, finalmente decidem invadir. Por quê? O comportamento deles não faz nenhum sentido, a menos que estejam nos testando. É a única explicação lógica.

– Não estamos falando de vulcanos aqui – lembrei a ele. – Você

não pode impor a lógica humana ao comportamento alienígena, certo? Por que qualquer coisa que eles fazem deveria fazer sentido pra nós? A cultura e os motivos deles podem ser... você sabe, além da nossa compreensão humana.

Meu pai meneou a cabeça negativamente.

– Este humano aqui entende o bastante para saber quando está sendo manipulado – argumentou ele. – Esses aliens nos atraíram e manipularam para esta posição exata por um motivo, talvez para provocar uma reação. Ou para nos colocar em situações específicas, para ver como reagiremos a elas, coletivamente, como espécie.

– Como um teste?

Ele concordou com a cabeça; depois se sentou bruscamente sem dizer mais nenhuma palavra, como um advogado que havia acabado de dar o argumento final para o júri, e me encarou, aparentemente esperando que eu respondesse, os olhos indo de um lado para outro, febris, dependendo da minha reação.

– Para o que você acha que estão nos testando? Para ver o quanto eles podem nos aterrorizar? Para ver como é difícil de nos matar ou escravizar?

– Não sei, filho – falou ele, a voz ainda calma e tranquila apesar da expressão em seu rosto. – Talvez quisessem ver como nossa espécie lidaria consigo mesma durante o encontro com outra espécie inteligente? Uma espécie potencialmente hostil? Esse é um dos arquétipos clássicos da ficção científica. Alienígenas sempre estão aparecendo para colocar a humanidade em julgamento. *O dia em que a Terra parou, Um estranho numa terra estranha, Have Space Suit, Will Travel...* e um monte de diferentes episódios de *Star Trek*. Os europeanos poderiam ter um milhão de motivos diferentes. No relançamento da década de 1980 de *Além da imaginação*, havia um episódio chamado “A Small Talent for War”...

Levantei a mão para interrompê-lo.

– Mas isto aqui não é ficção científica, general – retruquei, sentindo como se o adulto na conversa fosse eu, enquanto ele tinha assumido o papel do adolescente deslumbrado que não quer escutar a razão. – Isto não é episódio de *Além da imaginação*. É vida real, lembra?

– A vida imita a arte – respondeu. – E talvez estes aliens em particular também. – Ele sorriu para mim. – Para você, nenhuma dessas coisas parece ser algo que poderia acontecer na vida real? Ou os eventos parecem estar se desdobrando da maneira que fariam numa história, num filme? Com timing perfeito para efeito dramático?

Ele pegou um grande quadro branco, que descansava perto de um console próximo, e o virou na minha direção para que eu

pudesse ver os dois diagramas desenhados apressadamente nele. Ele tinha desenhado uma imagem da Estrela da Morte de *Star Wars* na esquerda e um esboço do dodecaedro Disruptor na direita. Ambos os desenhos estavam cercados por setas e notas que pareciam traçar uma comparação entre os dois. Mas era difícil ter certeza – porque eu não conseguia ler de modo nenhum a letra do meu pai.

– Veja o Disruptor, por exemplo. Por que ele é tão difícil de destruir, quando não temos problema em acabar com os outros drones deles? Por que não tornar todos os seus drones difíceis de destruir? Porque o Disruptor é um chefe de nível, esse é o motivo. – Ele apontou para o quadro branco. – O Disruptor é a versão deles da Estrela da Morte; é uma imensa arma de alta destruição praticamente indestrutível, mas tem um pequeno calcanhar de Aquiles que nos permitirá aniquilá-la. – Olhou para mim. – É como se tivessem a projetado assim, para que pelo menos um piloto tenha de se sacrificar para destruí-la. Os escudos só cairão por alguns segundos, apenas o tempo suficiente para duas detonações de núcleo perfeitamente cronometradas! Por que eles projetariam algo assim, a não ser que fosse de propósito?

Concordei com a cabeça.

– Eu me perguntei a mesma coisa – confessei.

– Nenhum engenheiro ou projetista de armas construiria algo com uma fraqueza tão arbitrária – continuou ele. – O Disruptor se parece mais com algo que um desenvolvedor de videogames faria, para criar o grande desafio no fim de uma fase: um chefe que requer um enorme sacrifício para destruir. E então eles enviam um, e apenas um, para atacar esta base, em vez de mandá-lo direto para a Terra. Por quê? Porque queriam que nós víssemos como ele funcionava! Então nos deixam destruí-lo! Talvez fosse parte do teste; para descobrir se os humanos estão dispostos a fazer um sacrifício heroico para se salvarem? Para ver se nossa espécie realmente se comporta do jeito que nos mostramos em nossos livros, filmes e jogos? – Ele voltou a se levantar e começou a andar cada vez mais rápido. – Eles poderiam estar nos testando para ver se a humanidade não tem a coragem de suas convicções? Será que somos tão altruístas e nobres quanto pensamos que somos?

– Mas como os aliens sequer saberiam sobre o sacrifício heroico de Vance? – perguntei. – Ou sobre qualquer coisa que estava acontecendo dentro das fileiras da Aliança durante aquelas batalhas?

Ele mordeu o lábio inferior. Depois levantou seu ComQ.

– Pense nisso. De onde veio esta tecnologia de ComQ?

Meneei a cabeça em uma negativa, sem querer acreditar, mas ele fez que sim, discordando.

– Os europeus inventaram essa tecnologia, e nós mal sabemos como ela funciona – prosseguiu ele. – De acordo com tudo que sabemos, eles podem nos ouvir com isso. – Esfregou as têmporas, fazendo uma careta. – Quer dizer, você acha que foi coincidência que, de todos os lugares da Aliança ao redor do mundo que eles podiam ter atacado esta manhã, eles escolheram aquele onde tínhamos acabado de colocar todos os nossos candidatos a recrutas de elite?

Ele fez silêncio e me encarou. Minha cabeça rodopiava. Sentei-me numa das poltronas de couro presas ao chão.

– Por que está me contando tudo isso? – perguntei.

Ele franziu a testa, parecendo decepcionado que eu precisasse perguntar.

– Porque você é meu filho – disse. – Talvez eu apenas queira sua opinião.

– Sobre o quê, general?

– Sobre o que você acha que deveríamos fazer. Ignoramos tudo sobre as ações dos europeus que não fazem sentido e deixamos a Aliança lançar sua arma de alta destruição neles? Tentamos cometer genocídio contra a primeira espécie inteligente que já contatamos?

– Mas eles estão vindo para cá para cometer genocídio em nós! – gritei. – Não temos escolha a não ser nos defender!

– Acredito que temos sim, filho. Acho que é isso o que eles estão fazendo: nos apresentando uma opção. Podemos tentar destruí-los, e assim garantir que eles nos destruam – propôs ele. – Ou podemos arriscar um jogo, com base nas deduções e no nosso raciocínio moral, e tentar deter o Quebra-Gelo.

– Mas então... não estaremos simplesmente permitindo que eles nos exterminem ao chegar?

– Se eles quisessem exterminar a humanidade, poderiam ter feito isso décadas atrás. Eles tinham a capacidade tecnológica de nos destruir desde o dia em que fizemos o primeiro contato com eles. A ilusão de que podemos derrotá-los nesta guerra é só isso: uma ilusão. Sempre foi.

Não respondi. Ele me pegou pelos ombros.

– Ninguém mais sabe disso tudo. Ninguém mais poderia ler essas folhas de chá como você e eu aqui. Sinto que deve haver uma razão para que nós dois estejamos aqui agora. Estamos na posição de decidir o destino da humanidade. – Ele sorriu. – Talvez seja o destino.

Olhei bem nos olhos dele. Ele estava me dizendo a verdade – ou o que acreditava ser verdade. Na minha mente não havia dúvida disso. É impossível fazer cara de paisagem com alguém que tem a mesma cara que você.

– Foi por isso que você não participou daquela primeira missão do Quebra-Gelo, não foi? – perguntei. – O almirante Vance deixou você no banco, certo? Ele achou que você poderia tentar sabotá-la?

Ele fez que sim.

– Ele me conhece bem. Fomos amigos por muito tempo.

– Você mostrou essa teoria para o almirante Vance? – perguntei.
– E ele não engoliu?

– Archie é um homem bom. Destemido. Honorável. Mas o cara não tem muita imaginação. E não sabe merda nenhuma das alegorias mais batidas da ficção científica. – Ele sorriu. – Olhe o indicativo de chamada dele: Viper. Ele pegou do personagem de Tom Skerritt em *Top Gun*, seu filme favorito de todos. Ele odeia ficção científica. Nunca consegui fazer com que ele visse *Star Trek*, *Star Wars*, *Firefly* ou *BSG*! – Ele balançou a cabeça. – O desgraçado até se recusou a ver *E.T.*! Quem é que não gosta de *E.T.*?

– É, obviamente não se pode confiar no cara – resmunguei.

Meu pai franziu a testa com meu sarcasmo.

– Não foi isso o que eu quis dizer – continuou ele. – Archie é um guerreiro. Ele acredita que podemos derrotá-los, apesar da tecnologia superior deles, pois a evolução nos equipou melhor para a guerra. – Então ele meneou a cabeça. – Eu sou um gamer, Zack. Como você. Quando me encontro confrontado com um enigma, não posso deixar de tentar resolvê-lo.

Ele começou a andar de um lado para o outro à minha frente mais uma vez.

– Quero descobrir o que os europeanos realmente são. O que existe lá embaixo, sob todo aquele gelo. – Ele olhou através da cúpula, a faixa brilhante de estrelas no céu. – Eu quero saber a verdade. Quero chegar ao fim do jogo. – Voltou a olhar bem fundo nos meus olhos. – E quero salvar o mundo se puder.

– Como?

– Não tenho certeza. Mas vou tentar, se tiver oportunidade. – Ele olhou para o chão. – E eu queria me explicar para você primeiro. Para que você entenda qualquer atitude que eu possa ser forçado a tomar. – Deu de ombros. – Talvez você possa explicar tudo à sua mãe, se eu não tiver a oportunidade...

Então ficou sem voz. Eu estava assustado demais sobre o que ele poderia dizer se eu pedisse que se explicasse melhor.

– É muita coisa para processar – retomou ele. – Vou te deixar um pouco sozinho para pensar.

Quando ficou claro para ele que eu não ia falar mais nada, meu pai estendeu a mão e a pressionou no scanner ao lado da saída. A porta se abriu com um sibilar.

Ele deu um passo à frente, como se fosse me abraçar, mas viu

algo em meus olhos que o fez mudar de ideia. Ele sorriu e recuou.

– Vou voltar à Cúpula do Trovão e rodar uma checagem final de sistemas em cada um dos módulos de controle. Me encontre lá assim que estiver pronto, ok?

Fiz que sim, mas permaneci em silêncio. Ele me deu outro sorriso amarelo, e desapareceu porta afora.

Assim que ele se foi, fiquei sentado ali sozinho na sala de controle do Observatório Daedalus às escuras, no centro da gigantesca orelha eletrônica que a humanidade havia construído para tentar se comunicar com seu inimigo, pensando em tudo que meu pai tinha acabado de me dizer.

E se ele estivesse certo – assim como quando rascunhou sua teoria sobre a Aliança de Defesa da Terra naquele seu velho caderno? Aquela teoria dele tinha parecido ridícula no começo também.

Pensei bastante naquela possibilidade. Então dei uma última olhada para a cúpula enquanto o dínamo estrelado se estendia sobre minha cabeça, absorvendo tudo. Virei e corri depressa pela saída, fugindo da solidão do Observatório Daedalus o mais rápido possível. Não havia muito mais tempo, e eu não queria passar o tempo que me restava sozinho.

Peguei o elevador turbo no convés de observação. No momento em que as portas do elevador se abriram e eu entrei no grande aposento com cúpula, o cheiro de *cannabis* queimando tomou de assalto o meu nariz. O cheiro foi ficando cada vez mais forte à medida que eu me aventurava a entrar no aposento, assim como os acordes familiares de “Dark Side of the Moon”, do Pink Floyd, pontuados por acessos de riso ligeiramente contidos.

Na penumbra, eu agora conseguia distinguir duas figuras deitadas no chão do outro lado da sala: Shin e Milo estavam lado a lado, deitados de costas olhando a faixa reluzente da Via Láctea pela cúpula de observação. Estavam passando uma bagana do tamanho de um míssil Cruise de um lado para outro. O Pink Floyd estava num volume tão alto que não me ouviram entrar. Fiquei ouvindo por alguns minutos enquanto eles continuavam uma discussão aos risos de seus episódios favoritos de *Robotech*.

Fui chegando de mansinho atrás deles, então soltei um pigarro alto.

– E aí, gente?

Shin se levantou correndo, parecendo mortificado. Mas Milo nem reagiu direito.

– Zack, não ouvimos você entrar... – disse Shin, ficando vermelho. Ele se virou para apontar um dedo para Milo. – Eu estava, ahn, mostrando a Milo algumas das coisas que cultivamos em nosso jardim hidropônico e, ahn...

– E agora vocês estão ficando doidões. – completei. – Ao som de

“Dark Side of the Moon”. – Fiz um gesto para a superfície cheia de crateras lá fora além da cúpula, se estendendo para o horizonte em todas as direções ao nosso redor. – No lado *escuro* da lua?

– Esta é uma variedade especial de Yoda Kush que eu mesmo criei – continuou Shin, segurando seu beque gigante. – Achei que podia ajudar a relaxar os nervos dele. – Então ele puxou bem e inalou fundo. – O coitado do Milo está estressado, não está?

Milo balançou a cabeça, negando.

– Não mais – respondeu ele, dando um grande sorriso. – Zack, você não vai acreditar nesta merda! – Com algum esforço, ele se sentou, depois se virou para me encarar. – Shin me contou que a Aliança passou décadas criando uma variedade genética especial de erva que ajuda as pessoas a se concentrar e aumenta a habilidade de jogar videogames! Assim que aperfeiçoarem, o governo vai finalmente começar a legalizar nos Estados Unidos. – Ele levantou os braços em sinal de vitória. – Este bagulho é parte do esforço de guerra! Adorei! – Ele começou a cantar, e Shin imediatamente se juntou a ele.

– *America. Fuck yeah. Comin’ to save the motherfucking day, yeah!*

Eles começaram a ter outro ataque de riso.

– Cadê os outros? – perguntei.

– Todos saíram de mansinho para trepar uns com os outros – anunciou Milo. – Whoadie e Chén escapuliram primeiro, depois Debbie saiu de fininho com Graham.

Eu não tinha ideia de como responder a essa informação.

– Não posso dizer que os culpo – disse Milo. – Estamos todos enfrentando a proximidade da morte. Por que não chutar logo o balde e acabar com uma explosão, por assim dizer?

– Eu estava pensando a mesma coisa – disse Shin, se virando para sorrir para ele. Os dois fizeram carinhas fofas um para outro por alguns segundos, até que eu, sem noção, finalmente percebi o que estava rolando.

Como minha mãe gostava muito de ressaltar, meu “gaydar” estava sempre quebrado.

– Vejo vocês depois, caras – falei, recuando para a saída. – Eu só vou... vocês sabem. – Acenei com a cabeça olhando para trás. – Deixar vocês terem um pouco de privacidade.

Shin sorriu para mim, achando graça de como eu tinha ficado ruborizado de repente.

– Valeu, Zack – disse ele.

– É, valeu, cara – falou Milo rindo. – Bem que a gente podia mesmo ter uma privacidade!

Enquanto eu descia pelo elevador até a Cúpula do Trovão, me perguntei onde Lex estaria e o que estaria fazendo. Será que ela

também tinha encontrado algum estranho bonito para passar seus últimos momentos, enquanto eu aguardava os meus aqui em cima, sozinho, a um milhão de quilômetros de distância?

FALTAM 01H33M43S

Quando cheguei à Cúpula do Trovão, no começo achei que não havia ninguém mais lá.

Então a tampa de um dos módulos de controle de drones se abriu, e meu pai saiu dela. Ele sorriu para mim, mas me afastei assim que nossos olhos se cruzaram e fui até um dos outros módulos. Justo quando eu estava começando a entrar nele, meu pai se agachou na beirada do poço oval e olhou para mim.

– Desculpe, Zack – disse ele. – Eu não deveria ter jogado tudo em cima de você. Foi muita coisa, depois de tudo o mais pelo que você passou.

– Está tudo bem.

– Obrigado por escutar. Você tem um bom ouvido, igual a sua mãe. – Ele desviou o olhar. – É que... eu estava esperando muito tempo para falar com você sobre tudo isso...

A voz dele morreu. Levantei a cabeça para olhar para ele, mas não respondi.

– Não vai dizer nada? – perguntou.

Balancei a cabeça negativamente.

– Ainda estou tentando processar tudo – respondi. – Não sei no que acreditar.

Ele assentiu. Apertei o botão para fechar a tampa do meu módulo de controle. Ela se fechou entre nós, terminando a conversa – ou pelo menos adiando-a temporariamente.

Fiquei ali sentado no cockpit simulado, com os olhos fechados, tentando pensar com clareza. Não tive muita sorte.

Algum tempo depois, ouvi meu pai cumprimentar Debbie, Chén e Whoadie. E Milo, Shin e Graham alguns minutos depois.

Quando o relógio da contagem regressiva atingiu a marca de uma hora, todos nos reunimos na frente da estação de comando para ver a presidente dos Estados Unidos se dirigir à nação ao vivo da Sala Oval pela TV. Ela sorriu de modo reconfortante para a câmera, mas o medo nos seus olhos era evidente.

– Meus amigos americanos, neste exato momento, os líderes de todas as nações do mundo estão prestes a mostrar aos seus cidadãos

o mesmo filme de instrução que vou mostrar para vocês, que vai explicar a situação alarmante que hoje toda a humanidade enfrenta.

Debbie estava parada ali perto, olhando para a tela do seu ComQ, esperando o momento em que poderia finalmente ligar para seus garotos. Mas nossos telefones ainda estavam bloqueados. Olhei de relance para Chén, Shin e Graham, que estavam concentrados em outras telas menores montadas ali perto – aquelas que mostravam os líderes de seus respectivos países fazendo uma introdução semelhante. Um segundo mais tarde, os rostos dos presidentes dos Estados Unidos e da China, e dos primeiros-ministros do Japão e da Inglaterra, sumiram das telas e o logo da Aliança de Defesa da Terra apareceu em cada uma delas.

– Em 1973, a NASA descobriu a primeira evidência de uma inteligência não terrestre, bem aqui no nosso próprio sistema solar – começou o voice-over de Sagan –, quando a espaçonave *Pioneer 10* enviou a primeira foto em close de Europa, a quarta maior lua de Júpiter.

Nós oito ficamos ali parados, reunidos num grupo fechado, e vimos de novo todo o filme, desta vez com o conhecimento de que o resto da humanidade também estava vendo.

Quando o filme terminou, o rosto da presidente reapareceu, e ela disse ao mundo o que o almirante Vance tinha dito a nós todos no Palácio de Cristal mais cedo naquela manhã – o que agora parecia ter acontecido há uma vida inteira. Assim que a presidente terminou de revelar a má notícia sobre a armada alienígena que se aproximava, as redes começaram a exibir de novo seu discurso, com manchetes cada vez mais alarmantes sobrepostas na tela, juntamente com filmes mostrando as reações atordoadas e de pânico das pessoas.

Enquanto eu via o caos se desdobrar na fileira de janelas de vídeo à minha frente, pensei na minha mãe, nos meus amigos e em todo o resto das pessoas emboscadas lá em baixo.

Será que o plano da Aliança realmente iria funcionar? Nossa civilização entraria em parafuso após a revelação de que estávamos prestes a ser invadidos por aliens, ou a Aliança havia nos preparado subconscientemente o bastante para lidar com isso, como esperavam?

Será que a humanidade se recolheria de medo, ou se ergueria para lutar?

Fiquei olhando as telas, imaginando qual das opções seria.

Shin puxou dezenas de redes de TV diferentes de todo o planeta e as exibiu na cúpula lado a lado, juntamente com mais feeds de vídeo da internet.

Ficamos observando a onda inicial de medo se espalhar por todo o globo – filmes de pessoas entrando em pânico em ruas lotadas das cidades e saindo desesperadas de estádios esportivos. Mas o mundo parecia estar recebendo as notícias incrivelmente bem. Se estavam acontecendo tumultos, suicídio em massa e saques, ninguém os estava noticiando, nem sequer postando vídeos deles on-line.

Em poucos minutos, parecia que os mesmos repórteres que deram as notícias estavam agora relatando com total confiança que a maioria da população civil do mundo já estava respondendo ao chamado de armas da Aliança, e centenas de milhões de pessoas em todo o planeta já se mobilizavam fazendo login nos servidores de operações on-line para se alistar e depois receber suas missões de drones de combate, pegar em armas e defender o planeta. Diversas redes mostravam vídeos de pessoas abandonando seus carros no tráfego para entrar em lojas de eletrônicos, bibliotecas, cafeterias, lan houses e prédios comerciais, milhares e milhares de pessoas, todas numa corrida louca para chegar a algum lugar com acesso à internet de banda larga.

Não havia como as redes de notícias terem pegado todos esses filmes tão rápido (e depois editado tudo para emissão). Neste momento, era impossível saber se a maioria da população mundial estava ou não preparada para se juntar à Aliança de Defesa da Terra e lutar para defender nosso lar. Isto só podia ter sido coisa da própria ADT, ter convencido a mídia de que nossa melhor chance de sobrevivência era dizer uma mentira reconfortante. E eles tinham razão; se as pessoas acreditassem que a humanidade já estava se unindo sob uma bandeira, havia muito mais chances de que se engajassem na luta.

Pensei mais uma vez no bilhete que meu pai havia rascunhado em seu caderno de notas há tanto tempo:

E se eles estiverem usando videogames para nos treinar sem que nós sequer saibamos? Assim como o Sr. Miyagi em *Karatê Kid*, quando ele fez Daniel-san pintar sua casa, lixar seu deque e encerar todos os seus carros – ele o estava treinando e o garoto nem percebeu!

Encera daqui, encera dali – mas em escala global!

Anúncios de serviço público começaram a circular entre os boletins de notícias com trinta e sessenta segundos de duração, criados para informar à população civil sobre o plano da Aliança e mostrar a todos como utilizar seus computadores ou dispositivos móveis para se alistar na Aliança de Defesa da Terra pela internet e ajudar a salvar o mundo.

O melhor anúncio era um que abria com uma tomada de um irmão e uma irmã sentados no sofá da sala. O garoto está jogando *Armada* na TV gigante, enquanto a garota sentada ao seu lado joga *Terra Firma* no seu tablet. Em suas telas, podemos ver que ela está operando um drone de infantaria DHITAB enquanto ele pilota um quadricóptero WASP. Os dois estão tentando derrubar um gigantesco Basilisco alienígena andando e destruindo uma vizinhança suburbana. Na tela da TV vemos a Leviatã avançar e pisar na esquina de uma casa, esmagando-a sob um de seus gigantes pés metálicos – naquele mesmo momento, a parede da sala das crianças também desaba, revelando que era na casa dele que o robô gigante havia acabado de pisar. As duas crianças não estavam apenas jogando – estavam defendendo o próprio lar! Seus pais estavam agachados atrás do sofá, vendo os filhos batalharem contra a máquina alienígena gigante, com o auxílio de centenas de outros drones operados por seus vizinhos. Quando a Leviatã explode sob uma saraivada de fogo amigo, os pais sacam seus smartphones e os utilizam para assumir o controle de mais dois drones, se juntando à batalha também. Isso me lembrou de um daqueles velhos comerciais de brinquedos que terminavam com a frase: “E a mamãe e o papai também podem brincar!”

Quando não consegui mais suportar ver os feeds de notícias, entrei no meu módulo de controle e fechei a tampa, e então a tornei opaca, criando minha própria câmara de isolamento pessoal.

Fiquei sentado no escuro por algum tempo, ouvindo minha respiração. Depois saquei meu ComQ e coloquei na fila uma canção que havia ouvido pela primeira vez numa das velhas mixtapes do meu pai. Era um ótimo instrumental de rock do Pink Floyd que eu costumava utilizar para me preparar psicologicamente antes de uma grande missão do *Armada*.

Fiquei tocando-a sem parar, todas as vezes pronunciando as palavras da única parte cantada no meio da música: *One of these days I'm going to cut you into little pieces*. Um dia desses vou cortar você em pedacinhos.

FALTA 01H00M00S

Quando o relógio da contagem regressiva mostrou que faltava apenas uma hora, todos os nossos ComQs emitiram um bip ao mesmo tempo. Um aviso na minha tela dizia que a Aliança tinha finalmente desbloqueado o acesso dos nossos aparelhos ao sistema de telefonia pública. Graham, Debbie, Whoadie, Milo e Chén

entraram cada um em seus módulos de controle de drones e depois fecharam as tampas, para que tivessem um pouco de privacidade nas suas ligações domésticas.

Shin não ligou para ninguém. Em vez disso, pegou seu baixo e, no que parecia uma grande coincidência, começou a tocar uma versão solo de “One of These Days” enquanto olhava para as estrelas projetadas na cúpula sobre nossas cabeças. Então percebi uma setlist de ensaio colada ao chão na frente dele, e notei que, por causa das velhas mixtapes do meu pai, eu conhecia várias das canções listadas.

Meu pai também tinha ficado afastado, sentado no console do centro de comando. Quando fui até lá para me juntar a ele, vi que ele olhava para as informações de contato da minha mãe na tela do seu ComQ.

– Vai ligar para ela? – perguntei, dando um pequeno susto nele.

Ele meneou a cabeça, negando.

– Eu ia mandar para ela uma mensagem de vídeo – respondeu ele. – Gravei 23 versões, mas são todas terríveis... então talvez eu apenas desista e mande a ela a menos pior...

Tirei o ComQ da sua mão e comecei a teclar o número.

– Está ligando para ela? – perguntou ele, como um estudante nervoso. – Agora?

Fiz que sim.

– Preciso dizer a ela que estou bem – falei. – E antes que você mande para ela alguma mensagem de vídeo psicótica, eu provavelmente deveria primeiro dar a notícia de que você está vivo, caso contrário ela vai ter um enfarte quando seu rosto aparecer no iPhone dela.

Meu pai deu um sorriso aliviado pra mim, mas antes que pudesse responder, fomos interrompidos pela voz de Milo que vinha de seu módulo, próximo ao nosso. Quando ele entrou, devia ter esquecido de fechar sua tampa completamente, e podíamos ouvir cada palavra da conversa dele.

– Mãe, está tudo bem! – disse Milo. – Sabe esse negócio de como eles estavam treinando todo mundo para lutar com videogames? Pois é, eu sou um dos melhores pilotos de *Armada* do mundo, e foi por isso que me recrutaram hoje cedo! Isso! E adivinha só? Agora estou aqui na Lua!

– Na Lua? – gritou ela com Milo. – Não minta para sua mãe! – Ela levantou um controle remoto gigante. – Preciso de ajuda com esta droga de TV. Está passando a mesma porcaria em todos os canais.

Olhei na direção dele e vi Milo erguer sua câmera do ComQ, depois incliná-la para que sua mãe desse uma rápida olhada na

Cúpula do Trovão, e no campo estonteante de estrelas projetado em seu teto abobadado. Ela perdeu o fôlego e Milo sorriu, abaixando a câmera do ComQ e virando-a novamente para o próprio rosto.

– Eu te disse – falou ele.

Sua mãe começou a gemer de medo – não havia outra palavra para isso.

– Puseram *você* como encarregado de defender a Terra? Agora estamos mesmo condenados!

– Mãe, por favor – disse Milo, soando mais como um garotinho a cada palavra. – Relaxa. Eu vou parar essas coisas, juro. Não se preocupe. Vou fazer o que for necessário para evitar que você e o pequeno Kilgore se machuquem. Você vai ficar orgulhosa de mim quando tudo isso acabar, pode apostar!

Não cheguei a descobrir o que ou quem era Kilgore, porque meu pai foi até lá e fechou a tampa do módulo de Milo por ele. Depois voltou e ficou observando, nervoso, enquanto eu erguia o seu ComQ e fazia a chamada de vídeo para minha mãe.

Um segundo mais tarde, o rosto cansado e preocupado de minha mãe apareceu na tela do ComQ. Ela estava no trabalho, claro, em pé numa das salas do hospital, à frente de uma TV com mais uma dezena de outros enfermeiros. Mesmo naquele instante, após o anúncio, ela ainda não havia abandonado as pessoas com as quais se importava.

– Zack! – gritou minha mãe no momento em que viu meu rosto. Ela correu para o corredor vazio do hospital, segurando o celular à sua frente. – Graças a Deus que você está bem, meu amor. Você está bem, não está?

– Estou bem, mãe. Quer dizer, tirando a invasão alienígena prestes a chegar.

– Dá para acreditar nisso? – falou ela. – Está em todos os noticiários e passando em todos os canais! – Ela segurava o telefone na frente do rosto. – Onde você está? Quero que você vá para casa, Zachary, agora mesmo!

– Não posso, mãe – respondi. – A Aliança de Defesa da Terra precisa de mim.

– Do que é que você está falando? – perguntou ela, parecendo cada vez mais histérica.

– Eu me alistei. Na Aliança de Defesa da Terra. Hoje cedo. Fizaram de mim um oficial de voo. Está vendo?

Coloquei o telefone no console à minha frente, e recuei para que ela pudesse ver meu uniforme. A visão pareceu deixá-la sem palavras.

– Meu amor, onde você está? – Ela finalmente conseguiu perguntar.

– Estou na Lua – respondi, passando a câmera do ComQ ao redor do aposento, e depois pela cúpula acima. – Base Lunar Alfa. É uma base secreta no lado escuro da Lua. Vou ajudar a combater a invasão daqui de cima. – Sorri para ela. – Todos aqueles anos que passei jogando videogames não foram desperdiçados afinal de contas, não é?

Então ela irrompeu em lágrimas, mas ainda conseguia soar incrivelmente puta da vida.

– Zachary Ulysses Lightman! – gritou, fazendo o telefone tremer ferozmente na sua mão. – Você não vai lutar com nenhum maldito alienígena! Venha já para casa!

– Mãe, está tudo bem – respondi da forma mais tranquila que podia. – Não estou sozinho aqui em cima, ok? Esta é a outra coisa que tenho de lhe contar. Vai ser um choque, então se segure.

Puxei meu pai para a frente da câmera do ComQ, depois fiquei bem trás dele. As pernas dele tremiam tanto que fiquei preocupado que pudesse desmaiar.

– Meu Deus – disse minha mãe, tampando a boca com a mão. – Xavier, é você?

– Oi, Pam – falou ele, com a voz trêmula. – É... é muito bom te ver.

– Não pode ser você – ouvi minha mãe dizer. – Não pode ser.

– É ele mesmo, mãe – argumentei. – Ele é um general na Aliança de Defesa da Terra. Herói de guerra. – Sorri pra ele. – Recebeu três Medalhas de Honra. Não foi?

Ele não disse nada. Ficou apenas olhando para ela, como um cervo apanhado pelos faróis de um carro.

– Xavier? É você mesmo?

– Sou eu mesmo – disse ele, sua voz falhando após cada palavra. – Estou vivo... e lamento tanto. Eu... nem dá para te dizer quanta saudade eu senti de você... e como lamento tê-la deixado cuidando de nosso filho sozinho. Lamento muitas outras coisas também, mas...

Ela voltou a chorar. O rosto do meu pai se contorceu de dor, e foi aí que me virei e saí, bem longe do alcance dos ouvidos, para deixar que falassem em particular – e evitar meu próprio ataque de choro.

Dei uma olhada ao redor da sala e vi Shin falando baixinho com Milo. Ali perto, Graham e Debbie estavam fazendo a mesma coisa. Whoadie e Chén estavam espremidos no módulo dele, aproveitando a última chance de ficarem juntos.

Entrei no meu próprio módulo de controle e abaixei a tampa. Então saquei meu ComQ e fechei os olhos, pensando no que ia dizer a Lex.

Pressionei o nome dela na minha reduzida lista de contatos, e seu rosto apareceu na minha tela tão rápido que me assustou.

Seu nome, posto e localização específica atual apareceram no canto inferior direito da minha tela. Segundo a leitura, ela havia de algum modo conseguido ser promovida a capitã, e estava localizada na Estação Safira, o forte de operações da Aliança próximo a Billings, Montana.

Ela estava sentada dentro de um módulo de controle obscurecido semelhante ao meu, só que o dela parecia ser projetado especificamente para controlar Sentinelas, Warmechs Titan e DHITABs, e incluía um par de “manoplas de energia”, que a permitiam controlar as gigantescas mãos do drone com as dela.

– Oie! Estava torcendo para ver seu rosto de novo antes que o mundo acabasse.

– Pensei em deixar isso de lado até o fim de semana. Não quis parecer muito ansioso.

– Não, claro que não. – Ela deu um sorriso debochado. – Então, como está aí na Lua, tenente?

– Estamos sendo sinceros?

– Por que não? – perguntou ela. – Provavelmente não viveremos para nos arrepender de nada que dissermos.

– É bem assustador aqui, na verdade. Como estão as coisas aí embaixo?

– Igualmente loucas – falou. – Mas a civilização ainda não sucumbiu ao caos total. As pessoas parecem estar segurando a barra juntas. Se dá para acreditar nas notícias, parece que o mundo inteiro está pronto para contra-atacar. É, tipo assim, incrível.

Era duro ouvir tanta esperança na voz dela e não ser capaz de falar sobre o segundo Quebra-Gelo – ou a teoria de meu pai. Eu queria desesperadamente saber o que ela pensava, mas não havia tempo.

– Está pronto para ir com tudo para cima dos alienígenas, tenente?

– Mais pronto que isso, impossível, tenente. Ah, me desculpe, capitã Larkin. – Prestei outra continência para ela. Então, como um pateta, fingi espetar o olho com o dedo, só para ouvir o som de sua risada. – Como você foi promovida tão rápido? – perguntei.

– Por heroísmo na batalha do Palácio de Cristal – respondeu ela. – E eu tive a pontuação mais alta em terra, e também o maior número de drones inimigos derrubados. E também não explodi metade da estação.

– É, eles não gostam muito disso.

– Aqui, estou te mandando um presente. – Ela pressionou os dois polegares na tela do seu ComQ. – Uma playlist de minhas canções

favoritas de batalha de *Terra Firma*. Gosto de ouvir um rock quando estou derrubando drones – ela disse. – Ajuda na minha pontaria.

– Eu sei – falei, sorrindo. – Na minha também.

Uma mensagem de TRANSFERÊNCIA DE ARQUIVO COMPLETA apareceu na tela do meu ComQ uma fração de segundo depois – ela havia de algum modo tangenciado o software de segurança, então ele nem sequer me pediu permissão antes de transferir as canções para meu dispositivo. O player de músicas se abriu, exibindo sua playlist do som que, à primeira vista, parecia ser um mix de canções apenas de Joan Jett, Heart e Pat Benatar.

– Isto aqui vem bem a calhar. – Sorri. – *Gracias*.

– *De nada*.

Pedi a ela que me mostrasse como fazia o truque da transferência de arquivos. Ao fim da explicação, consegui mandar para ela uma cópia do mixtape *Raid the Arcade* do meu pai. Ela foi dando scroll na lista de trilhas por alguns segundos, sorrindo e fazendo que sim com a cabeça.

– Ei, quer escutar uma boa notícia? – perguntou ela.

– Sim, por favor – respondi. – Mais do que nunca na minha vida.

– Acho que vou ser designada para ajudar a defender a Base Lunar Alfa daqui de baixo – falou. – Quer dizer, contanto que eles não ataquem a Terra primeiro. Estivemos fazendo simulações de defesa da BLA sem parar desde que cheguei.

Eu sorri – uma coisa que não teria achado possível alguns segundos antes.

– Então você vai me dar cobertura, não é?

Ela fez que sim.

– É só me dar o número de ID de ComQ da sua estação de controle de drones – continuou ela. – Descobri um hack que vai me ajudar a descobrir sua localização e me dizer que drone você está operando durante o combate.

– Quando você teve tempo para fazer isso?

– Fiquei sentada aqui o dia todo, explorando a rede do ComQ entre simulações de treinamento – respondeu ela. – A Aliança a configurou de modo muito parecido com uma rede de computadores tradicional, o que a tornou muito fácil de descobrir e usar; provavelmente é por isso que fizeram desse jeito. Então, qual é o seu IDLCQ?

– Meu o quê?

– Seu número de Identificação de Link de Comunicador Quântico.

Fiquei olhando para os ícones alinhados na borda da minha tela e dei de ombros.

– Não faço ideia.

Ela sorriu para mim e revirou os olhos.

– Está vendo aquele ícone de engrenagem no canto superior direito da sua tela? São as configurações da estação de controle de drones.

– Certo – argumentei, pressionando-o com o dedo. – Eu sabia.

Ela me ajudou a navegar pelas telas de menu até eu localizar o código numérico de doze dígitos de que ela precisava e o lesse para ela.

– Consegui – disse ela, os dedos dançando por uma das telas de toque na sua frente. – Agora posso ficar de olho em você.

– Agora me sinto bem melhor – respondi. E era verdade.

– Deveria mesmo – retrucou. – *I've got the skills to pay the bills* – ela recitou a letra dos Beastie Boys e piscou para mim toda cheia de charme, como uma estrela de cinema. – E vou garantir que você continue inteirinho, sem perder nenhum pedaço. Para eu poder tirar um pedaço depois. Entendeu, soldado?

– Sim, senhora. Acredito que sim.

Então prestei continência, e ela riu – mas um segundo depois, de algum modo, esse riso virou um soluço estrangulado.

– Merda, estou com medo, Zack – confessou. E mordeu o lábio inferior, para impedir que ele tremesse, eu acho.

– Eu estou com medo também – falei, subitamente incapaz de olhar para ela, mesmo por uma tela. – Por toda minha vida, sempre imaginei que combater uma invasão alienígena seria uma aventura épica. Que seria igual ao cinema: a humanidade triunfaria no final.

– *Invasores de corpos* – disse ela. – O povo das vagens sempre vence. Essa é a maneira inteligente de invadir, não essa merda tipo *Independence Day/Círculo de Fogo*.

As palavras dela me fizeram lembrar de minha conversa com meu pai, e da dúvida que ele conseguiu incutir em mim. Será que ele tinha razão? Será que o Quebra-Gelo salvaria a humanidade? Ou apenas selaria nosso destino final?

– Eu não quero morrer por nada, Zack – disse Lex, parecendo determinada agora. – Acha que existe alguma chance de podermos detê-los? Todos eles? Que os humanos conseguem sobreviver a isso?

Concordei com a cabeça, com entusiasmo demais.

– Sim – respondi muito rápido. – Precisamos. – Impedi a cabeça de continuar balançando. – Fazer ou não fazer, não existe tentar, e toda essa coisa.

Ela riu e me deu um sorriso.

– Fico feliz mesmo que a gente tenha se conhecido, Zack – falou ela. Ela estava cruzando os dedos em nós no seu colo. – Eu só

queria que...

– Eu também, Lex.

Ela respirou fundo.

– “Não devo ter medo” – recitou ela. – “Medo é o assassino da mente. Medo é a pequena morte que traz a obliteração total.”

Eu ri e continuei a citação de onde ela parou.

– “Eu irei enfrentar meu medo. Permitirei que ele passe por mim e sobre mim.”

– “E quando ele tiver passado, eu voltarei minha visão interna para ver seu caminho” – continuou ela. – “Onde o medo passou não haverá nada. Só eu permanecerei.”

Ela soltou o ar devagar; então compartilhamos um sorriso.

– Se o mundo não acabar esta noite, e ainda estivermos vivos amanhã, então chamo você para sair – concluiu ela. – Combinado?

– Combinado.

FALTAM 00H14M49S

Meu pai terminou seus preparativos no centro de comando e desceu para seu próprio módulo de controle de drones, que ficava ao lado do meu. Então nós oito ficamos ali sentados, cada um sozinho em sua estação, vendo os últimos quinze minutos se passarem no relógio de contagem regressiva.

O general ainda parecia estar tentando se recuperar da tensão emocional de falar com minha mãe. Não quis perguntar sobre o que ele e ela haviam conversado. Mas eu queria dizer algo a ele, tentar fazer as pazes enquanto ainda havia tempo.

Saí de meu módulo e agarrei minha mochila da Aliança, que estava ali perto no chão. A velha jaqueta de meu pai ainda estava enfiada lá dentro, e eu puxei e entreguei para ele.

Quando meu pai viu a jaqueta, abriu um sorriso enorme e passou um minuto inteiro olhando para cada emblema. Quando acabou, se inclinou e me deu um abraço.

– Obrigado – disse. – Mas como é possível que ela esteja com você?

– Eu estava vestindo esta manhã quando vieram me recrutar.

Ele riu.

– Sério?

Fiz que sim. Ele virou a jaqueta e a vestiu.

– Ainda cabe! – ele disse, admirando os emblemas que desciam por cada uma das mangas. – Eu costumava usá-la quando ia para os fliperamas da região. Achava que ia me dar sorte. – Ele riu. – Eu

também achava que me fazia ficar com cara de mau. – E balançou a cabeça. – Seu velho era meio idiota. – Ele tirou a jaqueta e tentou devolvê-la para mim.

– Aposto que fica bem melhor em você – comentou ele. – Deixe-me ver.

Fiz que não com a cabeça.

– De jeito nenhum. Você mereceu todos esses emblemas. É você que deve vesti-la.

Ele concordou e tornou a vesti-la.

– Obrigado, Zack.

– Tudo bem.

Quando voltei ao meu próprio módulo, só faltavam cinco minutos no relógio.

E depois quatro minutos. Depois três. Dois. Um.

Caí na minha cadeira de piloto, e o teto do módulo se fechou acima de mim.

– *“Todas as coisas estão prontas, se nossas mentes assim estiverem”* – ouvi Whoadie sussurrar pelo comunicador.

Justo nesse momento, meu ComQ fez seu link wireless ao sistema de som surround do módulo, e a próxima faixa da playlist *Raid the Arcade* começou a estourar pelo alto-falante: “Rock You Like a Hurricane”, dos Scorpions.

Eu balançava minha cabeça no mesmo tempo do riff de guitarra tipo metralhadora da abertura, quando os últimos segundos do relógio da contagem regressiva se passaram.

Quando ele finalmente chegou ao zero, uma sirene começou a tocar, e um indicador de ALERTA VERMELHO começou a piscar no meu display ocular.

Meu display tático se iluminou, me informando que nossos sensores remotos haviam acabado de detectar o primeiro sinal da vanguarda europeia, emergindo do cinturão de asteroides além da órbita de Marte. Eles estavam realmente vindo rápido. A Esfera Leviatã na liderança já estava chegando perto do planeta vermelho, cercada por todos os lados por uma falange de Glaives.

– Aí vem eles! – gritou Milo pelo comlink. – Estão chegando! Vocês estão vendo?

– Sim, Milo – respondeu Debbie. – Nossos olhos também funcionam. Estamos vendo.

– É muita coisa – acrescentou Whoadie. – Muita *mesmo*.

– Aqueles que não conseguirmos deter baterão à nossa porta da frente em alguns minutos, então abatam tantos quanto puderem antes que eles cheguem aqui – ordenou meu pai pelo comlink. – Seus drones designados estão liberados. Pilotos, preparar para lançar!

– *Wolverines!* – gritou Milo. Então ele soltou um longo grito de guerra no seu comlink, que de algum modo se misturou perfeitamente com o grito de guerra que os Scorpions já estavam bradando para estourar minhas têmporas.

Na minha tela, a distância entre a Terra e a vanguarda do inimigo que se aproximava continuava a diminuir rapidamente, e eu podia sentir minha pulsação começar a subir.

– Fiquem frios, pessoal – disse meu pai. – E que a Força esteja com vocês.

– Que a Força esteja *conosco* – repetiu Shin, sem vestígio de ironia na voz.

– Que a Força esteja *conosco!* – repetiu Graham pelo comunicador. Debbie e Milo ecoaram, seguidos de Chén, que disse a frase em mandarim.

– *Yuan li yu ni tong tzai.*

A sinceridade na voz de Chén finalmente me convenceu a entrar na roda. Liguei o microfone e repeti cuidadosamente depois dele.

– *Yuan li yu ni tong tzai.*

Chén deu uma gargalhada e disse outra coisa. A tradução para inglês aparentemente imperfeita estalou no meu display ocular: “Estamos chegando para chutar rabo e mastigar chiclete, e o chiclete acabou!”

Ri alto, e por vários segundos não consegui parar de rir. Eu havia aprendido o termo “chiste” meses antes, por um livro que tivemos de ler em literatura americana sobre a Guerra Civil. Na época, era o tipo de humor que eu jamais achei que fosse apreciar. Mas agora, ao perceber que Chén deu o grito de batalha de Roddy Piper em *Eles vivem* em chinês, isso foi uma das coisas mais engraçadas que ouvi na minha vida e entendi o conceito perfeitamente.

– Todos os drones liberados para lançamento! – anunciou o general. – Vamos pegá-los.

Nós oito lançamos nossos Interceptores, juntando-nos ao fluxo constante de drones que saía do hangar, sob controle de pilotos localizados na Terra.

Juntos, saímos voando para encontrar os invasores alienígenas.

Nossos Interceptores encontraram a vanguarda europãa a meio caminho da Terra e da beirada do cinturão de asteroides, bem na rota orbital de Marte. No meu display tático, a cascata de triângulos verde-escuro que correspondia à vanguarda inimiga começou a reduzir velocidade ao se aproximar de nossas forças, representadas por uma massa de triângulos brancos em forma de seta correndo de encontro a ela.

Havia muito mais triângulos verdes do que brancos.

Mas com tantos pilotos de drones destemidos, continuamos em frente, bem na direção do nosso inimigo que avançava, até estarmos no alcance do contato visual.

Então, pela ordem de meu pai, todos pisamos no freio e nossa esquadra fez uma parada coletiva, flutuando.

– Vilões à frente – anunciou meu pai pelo comunicador. – Presas para fora. Preparar para atacar assim que estivermos ao alcance deles. Pode apostar que irão fazer isso.

Uma resposta coletiva de “*Armas preparadas!*” ecoou pelo canal do comunicador.

Lá estavam eles: um enxame incrivelmente vasto de caças Glaive, organizados num escudo protetor em forma de grade ao redor da maciça Esfera Leviatã reluzindo no meio, o reflexo distorcido do campo estelar passando por sua superfície cromada enquanto disparava em nossa direção. O Disruptor ainda precisava ser lançado – ele ainda estava escondido dentro da superfície blindada da Esfera Leviatã, juntamente com centenas de milhares

de naves de tropa, carregando milhões de drones terrestres.

– Olá – ouvi meu pai dizer pelo comunicador. – Aqui é o general Xavier Lightman, da Aliança de Defesa da Terra. Onde vocês, imbecis, acham que vão? – Depois de uma pausa ele acrescentou: – *Klaatu Barada Nikto*, meus camaradas.

Então, talvez tentando ele próprio soltar um chiste, assoviou a mensagem de cinco notas usada para se comunicar com os ETs bonzinhos em *Contatos imediatos do terceiro grau*. Os mesmos tons que ouvíamos ao final de cada uma das transmissões de montagem dos europeus.

A única resposta à ameaça assoviada do meu pai veio alguns segundos depois, quando o líder dos caças Glaive que encabeçava a vanguarda finalmente chegou ao alcance das nossas naves e abriu fogo sobre nós.

O vácuo negro ao nosso redor explodiu num dilúvio de rajadas de plasma azuis e riscos de lasers vermelhos quando as naves dos dois lados quebraram a formação para atacar.

Nossos Interceptores retribuíram o fogo, então naves começaram a explodir acima e abaixo de mim, a bombordo e estibordo, proa e popa, iluminando a superfície espelhada do meu Interceptor num terrível show de luzes. Uma cascata semelhante de explosões atômicas contidas começou a dominar as fileiras inimigas à minha frente, como uma sequência de lâmpadas natalinas sendo ligadas, somente para entrar em curto um segundo mais tarde.

Mirei meu foguete 88 bem na direção da torrente de caças inimigos e apertei o gatilho do meu manche de voo para disparar uma rápida saraivada de raios de plasma. Os Glaives estavam tão unidos à minha frente que parecia difícil não acertá-los, e por alguns segundos me senti invencível e incontrolável, como se estivesse usando a Força.

Mas depois passei pela nuvem de caças Glaive que voava em arco, fugindo do fogo de laser e plasma deles, o que fiz por reflexo, quase sem pensar – e sorri porque aquilo tudo finalmente havia se tornado claro mais uma vez, agora que estava finalmente enfrentando meu verdadeiro inimigo. A dúvida e a incerteza que meu pai havia plantado na minha mente tinham se dissipado. A bola de chumbo de medo nas minhas entranhas também. Agora, tudo o que restava era raiva primitiva e territorial, e o claro senso de propósito que vinha com ela.

Mate ou seja morto. Conquiste ou seja conquistado. Sobreviva ou entre em extinção.

Não eram decisões difíceis. Na verdade, as respostas já estavam programadas no cérebro humano. A única coisa em que eu podia pensar era: *Agora pela raiva, agora pela ruína e um crepúsculo*

vermelho!

Continuei a navegar o Interceptor, cortando pelas fileiras inimigas em ângulos retos, primeiro disparando, depois me movendo, sempre me movendo e sempre disparando, disparando no padrão cambiante de alvos que cascadeava pelo meu display ocular, sobrepondo-se às formações dobradas de caças Glaive na frente da minha nave, que se movia como sempre havia se movido nas nossas velhas missões de *Armada* e *Terra Firma*.

Comecei a entrar na zona – o velho ritmo familiar em que eu às vezes caía quando jogava *Armada*, onde tudo simplesmente parecia se encaixar. Com ajuda da música nos meus fones, me fixei nos padrões de movimento dos inimigos, suas pequenas idiossincrasias digitais que me permitiam antecipar seus ataques e manobras evasivas. Eu estava com tudo. Parecia que eu não conseguia errar, e ao mesmo tempo tinha a impressão que nada podia me atingir.

Por alguns segundos, senti como se estivesse jogando *Armada* em casa.

Por que alienígenas de verdade se comportariam exatamente como simulações de videogame de si mesmos?

A pergunta continuava tentando se enfiar nos meus pensamentos, mas eu não deixava. Permaneci concentrado no êxtase da batalha.

Nossos Interceptores estavam sendo derrubados rápido, mas o primeiro de nossos drones de reforço já estava chegando. Toda vez que um de nossos drones era destruído, seu operador assumia o controle de outro Interceptor dentro do hangar reserva na Base Lunar Alfa e voava de volta para se juntar à batalha o mais rápido que pudesse. Felizmente, a viagem de regresso à frente de batalha estava ficando mais curta a cada segundo, pois a vanguarda ainda avançava, se aproximando da Terra. Estávamos perdendo naves rápido.

Se não tinha sido óbvio antes, definitivamente era agora – estávamos combatendo uma guerra de atrito. Não íamos ser capazes de deter a vanguarda. Nem de longe. A vanguarda estava avançando rápido demais, estava moendo tudo que colocávamos no seu caminho.

Nós iríamos apenas conseguir fazer um pequenino estrago em suas forças antes que elas alcançassem a Terra – se muito.

Abati sete inimigas antes que o meu primeiro drone fosse destruído.

Os minutos necessários para meu segundo drone “ficar na merda” pareceram se estender por horas. Assim que finalmente alcancei a linha de frente sempre crescente e voltei a atacar a vanguarda, fui atingido por um núcleo de reator Glaive em

sobrecarga no caminho, e feito em pedaços de novo – desta vez sem conseguir marcar uma única morte do inimigo.

Quando meu terceiro Interceptor disparou do hangar de drones, um aviso começou a piscar no meu display ocular, me informando que o inimigo já estava chegando ao lado escuro da Lua.

Um segundo mais tarde, vi que eles estavam caindo em cima de mim, bem direto do céu lunar negro, milhares e milhares deles enchendo o horizonte.

– A vanguarda está se dividindo! – gritou meu pai pelo comunicador. – Está se dividindo em duas. Parece que a metade que contém o Disruptor está indo para a Terra.

– E a outra metade vindo para cá – acrescentou Shin.

Chequei meu display tático – eles tinham razão. A vanguarda tinha se dividido em duas, como uma ameba, criando dois aglomerados em forma de torpedo e de tamanho mais ou menos igual. Um dos aglomerados tinha o dodecaedro do Disruptor no seu centro. O outro estava chegando perto nós.

No meu display tático, o dilúvio de triângulos verdes começou a cair em cima da base, como lava explodindo de algum vulcão olímpico ancorado nas estrelas acima.

– Base Lunar Alfa sob ataque! – Meu computador me alertou, sempre prestativo. – Aviso!

Uma sirene de arrebentar os ouvidos começou a gemer pelo comunicador da base.

– Toc, toc – disse Graham pelo comunicador. – Nossos convidados chegaram! E nunca pareceram tão putos assim em nenhuma das visitas anteriores. Chequem os feeds do alto!

Desliguei meus óculos de realidade virtual por um momento e apertei o ícone pequeno de uma câmera de segurança do meu ComQ. Uma dezena de janelas em miniatura preencheu a tela, cada uma mostrando um feed de câmera diferente da base. O exterior da base estava apinhado de drones inimigos, tão coberto por agressores que parecia um formigueiro alienígena sendo invadido por uma colônia vizinha de insetos de metal. Ao fundo, outras naves de dispersão de drones continuaram a pousar, abrindo-se como flores de metal quando atingiam a superfície lunar, permitindo que milhares de caças Spider e Basiliscos saíssem e se juntassem ao exército crescente de drones alienígenas que já desciam sobre a base.

– Vagão de Boas-Vindas ativado! – anunciou meu pai. As armas de Sentinela automatizadas da base começaram a funcionar e descarregar uma barragem firme nas centenas de caças Glaive que desciam até lá como vespas furiosas.

A primeira saraivada de bombas de plasma dos caças explodiu

contra os escudos de defesa da base. A explosão irrompeu e se partiu pela superfície transparente do escuro quando sua energia foi refletida de volta para o espaço, criando um estonteante show de luzes na tela sobre nossas cabeças, e por um momento iluminando a Cúpula do Trovão escurecida. A transferência de energia que acompanhou isso sacudiu toda a base, e a superfície lunar abaixo dela. Quando o terremoto lunar – meu primeiro – passou, precisei resistir a uma necessidade desesperada de sair correndo do meu modo de controle e ir para um lugar seguro – onde quer que fosse.

Em vez disso, agarrei meu manche de voo com mais força ainda, puxei meu Interceptor de reserva recém-lançado para uma subida íngreme e comecei a apertar a toda força o acelerador, disparando bem para cima, no meio do dilúvio de caças Glaive que descia na minha direção. Outros drones estavam sendo lançados e se formando abaixo de mim, reforçando meu poder de fogo.

Despachei mais cinco caças inimigos. Depois o sexto caça, e o sétimo. Meus camaradas estavam indo igualmente bem. Ouvi Debbie resmungar sozinha “Mamão com açúcar” para si mesma no comunicador.

Então, justo quando eu estava mirando meu próximo alvo, uma saraivada de raios laser inimigo finalmente convergiu para meu drone de diversos ângulos diferentes, e ele foi feito em pedaços.

Soltei um palavrão e assumi o controle de outra nave, mas antes que pudesse sequer lançá-la, as naves inimigas haviam alcançado a superfície e entrado no hangar de drones da base.

Quando disparei o lançamento do meu drone nada aconteceu, porque o mecanismo da catapulta já havia sido quase todo destruído. Quando as torres de drones não usados ao meu redor começaram a desabar, meu display emitiu um clarão branco.

Ao mesmo tempo, ouvi uma explosão enorme na superfície, acompanhada de uma onda de choque que sacudiu violentamente a Cúpula do Trovão.

Abri a tampa do meu módulo, coloquei a cabeça para fora e depois olhei ao redor. Os outros fizeram o mesmo, um de cada vez.

– Droga – disse meu pai, calmo demais para meu gosto. – Um deles violou as defesas do hangar e se autodestruíu. Todo o lugar foi para os ares, junto com todos os nossos drones de reserva restantes.

– O que devemos fazer agora? – perguntou Debbie repetindo meus próprios pensamentos, embora ela parecesse bem mais calma do que eu estava me sentindo.

– A Aliança está enviando mais Interceptores da Terra – disse Shin. – Mas todos estão indo atrás do Disruptor. – Estamos por nossa própria conta agora.

Ele e meu pai trocaram um breve olhar, antes que o general se

voltasse para falar conosco.

– Todos de volta aos seus módulos, agora! – gritou meu pai. – Shin dará a cada um de vocês o controle de uma das torres de sentinela laser da base. Tentem evitar o máximo possível que eles avancem até aqui ao centro de operações pelo maior tempo que puderem! Vão segurando eles, ok?

Antes que ele sequer tivesse terminado falar, saltou para um dos controles de DHITABs duplos que havia construído e ligou. Enfiou as mãos nas suas manoplas de energia quando todas as telas expostas ao seu redor se acenderam simultaneamente.

Mais um tremor violento sacudiu a Cúpula do Trovão enquanto todos corríamos de volta para nossos módulos de controle. Quando fechei a tampa e me acomodei no assento, um display ocular simplificado apareceu nas minhas telas, disposto sobre um feed de vídeo de alta definição de uma das torres de sentinela da base, juntamente com uma retícula de mira, um telêmetro e um medidor de energia para seu canhão laser.

– Continue disparando! – gritou meu pai. – Segurem-nos o quanto puderem!

Abati o máximo de drones possível, mas eles simplesmente continuavam vindo num ataque interminável. Em poucos minutos o inevitável aconteceu: um grupo de drones concentrou seu raio laser na comporta do hangar por tempo suficiente para destruir as portas que davam para o corredor.

O inimigo agora tinha livre acesso à nossa base.

– Brecha! É uma brecha! – berrou Shin pelo canal do comunicador. – Eles estão dentro da base! Posso vê-los nos níveis cinco e seis, e já estão descendo para cá. A maioria é de caças Spider. Centenas, talvez milhares!

Todos continuamos dentro de nossos módulos de controle, cada um de nós agora assumindo o controle de um DHITAB em diferentes locais da base. Não sei quanto aos outros, mas eu estava levando uma surra. Toda vez que eu assumia o controle de um novo DHITAB, ele era feito em pedaços por caças Spider ainda mais rápido que o anterior.

– Ok – disse meu pai. – Abandonar estações. Estamos evacuando, agora! Chén, Whoadie, Zack! Vou ter de puxar vocês daí de dentro? Porque vou fazer isso! Vamos! Estamos *indo embora*!

Saí correndo do meu módulo bem a tempo de ver meu pai cumprir sua promessa. Ele estendeu a mão e agarrou a cintura de Whoadie, depois a ergueu para fora do módulo, para longe dos controles. Meu pai passou-a para Debbie, depois se preparou para fazer o mesmo com Chén, que acabou obedecendo no último segundo – saltando de seu módulo como o Super-Homem, depois

prestando continência para o general quando pousou no deque à sua frente.

– Senhor, sim, senhor! – gritou Chén.

Shin permaneceu dentro do módulo. Corri para chegar às telas do seu módulo – ele estava operando um esquadrão inteiro de DHITABs dispostos do lado de fora do poço do elevador que dava na Cúpula do Trovão. Nos feeds da câmera de segurança, pude ver uma horda zangada de caças Spider no processo de quebrar a porta blindada que os separava de nossa posição atual. Toda vez que batiam nela, podíamos ouvir o estrondo surdo e repetitivo emitido pelas paredes de pedra ao nosso redor.

Quando viu que Shin não estava indo embora, Milo pulou de volta para seu módulo, dizendo:

– Shin e eu vamos segurá-los; depois alcançamos vocês!

Meu pai abriu a boca para protestar, mas outra explosão sacudiu a base, interrompendo-o. Graham gritou o nome dos dois e saiu correndo para a saída.

– O senhor está perdendo segundos, general – disse Shin. – Milo e eu conseguiremos detê-los por mais tempo que os sistemas de Sentinela automatizados. Mas se não partirem agora, jamais conseguirão.

– Vai em frente, senhor! – gritou Milo no seu comunicador. – A gente segura as pontas!

Enquanto deliberava com meu pai, Shin arrastava os dedos de uma das mãos nas telas à sua frente, iluminando grupos de drones e os designando para atacar seus inimigos ou defender certas seções da base. Eu podia vê-lo lutando para gerenciar efetivamente os recursos defensivos cada vez menores da base – enquanto estava controlando simultaneamente meia dúzia de DHITABs, lutando ao lado de outros drones de infantaria controlados por operadores baseados na Terra que não eram sequer tão habilidosos ou letais quanto eles.

Shin olhou para Graham e depois novamente para meu pai. Algo que não foi dito pairou entre os três homens. Então meu pai assentiu, e seus dedos começaram a dançar nos painéis de controle à sua frente.

– Estou configurando todas as armas de Sentinela não usadas para autodisparo – disse ele. Então virou e correu para a saída. – O resto de vocês me siga agora, depressa!

Acionou o ComQ no seu pulso, e uma porta oculta se abriu na parede de pedra curva da entrada oposta, revelando uma escadaria estreita. Nós seis descemos correndo justo quando outra série de tremores sacudiu cada nível da base lunar.

A escadaria levava até um aposento grande em forma de cubo

com uma comporta pressurizada em seu piso de pedra. Havia uma plataforma de capacetes espaciais com visores fixada à parede, e meu pai ordenou que cada um de nós puséssemos um antes de ele fazer o mesmo. Quando coloquei o meu, senti o capacete diminuir ligeiramente de tamanho para formar um selo hermeticamente fechado ao redor do meu rosto, logo abaixo da linha do queixo. Então um display ocular apareceu, sobreposto no interior do visor com letras atmosféricas, e um medidor para os pequenos tanques de oxigênio montados em seu colarinho.

Assim que Graham garantiu que todos estavam com seus capacetes bem colocados, meu pai pressionou a palma da mão no scanner ao lado da comporta, que se abriu com um sibilar, revelando o interior de uma cápsula em forma de tubo do tamanho de uma Kombi, com dez bancos de carona em seu interior. Pelas janelas tipo portinholas da cápsula, pudemos ver que ela estava aninhada dentro de um túnel subterrâneo esférico, como uma bala dentro do cano de uma arma. Quando conseguimos nos fechar lá dentro, meu pai apertou um botão vermelho na antepara e a cápsula disparou na frente, puxando cada um de nós em seus assentos.

Quando nossa cápsula disparou pelo túnel escuro, pudemos ouvir Milo e Shin gritando um misto de insultos e palavras de incentivo a cada um pelos seus ComQs enquanto os dois continuavam a manter os caças Spider à distância.

– A base foi completamente tomada – disse Shin pelo comunicador. – Cada nível. Eles estão se concentrando do lado de fora da Cúpula do Trovão agora e vão invadir a qualquer segundo.

– Saiam já daí! – gritou meu pai. – Vamos mandar a cápsula de volta para vocês!

– Desculpa, chefe – respondeu ele, levantando a voz sobre o som de metal rasgando e raio laser. – Parece que vamos ter de fazer nossa última defesa bem aqui. – Ele disse mais uma coisa, mas foi engolida por uma explosão.

Todos os feeds de vídeo da Cúpula do Trovão e nossos ComQs morreram, mas ainda podíamos ouvir o áudio.

– Boa sorte, velhos amigos – disse Shin um segundo depois, gritando para ser ouvido sobre o caos que se desdobrava ao seu redor.

Meu pai tentou responder, mas não conseguia falar uma palavra. Ele assentiu; então, vi seu rosto se contorcer numa máscara de pura angústia logo antes de ele cobri-lo com as mãos.

– Ei, podem me fazer um favor, pessoal? – acrescentou Milo. – Depois que ganharmos esta guerra, diga para todo mundo lá em casa, na Filadélfia, que meu último pedido foi batizar a minha

antiga escola com meu nome, ok? Minha mãe frequentou essa escola também, então acho que ela ia gostar disso. Estão ouvindo?

Peguei o ComQ do meu pai e respondi por ele.

– Ok, Milo – respondi. – Claro. A gente cuida disso.

– Valeu, cara! – respondeu ele. – Escola Kushmaster. Adorei! – Ele deu uma gargalhada maníaca novamente, e pude ouvir que ele ainda estava disparando sem cessar sua torre laser. – Ah, espera, tem mais uma coisa! Diga a eles para erguerem uma estátua de bronze minha no centro da Filadélfia! Exatamente como fizeram pro Rocky! Mas eu quero que a minha seja maior que a dele, ok?

Antes que pudesse responder, outra explosão sacudiu a base, distorcendo o canal de áudio do ComQ. Essa explosão foi mais alta que as anteriores.

– Merda! Merda-merda-merda! – ouvimos Shin gritar. – Lá vem eles, Milo! Se segure!

– Venham me engolir! – ouvi Milo gritando, sua voz estranhamente prazerosa. Pude ouvir o som dos disparos rápidos do laser de pulso do ComQ dele. – Quem quer levar um? Do coração do inferno eu apunhalo vocês, imbecis! Pelo Martelo de Grabhtar, vocês irão...

A voz de Milo foi abafada por outra série de explosões imensas, seguidas pelo que pareceu uma tempestade de granizo de raio laser inimigo e um terrível uivo como o de um furacão, vindo da Cúpula do Trovão sendo quebrada e despressurizada, enquanto sua atmosfera – e o que havia ali dentro – era sugada para o vácuo escuro do lado de fora da superfície lunar. Mas o silêncio seguinte foi, de algum modo, ainda pior.

Enquanto a cápsula nos lançava em disparada túnel adentro, fiquei olhando a tela do meu ComQ em silêncio, vendo feeds de vídeo dos últimos momentos da Última Batalha da Base Lunar Alfa.

Ainda havia uns poucos DHITABs espalhados lutando com drones de caça Spider na superfície, enquanto um Sentinela solitário se atracava com um Basilisco numa cratera chamuscada próxima dali. Alguns caças Glaive ainda bombardeavam a base, agora sem nenhuma defesa das forças da Aliança, atacando-a impiedosamente até não restar nada.

Estávamos vendo tudo isso acontecer em nossas minúsculas telas de ComQ, como se fosse algum evento televisionado acontecendo muito longe, quando um grande tremor sacudiu nossa cápsula de fuga. Um segundo depois, o teto do túnel à nossa frente desabou e surgiu uma luz artificial vinda do alto, como se um conjunto de refletores de estádio tivesse sido ligada.

Era um Basilisco – uma espécie de louva-a-deus gigante de metal com enormes lâminas em forma de foice no lugar das patas dianteiras, um par extra de mãos robóticas telescópicas em forma de garras, e canhões de plasma gêmeos no lugar das mandíbulas.

Um dos enormes braços metálicos se meteu dentro do túnel, não nos alcançando por pouco quando passamos embaixo dele, arremetendo com o punho fechado como se fosse uma bola de demolição, esmagando o trecho de trilhos pelo qual nossa cápsula havia passado uma fração de segundo antes.

Um grupo de drones de caça Spider de oito patas se soltou do

Basilisco e começou a correr na direção da nossa cápsula, enquanto mais caças Spider entravam no túnel e os seguiam. A cápsula continuou a acelerar, movendo-se com velocidade apenas o suficiente para ficar à frente das garras metálicas gigantes à medida que o Basilisco voltava a atacar, rasgando a superfície lunar e destruindo pedaço por pedaço o túnel logo atrás de nós.

Mais um tremor sacudiu o túnel adiante quando o Basilisco deu um salto enorme para nos alcançar. Ao mesmo tempo, seu braço direito avançou, e sua garra esmagou a escotilha traseira da cápsula. Meu pai pisou nos freios quando o interior da cápsula foi despressurizado, e nossos capacetes foram acionados automaticamente para nos fornecer oxigênio. Graham girou para disparar com o laser do seu ComQ na garra do Basilisco um instante antes que ele atacasse e o envolvesse com seus maciços dedos de metal.

Antes que Graham sequer tivesse tempo de gritar, o drone alien o esmagou e matou, bem ali na nossa frente. Então arrancou seu corpo pela portinhola destruída, e o jogou contra a parede do túnel como se fosse uma boneca de pano.

Debbie soltou um grito pelo comunicador quando o Basilisco foi na direção de Whoadie. Chén se moveu para tentar bloquear seu caminho, enquanto meu pai disparava no Basilisco com o laser de seu ComQ.

O outro braço do Basilisco esmagou uma escotilha atrás de mim, mas Whoadie me puxou para longe dela bem a tempo. Os cinco que restaram de nossa equipe recuaram até a parte da frente da cápsula, fora do alcance dele. Ele ficou debatendo seus braços insetoides por alguns segundos, e então subitamente os retraiu antes de ficar em pé, assomando sobre nossa cápsula danificada e despressurizada. Meu pai pisou com força no acelerador, para tentar nos colocar nos trilhos mais uma vez, mas eu já podia ver que ele não tinha tempo o bastante para nos afastar.

O Basilisco levantou um de seus maciços pés com garras, preparando-se para nos esmagar.

Era isso. Não havia nada que pudéssemos fazer. Íamos morrer.

Mas aí, justo quando o pé desceu, um Sentinela atacou o Basilisco na superfície cheia de crateras. Os dois drones se atracaram na superfície, para além da beirada do buraco enorme acima de nós, num silêncio assustador. Houve uma rajada de laser e de foguetes entre eles, uma explosão branca cegante, e depois mais silêncio.

Alguns segundos depois, quando a fumaça se dissipou e a poeira lunar assentou, o grande rosto humanoide do Sentinela da Aliança de Defesa da Terra apareceu, tampando o céu negro. Então uma voz

surgiu entrecortada pelo canal do comunicador.

– Eu disse que estava te dando cobertura, Lightman – ouvi a voz de Lex.

– Va-va-valeu, Lex – gaguejei, minha voz entrecortada no ComQ.

– Valeu. Você nos salvou. Te devo uma.

– Pode apostar que sim – ela respondeu. O Sentinela dela estendeu uma de suas gigantescas mãos na direção de nossa cápsula de fuga exposta, e tive um momento súbito de pânico. Mas ela usou ambas as mãos de seu mecha para retirar cuidadosamente nosso módulo de fuga dos escombros, e depois nos colocar novamente no túnel, logo à frente da parte destruída pelo Basilisco.

Depois de nos colocar no chão, Lex se despediu com um aceno.

– Todos aqui na Estação Safira já foram redesignados para drones na Terra – disse Lex pelo comunicador. – Fiquei por aqui para ver se vocês precisavam de alguma ajuda, mas Xangai está sendo totalmente destruída. Vou nessa! – Ouvimos o zumbido dos servomotores enquanto ela colocava o Sentinela em perfeita posição. – Boa sorte!

O Sentinela se desligou e ficou adormecido, como uma marionete de metal gigante abandonada por seu manipulador.

– Quem era essa? – perguntou Whoadie.

– Capitã Alexis Larkin, dos Doze Condenados – respondi. – É uma amiga minha.

Ela assentiu; então a vi observar Debbie, que estava tremendo e chorando baixinho, olhando por uma das escotilhas esmagadas. Meu olhar acompanhou o dela, e só então percebi que meu pai já tinha saído da cápsula e estava lá fora, segurando o cadáver de Graham, com a placa facial de seu capacete encostada na placa rachada e cheia de sangue de seu amigo.

Seu comunicador estava mudo, mas pela sua placa facial embaçada, pude ver a expressão de agonia no rosto dele. Sua boca estava aberta num grito silencioso enquanto ele abraçava Graham, balançando seu corpo inerte para a frente e para trás. Para a frente e para trás.

Foi a única vez que vi meu pai chorar.

Não sei quantos segundos se passaram. O que sei é que eu ainda estava tentando reunir coragem para gritar para meu pai que a gente precisava sair logo dali, quando ele finalmente se levantou e correu de volta para a cápsula. Então, ele apertou um botão no anteparo. Portas blindadas se fecharam verticalmente sobre a portinhola destruída da cápsula, selando os vazamentos do casco. Quando a cabine repressurizou, meu pai nos tirou dali.

Debbie ainda chorava silenciosamente em seu assento. Whoadie a abraçou.

– “Muitas vezes ouvi dizer que o luto amolece a mente” – disse a moça, citando Shakespeare. – “E a torna medrosa e degenerada; pensa, pois, em vingança e cessa o choro.”

Debbie assentiu e respirou fundo. Então, no que pareceu o espaço de alguns segundos, vi a expressão de luto em seu rosto se transformar em puro ódio desmedido.

Alcançamos a outra extremidade do túnel escuro alguns minutos mais tarde, e entramos numa doca pressurizada, quando as portas da cápsula se abriram. Seguimos meu pai até as portas blindadas do que claramente era um bunker de emergência que a Aliança tinha construído na cratera Ícaro.

Vi meu pai prender a respiração ao pressionar a palma da mão contra o scanner ao lado da entrada da frente da estação. A placa do aparelho emitiu um *bip* e ficou verde um segundo depois, e as portas que davam para o bunker de Ícaro se abriram, revelando um túnel estreito. Meu pai colocou todos para dentro, e depois apertou um botão na parede. As portas blindadas bateram atrás de nós, nos trancando lá dentro em segurança. Vimos que estávamos num pequeno hangar aninhado na base da cratera Ícaro. Em seu interior, oito Interceptores reluziam sob os holofotes halógenos.

– Precisamos correr – disse meu pai. – Cada um pegue uma nave. Rápido!

Desci a passarela correndo para examinar a nave mais próxima. Essas naves não se pareciam com nenhum dos Interceptores que já tínhamos visto: elas tinham cockpits, e foram projetadas para serem pilotadas de dentro, e não remotamente.

– Estes são os ADI-89 – nos explicou meu pai. – Protótipos especiais de Interceptor Aeroespacial tripulados.

Enquanto falava, ele enfiava a mão numa grande caixa de ferramentas metálica afixada na parede do hangar. Retirou um instrumento elétrico que tinha forma de pistola, depois correu até o primeiro Interceptor e abriu uma comporta na parte de baixo do casco, revelando uma confusão de fios e circuitos. Ao começar a mexer lá dentro, ele disse:

– Não tínhamos acesso a este bunker até a invasão começar, para nos impedir de usá-los para abandonar o barco. – Ele sorriu. – Mas as travas do protocolo de segurança da base acabaram de liberar o acesso de emergência.

Ele utilizou a ferramenta para remover um pequeno componente em forma de cubo da barriga da nave, jogou-o no chão e fechou a comporta. Então correu para o Interceptor seguinte e repetiu o processo.

- O que você está fazendo? – perguntei. – Temos de sair daqui!
- Acha que eu não sei? – retrucou ele. – Isto aqui é importante.

Mais sessenta segundos.

Conforme o prometido, um minuto depois ele havia puxado o mesmo componente em forma de cubo de todas as oito naves. Apanhei um deles no chão para examiná-lo. Marcado a estêncil na lateral de seu revestimento de plástico cinza, um número de série enorme seguido por algumas letras: ADT-AI89-TAC-TRNSPNDER.

Terminada a tarefa, meu pai subiu correndo a plataforma do andaime metálico e foi até um console de comando escuro que se iluminou com seu toque. Os dedos das duas mãos começaram a dançar nas telas, tocando ícones e navegando por submenus – quase tão rápido quanto o comandante Data. Em segundos, ele havia ativado todos os oito AI-89. Seus motores de fusão começaram a zumbir e depois emitir um gemido agudo, e seus exaustores reluziam com os raios de energia alaranjados.

Meu pai tocou em mais um ícone, e cinco das oito tampas de cockpit se abriram. Quando corri para o Interceptor mais próximo, um painel se abriu na lateral da popa de seu casco e uma escadinha de metal se desdobrou até o piso de pedra aos meus pés com um estrondo. Ouvi o mesmo som mais três vezes por toda parte, quando Debbie, Whoadie e Chén se aproximaram de suas naves.

Era a primeira vez que eu realmente entrava num cockpit de qualquer espécie – ainda mais de uma espaçonave interplanetária. Mas não parecia a primeira vez. A configuração dos controles ali dentro era idêntica à dos módulos de comando de drones, e eles não eram assim tão diferentes do simples conjunto de plástico de acelerador e manche de voo que usei no meu quarto por anos.

Sentados nos nossos cockpits abertos, nós estávamos agora ao nível dos olhos do meu pai, que permanecia atrás do console de comando na plataforma elevada à nossa frente, então fui capaz de ver a fileira de telas à frente dele.

– Quando estas naves estão no ar, cada uma delas fica fechada num campo não inercial esférico – falou ele. – Então pilotar essas naves de dentro não vai ser diferente de pilotá-las remotamente. Exceto por uma coisa, é claro: se vocês forem abatidos pilotando uma destas, não vão poder assumir o controle de outro drone. Porque vocês estarão mortos.

Quando viu nossa reação à sua declaração, ele nos mostrou o principal recurso de segurança das naves.

– Não se preocupem. O módulo de cockpit no interior de cada uma dessas naves é na verdade um módulo de ejeção autocontido. Na teoria ele é ejetado automaticamente no caso de um impacto direto, como airbags.

– Na teoria? – perguntei.

– Todas estas naves são protótipos – respondeu. – Acho que não foram muito testadas. – As mãos de meu pai continuaram a voar pelo painel de controle. Do meu cockpit, eu podia ver a tela de controle por cima do ombro dele, e parecia que ele estava puxando os planos de voo dos três Interceptores restantes, os que íamos deixar para trás. Ele puxou do bolso uma folha de papel amassada, consultou-a e começou a digitar, como se ele estivesse entrando na rota dos Interceptores não tripulados, usando o papel como referência. Então começou a acessar uma série de menus de configuração de hardware que eu nunca tinha visto antes.

Quando meu pai terminou de trabalhar no console de comando do bunker, ele o desligou, desceu a passarela de metal e saltou para dentro do cockpit de seu próprio Interceptor, deslizando para o assento de couro do piloto como um garoto descendo pelo corrimão de uma escada.

As tampas dos nossos cinco cockpits se fecharam com um sibilar pressurizado, nossos motores gritaram nos meus ouvidos quando foram ligados em plena força – e então o pequeno hangar foi despressurizado e suas portas blindadas se abriram no alto, revelando uma fatia retangular do céu lunar estrelado.

Saímos da cratera em disparada e demos a volta até o lado oposto da Lua, e a Terra frágil se tornou visível para nós mais uma vez, pairando na escuridão.

Pelo canal de comunicação, ouvi meu pai perder o fôlego com essa visão – algo que ele não havia presenciado com os próprios olhos ao longo de toda uma vida. Minha vida.

– Lá está ela – sussurrou ele. – Lar, doce lar. Cara, que saudade.

Percebi que também estava com saudade. E tinha partido havia menos de um dia.

Quando nossas cinco naves entraram em formação e se voltaram na direção de casa, na direção da Terra, chequei meu visor e vi que os três Interceptores não tripulados estavam partindo para a direção oposta, para o espaço, para o destino que meu pai havia programado.

Voltei a olhar para a Terra e a vi começar a crescer com nossa aproximação, até que sua curva azul preencheu completamente a visão fora da minha espaçonave.

Meu pai enviou um mapa tático para as telas dentro de nossos cockpits.

– Eles estão dividindo suas forças pela metade mais uma vez – disse meu pai pelo comunicador. – Estão vendo?

Ele tinha razão. Metade das forças que restavam da vanguarda parecia estar descendo na China Continental, enquanto a outra

metade continuava a escoltar o Disruptor, que estava partindo numa direção diferente, juntamente com os drones alienígenas que haviam sobrevivido ao ataque na Base Lunar Alfa.

– O comando acha que o Disruptor deve pousar em algum lugar da Península Antártica. Eles estão enviando cada Interceptor que podem para tentar abatê-lo. O resto de nossas forças aeroespaciais está defendendo Xangai neste momento.

– Xangai? – repetiu Chén, seguido por algo em sua língua nativa. Um segundo depois, meu ComQ traduziu: – Minha família mora nos arredores da cidade. Mas minha irmã está instalada numa base de operações de drones no centro da cidade. Preciso ajudá-la!

– Não, temos de ir atrás do Disruptor – ordenou meu pai. – Eles irão ativá-lo assim que chegarem à superfície, e então somente naves tripuladas como estas continuarão a funcionar. Todos os drones da Aliança cairão do céu.

– E a Força Aérea convencional? – perguntou Debbie. – Não podem ajudar?

– Eles vão tentar – disse meu pai. – Mas o Disruptor derruba todas as comunicações de rádio e wireless também. Ele altera o campo magnético da Terra e brinca com os satélites de GPS. Nossas aeronaves convencionais vão todas voar às cegas. E vai ser a mesma coisa que lutar contra Godzilla. Caças convencionais não terão a menor chance. Agora é conosco.

Assim que meu pai acabou sua frase, recebemos a notícia de que o Disruptor já havia pousado, antes que nossas naves sequer chegassem à entrada da atmosfera da Terra.

Mas os europeanos não ativaram sua arma definitiva, muito embora pudessem ter feito isso.

Por alguma razão, eles aguardaram.

Aguardaram até que nós cinco chegássemos lá para ligá-la.

Quando nosso pequeno esquadrão de cinco Interceptores alcançou a última posição conhecida do Disruptor, logo além da Península Antártica, era difícil deixar de ver a batalha. O maciço dodecaedro preto pairava logo acima da paisagem como uma montanha flutuante, rodopiando como um pião quando finalmente ativou seu raio acoplador pulsante e disparou em direção ao gelo derretendo abaixo. O poderoso raio arrancou imensos pedaços de geleira, lançando-os no oceano glacial.

O céu ártico azul-claro ao redor do Disruptor era uma nuvem caótica, apinhada de milhares e milhares de caças inimigos envolvidos num feroz combate aéreo com um número ainda maior de drones Interceptores e WASPs, todos aglomerados mergulhando

para tentar destruir o escudo defletor transparente que cercava a superfície do Disruptor no meio deles. O escudo protetor do Disruptor já estava começando a pulsar e piscar no meu display ocular, indicando que logo falharia. Claro, quando isso acontecesse, ainda haveria a escolta de caças Glaive orbitando ao seu redor, lutando contra um ataque constante de drones controlados por gamers.

Detonações de reator de fusão continuavam disparando a cada poucos segundos como pipocas, enfraquecendo ainda mais o escudo. Ele começou a piscar e pulsar mais rapidamente, e achei que a hora de nossa chegada não podia ter sido melhor cronometrada.

Então o Disruptor foi ativado.

Cada um de nossos milhares de drones congelou, então começaram a cair do céu como cinzas recobertas por chumbo, todos ao mesmo tempo.

Enquanto isso, claro, os milhares de caças alienígenas continuaram voando sem ser afetados – com seus operadores em segurança em Europa e fora do alcance do Disruptor, seu campo não tinha efeito neles.

Alguns segundos depois que seus links morreram, as travas de emergência dos drones da Aliança foram ativadas e seus pilotos automáticos começaram a funcionar, tentando corrigir a trajetória dos drones e os fazendo pousar em segurança no terreno mais próximo – ou, neste caso, na banquisa em pedaços mais próxima. A maioria dos drones que vi foi apanhada por fogo inimigo antes de conseguir chegar em segurança ao solo, e a maioria dos outros bateu no oceano ou no gelo e se perdeu.

Num piscar de olhos, o Disruptor havia tornado inoperante cada drone de todo o arsenal global da Aliança de Defesa da Terra.

Eu sabia que a mesma coisa devia estar acontecendo naquele momento em Xangai, Karachi, Melbourne, e em todo o mundo à medida que os milhões de civis treinados por videogame que estavam guerreando com drones contra os invasores alienígenas de seus laptops e consoles de jogos, apenas alguns segundos antes, agora olhavam para uma mensagem de erro de “Link Quântico Perdido”.

O poderoso exército de gamers da Terra estava desconectado, incapaz de fazer qualquer coisa a não ser esperar pelo fim.

Vi alguns outros Interceptores tripulados continuarem a atacar o Disruptor, juntamente com vários esquadrões de caças militares convencionais. Mas eles estavam agora em enorme desvantagem numérica, além de terem uma quantidade de armamentos muito inferior, e estarem sendo massacrados.

O céu que cercava o Disruptor agora só tinha naves inimigas – um enxame de Glaives e Wyverns sem adversários. Os DHITABs e Sentinelas agora adormecidos na banquisa abaixo estavam sendo derrubados como latinhas de cerveja pelos caças Spider e Basiliscos que marchavam sobre eles, vindos de todas as direções.

Nossos cinco Interceptores continuaram a mergulhar no centro das forças inimigas à medida que outros poucos Interceptores tripulados desgarrados alinhavam-se logo à frente de mim, acima da asa de meu pai, apenas para virarem pedacinhos alguns segundos mais tarde, iluminando o céu por todos os lados. Mas meu pai continuou pilotando sua nave através da chacina, intocado – e eu também. Milagrosamente ilesos.

Fiz uma manobra aérea acrobática enquanto me desviava dos escombros flamejantes, xingando silenciosamente meu pai. Ele tinha plantado a semente da dúvida na minha cabeça, e agora eu subitamente via evidências que apoiavam sua teoria para onde quer que olhasse: meu pai, meus amigos e eu continuávamos a correr e pular por entre o caos, abatendo caças inimigos um atrás do outro sem dificuldade, enquanto fogo de laser e rajadas de plasma passavam por nós de todos os lados – assim como costumávamos fazer quando jogávamos *Armada* juntos.

No entanto, aqueles que estávamos combatendo eram alienígenas de verdade – seres sencientes com tecnologia altamente avançada, e com a intenção de nos destruir. Estávamos em desvantagem numérica em uma proporção de mil para um. Já dava para termos sido mortos cem vezes. Será que os humanos realmente eram apenas melhores na guerra do que eles, ou durante todo esse tempo os aliens estariam manipulando o jogo?

Uma saraivada de raios fotônicos atingiu meu escudo, reduzindo sua energia em dois terços e me arrancando do meu devaneio. Balancei a cabeça para clarear as ideias, então acelerei para alcançar meu pai e os outros. Todos nós entramos em formação de ataque, atravessando em disparada a beira dilapidada da banquisa, que continuava a desabar e se partir em pedaços cada vez maiores, derretendo rapidamente sob o intenso calor que emanava do dodecaedro rodopiante acima.

O Disruptor agora pendia a cerca de cem metros da superfície enrugada do oceano, como um lustre de diamantes suspenso no nada. Sua escolta de caças Glaive e Wyvern continuou a se infestar e mergulhar sobre ele e ao seu redor, dando voltas como uma nuvem de moscas prateadas.

Ainda havia mais caças inimigos do que eu podia contar – tantos que meu Computador de Aviônica Tática também estava tendo dificuldade para estimar seu número. Parecia haver centenas deles

agora, com mais outros circulando à distância, à margem da batalha. E segundo o leitor do meu display ocular, havia mais milhares de naves inimigas a caminho – centenas de milhares de caças.

– De onde estão vindo esses reforços? – perguntou Whoadie. – Eles pararam de atacar Xangai?

– Não – respondeu meu pai. – Segundo o comando da Aliança, a cidade já caiu. Agora eles estão desviando mais de suas naves para cá. Daqui a alguns minutos, nossas chances de destruir esta coisa vão ficar muito piores.

– Então vamos fazer isso agora – sugeriu Debbie. – Não há momento melhor que o presente.

– Pronta para atacar do meu cockpit – declarou Whoadie. – Qual é o plano, senhor?

Nesse momento vi a nave de Debbie ser atingida por um dilúvio de fogo e plasma. Um de seus motores explodiu em chamas.

– Ejeta! – gritou o restante de nós pelos comunicadores. Mas Debbie já havia se adiantado. Seu módulo do cockpit afastou-se da fuselagem fumegante da nave como uma bala sendo disparada de uma arma. Ele voou por alguns segundos, depois começou a cair em arco na direção da superfície enrugada do mar gelado.

Enquanto eu virava meu Interceptor num mergulho para tentar ir atrás dela, a nave de Whoadie apareceu do nada e pegou o módulo durante a queda, usando o braço magnético de operação que ficava embaixo do nariz de sua nave. Quando o módulo metálico travou na parte inferior de sua fuselagem, ela soltou um grito de vitória – que foi interrompido quando uma barragem de fogo de laser atravessou seu casco, quase atingindo o módulo de Debbie.

– Peguei você! – gritou Whoadie. – Estou com ela, general! Mas acho que não vou prestar muito para o combate agora.

– Saia já daqui, Whoadie! – ordenou meu pai. – Leve Debbie para um lugar seguro. Agora!

– Sim, senhor – respondeu ela, pisando com tudo no acelerador. Sua nave partiu num borrão.

– E então restaram três – resmunguei pelo comunicador. – E todos nós vamos virar torrada em alguns segundos também, se ficarmos onde estamos.

– Só fiquem de olho nele – disse meu pai enquanto eu via sua nave mergulhar e fazer outra passagem sobre a superfície do dodecaedro, destruindo dois Wyvern no processo. – Segundo meu display ocular, esse escudo já está bem fraco. Continuem disparando nele. Chén, o que você está fazendo?

O canal de comunicação foi sufocado pelo som de Chén,

gritando “Sete!”, numa voz embargada. Então gritou: “Seis!” E depois “Cinco!”.

Só aí eu entendi. Chén estava reagindo à notícia da destruição de Xangai da pior forma possível, um colapso nervoso bem no meio do combate. E quem podia culpá-lo? Ele não era um soldado. Ninguém o havia preparado – nem a nenhum de nós – para os horrores da guerra.

Localizei a nave de Chén no meu display tático e vi que ele já estava mergulhando na direção do Disruptor, com as armas aparentemente configuradas para autodisparo. Seus escudos receberam um impacto direto e caíram, depois, um segundo mais tarde, suas armas também, seguidas por seus motores. Mas o impulso de sua nave continuou a levá-lo para a frente na direção do Disruptor, e, em meu display tático, sua nave começou a piscar numa luz vermelha, indicando que seu núcleo reator havia sido configurado para sobrecarga.

No meu comlink, ouvi Chén xingar e gritar em chinês. A tradução inglesa apareceu no meu display ocular: *Eles mataram minha irmã! Agora vou matá-los!*

Fiquei observando paralisado de horror enquanto Chén continuou a mergulhar na direção da superfície rodopiante do Disruptor, e vi meu pai descer com sua nave em espiral num mergulho acentuado para ir atrás dele. Enquanto o Interceptor de Chén se aproximava ainda mais do dodecaedro, fiz uma careta e segurei a respiração, esperando que sua nave sofresse um impacto no seu núcleo reator. Mas um milissegundo antes que sua nave chegasse lá, seu reator detonou, iluminando o céu.

A energia da explosão se dispersou pelo escudo defletor do Disruptor, e então ele piscou e caiu. O escudo azul transparente ao redor do Disruptor havia aparecido, deixando sua superfície facetada exposta ao ataque.

Naturalmente, no momento em que vi isso, já era tarde demais para que eu pudesse fazer qualquer coisa a respeito. Mesmo se eu estivesse disposto a carregar o núcleo de energia da minha própria nave, para me juntar a Chén em sua missão kamikaze, já não havia mais tempo para que eu reagisse. O escudo só ficaria abaixado por mais três segundos e meio. Era preciso ser ao mesmo tempo telepata e suicida para agir no tempo certo, e naquele momento, eu não era nenhuma das duas coisas.

Mas meu pai parecia ser as duas.

Porque ele ainda estava voando na direção do Disruptor, bem no encalço de Chén. Ele vira a decisão impulsiva que Chén havia tomado, e imediatamente também tomou uma.

– Ficou maluco? – gritei. – O escudo não vai ficar abaixado

tempo suficiente!

– Vai, sim, filho – respondeu ele. – Porque eles estão olhando, e querem que minha artimanha heroica funcione. Exatamente como eu falei. Observe, preciso que você veja isso.

– Eu não quero ver nada, seu babaca de merda! – gritei. – Ejeta agora! Você não pode fazer isso comigo – eu disse, com a voz falhando. – Não de novo.

A nave do meu pai se endireitou, mas não alterou o curso.

– Eu te amo, meu filho. E me perdoe. Diga a sua mãe...

O tempo reduziu até quase parar. Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta.

Finalmente pensei em começar a contar – *mil e um, mil e dois, mil e três, mil e quatro*.

O escudo do Disruptor permanecia abaixado. Será que eu estava contando rápido demais?

No meu display tático, a nave do meu pai cobriu a distância que faltava do Disruptor, ainda exposto, como uma bala na direção do alvo, enquanto os caças Glaive se aproximavam, disparando sobre ele de todos os lados – e todos os disparos convenientemente errando nosso herói.

Síndrome de Stormtrooper, pensei, consciente do absurdo daquilo. *Esses sujeitos não conseguiriam atingir nem a água se fossem jogados da porra de um barco.*

Uma fração de segundo antes de a nave do meu pai se autodestruir, vi a concha blindada se abrir por cima da tampa de seu cockpit, assim como havia feito com o de Debbie, transformando-o num módulo de fuga selado. O módulo caiu como uma pedra, mergulhando nas águas agitadas no oceano, justo no momento em que seu núcleo de energia implodiu e todo o mundo ficou branco.

De algum modo tive presença de espírito suficiente para empurrar meu manche de voo para a frente, fazendo minha nave mergulhar no oceano no momento em que as ondas de impacto que emanavam das explosões gigantescas acima bateram na superfície, lançando vapor para o alto e fazendo o mar ferver e evaporar.

Meu display tático me mostrou o que estava acontecendo na superfície. A detonação do núcleo reator de meu pai havia destruído o Disruptor desprotegido, e a superfície facetada dele explodiu numa nuvem de destroços triangulares que cobriram a superfície do oceano, se misturando com peças de espaçonaves humanas e alienígenas. Pude ouvir os pedaços maiores baterem com estrondos ao caírem no teto encharcado que me cobria, como terra chovendo sobre a tampa de um caixão.

Estava completamente silencioso lá embaixo, sob as ondas,

flutuando dentro da minha espaçonave à prova d'água, enquanto eu olhava o apocalipse em chamas explodindo acima da superfície. O silêncio era total, de modo que por um momento não tive certeza se estava vivo ou morto. Então ouvi a cadência de pânico da minha própria respiração e percebi que sim, eu ainda estava vivo, pelo menos por enquanto.

Mas quanto ao meu pai eu ainda não tinha certeza. Não estava recebendo o sinal do farol de emergência de seu módulo, e os visores do pacote de sensores da minha nave eram inúteis – o oceano estava tão atulhado com os destroços de centenas de Interceptores, drones, Glaive e aeronaves de caça convencionais, que escolher um único módulo no meio dos detritos era impossível.

Ele iria se afogar ali embaixo, se isso já não tivesse acontecido.

Acionei todas as luzes externas da minha nave, então também as internas, só para equilibrar, mas ainda só conseguir ver um metro e meio ou dois dentro das águas turbulentas, e não havia nada lá, nada. Quanto mais fundo, mais turbulenta a água.

Fiquei olhando meus visores vazios, sem esperança, tentando de todas as formas não supor o pior, mas fazendo justamente isso.

Será que o destino seria tão cruel a ponto de tirar meu pai de mim no mesmo dia em que eu o havia encontrado? Não gostava da resposta que meu subconsciente estava gritando para mim, claro. Mas a culpa era minha, por ter perguntado. Eu devia ser mais inteligente.

Avisos começaram a piscar no meu display ocular, dizendo que meu casco estava vazando e que eu precisaria ir à superfície agora, ou arriscar que meus sistemas de motor e suporte de vida falhassem.

Mas não voltei para a superfície. Continuei a procurar por ele, muito embora isso fosse inútil.

Ele não podia desaparecer novamente, não agora. Não antes que eu tivesse uma chance de dizer a ele o que tinha visto durante a batalha. O que ele havia me mostrado.

Ele estava certo; eu estava errado. Agora entendia isso. Se ele pudesse voltar, eu diria a ele, e o ajudaria, eu faria o que ele quisesse. Ele não precisava me castigar desse jeito – me deixando conhecê-lo e aprender a amá-lo, só para partir meu coração de novo.

Uma voz da minha cabeça dizia: *Pelo menos ele morreu pelo que acreditava.* Mas isso só fez com que eu me sentisse pior, pois não parecia ser verdade.

Eu sabia o que estava acontecendo lá em cima, na superfície da

água. Assim que meu pai destruiu o Disruptor, todos os links de comunicação quântica da Aliança de Defesa da Terra instantaneamente voltaram a ficar on-line, e no mundo todo agora todos os recrutas civis da Aliança voltaram ao combate, controlando os milhões de drones em arsenais ao redor e todas as áreas densamente povoadas do mundo.

Graças ao meu pai, a humanidade tinha uma chance de lutar para sobreviver mais uma vez. Ele dera tudo para salvar o mundo.

Mas naquele momento eu não me importava com o mundo.

O mundo poderia sumir e levar tudo e todos com ele, se eu pudesse ter meu pai de volta.

Girei meu Interceptor pela escuridão do chão do oceano, olhando o vazio, ignorando os avisos cada vez mais altos do meu CAT me dizendo para emergir, e agora eu morreria também.

Pois isso para mim parecia ótimo. Simplesmente ótimo.

FASE TRÊS

“Se não acabarmos com a guerra, a guerra acabará conosco.”

– H.G. Wells

Sentado ali na escuridão, esperando que tudo simplesmente acabasse, me peguei pensando em Lex. Eu me perguntava onde ela estaria e se ainda estava viva.

Então me lembrei de nossa conversa, e do hackeamento do ComQ que ela tinha me mostrado. O número do ComQ do meu pai estava na minha lista de contatos. Se ele estivesse com o dispositivo no seu traje de voo e se não tivesse desligado, talvez eu pudesse utilizá-lo para encontrar seu módulo de fuga.

Sentindo um súbito surto de esperança, abri atabalhoadamente minha curta lista de contatos do ComQ. Então repeti os passos que Lex havia me mostrado para executar seu “hackeamento de localização remota”. Isso envolvia apertar rapidamente diversos ícones da minha tela em ordem, como o antigo código Konami. Só depois de muitas tentativas consegui acertar, pois minhas mãos tremiam e os avisos de integridade do casco e de vazamento do meu computador ficavam a toda hora me dando nos meus nervos.

Finalmente, um programa de GPS apareceu na tela. O meu ComQ apareceu como um ponto verde – e o do meu pai como um ponto vermelho piscando bem acima do meu. Rodei a tela para mostrar nossas profundidades relativas.

O módulo do meu pai estava logo abaixo de mim!

Peguei minha nave e dei voltas com ela cegamente num movimento de saca-rolhas, utilizando meu ComQ para tentar detectá-lo. Quando subi para evitar os destroços de dois caças Glaive, senti um solavanco e ouvi um ruído de rachadura alto

quando o módulo de fuga do meu pai apareceu das trevas de água do lado de fora, batendo bem contra a tampa do meu cockpit. Quando as duas cúpulas de acrílico colidiram, avistei uma parte aterradora de seu rosto inerte e sem vida, a poucos centímetros do meu.

Estava coberto de sangue.

Quando consegui parar de gritar, manobrei meu Interceptor ao redor de seu módulo e ativei o braço de recuperação. Um segundo mais tarde, os selos magnéticos do braço agarraram o módulo com um estrondo, e o braço se retraiu, fundindo o módulo de fuga do meu pai à parte de baixo do casco da minha nave.

Meu computador estabeleceu um link com o diagnóstico do ocupante do módulo, e os sinais vitais de meu pai apareceram no meu display ocular. Ele não estava morto! Estava simplesmente inconsciente, e o computador calculou uma chance de 67% de que ele tivesse sofrido uma concussão. E também estava sangrando de uma laceração funda no escalpo. Uma caixa de diálogo se abriu numa das minhas telas do cockpit, me oferecendo uma lista de tratamentos e drogas que o módulo estava ministrando ao seu ocupante. Uma janela de vídeo se abriu na minha tela, mostrando a forma inconsciente do meu pai dos ombros para cima, e fiz uma careta quando o módulo deu uma dose de coquetel de analgésicos utilizando uma seringa montada em um de seus muitos braços robóticos. Torci muito para que as drogas daquele módulo não tivessem data de validade vencida.

Eu vi o drone trabalhar nele por mais alguns segundos; depois finalmente despertei daquele torpor e acionei o acelerador da minha nave, nos tirando do oceano e depois seguindo em direção às nuvens, ainda a toda velocidade.

Meu computador me informou que meu passageiro precisava de atenção médica imediatamente, e o piloto automático traçou um curso da minha nave para o Centro Médico da Aliança mais próximo, no extremo sul da América do Sul.

Eu ignorei.

Em vez disso nos levei para casa.

Enquanto guiava meu Interceptor sobre a paisagem esturricada e fumegante de Portland, senti lágrimas invadirem meus olhos. Ali estava minha primeira visão da devastação que o ataque da vanguarda havia causado às nossas cidades, e era tão ruim quanto eu havia temido. Toda a cidade parecia uma cena de *Impacto profundo* ou de *Guerra Mundial Z*. Toda rua, estrada e rodovia que levava para fora de Portland estava obstruída por todo tipo de

veículos, nenhum deles se movia. Pilares de fumaça preta se elevavam de meia dúzia de fogueiras por toda a cidade, e o céu estava repleto de helicópteros da imprensa e pequenas aeronaves de asas fixas, a maioria das quais parecia estar voando para áreas mais afastadas.

Peguei meu ComQ e o sintonizei em uma das grandes redes de TV a cabo para poder ouvir a transmissão – e ouvi a última coisa que esperava.

– Além do êxito decisivo da Aliança de Defesa da Terra no Paquistão – dizia um âncora de notícias –, relatos de dezenas de outras vitórias estão vindo de cidades de todo o mundo. O jogo começou a virar depois do ataque-surpresa dos alienígenas a Xangai e Cairo...

Franzi a testa e mudei para outra rede, que mostrava a cobertura ao vivo de Nova York. A Big Apple simplesmente estava do jeito como parecia em todo filme de desastre pós-apocalítico que eu já tinha visto. A linha do horizonte era uma ruína fumegante, e as ruas de Manhattan haviam sido invadidas por um tsunami criado por um dos muitos terremotos artificiais resultantes dos ataques.

– ... dezenas de batalhas épicas estavam acontecendo pela cidade apenas momentos atrás, mas como vocês podem ver, os céus estão limpos – disse outro repórter. – Os exércitos de drones da Aliança operados por civis conseguiram outra vitória decisiva aqui. A humanidade se defendeu com sucesso contra a primeira onda de ataque dos invasores. Conseguimos derrotá-los. É incrível!

A bela repórter ao lado dele concordava meneando a cabeça entusiasmada.

– Em todas as ações que tivemos com o inimigo até agora, ficou óbvio que os humanos são naturalmente mais competentes em combate do que as criaturas que estão operando todas essas naves invasoras de drones – continuou ela. – Em todas as batalhas eles pareciam ter nos superado, mas, apesar do contingente superior e da tecnologia mais avançada, os europeanos parecem não ter nossos reflexos e instintos predadores naturais...

Voltei a trocar de noticiário e vi o almirante Vance falando com as tropas pelo seu ComQ, usando sua expressão característica de determinação sombria. O homem tinha um ar heroico.

– ... mas, muito embora tenhamos conseguido combater a primeira onda dos invasores, sofremos muitas perdas no processo – disse o almirante Vance. – O inimigo não perdeu uma alma: somente equipamento. E dois terços de suas forças ainda estão a caminho da Terra. – Ele parou para deixar essa informação ser assimilada, e depois continuou. – A *segunda onda* de seu ataque irá nos alcançar daqui a apenas duas horas, e precisamos de todos

vocês prontos.

No instante em que ele acabou de fazer aquela declaração, um novo relógio de contagem regressiva apareceu na tela do meu ComQ – pouco mais de 2h30 até a chegada da segunda onda, trazendo o dobro de devastação da primeira.

Passei para outro canal, depois outro, mas era a mesma propaganda de guerra em toda estação. Repórteres de cada nacionalidade estavam cantando vitória e implorando aos seus espectadores para não desistirem, para se protegerem e continuarem lutando, pois ainda havia esperança – ainda poderíamos vencer isso.

Coloquei meu ComQ de lado, desejando poder me juntar ao grito de guerra global da Aliança de Defesa da Terra. Mas para mim era óbvio que nossas forças remanescentes não seriam capazes de suportar outro ataque de igual magnitude, quanto mais outros ataques, feitos por uma força com o dobro e depois o triplo do tamanho da primeira onda.

Tentei esquecer a notícia, voltei a pensar no ato heroico de autossacrifício do meu pai, executado logo depois do ato kamikaze de Chén. Não deveria ter dado certo. Mas deu – exatamente como meu pai havia previsto.

Eu não deveria precisar de mais argumentos para ser convencido, e naquele momento decidi que não precisava.

– Desculpe ter duvidado de você, pai – disse a ele pelo comunicador enquanto olhava seu rosto inconsciente no meu monitor, os olhos fechados e a testa suja de sangue seco. – Desculpe também por não ter conseguido chamar você de pai antes, ok? Está me ouvindo? Está me ouvindo, pai?

Seus olhos permaneciam fechados, e ele continuava completamente parado – o campo de cancelamento de inércia da nave evitava que ele fosse sequer sacudido, muito embora estivéssemos voando pela atmosfera da Terra rápido o bastante para colocar a nave em chamas.

– Você estava certo e eu errado, ok? – confessei, erguendo a voz, como se isso fosse ajudá-lo a me ouvir. – E eu realmente gostaria que você acordasse agora para eu poder lhe dizer isso pessoalmente. Você faria isso por mim? Por favor? General? Xavier?

Como fiquei sem resposta, tentei novamente.

– Pai?

Mas ele permaneceu sem responder.

Estava morto para o mundo.

Fui com ele direto para o hospital em South Beaverton onde minha

mãe trabalhava, mas quando comecei a voar em círculos procurando por um lugar para aterrissar, vi que todas as estradas que nos cercavam estavam abarrotadas de veículos abandonados e gente apavorada. Se eu pousasse o Interceptor ali perto atrairia toda a atenção do mundo, e eu tinha dúvidas de que fosse conseguir decolar de novo.

Estava dando voltas sobre a cidade, procurando um lugar tranquilo para pousar, quando avistei minha escola. Havia apenas alguns carros no estacionamento de alunos, e o meu era um deles. Eu também podia distinguir as marcas de queimado no gramado da frente da escola deixado pela nave auxiliar da Aliança quando Ray havia passado ali para me buscar naquela manhã – uma vida inteira antes.

Pensei em pousar minha nave no terreno logo ao lado do meu carro, mas então parei e pensei em deixá-lo estacionado na entrada. Alguns segundos depois, avistei o estacionamento perfeito.

Circudei de volta sobre a escola, mas desta vez detonei o teto do ginásio com raios laser. Então passei de novo e repeti a operação, até o teto inteiro desabar. Assim que a poeira assentou, abaixei meu Interceptor bem dentro do ginásio, ocultando-o perfeitamente das vistas, a não ser para quem passasse diretamente por cima.

O superintendente da escola ia ficar puto com o dano, mas ele poderia mandar a conta para mim.

Tive certeza de que alguém tinha avistado minha nave durante sua breve descida, ou ouvido o barulho que fiz. Mas quando desci do meu cockpit e corri para fora do ginásio para dar uma olhada rápida ao redor, não vi ninguém correndo na direção do prédio para investigar. Imaginei que as pessoas que não estivessem ocupadas demais fugindo da cidade ou saqueando, estavam provavelmente dentro de casa, coladas na TV e nas telas de computador esperando notícias.

Mande uma mensagem de texto para minha mãe, pedindo que ela nos encontrasse em casa com um kit de primeiros socorros o mais rápido possível. Então estacionei meu carro perto da saída do ginásio. Corri de volta para dentro, abri o módulo de fuga do meu pai e – cambaleando sob seu peso – o levei até meu carro.

A dor súbita que ele deve ter sentido quando finalmente consegui jogá-lo no banco de trás o trouxe a um estado de semiconsciência.

– RedJive em stand by! – disse ele meio bêbado, enrolando as palavras. Piscou algumas vezes e olhou ao redor do carro, arregalando os olhos ao reconhecê-lo.

– Ei, eu conheço esse carro. É o meu velho Omni! Essa lata velha

ainda funciona?

Por um momento não consegui falar. Estava feliz demais por vê-lo de olhos abertos.

– Sim, ainda funciona – consegui dizer. – Só que mal. – Enquanto gentilmente o ajudava a tirar a jaqueta, percebi que havia sangue em alguns de seus emblemas. Enrolei a jaqueta numa bola e enfiei embaixo de sua cabeça como travesseiro. – Tente ficar parado, ok? Descanse. Vamos chegar em casa rápido.

– Uau, sério? – perguntou sorrindo. – Nunca estive em casa.

Por sorte, minha casa ficava apenas a dois quilômetros de escola, e ainda dava para passar pela maioria das ruas. Só precisei fazer um desvio, para dar a volta num acidente com cinco carros que bloqueavam o cruzamento. Durante a viagem, meu pai babou e resmungou no banco do passageiro, obviamente ficando chapado por fosse lá qual o medicamento para dor que o sistema de emergência do módulo de fuga havia injetado em sua corrente sanguínea.

Quando entrei na nossa rua e vi a passagem da frente vazia, travei os dentes decepcionado. Minha mãe não estava ali.

Eu ainda estava ajudando meu pai a sair do carro quando ouvi o motor atrás de mim e virei para ver o carro da minha mãe estacionar. Por um segundo nossos olhares se cruzaram pelo vidro, vi os olhos dela se arregalarem ao me reconhecer – e aí ela estava pulando do carro e correndo até o meu, cobrindo a boca com os dedos compridos.

Meu pai abriu os olhos no banco do passageiro ao meu lado quando ela deu uma olhada ali dentro.

Ele não falou, ficou apenas olhando fixo para ela, como se estivesse paralisado. Pus a mão no ombro dela.

– Oi, mãe – falei, saindo do carro. – Estou em casa. Estamos em casa.

Ela me abraçou e esmagou seu rosto contra meu ombro o mais forte que pôde. Quando finalmente me soltou, se virou para olhar meu pai, ainda dentro do carro.

– Xavier? É você mesmo?

De algum modo ele conseguiu se levantar do carro.

Então deu um passo na direção dela e a abraçou. Enterrou o rosto nos cabelos dela, respirando fundo.

Enquanto eu via os dois se abraçarem, ali na grama da frente, meu coração se enchia de uma alegria sem limites. Até aquele momento, me ocorreu que eu só havia experimentado o tipo de alegria com limites. Ter as amarras tiradas do meu coração depois

de usá-las durante uma vida inteira era um pouco demais – mas da melhor maneira possível.

Ouvi latidos, e um segundo mais tarde Muffit saiu correndo da sua portinha de cachorro. O velho beagle saiu latindo e pulando os degraus da frente pelo gramado, vindo o mais rápido do que fizera em anos.

– Muffit! – gritou meu pai, deixando o abraço de minha mãe para cumprimentar o cão ancestral, apenas um segundo antes que ele de algum modo invocasse forças para saltar no colo do meu pai ajoelhado. – Ah, é tão bom ver você, garoto! – falou quando o cachorro encharcou seu rosto de beijos. – Eu senti saudade de você, garoto! Senti saudade de mim?

Muffit latiu feliz em resposta, e depois continuou a molhar meu pai de saliva. Nunca em nenhum momento me perguntei se nosso cachorro se lembrava do meu pai – afinal, Muffit era só um filhote quando ele desapareceu.

Meu pai começou a rir sob o dilúvio de beijos do beagle – mas então olhou para minha mãe e para mim, e uma expressão de dor tomou conta de seu semblante. Ele se virou e tentou esconder o rosto mergulhando-o no pelo grisalho de Muffit. Minha mãe pôs o braço ao redor dos dois, e vi que lágrimas desciam por seu rosto – e eu sabia que eram do mesmo tipo que agora começavam a rolar dos meus próprios olhos. Lágrimas de alegria.

Com a visão cada vez mais turvada, fiquei olhando meu pai, minha mãe e meu cachorro, todos se abraçando, a poucos metros de mim – minha família impossivelmente reunida, depois de todo esse tempo.

Subitamente, desejei muito que o mundo não acabasse. Eu queria mais do que tudo que ele continuasse.

Meu pai colocou Muffit no chão e coçou seu focinho prateado.

– Você envelheceu, não foi, amigo? Tudo bem. Eu também.

Minha mãe examinou o corte na testa do meu pai e fez uma careta.

– Me ajude a colocá-lo lá dentro – pediu ela. – Caramba, o que você deu a ele? Whisky?

– O computador médico do módulo de fuga dele deu uma dose de algum tipo de analgésico – expliquei. – Ele vai ficar bem?

Meu pai começou a cantar uma canção antiga que não reconheci.

– *“I haven’t got time for the pain!”* – urrou ele.

Minha mãe soltou uma risada, e depois assentiu para mim.

– Sem dúvida, ele sofreu uma concussão, mas, sim, vai viver. – Ela soltou outra risada, que se transformou no meio do caminho num soluço. – O que é engraçado, considerando que ele esteve

morto durante dezessete anos.

Ela me deu um sorriso inseguro. Seu lábio inferior estava tremendo.

– Vai tudo ficar bem, mamãe – comentei, só para dizer alguma coisa.

Levamos meu pai até a sala de estar e o colocamos no sofá. Então me virei para minha mãe e a abracei como nunca antes da minha vida.

– Preciso ir até a casa de Diehl, mãe – disse a ela afastando o abraço. – Tem uma coisa que prometi a papai que faria.

– Ele não me prometeu nada! – gritou meu pai, mas seu rosto estava enterrado nas almofadas do sofá, e Muffit estava sentado na sua cabeça, então pode ser que eu não tenha ouvido direito.

– Zachary Ulysses Lightman, você não vai voltar lá! – ordenou minha mãe apontando o dedo para mim. – Fiquei morta de preocupação! Você não pode fazer isso comigo de novo!

– Está tudo bem agora – disse a ela enquanto me dirigia para porta. – A primeira onda da invasão acabou. Quase todos os drones alienígenas da vanguarda foram destruídos.

Minha mãe sorriu de alívio, claramente não entendendo o que eu queria dizer.

– Mas foi apenas a primeira onda, mãe – eu disse. – Muitos outros estão a caminho.

– Mais duas ondas inteiras deles – resmungou meu pai, levantando a cabeça tempo o bastante para destronar Muffit, depois voltando a cair de cara na almofada.

Ela olhou de um para o outro com insegurança. Eu fui até lá e a abracei mais uma vez.

– Vou voltar antes disso – argumentei. – Eu prometo. – Olhei para meu pai. – Tente deixá-lo sóbrio, ok?

O passeio para a casa de Diehl foi mais fácil do que eu havia temido – precisei usar algumas calçadas e gramados para evitar empilhamentos e cabos de energia caídos, mas não havia tráfego, então os desvios não demoraram muito.

Quando cheguei à casa dele, vi mais de uma dezena de DHITABs adormecidos montando guarda ao redor do perímetro de gramado como sentinelas robóticas. Eu vi os olhos das câmeras omnidirecionais girarem para me seguir enquanto me aproximava, mas não fizeram nenhum movimento para me deter. Subi a cerca do quintal de Diehl, escalei até seu telhado, então fui pé ante pé até a janela do seu quarto no segundo andar para espiar lá dentro.

Para meu alívio, Diehl estava lá dentro, vivo, fazendo

exatamente o que eu esperava vê-lo fazendo – sentado ao computador, falando com Cruz por uma janela de vídeo.

Diehl estava com os pés encostados na beira da mesa, inclinando sua cadeira metálica para trás, equilibrando-a nas duas pernas traseiras dela – um velho hábito seu. Quando bati no vidro da janela ele se virou para me ver parado do lado de fora, vestindo meu uniforme da Aliança, levou um susto, a cadeira caiu para trás e ele se estatelou no chão com um estrondo. Mas ele se recuperou rapidamente, levantou-se em um instante e correu para abrir a janela.

– Zack! – gritou ele ao se inclinar para fora da janela e me dar um abraço antes de me puxar para dentro. – Meu Deus, cara!

Nós nos abraçamos, e então me virei para acenar para Cruz no monitor. Ele estava sentado ao seu computador no quarto atulhado de subúrbio, a poucos quilômetros de distância.

– Puta merda – falei. – Que bom ver vocês de novo, caras.

– É! Não fazíamos ideia do que tinha acontecido com você! – disse Cruz. – Que uniforme maneiro da Aliança!

– Valeu – disse eu, desabando numa poltrona no canto, subitamente sentindo o peso da minha exaustão me puxando para baixo como uma armadura medieval.

– Não tínhamos certeza de que veríamos você novamente, depois que saiu voando naquela nave auxiliar! – prosseguiu Diehl, sentando de novo à sua mesa. – Ah, isso me lembra... – Ele se inclinou e me deu um soco no ombro. Com força.

– Ai! – reagi, recuando e levantando meu punho para fingir retaliação. – Mas que merda, Diehl!

– Isso é por partir sem mim, Biggs – respondeu ele, voltando a se recostar. – Nunca mais faça isso.

Suspirei, esfregando o local do meu futuro hematoma.

– Como se eu tivesse tido escolha – disse gargalhando. – Babaca.

– As aulas foram canceladas logo depois que você partiu e mandaram todo mundo para casa – informou Cruz. – Era onde estávamos quando a notícia foi dada no começo desta tarde. Então entramos na rede e ajudamos a combater a primeira onda.

– Estamos colados nos nossos consoles desde então – disse Diehl, ainda em choque. – Ajudamos a defender Xangai e Karachi... até o Disruptor ser ativado e desabilitar os links de todos. Teríamos sido destruídos se a Aliança não tivesse derrubado aquela coisa.

– O Sistema de Atribuição de Operadores de Drone passou nós dois para defesa local assim que o inimigo começou a se dispersar e atacar em toda parte – continuou Cruz. – E já que nós éramos os dois pilotos de drones com a posição mais alta no ranking na área

da Grande Beaverton, tivemos a opção de escolha e acesso de drone local! Usamos DHITABs para ajudar a defender Beaverton dos drones que pousaram aqui.

– É, viu aquele Basilisco que nós derrubamos? – perguntou Diehl, me dando um tapa nas costas. – Ele estava bem em frente à sua rua.

– Vocês dois fizeram aquilo?

Ambos assentiram orgulhosos.

– A gente não podia deixar aquele troço pisar na sua casa – disse Diehl, me dando um tapa nas costas e depois fingindo me estrangular.

– Valeu. Obrigado mesmo. – Apontei para o círculo de DHITABs lá fora, cercando a casa dele. – Como você conseguiu isso?

– O software de sistema operacional deles tem zero de segurança instalado – disse Cruz. – Acho que resolveram não se incomodar; mas isso os torna incrivelmente fáceis de hackeamento. Tem gente no mundo todo descobrindo toda espécie de hackeamento que permite fazer coisas que a Aliança nunca imaginou, e então postam vídeos tutoriais no YouTube, mostrando a todo mundo como fazer também. – Apontou para fora. – Foi assim que desabilitei a subrotina de recall daqueles DHITABs lá fora, para que eles não partissem para outra missão depois da primeira onda. – Ele sorriu de orelha a orelha, orgulhoso. – Agora vou ficar aqui para proteger minha mãe e minhas irmãzinhas quando a segunda onda chegar.

Assenti, impressionado. Eu ia perguntar se tinha tentado fazê-los dançar quando Diehl gritou da tela do laptop.

– Então desembucha! – falou ele. – O que aconteceu com você depois que aquela nave te pegou na escola hoje de manhã? Onde diabos você andou o dia todo?

Fiquei pensando em como responder.

– No lado escuro da Lua – respondi. – Com meu pai.

Pelo monitor, vi o queixo de Cruz cair.

À minha esquerda, Diehl se inclinou mais alguns centímetros na cadeira e voltou a cair.

Assim que recuperei o fôlego, tentei ligar para Lex para ver se ela estava bem. Ela não me respondeu, mas alguns segundos depois me enviou uma mensagem de texto: *Estou OK. Vou ligar assim que puder.*

< 3

Então, o mais rápido que pude, contei aos Mikes tudo que havia acontecido desde a última vez que havíamos nos visto. Enfim contei a eles a teoria de meu pai sobre as verdadeiras razões dos europeanos, e as observações realizadas por ele que a apoiavam.

Demorou um pouco para que eu chegasse à batalha com o Disruptor e conseguisse explicar como sua conclusão parecia comprovar a teoria de meu pai.

Quando eu finalmente terminei, fiz a pergunta que havia me levado até lá.

– O que vocês acham?

Os dois ficaram me encarando em silêncio por um longo tempo. Diehl foi o primeiro a falar.

– Acho que se seu pai provavelmente tem razão – disse ele. – Por que os europeanos se dariam ao trabalho de enviar robôs e espaçonaves para nos atacar? – Ele enfiou um punhado de salgadinhos de milho na boca, e depois mastigou pensativo. – Se o principal objetivo deles era exterminar a raça humana, poderiam simplesmente ter lançado um asteroide para a Terra. Ou ter disparado um monte de artefatos nucleares de longo prazo. Ou envenenado nossa atmosfera, ou...

– Talvez eles sejam precursores! – gritou Cruz do monitor de Diehl. – Talvez tenham semeado a vida na Terra milhões de anos atrás, e agora estejam aqui para nos castigar por termos virado uma espécie tão meia-boca e inventado *reality shows* e essas merdas. – Ele levantou o dedo. – Ou talvez sejam seres onipotentes que ficaram entediados com a imortalidade, então estão apenas nos atormentando como uma forma de divertimento doentia. Você sabe, como todas as vezes que Q apareceria do nada do contínuo para foder Picard!

– Essa conversa estava sendo muito inteligente até você resolver participar – provocou Diehl.

Eu não me meti. Simplesmente deixei que eles debatessem o assunto, como se estivéssemos todos no refeitório da escola, conversando sobre um aspecto insignificante da cultura pop enquanto comíamos pizza. Percebi que era por isso que tinha ido ali: para ouvir a opinião dos meus dois melhores amigos, avaliar a reação deles e ver se suas conclusões batiam com as minhas. E, de certa forma, batiam. Eles pareciam estar tão confusos com tudo aquilo quanto eu, e também tão intrigados pelo mistério quanto meu pai.

Conferi o horário. O tempo estava se esgotando. E percebi que já tinha tomado minha decisão.

– Obrigado por terem conversado esse assunto comigo, meus camaradas – disse a eles. – Agora preciso fazer uma ligação.

Levantei meu pulso ativei meu ComQ. Os olhos de meus dois amigos se iluminaram.

– Mas que merda é essa? – perguntou. – Um tricorder?

Finn Arbogast atendeu depois do terceiro toque, e seu rosto sorridente apareceu num vídeo de alta definição na tela do meu ComQ. A julgar pela paisagem atrás dele, estava sentado em uma espécie de bunker de comando, com telas gigantescas atarraxadas às suas grossas paredes de concreto, cada qual exibindo mapas repletos de ícones de várias regiões do mundo.

– Zack! Que bom ver que você está vivo! – gritou ele. – Você e seu pai foram dados como desaparecidos em ação logo depois que acabaram com aquele Disruptor. Parabéns, aliás. Eu vi tudo.

– Você sabe que meu pai acabou de arriscar a vida para nos salvar – falei. – Então acho que você lhe deve um favor, não deve?

Ele deu um sorriso amarelo. Esperei que ele perguntasse sobre meu pai, mas não disse nada.

– Meu pai já lhe contou a teoria dele, sobre as verdadeiras razões dos europeanos?

Seu sorriso desapareceu e ele soltou um suspiro pesado.

– Quer dizer a teoria dele de que essa invasão é um engodo? – disse Arbogast. – Que os europeanos orquestraram esse conflito todo como uma espécie de teste para a humanidade? Sim, eu sei tudo sobre ela. Desculpe, tenente. Seu pai é um grande homem; um herói. E todos nós temos uma grande dívida com ele. Mas todos esses anos de guerra mexeram com o cérebro dele. Ele passou a ter delírios.

– Não passou, não – respondi, com intensidade demais. – Eu mesmo vi as evidências quando estávamos indo de encontro ao Disruptor na Antártica. Ele deixou cair o escudo de propósito. Os europeanos nos deixaram destruí-lo. Veja o filme. Você pode ver com os próprios olhos...

Ele não respondeu, mas mudou a direção do olhar, evasivo. Parecia que ele tinha passado a maior parte do tempo na frente de um computador em vez de com pessoas. E não estava acostumado a ser interrogado ou colocado na berlinda desse jeito.

– Não vejo sentido nesta conversa – defendeu ele. – Discutimos tudo isso com seu pai anos atrás, eu não vou passar por tudo isso de novo agora com você, garoto. Quer dizer, olhe ao seu redor! É evidente que as razões do nosso amigo não estão mais em questão! – ele apontou para o mapa-múndi gigante trás dele. – Os europeanos acabaram de matar mais de 30 milhões de pessoas, e essa foi só a primeira onda da invasão. A segunda onda está chegando daqui a aproximadamente uma hora. Então, se me dá licença, preciso me preparar para ela.

– Senhor, se me deixassem em falar com alguém que... – Antes que pudesse dizer mais uma palavra, ele finalizou ligação.

Abaixei meu telefone e me virei para olhar para meus amigos.

– Ok – disse Diehl, inclinando-se para a frente. – Isso foi uma bola fora e tanto. E agora?

Sorri e levantei meu ComQ. Todos os nomes que havia acabado de roubar do telefone de Finn Arbogast estavam listados ali. Rolei a tela para baixo para destacar o nome “membros do Conselho de Armistício – conferência”.

– Ele já me deu toda a ajuda de que preciso – respondi.

– Você hackeou aquele telefone do futuro? – perguntou Diehl. – Como? Você mal consegue usar aplicativos!

– Se vocês querem mesmo saber – falei – aquela piloto supergostosa que conheci no Palácio de Cristal me mostrou como fazer. Para seu governo, ela também me deu um beijo.

– É mesmo? – Cruz disse rindo. – Ela é do Canadá? Da região das Cataratas do Niágara, talvez?

– Eu quero saber se eles transaram em gravidade zero – disse Diehl. – Desembucha aí, Lightman.

Ignorei as perguntas deles e liguei para o ComQ do meu pai. Ele tocou e tocou. Deixei tocando, e enquanto isso peguei o telefone de Diehl da mesa e liguei para a minha mãe – só para descobrir que já estava gravado nos contatos dele como “Pamela Lightman”.

– Por que você tem o número da minha mãe salvo no seu telefone?

– Você sabe por que... – resmungou Cruz da sua janela de vídeo, cheio de insinuação.

– Eu tenho o telefone da sua mãe gravado desde os doze anos, seu psicopata – disse Diehl. – Você também tem o número da minha mãe no seu telefone. Segura sua onda!

Assenti, depois balancei cabeça vigorosamente, fazendo que não.

– Desculpe – falei. – Desculpe, cara.

Levei o telefone ao outro ouvido. O telefone da minha mãe também tocava e tocava, enquanto o do meu pai continuava a tocar no outro telefone. Um minuto se passou. Nenhum deles atendia. Provavelmente isso não era bom sinal. Fiquei me perguntando se meu pai havia piorado, e minha mãe havia decidido levá-lo ao hospital.

Depois de sabe-se lá quantas chamadas, finalmente desisti das ligações. Então puxei o contato de Arbogast do Conselho de Armistício outra vez e tentei tomar uma decisão.

Eu queria muito ter falado com meu pai antes de ligar para eles: o Conselho de Armistício devia ser composto de cientistas renomados no mundo todo, ou de comandantes da Aliança ou

ambos, e provavelmente não dariam ouvidos a um garoto de 18 anos. Mas havia uma grande chance de que meu pai estivesse inconsciente, e as horas estavam passando. Que escolha eu tinha?

Reuni coragem e digitei o contato do Conselho no meu ComQ. Fiquei observando enquanto o dispositivo discava cinco números diferentes ao mesmo tempo e depois conectava todos eles simultaneamente. Então meu aparelho passou para modo de conferência, e minha tela foi dividida em cinco janelas, cada uma mostrando uma pessoa, que parecia estar sendo filmada de diferentes lugares.

Havia quatro homens e uma mulher, e todos me pareciam familiares, mas só reconheci dois pelo nome – os dois homens cujos rostos apareciam no vídeo das duas últimas janelas na minha tela. O primeiro era Dr. Neil deGrasse Tyson, o segundo era o Dr. Stephen Hawking, em sua cadeira de rodas motorizada. Ouvi Cruz e Diehl perderem o fôlego atrás de mim no mesmo instante em que meu queixo caiu, como uma ponte levadiça de castelo.

O Dr. Hawking foi o primeiro a falar. Identifiquei o display para um DHITAB no monitor atrás dele – ao que parecia, ele estava ajudando a defender Cambridge do cerco alienígena quando atendeu a ligação.

Ele falou usando sua famosa voz gerada por computador, que naquele momento, ironicamente, me lembrou do tradutor de Chén.

– Quem é você? – perguntou ele. – E como conseguiu esse número?

Abri minha boca para falar, mas nem uma palavra saiu. Eu havia acabado de me lembrar dos nomes dos outros três cientistas na chamada – tinha visto entrevistas de cada um deles em incontáveis programas de ciência e documentários. O senhor asiático era Dr. Michio Kaku, e as outras duas pessoas eram famosas pesquisadoras do SETI, Dr. Seth Shostak e Dra. Jill Tarter. Reconheci a Dra. Tarter porque ela foi colega de classe de Carl Sagan, e tinha sido a primeira inspiração para a personagem de Jodie Foster no filme *Contato*.

Eu estava no telefone com cinco dos mais famosos cientistas de todo o mundo, e todos esperavam que eu dissesse alguma coisa.

– Dr. Hawking lhe fez uma pergunta – disse o Dr. Tyson, revirando os olhos de leve. – Agora não é hora de tomar nosso tempo.

Balancei a cabeça e forcei minha voz a falar:

– Desculpe, senhor, é claro – respondi, com um pigarro. – Meu nome é Zack Lightman. Eu estava instalado na Base Lunar Alfa com meu pai, general Xavier Lightman, até ela ser atingida. E o destino da civilização humana depende do que eu tenho para lhes contar.

Todos ficaram me encarando, à espera do que eu falaria.

Da forma mais rápida e sucinta possível, contei tudo que meu pai havia me dito, e também o que eu mesmo vira na nossa batalha contra o Disruptor.

Para meu choque, nenhum deles desligou na minha cara. Então continuei falando até terminar de contar tudo – e provavelmente contei algumas coisas mais. Também usei meu ComQ para transferir os dados que meu pai tinha obtido de Arbogast, incluindo todas as missões *Envoy* e todas as transmissões que nós havíamos recebido dos europeus. Eles levaram apenas alguns segundos antes de estarem cada um observando os dados nos próprios ComQs.

– Algumas das coisas que você acabou de contar são extremamente perturbadoras – disse o Dr. Tyson. – Mas infelizmente não são bem uma surpresa. Desde que foi formado pela primeira vez, este conselho encontrou uma boa quantidade de segredos e burocracia militar nos nossos tratos com o comando da Aliança de Defesa da Terra. Especialmente no referente à liberação de informações confidenciais sobre os europeus. Nunca recebemos acesso irrestrito aos dados.

– Tenente, se importaria de te colocarmos em espera por um momento? – perguntou a Dra. Tarter. – Para podermos discutir sobre as informações que você acabou de nos passar em particular?

– Claro – respondi, olhando para o relógio de contagem regressiva do canto da minha tela, agora contando os minutos finais até a chegada da segunda onda. – Levem o tempo que quiserem. Não é como se o mundo estivesse prestes a acabar.

Acho que eles nem chegaram a ouvir minha resposta irônica, pois me colocaram em espera antes que eu a terminasse. As janelas de vídeo congelaram e ficaram cinza. Também reparei em pequenos ícones de seta ligando suas cinco janelas de vídeo, para indicar que estavam todos ainda conversando naquela chamada enquanto eu estava temporariamente excluído. Foi quando Cruz olhou de relance a tela do meu ComQ, que estava agora dividida em mais de meia dúzia de janelas, cada uma com um rosto diferente, exatamente como a abertura de *The Brady Brunch* – então ele decidiu soltar uma paródia improvisada da linha de abertura da canção-tema do programa. *This is the story, of an alien invasion, by some fuckheads from Europa who are...*

Foi tudo que ele conseguiu falar antes de Diehl fechar o laptop, o cortando. Ele fez uma careta para mim, pedindo desculpas.

– Tudo bem – falei para ele. – O conselho tinha me colocado em espera.

Diehl soltou o ar e abriu o laptop de novo. Cruz ainda estava cantando.

Diehl riu. Cruz riu. Eu ri.
Humor negro.

Enquanto ficamos sentados ali esperando, meu ComQ tocou, me assustando tanto que quase deixei cair. Minha tela informou que, além das cinco outras chamadas em espera, eu tinha uma nova, do meu pai.

Toquei o ícone para atender, e o rosto do meu pai apareceu em outra janela de vídeo, junto com as cinco escurecidas.

Ele estava sorrindo – um enorme sorriso entusiasmado, encantador, ainda maior do que o que ele me deu quando nos conhecemos. Quase esperei ver um pássaro azul serelepe pousar em um dos seus ombros antes de começar a cantar. Meus olhos foram até o machucado em sua testa, onde minha mãe tinha feito um curativo, e me perguntei se todo aquele alto astral, tão estranho ao meu pai, tinha sido provocado por aquele ferimento. Depois de alguns segundos ele conseguiu tirar aquele sorriso do rosto à força, mas sua boca voltou com um sorriso pateta um segundo depois. Ele deu de ombros, como se dissesse “não consigo mais esconder como estou me sentindo”.

Foi quando finalmente reparei no papel de parede do quarto da minha mãe no fundo, e de repente entendi tudo – e imediatamente desejei poder remover aquela informação do meu cérebro. Não é de se admirar que meus pais não tivessem atendido as ligações antes. Estavam muito ocupados transando como dois adolescentes.

– Zack! – disse meu pai, animado até demais. – Como vai, meu filho?

Eu queria passar as mãos pelo telefone e estrangulá-lo – então

parei para pensar. Não foi a primeira vez deles, certo? E o mundo provavelmente estava prestes a acabar. Talvez metade das pessoas do planeta estivesse fazendo isso agora, assim como todos na Lua! Todo mundo estava agarrando a oportunidade de agarrar alguém. E se alguém merecia um momento de felicidade, esse alguém era meu pai, que havia acabado de arriscar a vida pela zilionésima vez para impedir a extinção da espécie humana.

Se eu ainda tivesse aquela minha antiga personalidade Bruce Banner, teria dado uma de Hulk para cima dele ali, bem naquela hora. Mas não fiz isso. Sorri para ele.

– Oi, pai. Estou na espera com todos os cinco membros do Conselho de Armistício. Acabei de contar tudo para eles, da melhor forma que pude, pelo menos.

Ele riu, supondo que estava brincando. Mas então do nada o sorriso sumiu.

– Espera aí – falou ele. – Você está falando sério?

– Seríssimo – respondi, apertando o botão do menu do meu telefone. – Acabei de te adicionar à videoconferência.

Ele arregalou os olhos quando viu o nome das outras pessoas que estavam na chamada.

– Mas... como foi que você entrou em contato com eles?

– Você não é o único com uma carta na manga, pai. Explico mais tarde, se tivermos tempo.

O rosto do meu pai mudou – agora ele parecia estar tentando não entrar em pânico.

– O que contou a eles? – me perguntou. – Quer dizer, qual foi a reação deles?

Percebi que Diehl estava olhando sobre meu ombro, segurando o laptop para Cruz poder bisbilhotar também.

– Puta merda! – sussurrou ele. – Esse é seu pai?

Assenti. Quando eu ia apresentar meu pai aos meus melhores amigos, o Conselho de Armistício nos tirou da espera. Todos pareciam um pouco surpresos ao ver que meu pai havia entrado na conversa – mas não tão chocados quanto ele ao ver quem estava na chamada.

– Quem é esse senhor, tenente? – perguntou o Dr. Shostak.

– É o meu pai, general Lightman, o oficial de quem acabei de falar.

Meu pai ainda olhava para a câmera do seu ComQ, estupefato.

– Bem, primeiro de tudo – disse o Dr. Tyson –, gostaríamos de parabenizá-los pelo serviço prestado, pela coragem e por apresentarem essas informações perante o Conselho de Armistício.

– De nada – falei, inseguro.

– Nosso tempo é limitado para considerar as evidências –

prosseguiu a Dra. Tarter, cuidadosamente. – Mas acreditamos que haja uma grande possibilidade de que sua teoria a respeito dos europeanos esteja correta.

– É mesmo? – perguntamos eu e meu pai ao mesmo tempo, fazendo o cientista sorrir.

– Este conselho tem acesso a informações confidenciais sobre os europeanos que conferem mais credibilidade à teoria dos senhores, cavalheiros – disse o Dr. Shostak. – Mas a história oficial é que, quando a sonda *Envoy* da NASA pousou em Europa para investigar a anomalia em forma de suástica na superfície da Lua, tentou fazer contato com os extraterrestres que a criaram se enterrando pela superfície lunar com uma sonda de derretimento para alcançar o oceano subterrâneo. Mas a missão daquele cryobot não era de fazer contato com os europeanos. A missão era destruí-los.

– Eu sabia! – disse meu pai. – O presidente Nixon ordenou à NASA que acoplasse uma bomba naquela sonda, não foi?

Todos menos Hawking assentiram, com um ar sombrio.

Shostak continuou:

– Nixon acreditava que a suástica não poderia ser outra coisa além de uma ameaça. Ele e alguns assessores decidiram que não havia escolha a não ser tomar uma ação preventiva.

– Então fomos nós – disse meu pai. – Nós atacamos primeiro. Foi assim que tudo começou. E os dois lados vêm intensificando o conflito lentamente desde então, por 42 anos...

– Até alguns dias atrás – continuei. – Quando levamos as coisas ao ponto de ruptura lançando uma arma de alta destruição em cima deles.

A Dra. Tarter assentiu.

– À luz de tudo o que você nos contou, é totalmente possível que nosso Quebra-Gelo tenha sido o que os fez finalmente enviar a armada e nos invadir depois de terem esperado tanto tempo.

Eu balancei a cabeça.

– O tempo inteiro fomos nós. Fomos nós que aumentamos os riscos durante todo o processo.

Meu pai assentiu.

– E agora não dá para piorar. Chegamos ao fim de jogo; o ponto de destruição mutuamente garantida. Se tentarmos destruí-los, eles nos destruirão.

– E você acredita que a única forma de impedir isso é abortarmos o Quebra-Gelo e declararmos cessar-fogo? – perguntou Tyson. – Depois desses seres já terem nos atacado e matado milhões de pessoas inocentes?

– Se continuarmos a investir nesse conflito inútil, eles vão exterminar todos nós em poucas horas, de qualquer forma – afirmou

ele. – O almirante Vance está errado. Lançar o Quebra-Gelo em Europa não irá deter a segunda nem a terceira onda de ataque; isso provocará exatamente o oposto. Isso vai assegurar a decisão deles de nos destruir!

– Ele está certo – falei. – Precisamos correr esse risco. A humanidade não tem nada a perder, nada que não vamos perder de qualquer maneira. Podemos cair lutando, mas ainda assim acabaremos sendo extintos.

– Infelizmente pode já ser tarde demais para convencermos o comando da Aliança a agir considerando essa informação – concordou o Dr. Tyson. – O almirante Vance ainda não está atendendo nossas ligações, e a segunda onda de ataque está a poucos minutos daqui.

– O Quebra-Gelo estará ao alcance de tiro poucos minutos depois disso – acrescentou Shostak. – Quem sabe os europeanos não planejaram tudo dessa maneira?

– Não se deem ao trabalho de contatar o almirante Vance – retrucou meu pai. – Ele não vai ouvir.

– Tem razão, cacete! Eu não vou ouvir – disse o almirante Vance quando seu rosto apareceu numa janela de vídeo juntamente com a meia dúzia de outros na chamada.

Pisquei surpreso. Aparentemente Vance também conhecia alguns truques de ComQ.

– Já ouvi o suficiente dessa conversinha de traição, não consigo engolir mais – continuou, e tocou a tela do seu ComQ várias vezes em rápida sucessão.

Um a um, cada membro do Conselho de Armistício foi desconectado da videoconferência. Quando acabou, só meu pai e eu permanecemos na linha com ele. Seu rosto depauperado cresceu para preencher metade da minha tela, fazendo uma cara feia para nós em altíssima definição.

– Não se dê ao trabalho de ligar de volta para o conselho – comentou ele. – Acabei de bloquear os ComQs deles, então podem esperar sentados que eles liguem para vocês.

Meu pai não respondeu na hora. Ficou simplesmente fuzilando seu velho camarada em silêncio no link de vídeo por um longo momento.

– Há quanto tempo você sabe que o *Envoy* continha uma bomba, Archie? – perguntou meu pai finalmente. – Há quanto tempo você sabe que fomos nós que começamos esta guerra?

– Descobri quando me colocaram como encarregado – disse. – Àquela altura já não importava mais. E definitivamente não importa agora. – Fez uma pausa. – Se eles nos atraíram para esta guerra ou não é irrelevante a esta altura. Não consegue ver isso Xavier?

Estamos lutando pela sobrevivência de nossa espécie! Informando ao mundo que a humanidade pode ter acidentalmente incitado o conflito não ajudaria.

– Acidentalmente? – perguntei. – Nixon mandando a NASA enviar uma ogiva nuclear como nossa primeira mensagem de paz, Dr. Fantástico!

– Você e seu filho precisam desistir dessa bobagem, general – disse Vance. – Preciso de vocês dois de volta na linha de frente, agora, antes de a segunda onda chegar.

Meu pai balançou a cabeça.

– Não, Archie – respondeu meu pai. – Para nós chega de lutar. Para nós dois.

Vance franziu a testa.

– Engraçado. Nunca achei que você fosse desertor... nem covarde.

– Os europeanos sabem sobre o Quebra-Gelo, almirante – declarou meu pai. – Tem de saber. A tecnologia deles é um pouco mais avançada que a nossa. Você reparou nisso, certo?

Vance fungou.

– Se viram o Quebra-Gelo, por que não destruíram?

– Por que estão esperando para ver se você vai usá-lo de verdade, seu babaca obtuso! – gritou meu pai. – É por esse motivo que estão nos atacando em ondas, em vez de uma vez só. Não entende isso? Eles estão nos testando! – Ele baixou o tom de voz. – Archie, me escuta, cara. É assim que vamos sobreviver. Eles estão nos dando uma chance de repensar, de avaliar isso com cuidado, em vez de investir em uma retaliação cegamente, como sempre fizemos no passado!

– Já tivemos essa discussão antes, X. – Vance balançou a cabeça. – Muitas vezes. Você sabe que eu não vou arriscar a sobrevivência da espécie humana por causa de uma balela que você arrumou porque viu muitos filmes. – Ele apontou para o alto. – Aquelas coisas, seja lá o que forem, já mataram milhões de seres humanos inocentes, e não vou recuar nossa última chance de destruí-los antes que eles nos destruam. Não me importa quem mais você convenceu com seu conto de fadas burro. A decisão está tomada.

– Archie – meu pai voltou a dizer, fazendo o máximo para manter a calma –, estou dizendo agora: se lançar essas bombas nucleares na casa deles, você está garantindo a nossa destruição!

Vance o observou por um momento, depois bateu no relógio de pulso.

– Acho que vamos descobrir quem tem razão em cerca de 23 minutos – respondeu o almirante.

Antes que meu pai pudesse replicar, Vance desligou – deixando

nós dois sozinhos na linha. O rosto do meu pai preencheu toda a tela do meu ComQ. Ele pareceu totalmente derrotado por um segundo, mas então abriu um largo sorriso.

– Tudo bem, acho que isso quer dizer que vamos passar para o plano B.

Balancei a cabeça.

– Qual era o plano B mesmo?

– Você e eu vamos deter o Quebra-Gelo sozinhos.

Antes que eu pudesse responder, ouvi um som e três outras janelas de vídeo surgiram em nossas telas quando Lex, Whoadie e Debbie se juntaram à nossa chamada simultaneamente, cada um de um local deferente.

– Ei, camaradas – disse Lex. – Contem comigo!

– Comigo também – completou Debbie.

– Somos três! – garantiu Whoadie.

– De onde vocês vieram, moças? – perguntou meu pai.

– Pai, esta é minha amiga, capitã Alexis Larkin – falei. – Nós nos conhecemos no Palácio de Cristal. Ela descobriu como quebrar o código do software operacional do ComQ. Eu pedi a ela para configurar as coisas para que todos pudessem ouvir nossa videoconferência. Ela também instalou um software em nossos ComQs para impedir que a Aliança os desabilitasse remotamente.

Meu pai ergueu as sobrancelhas, impressionado.

– Brilhante, capitã. Obrigado!

– De nada, general – respondeu ela, devolvendo sua continência.

Ele congelou, aparentemente perdido em seus pensamentos por um momento.

– Alguma chance de você me dizer a localização do almirante Vance quando ele interrompeu chamada?

Ela assentiu.

– Na Pensilvânia. Na base da Aliança de cognome Rocha do Corvo.

Meu pai sorriu e depois prestou continência. Ela retribuiu.

Diehl se inclinou sobre meu ombro esquerdo, segurando Cruz na tela do seu laptop.

– Queremos entrar na operação também!

Meu pai observou aqueles rostos diante dele em silêncio.

– Então, qual é o plano, general? – perguntei.

Fomos para a Starbase Ace.

Levei Cruz e Diehl para lá no meu carro, e estacionamos na frente da loja poucos minutos antes de minha mãe chegar com o automóvel dela. Meu pai não estava com ela.

– Onde está meu pai? – perguntei. – O que aconteceu?

– Ele veio dirigindo outra coisa – respondeu ela, antes de apontar para o céu.

Um segundo depois, meu Interceptor apareceu. Meu pai fez uma aterrissagem perfeita no estacionamento em ruínas do shopping, e correu para nos cumprimentar. Depois minha mãe e eu demos um rápido abraço nele. Apresentei-o a Cruz e Diehl, que viram sua chegada num silêncio pasmo.

Abri a loja e levei todos para dentro. Quando meu pai viu as estantes da loja, cheias de controles de voo de *Armada* e *Terra Firma* de última geração, deu um largo sorriso.

– Isso é perfeito! – disse ele ao começar a tirar itens das prateleiras e entregá-los para cada um de nós. – Preciso de cada um de vocês para construir o melhor controle que puderem, o mais rápido possível.

No instante em que terminei de configurar um módulo de controle de dois drones improvisado para mim na sala de festas lá da loja, meu pai me chamou para a salinha bagunçada que servia de escritório para Ray. Estava vasculhando o lugar.

– O que está procurando? – perguntei.

Ele acenou com a cabeça para o ComQ no seu pulso. Ele exibia o

mapa da vizinhança, com um ícone da Aliança pairando sobre a localização da Starbase Ace.

– Existe um nó de acesso secreto para a intranet de fibra óptica hardline da Aliança escondido em algum lugar aqui, mas não consegui encontrar.

Lembrei de uma coisa que Ray havia me dito durante nosso passeio de nave auxiliar até o Palácio de Cristal. Aquele caça Glaive que eu tinha visto pela janela da minha sala de aula – ele explicou que era uma nave batedora realizando inspeção na intranet hardline da Aliança. Quando a avistei parando sobre Beaverton, provavelmente a nave estava no processo de investigação do acesso “secreto” da internet escondido ali na loja.

Mas se os europeus sabiam sobre a intranet de apoio da Aliança, por que não se importaram de destruí-la ou desabilitá-la antes de invadir?

Porque suas ações nunca fizeram nenhum tipo de senso tático, pensei. Por que começar agora?

Meu pai continuou vasculhando todo o escritório. Começou a puxar livros de uma prateleira próxima, um de cada vez, depois subitamente arrancou os restantes com o braço, frustrado.

– Ele deve estar escondido atrás de um painel de acesso blindado. Tipo um cofre? Você tem alguma ideia?

Balancei a cabeça, negando.

– Não temos cofre – respondi. – Nunca precisamos de um. – Peguei meu ComQ. – Mas tenho o número do Ray.

– Cuidado com que vai dizer – avisou ele. – Vance pode estar monitorando seu ComQ.

– Não mais. Depois que você interrompeu minha chamada de conferência com o Conselho de Armistício, Lex me ajudou a acionar o modo de segurança oculto do meu ComQ. O mesmo recurso que Vance usa para impedir que o ComQ dele seja monitorado.

– A capitã Larkin parece ser um gênio, não?

Peguei meu pai observando meu rosto, para ver minha reação, e corei contra minha vontade. Assenti em resposta, depois abri meus contatos e toquei no último nome da lista: Ray Habashaw. Seu rosto apareceu no mesmo instante na minha tela. Nome, posto e localização atual surgiram no fundo – ele estava em uma base em Arizona chamada Montanha Gila.

– Zack! Onde você está? Tudo bem? – Abaixou a voz e moveu a câmera do ComQ um pouco perto demais da boca. – Ouvir dizer que você e seu pai ficaram desaparecidos em ação depois de derrubar o Disruptor. Temi que vocês tivessem morrido.

Balancei a cabeça e inclinei meu ComQ para que ele pudesse ver minha posição atual.

– Você voltou à loja! – continuou, primeiro cheio de entusiasmo, depois fazendo uma careta ao ver o escritório. – Que isso, cara? Quem você está deixando revirar o lugar? Ladrões?

Fiz que não com a cabeça, depois posicionei o ComQ de forma que Ray pudesse ver meu pai também. Ele arregalou os olhos.

– General Lightman – disse ele, fazendo uma continência esquisita com seu ComQ. – É uma honra, senhor.

Meu pai retribuiu a continência.

– A honra é toda minha, sargento. Devo muito a você por vigiar meu garoto enquanto estive fora. Obrigado.

– De nada. – Ele corou.

– Ray, não temos tempo – interrompi. – Precisamos acessar o nó de intranet oculto aqui na loja. É uma emergência.

Ray hesitou por uma fração de segundo.

– Atrás do cartaz com o OVNI na parede dos fundos.

Virei e localizei aquele do qual ele estava falando – um reprint emoldurado do pôster “Eu quero acreditar”, de *Arquivo X*. Tirei-o, revelando o que parecia ser um pequeno cofre de titânio embutido na parede de tijolo atrás dele, com o teclado no centro.

– A combinação é 1-1-3-8-2-1-1-2 – disse Ray.

Meu pai sorriu e digitou os números. A trava se soltou e ele abriu a porta. A única coisa que havia atrás dele era uma fileira de dez cabos de Ethernet, como os que tínhamos plugados lá no modem de casa.

– Obrigado – disse meu pai. Ele se virou para mim. – Vocês têm cabos RJ45 aqui?

Assenti.

– Na parede em frente ao caixa.

Ele saiu correndo e olhei para Ray no meu ComQ.

– Valeu, Ray – falei. – Mas agora tenho de pedir outro favor. Um grande favor.

– Melhor falar rápido, amigo. A segunda onda está chegando daqui a minutos.

Eu lhe contei a versão resumida da história. Mesmo assim demorou muito. Felizmente, Ray levou menos tempo para ser convencido que Lex ou meus outros amigos. Assim que terminei de contar a ele tudo o que o meu pai havia me dito, ele ficou em silêncio por um tempo. Depois assentiu.

– Diga-me do que você precisa – disse ele.

Assim que conseguimos conectar nossos sistemas de controles de drones improvisados ao nó de intranet hardline da Aliança, meu pai contou seu plano. Cruz, Diehl, minha mãe e eu o observamos falar

ali na loja enquanto Lex, Whoadie e Debbie ouviam pelos seus ComQs.

Eu não estava muito de acordo com vários aspectos do plano dele, mas não havia tempo para discutir, nem para pensar em outra solução.

Meu pai desejou a todos boa sorte. Então os outros ficaram dentro da loja, enquanto eu e minha mãe saímos para nos despedir do meu pai.

– E se você não conseguir deter o Quebra-Gelo pelo tempo necessário para eu chegar lá? – perguntei, assim que ficamos longe o bastante da loja para que meus amigos não ouvissem a resposta dele.

– Não se preocupe – disse ele. – Vou dar conta disso, ok?

– Ok.

Ele me agarrou e me puxou para um abraço apertado.

– Eu te amo, filho. Obrigado por me ajudar a fazer isso. Obrigado por acreditar em mim. Você nunca vai saber *o quanto* isso significa.

Ele beijou minha testa, depois foi se despedir de minha mãe. Ela não estava chorando; e transbordava coragem.

Falaram-se rapidamente, mas mantive os ouvidos fora de alcance. Não sei o que disseram um ao outro. Mas minha mãe assentiu antes de lhe dar um beijo de despedida, e ele sorriu para ela.

Então ele se virou e subiu no meu Interceptor danificado, e minha mãe e eu o vimos partir rumo ao centro de comando Rocha do Corvo. Depois que a nave desapareceu no horizonte num borrão, continuamos olhando para o céu por mais um tempo, temendo o que sabíamos que desceria dele em breve. Então corremos de volta à loja para nos prepararmos para efetuar nossa parte da missão.

A segunda onda chegou minutos depois da partida de meu pai, e um enxame de caças Glaive e Wyvern desceu do céu para atacar Portland e os subúrbios ao redor. Nossas reservas de drones haviam sido drasticamente reduzidas, e por isso estávamos muito mais desfalcados do que durante a primeira onda. Mas os gamers civis da Aliança continuaram a travar um combate valente, e uma batalha feroz acontecia nas ruas da cidade e no céu enquanto efetuávamos nossa própria missão dentro da loja.

Durante sua instrução, meu pai explicou como funcionava a intranet hardline. Era uma rede de cabos de fibra óptica subterrânea que ligava diretamente todos os postos de controle de drones, criando um sistema de comunicação à prova de Disruptor que a Aliança havia preparado na expectativa da invasão. Isso permitiria que ela mantivesse as comunicações abertas entre seus postos de comando, e permitisse que os operadores de drones ajudassem a defender outras estações remotamente enquanto o Disruptor estivesse ativo, por meio de torres de defesa e drones cabeados.

Se tudo corresse de acordo com o plano de meu pai, seríamos capazes de usar nossa conexão de intranet na Starbase Ace para ajudá-lo a se infiltrar no posto de Rocha do Corvo durante o caos do ataque do Disruptor.

Se não, bem... então ele seria certamente destruído.

Enquanto meu pai pilotava seu Interceptor manual para atacar a Rocha do Corvo, onde a equipe de Vance estava instalada, eu fiquei sentado dentro da Starbase Ace pilotando os três Interceptores que meu pai havia chamado da cratera Ícaro e enviado na direção do imenso Júpiter, de sua pequena lua Europa – e do Quebra-Gelo que se aproximava dela.

Cruz e Diehl assumiram o controle de quatro DHITABs de um depósito de drones da Aliança próximo e os enviaram ao estacionamento da Starbase Ace para nos defender durante a segunda onda de ataque.

Lex estava na Estação Safira, e Ray, na Montanha Gila. Ambos estavam conectados à intranet hardline de dentro de seus módulos de controle de drones designados – ambos já estavam se preparando para contribuir com meu pai em seu plano de infiltração.

Enquanto Cruz e Diehl usavam seus robôs gigantes para ajudar a defender a Starbase Ace do enxame vindouro de caças Spider e Basiliscos, minha mãe, Debbie e Whoadie usavam quadricópteros drones aéreos WASP para defender a loja do alto.

Whoadie estava lutando de um jogo de fliperama de *Armada* localizado na sala de jogos do boliche de seu tio Franklin em Nova Orleans. Debbie estava em sua casa em Duluth, controlando seu drone da sala de estar enquanto seus três filhos continuavam a montar guarda fora de sua casa controlando drones com um Xbox, um laptop e um tablet respectivamente. Sabíamos que Debbie e Whoadie perderiam o controle dos seus drones quando o Disruptor fosse ativado, mas não havia nada que pudéssemos fazer a respeito. Elas pretendiam nos ajudar o máximo que pudessem.

Enquanto meus amigos mantinham os drones inimigos à distância, eu continuava a pilotar meus drones na direção de Júpiter, tentando chegar a Europa a tempo de deter o Quebra-Gelo – enquanto meu pai tentava impedir Vance de lançar a arma antes que minhas naves chegassem lá.

Foi então que ficamos sabendo, por uma transmissão pública de comando da Aliança, que o segundo Disruptor estava prestes a pousar aqui na Terra, no mais improvável dos lugares. No começo não consegui acreditar no que estava vendo. Em vez de ativar o Disruptor num lugar isolado como a Antártica, desta vez os aliens pegaram um local muito menos discreto: o monumento nacional da Torre do Diabo, no Wyoming. O mesmo ponto onde a humanidade fez o primeiro contato com os visitantes alienígenas em *Contatos imediatos do terceiro grau*. Um “jogo intergaláctico de Genius”, apresentando aqueles mesmos cinco tons que os europeanos tinham usado para iniciar e fechar suas transmissões crípticas para nós.

– Isso não é legal! – gritou Diehl olhando uma imagem de vídeo

ao vivo do Disruptor feita por um satélite orbital. – Esses alienígenas babacas agora estão nos sacaneando na cara dura? Meu Deus!

Quando o Disruptor foi ativado, os drones que meus amigos estavam usando para defender a Starbase Ace foram desabilitados e ficaram inertes ou caíram do céu – assim como todos os drones não cabeados em todo o mundo.

Mas os drones europeus continuaram a atacar, aproximando-se da Starbase Ace como se de algum modo soubessem que ela tinha importância estratégica.

Lex, Ray, Debbie e Whoadie perderam o controle de seus drones quando seus links morreram. Cruz e Diehl também, mas os dois correram para fora e ativaram os controles hardline em dois DHITABs adormecidos. Eles separaram o pequeno controle de game tipo Xbox das costas de cada DHITAB e depois entraram depressa, soltando os cabos com fibra de carbono dos seus drones até o comprimento máximo.

Minha mãe, sempre calma durante uma crise, correu para proteger a porta atrás de mim com um bastão de beisebol de alumínio, aparentemente com a intenção de usá-lo para combater qualquer robô alienígena assassino que tentasse passar por ela. Tirei meu ComQ, prendi-o no pulso direito dela e mostrei como disparar seu laser embutido. Ela jogou o bastão de lado, depois mirou o dispositivo para o chão e ativou seu feixe por uma fração de segundo – tempo suficiente para fazer um buraco no carpete e na base de concreto abaixo dele.

– Estou pronta – disse ela, sorrindo satisfeita. Então voltou a mirar sua nova arma para a porta, montando guarda sobre mim.

Voltei minha atenção para a fileira de monitores e controles espalhados ao redor. Os três Interceptores que meu pai havia lançado da cratera Ícaro estavam finalmente chegando a Europa.

Muito embora eu estivesse localizado dentro do campo de cancelamento do Disruptor, aquelas três naves estavam a milhões de quilômetros fora dele, então meu link de comunicação quântico com elas não estava sendo afetado. Da mesma maneira, infelizmente, que os links da Aliança com o Quebra-Gelo e seus caças de escolta, sob o controle de Vance e seus subordinados na Rocha do Corvo.

Assumi o controle do primeiro Interceptor, e por suas câmeras eu podia ver o Quebra-Gelo se aproximando da Lua gelada, cercado por sua escolta de duas dúzias de drones e Interceptores. Eu sabia que aquelas naves estavam sob controle dos melhores pilotos que a

Aliança tinha à disposição, e isso quase certamente incluía Viper e Rostam, ambos listados acima de mim no ranking de pilotos de *Armada* por uma razão muito boa: eles eram melhores que eu.

Mesmo com três naves, não havia maneira de eu poder pegar todas de uma vez, não importa o quanto quisesse. Então, em vez disso, fiz o que meu pai havia instruído. Fiquei sentadinho, fora de vista, e esperei que ele chegasse para equilibrar as coisas.

Quando meu pai chegou à Rocha do Corvo, começou a voar em círculos sobre a base, esperando o momento em que o inimigo ativasse o Disruptor. Ele soube exatamente quando isso aconteceu, pois os caças e drones da Aliança que protegiam a instalação foram desativados no mesmo instante.

Também perdi os feeds de áudio e vídeo de dentro de seu cockpit, mas alguns segundos depois Lex fez alguma magia de computação, e uma imagem de vídeo ao vivo da nave de meu pai tornou a aparecer na margem do meu display ocular. O feed parecia ser de uma das câmeras de segurança externas da base, alimentado de volta para nós pela intranet hardline.

Com as defesas da base momentaneamente desabilitadas, meu pai havia mergulhado com seu Interceptor, e agora parecia estar executando uma missão suicida nas comportas blindadas da base, que ainda estavam bem fechadas.

Enquanto ele disparava na direção da base, percebi que o alvo dele era um dos túneis de lançamento de drones, exatamente o que eu havia feito durante minha cagada colossal no Palácio de Cristal. Mas, em vez de estarem disfarçadas como silos de grãos, as aberturas do túnel de lançamento estavam camufladas como formações de rocha incorporadas à encosta da montanha.

Fiquei sentado na Starbase Ace, acompanhando seu progresso pela rede de câmeras de segurança da base. Quando sua nave entrou no hangar de drones da Rocha do Corvo, meu pai a colocou para planar em automático, então usou a torre laser de sua nave para abrir um grande buraco no teto. Ele subiu com o Interceptor até a abertura, abriu a tampa do cockpit e pulou, correndo para o andar coberto de pó acima do teto do hangar.

Então sacou sua arma e saiu em disparada, penetrando mais ainda na base.

Eu esperava que os corredores estivessem vazios, ou cheios de drones inertes. Mas quando o Disruptor foi ativado, algumas das torres de defesa interna da base haviam permanecido em operação,

juntamente com dezenas de DHITABs cabeados, todos controlados por operadores ligados a eles pela intranet hardline. Eles já estavam convergindo para a posição do meu pai, com ordens de detê-lo a todo custo.

Se não tivesse sido por Lex e Ray, ele não teria tido chance. Felizmente, Lex já estava dentro do firewall de segurança da Aliança, então foi capaz de acessar o sistema de segurança da base para orientar meu pai e ajudá-lo a desviar ou fugir do máximo de DHITABs cabeados possível fechando comportas ao redor da rota dele para bloquear a passagem dos defensores. Enquanto isso, Ray usava seu próprio acesso à rede hardline para assumir o controle das torres de defesa laser posicionadas ao longo da rota do meu pai e utilizá-las para abrir caminho através dos drones estacionados à sua frente.

Mas justo quando parecia não haver meio de detê-lo, eles o detiveram. Sua sorte acabou, e um enxame de DHITABs cabeados pulou em cima dele. Ele conseguiu derrubar todos, mas não antes que uma rajada de plasma aleatória o atingisse no peito, e ele caísse.

Fiquei olhando, sem poder interferir em nada, enquanto ele fazia um grande esforço para se colocar de pé de novo, mas não conseguiu. Então começou a rastejar.

Ele foi rastejando pelo corredor, até chegar a uma estação de carga onde cinco DHITABs adormecidos estavam. Abriu os painéis de acesso e de manutenção um por um e digitou um longo código em cada um, então todos os quatro foram acionados. Meu pai destacou os controles cabeados de cada drone e os usou para comandar que os quatro erguessem seu corpo ferido no chão. Então fez com que entrelaçassem seus oito braços e pernas ao redor de seu corpo, formando algo que parecia uma espécie de aranha ambulante. Esse dispositivo improvisado continuou a levá-lo para diante.

Ele entrou enquanto desbravava o caminho pela base abrindo fogo, disparando quatro conjuntos de armas de DHITABs no percurso.

Ele também sequestrou todos os seus alto-falantes externos, e depois os usou para tocar uma música que reconheci imediatamente de seu velho mix *Raid the Arcade* – “Run’s House”, do Run DMC.

– Archie realmente odeia hip-hop – ouvimos ele dizer. – Aposto que isso irá desconcertá-lo. Tipo “Cavalgada das Valquírias”.

Ele aumentou a canção até um volume ensurdecedor. Pude vê-lo cantando baixinho a letra enquanto continuava a abrir caminho na direção de Vance, avançando como um Exterminador que nunca ia parar até ter completado sua missão final.

Meu pai pilotou seu tanque improvisado por outro corredor, então finalmente chegou a seu destino – um par de portas blindadas com a placa CENTRO DE COMANDO DE OPERAÇÕES DE DRONES DA ROCHA DO CORVO.

Então, para meu horror, vi quando ele ativou as células de energia de todos os seus quatro DHITABs para sobrecarga manual. Em pânico, pedi que Lex me fizesse falar com ele.

– Já fiz isso – respondeu ela. – Ele pode ouvir você agora.

– Pai, o que você está fazendo?

Mas era uma pergunta retórica. Eu sabia exatamente o que ele estava fazendo.

Ele olhou para a câmera de segurança instalada ali perto – aquela pela qual o estávamos vendo. Sorriu mas não me respondeu. Apenas girou seu tanque improvisado e depois o usou para arrebentar as portas blindadas e entrar no centro de comando propriamente dito. Vários pilotos de drones tinham saído às pressas de seus módulos e estavam ali parados no meio da sala esperando por ele – incluindo um que reconheci, o capitão Daggh, também conhecido como Rostam, o oficial adolescente que pedira meu autógrafo. Ele parecia completamente abismado com a presença de meu pai.

O almirante Vance estava parado no meio deles, esperando também.

Vance ordenou que seus homens abrissem fogo sobre meu pai assim que ele entrou cambaleante na sala, mas só alguns deles obedeceram. A maioria deles, incluindo Rostam, sequer levantou as armas, e a maioria daqueles que o fizeram não parecia conseguir disparar – não com o general Xavier Lightman na mira.

Então Vance começou a disparar, atirando com sua Beretta 9mm. Primeiro ele arrebentou os alto-falantes em cada um dos drones do meu pai, silenciando a música que vinha deles a todo volume.

Então ele voltou sua arma para meu pai. Vi Rostam desviar o olhar.

– Você é um idiota – disse Vance, logo antes de abrir fogo contra meu pai. Vários de seus homens fizeram isso também. A maior parte de seus tiros foi desviado pelo escudo de DHITABs, mas nem todos. Uma bola passou raspando pela perna esquerda do meu pai.

Mas ele não deixou de avançar.

Continuou a seguir aos trancos e barrancos, pilotando seu tanque de DHITABs improvisado mais para dentro da sala, à medida que mais raios laser e balas o atingiam, até ele finalmente desabar a alguns metros de distância do almirante Vance, preso aos escombros emaranhados dos quatro DHITABs. Foi aí que Vance finalmente

avistou as contagens regressivas de sobrecarga do núcleo de energia em cada um deles. Todos tinham cerca de dez segundos restantes.

– Saíam daqui – disse meu pai.

Rostam e os outros homens se viraram e correram para a saída o mais rápido que suas pernas permitiam. Mas Vance não deu um passo.

– É melhor você sair também, Archie – disse meu pai. – Seis segundos. Cinco...

Vance balançou a cabeça e depois correu até a saída antes de se virar novamente.

– Isso foi inútil! – gritou ele. – Isso não vai nos impedir de lançar o Quebra-Gelo, você sabe.

Então ele se virou e saiu correndo, e as portas do centro de operações se fecharam atrás dele.

– Eu sei – ouvi meu pai murmurar sozinho. – Eu só estava tentando atrasar você. – Então ele riu. – Meu filho vai impedir você.

Então as quatro bombas improvisadas detonaram todas ao mesmo tempo, e o feed de vídeo ficou preto.

Gritei. Não sei por quanto tempo.

Quando finalmente voltei a mim, chequei as câmeras de vídeo dos meus três drones que orbitavam Europa. O esquadrão de drones da Aliança que escoltava o Quebra-Gelo havia desfeito a formação. Estavam agora pairando ao redor dele, que havia interrompido sua descida na direção da lua.

Naquele exato momento, eu sabia que o almirante Vance e os pilotos que haviam estado no controle da escolta de caças do Quebra-Gelo estavam evacuando a instalação da Rocha do Corvo. Eu também sabia que seria apenas questão de segundos até que eles chegassem a um local seguro e voltassem a assumir o controle de seus drones. Eu provavelmente tinha menos de um minuto antes que eles voltassem a ficar on-line.

Deixei dois Interceptores orbitando ao longe e assumi o controle do terceiro, e caí para atacar os drones indefesos que vagavam à minha frente.

Destruí metade da escolta de caças do Quebra-Gelo antes de voltar a mim e esqueci do resto para concentrar todo o meu fogo na descrição do Quebra-Gelo.

Mas ainda estava lutando para derrubar seus escudos quando Vance e seus homens assumiram o controle dos drones mais uma vez de algum ponto novo – possivelmente usando seus ComQs.

De repente percebi que eu estava em desvantagem numérica e

de armas, preso numa briga de naves com seiscentos Interceptores. Quando avancei para atacá-los, a canção “One Vision”, do Queen, começou a tocar na velha playlist *Raid the Arcade* do meu pai. Isso finalmente conseguiu me concentrar.

Abati quatro de suas naves no mesmo número de segundos, deixando apenas dois dos Interceptores remanescentes, aqueles pilotados por Rostam e Viper Vance.

Fui primeiro atrás de Rostam, abalroando sua nave com a minha sem pensar nas consequências. O impacto fez com que seu drone saísse voando num ângulo oblíquo, bem no caminho de uma das armas de Sentinela automatizada do Quebra-Gelo. Ela explodiu numa bola de fogo.

Agora éramos só eu e o almirante Vance.

Nós dois estávamos presos num duelo feroz ao redor do Quebra-Gelo que pairava sobre Europa. Abafados pelos meus headphones, eu podia ouvir os sons caóticos do combate no mundo real em algum lugar ali perto – e estavam cada vez mais próximos. Caças Spider haviam cercado a Starbase Ace. Cruz, Diehl e minha mãe estavam lutando para mantê-los à distância, e um Basilisco se aproximava da loja.

Então, no último minuto, Whoadie veio descendo do céu no seu próprio Interceptor tripulado. Quando o Disruptor foi ativado e ela perdeu o controle de seu drone, decidiu pular de volta ao seu protótipo de Interceptor que veio de Nova Orleans até ali para nos ajudar. Ela abateu o Basilisco em sua primeira passagem com um tiro bem no meio dos olhos, depois girou e passou raspando pelos caças Spider, permitindo que eu me concentrasse novamente no meu duelo com o almirante, a meio caminho do sistema solar.

Eu sabia que Vance havia voado na esquadra do meu pai na Base Lunar Alfa – mas ele acabou mostrando-se melhor do que eu esperava.

Antes que eu soubesse o que tinha acontecido, Vance havia girado pela minha cauda e reduzido meu Interceptor a pedaços.

Então se virou e continuou a escoltar o Quebra-Gelo até seu alvo. Mas ele não sabia que eu ainda tinha aqueles dois outros Interceptores de reserva, aguardando ali perto em stand by.

Assumi o controle de outra nave e fui até Vance. Consegui atingi-lo com um dilúvio de rajadas de plasma, mas seus escudos aguentaram e sua nave permaneceu sem danos.

Ele me acertou novamente. Era mesmo muito bom. Quase tão bom quanto meu pai, mas não tanto assim.

Assumi o controle da minha última nave, e mais uma vez

interceptei Vance e o Quebra-Gelo – justo no momento em que este chegou ao alcance de disparo da superfície de Europa. Era agora nunca.

Coloquei de lado meu luto e minha raiva paralisante e me concentrei no que queria naquele momento, mais do que tudo nesta vida – deixar meu pai orgulhoso de mim, garantir que seu sacrifício não havia sido em vão.

Apertei o acelerador a toda e parti para cima do drone de Vance, que ainda estava voando num padrão de proteção ao redor Quebra-Gelo.

Mas o núcleo de energia de sua nave estava baixo agora, enquanto eu ainda tinha uma nave novinha com carga plena.

Agora não era hora de sutileza. Coloquei meu caça para mergulhar e fui direto pra cima de Vance com todas as armas disparando enquanto ele fazia o mesmo, descarregando todas as nossas armas um no outro simultaneamente.

Uma fração de segundo antes de colidirmos, seus escudos falharam – mas os meus não, o que me permitiu destruir sua nave com uma boa rajada de plasma. Sua nave foi incinerada, justo no momento em que a minha passou direto pela bola de fogo.

Não parei para comemorar. Desci num arco para pegar o Quebra-Gelo também – poucos segundos antes que ele lançasse seus artefatos nucleares na superfície de Europa.

– Não faça isso, garoto! – gritou Vance no canal de comlink, agora sem poder me deter. – Se fizer isso, você será o responsável pela extinção de toda a espécie humana.

Fui em frente e fiz assim mesmo.

Quando disparei uma última rajada das minhas armas solares, o Quebra-Gelo irrompeu numa brilhante e silenciosa explosão de luz.

Foi o que bastou.

Naquele único momento, era como se eu tivesse negociado um cessar-fogo. A notícia já estava correndo por todos os canais de comlink da Aliança. Por todo o mundo, drones e naves alienígenas foram desativados, se permitindo serem facilmente destruídos.

Fique ali sentado, escutando a notícia de que a guerra havia acabado, tentando me fazer acreditar nisso. Então, justo quando estava prestes a me desconectar do meu Interceptor e tirar meu capacete, vi a superfície de Europa rachar diante de mim, se abrindo como uma casca de ovo, quando um gigantesco orbe cromado saiu do oceano oculto abaixo, criando um buraco enorme circular no gelo da superfície ao subir até a órbita e começar a pairar no espaço bem na frente da minha nave. Numa inspeção mais de perto, vi que o objeto era na verdade um icosaedro, com vinte lados facetados e simétricos – um “dado de vinte”, Shin teria provavelmente apelidado.

O icosaedro pairou na frente da minha nave. Então começou a falar comigo.

– Eu sou o Emissário – disse ele. – Sou uma máquina inteligente criada por uma comunidade galáctica de civilizações pacíficas conhecida como Sodalidade.

O Emissário rapidamente me explicou que na verdade nunca houve nenhum ser extraterrestre vivendo em Europa. Apenas vida microbiana havia evoluído no oceano abaixo da superfície da lua. Nenhum ser inteligente – nativo ou não – tinha vivido ali.

– Então quem construiu a armada que acabou de atacar a Terra?
– perguntei. Senti-me como uma personagem no sonho de outra pessoa. – Quem temos combatido esse tempo todo?

– Eu construí a armada – respondeu ele. – E todo este tempo vocês estava lutando consigo mesmos.

“A Sodalidade tem monitorado as transmissões de rádio e de TV de sua espécie desde que vocês começaram a transmiti-las para o espaço. Mas não começamos a ter um interesse especial na unidade até 1945, quando vocês criaram sua primeira arma nuclear e depois a utilizaram para uma guerra contra a própria espécie. Nessa época, usamos todos os dados que havíamos coletado para criar um perfil detalhado de sua espécie e registrar suas forças e fraquezas evolucionárias. Em 1969, quando sua espécie se tornou tecnológica e avançada o bastante para alcançar outro mundo, no caso sua própria lua, vocês se tornaram uma ameaça em potencial aos outros membros da Sodalidade. E por isso fui enviado para cá para aplicar o Teste.”

– Então era *mesmo* um teste, afinal... Para quê?

– Um teste que usamos para aferir se sua espécie é capaz de coexistir pacificamente dentro da Sodalidade – explicou o Emissário. – Foi iniciado quando sua sonda descobriu a suástica na superfície de Europa. Nós selecionamos um símbolo que sua cultura costuma associar a guerra e morte, e então criamos uma enorme réplica desse símbolo no corpo celeste mais próximo de seu sistema solar com condições de abrigar vida inteligente.

“Sabíamos que a descoberta de tal símbolo acabaria fazendo com que vocês enviassem outra sonda até a superfície para investigar sua origem. Assim que sua sonda pousou em Europa, a próxima fase do teste começou. Simulei um cenário-padrão de primeiro contato para sua espécie, em que um mal-entendido cultural leva a uma declaração de guerra.”

A declaração da máquina não soou verdadeira aos meus ouvidos, mas eu não estava em condição mental de iniciar um debate.

– Você construiu todos esses drones sozinhos? – perguntei. – E você os controlou em combate?

– Afirmativo.

– Então, todo esse tempo, era só você? Um supercomputador artificialmente inteligente fingindo ser uma espécie alienígena hostil com a intenção de testar o caráter da humanidade?

– Falando de forma bem simplificada, sim. É correto. – A máquina fez uma pausa. – Era o momento de vocês serem testados. A Sodalidade achou necessário descobrir como sua espécie lidaria com o cenário comum de primeiro contato com uma civilização

vizinha. Como disse, foi um teste. O Teste.

– Seu “teste” matou milhões de pessoas inocentes – falei entredentes. – Incluindo diversos amigos meus. E meu pai.

– Lamentamos as perdas que você sofreu – disse o Emissário. – Mas saiba que muitas outras espécies passaram no Teste sem conflito ou perda de vidas.

Eu estava quase soluçando agora.

– O que você queria que fizéssemos? O que *deveríamos* ter feito?

– Não há jeito certo ou errado de realizar o Teste – disse o Emissário. – Usando termos psicológicos humanos, era um teste projetivo, e não objetivo. Ele apresenta à civilização-alvo diversos conjuntos de circunstâncias que têm a intenção de aferir sua capacidade de empatia, altruísmo, atuação e negociação como uma espécie coletiva. Isso permite que a Sodalidade veja como sua espécie conduz um primeiro contato com outra de temperamento semelhante.

– Não existe uma maneira mais fácil de fazer isso? – perguntei. – Uma maneira que não envolvesse matar milhões de humanos e destruir nosso planeta inteiro?

– O Teste revela coisas sobre uma espécie que não podem ser descobertas de nenhuma outra maneira; o que seus cientistas da Terra se referem como sendo uma “propriedade emergente”.

Eu não sabia como responder. Estava aborrecido demais para formar pensamentos ou palavras.

– Você não deveria sentir muito remorso a respeito da realização do Teste – disse a máquina. – A primitiva natureza guerreira de sua espécie tornou certa quantidade de conflito inevitável, como frequentemente acontece. Independente disso, sua espécie deveria estar satisfeita com o resultado. Vocês passaram no Teste.

– Passamos?

– Sim. O resultado foi incerto por um tempo, mas vocês agiram bem no final. Muitas espécies não têm a habilidade de desafiar seus próprios instintos primitivos e permitir que seu intelecto prevaleça. Tais espécies são normalmente declaradas inadequadas para a sobrevivência, quanto mais para serem membros da Sodalidade.

– Então você está dizendo que se eu não tivesse destruído o Quebra-Gelo, vocês teriam exterminado toda a espécie humana?

– Correto – respondeu a máquina. – Mas felizmente você fez a escolha correta, e sabiamente se dissociou do ciclo de escalada do conflito com seu inimigo imaginário. É por isso que estou falando com você agora. Assim que uma espécie passa no Teste, o Emissário faz contato com o indivíduo mais diretamente responsável, para informá-lo de que sua espécie foi convidada a se juntar à Sodalidade.

– Quantas outras civilizações existem nela?
– No momento a Sodalidade apresenta oito membros – respondeu. – Sua espécie será a nona, se você aceitar nosso convite.
– Como fazemos isso?
– Você pode aceitar o convite em nome de sua espécie agora. Você mereceu esse direito.

– E se eu... e se nós recusarmos?
– Nenhuma espécie jamais recusou se unir à Sodalidade – disse o Emissário. – Existem muitos benefícios para se tornar um membro. O compartilhamento de conhecimento, medicina e tecnologia, entre outras coisas. A longevidade da espécie acolhida assim como a qualidade de vida individual aumentará drasticamente.

Não passei muito tempo pensando. Simplesmente fui diante e disse sim.

– Parabéns.
– Só isso?
– Sim. Só isso.
– E agora?
– Agora começamos o processo de induzir sua espécie à Sodalidade. O primeiro passo é compartilharmos certos aspectos benéficos de nossa tecnologia com sua espécie que os ajudará a reconstruírem sua civilização. Muito em breve seu povo também estará livre de doenças e da fome. Mas este é apenas o primeiro passo. A Sodalidade voltará a entrar em contato com vocês quando estiverem prontos para o próximo passo.

– Quando será isso?
– Depende do que vocês fizerem com o que receberem.
Antes que pudesse ir para a próxima pergunta, a sonda do Emissário partiu, saindo de nosso sistema solar num piscar de olhos. Nunca mais voltei a vê-la.

Estacionei meu Interceptor em órbita de Europa e desfiz o link, deixando-o ali, possivelmente para sempre. Então me virei e vi minha mãe atrás de mim, junto com Cruz e Diehl. Todos os três estavam assistindo, e vi que Cruz e Diehl tinham gravado toda a minha conversa com o Emissário nos seus telefones.

Pedi que postassem minha conversa com o Emissário na internet, mas ele me disse que não havia necessidade: os aliens tinham transmitido tudo para todo o planeta, para todos os canais de TV e dispositivos conectados à internet. A verdade sobre a *Envoy* e a existência da Sodalidade já havia sido revelada a toda a raça humana.

Quando a terceira onda da armada alienígena chegou algumas horas mais tarde, os drones não atacaram. Em vez disso, eles pousaram e começaram a ajudar a humanidade a reconstruir sua

civilização, bem como o frágil ambiente do planeta. Os drones aliens também começaram a distribuir tecnologia e medicina miraculosa, juntamente com infinito suprimento de energia limpa e abundante. Parecia que estavam dando à humanidade tudo que ela tinha desejado.

Mas enquanto o mundo celebrava sua vitória, tudo que eu e minha mãe pudemos fazer era voltar para casa e começar o processo de chorar por tudo que havíamos acabado de perder.

Epílogo

Meus amigos e eu recebemos cada um uma medalha de honra do presidente, no gramado na frente da recém-reconstruída Casa Branca em Washington, DC.

E minha mãe achou tão alucinante quanto eu quando decidiram rebatizar o ginásio que eu havia destruído na minha escola com o meu nome.

Conforme prometido, Lex me levou para sair no nosso primeiro encontro, mas passamos a maior parte dele num estado de descrença traumatizada, falando sobre tudo o que tinha acontecido conosco. Só lá pelo nosso quarto ou quinto encontro fomos capazes de nos concentrar em alguma coisa que não fosse a invasão. Então fizemos nosso melhor para parar de discutir sobre isso.

Com a bênção de Ray, decidi assumir a administração da Starbase Ace. Lex se mudou para a cidade com sua avó e ambas me ajudaram a gerenciar o lugar. Ele rapidamente se tornou a mais popular loja de videogames usados/campo de batalha histórico do mundo.

No primeiro aniversário da morte do meu pai, uma estátua dele foi erguida em sua homenagem na praça da cidade de Beaverton, e

todos nós fomos à cerimônia de inauguração, durante a qual o general Lightman foi premiado postumamente com honras militares de medalhas de dezenas de países diferentes.

O almirante Vance fez o discurso de encerramento, percorrendo longamente sobre a bravura do meu pai e sua longa amizade. Falou com honestidade, como sempre, sobre como meu pai o havia impedido de cometer o maior erro de sua carreira. Sua vergonha e seu arrependimento eram evidentes, muito embora ele estivesse longe de ser o único líder político ou militar culpado do mesmo erro.

Meu pai estava certo sobre o almirante Vance. Ele era um bom homem.

Depois, enquanto estávamos admirando a estátua do meu pai, uma coisa estranha aconteceu. Um jovem me parou para pedir um autógrafo. Isso em si não era algo estranho, agora que a Sodalidade havia me tornado uma celebridade nacional; o estranho era que esse jovem em particular era Douglas Knotcher, meu inimigo do segundo grau.

Ele usava um uniforme da Aliança com o posto de sargento. Também se equilibrava sobre um par de pernas artificiais, que estavam na moda naquele ano. Seu braço direito também era uma prótese robótica. Por um momento quase não o reconheci. Seu sorriso debochado e de satisfação pessoal desapareceu havia muito tempo.

Ele me estendeu uma caneta, junto com uma cópia de nosso anuário sênior, aberto na minha foto. Por causa da guerra, essa classe nunca teve sequer uma cerimônia de formatura como manda o figurino. Eles tinham nos enviado os diplomas pelo correio, junto com nossos anuários.

Peguei o anuário e rabisquei meu nome embaixo da minha foto. Então parei por um momento para observar o adolescente sorridente e sem noção da foto. Por um momento eu quase não me reconheci também.

Devolvi o livro para ele. Ele o enfiou debaixo do seu único braço.

– Lamento sobre o seu pai – falei.

Ele olhou para os sapatos e assentiu.

– Gostaria de poder dizer o mesmo – resmungou ele. – O mundo é um lugar melhor sem ele.

Ele me deu um sorriso triste, depois fez um gesto para a estátua do meu pai que assomava sobre nós dois.

– Você deve estar muito orgulhoso dele.

Fiz que sim com a cabeça.

– Estou.

– Se ele estivesse aqui agora, com certeza estaria orgulhoso de você também – disse.

Abri a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. Knotcher obviamente amadureceu muito; talvez até mesmo mais do que eu. Fiquei me perguntando se ele tinha ouvido falar de Casey, o garoto que ele tinha provocado sem nenhuma piedade durante a maior parte da escola. Ele morrera durante a primeira onda, junto com toda a família e milhões de outras pessoas.

Decidi não tocar nesse assunto. Tenho certeza de que ele sabia.

Ficamos ali parados em silêncio por mais um momento, olhando para a estátua do meu pai. Então Knotcher se virou para ir. Mas primeiro me ofereceu a mão esquerda – a de verdade.

Estendi a minha mão esquerda para apertá-la. Então, sem dizer mais uma palavra, ele se virou e saiu caminhando para a multidão.

Nunca mais voltei a vê-lo.

Depois da cerimônia, fomos visitar o túmulo de meu pai – eu, Lex, minha mãe e meu irmão de três meses, o pequeno Xavier Ulisses Lightman Júnior – o garoto cujo nome o assegurava que nunca teria de pagar por um drinque enquanto vivesse.

Nós já tínhamos visitado o túmulo de meu pai muitas vezes, é claro, mas seu caixão vazio havia sido exumado alguns meses depois que morreu, e fizemos outro funeral para ele. Desta vez enchemos seu caixão de velhas lembranças antes que eles o enterrassem novamente. Coloquei umas de suas antigas mixtapes nela. Pensei em enterrar sua velha jaqueta de pontuação com ele, mas aí decidi que deveria guardá-la para dá-la ao meu irmãozinho. Ele deve ter sentido isso também – porque sempre que eu usava a jaqueta, como hoje, Xavier Júnior ficava toda hora estendendo as mãos para agarrar os emblemas, e depois se recusava a soltar.

– Não, J.R.! – Ele parecia preferir as iniciais em vez de “Júnior”. – É minha! Você vai poder ficar com ela quando for grande bastante para vesti-la, homenzinho. – E aí ele olhava feliz da vida para mim.

Quando chegamos ao túmulo do meu pai, descobrimos que o chão ao redor tinha pilhas de flores, notas e presentes de gente agradecida de todo o mundo, como de costume. Minha mãe acrescentou à pilha seu buquê escolhido à mão; então ficamos ali em silêncio por um tempo, admirando o crepúsculo e prestando nossa homenagem.

Quando finalmente dei adeus ao meu pai e me virei para ir, parei para admirar a inscrição em sua nova lápide, que eu tinha ajudado a escrever:

AQUI JAZ
XAVIER ULISSES LIGHTMAN
1980 – 2018
ADORADO MARIDO, PAI E FILHO
ELE SALVOU A HUMANIDADE DA ANIQUILAÇÃO TOTAL
“DE NADA.”

Fiquei ali parado, olhando fixo para a lápide, pensando em tudo o que havia acontecido ao longo do ano anterior. Pouco depois do fim da guerra, eu havia recebido uma oferta da Aliança para ocupar um papel de embaixador na Sodalidade, mas eu recusei. Não estava interessado em ajudar nem os aliens babacas que desenvolveram um “teste” tão horrível e matado meu pai, nem os humanos líderes que mentiram para toda a humanidade por décadas e quase nos levaram à extinção.

Como o Emissário havia prometido, as coisas na Terra estavam mudando para melhor, graças à tecnologia e à medicina avançadas da Sodalidade. Minha mãe teve de encontrar um novo trabalho de enfermeira pela melhor razão possível – nós tínhamos agora uma cura para todas as formas de câncer que havia erradicado a doença em questão de semanas. E a maioria das outras doenças também. A Sodalidade também nos presenteara com uma nova forma de tecnologia de energia de fusão limpa e barata. Parecia que a humanidade havia iniciado uma nova era de maravilhas e milagres.

Talvez fosse influência do meu falecido pai, mas, apesar de todos os seus presentes generosos, eu ainda desconfiava da Sodalidade. Olhando em retrospecto, o “teste” deles mais parecia uma armadilha – uma armadilha que haviam montado e jogado como isca para toda a humanidade. Quão benevolentes poderiam ser os seres por trás de tais maquinações imorais?

Sim, eles compartilharam todos esses avanços tecnológicos com a humanidade, mas ainda não tinham revelado nenhum verdadeiro detalhe sobre si mesmos, ou as diferentes espécies alienígenas que afirmavam fazer parte da Sodalidade, sempre usando a desculpa de que “a humanidade ainda não estava pronta para esse conhecimento” e que isso estava “além de nossa compreensão primitiva”.

Sempre que eu lia sobre isso nas notícias, ouvia o eco das palavras de meu pai: “Este humano entende o bastante para saber quando estão mexendo com ele.”

Agora eu não conseguia me livrar da mesma suspeita. Eles

mexeram conosco, e provavelmente ainda não haviam parado.

Por quanto tempo essa generosidade iria durar? O que aconteceria se e quando ela acabasse?

Olhei para as pessoas que amava. Lex. Minha mãe. E o pequeno Xavier Júnior. Eu me perguntei em que espécie de mundo ele iria crescer: que espécie de mundo iríamos permitir que a Sodalidade nos impusesse.

Esse foi o momento em que percebi que não podia ficar na Starbase Ace. Não havia como voltar para a vida que eu tinha antes, porque ela havia acabado – para todos – junto com um mundo no qual tínhamos vivido.

Eu não podia simplesmente ficar parado à beira do gramado e permanecer à parte do mundo. Não depois de tudo o que havia acontecido – e tudo que poderia estar reservado para a humanidade.

Quando voltei para casa naquela noite, saquei meu ComQ e liguei para meu amigo, Dr. Shostak. Disse a ele que decidi me tornar um dos embaixadores da Terra para a Sodalidade. Com o tempo, esperava que meu emprego acabasse me possibilitando descobrir a verdade sobre os verdadeiros motivos de nossos benfeitores alienígenas.

Por ora, eu pretendia tentar seguir o conselho atemporal de mestre Yoda – concentrar a mente onde eu estava, e no que estava fazendo. E fazer tudo que eu pudesse para proteger o que agora era mais importante para mim. Não era tão difícil quanto pensava que seria. Depois de todas as coisas que aconteceram comigo, depois de tudo pelo que passei, eu não mais me encontrava olhando para a janela e sonhando com uma aventura.

Agradecimentos

Há momentos em que escrever um romance – ou simplesmente viver sua vida – pode fazer você se sentir como se estivesse lutando uma guerra de uma só pessoa contra chances cada vez mais impossíveis. Fico feliz por ter tido muitas pessoas maravilhosas na minha esquadra durante o tempo em que este livro foi escrito. Meus sinceros agradecimentos e apreciação vão para:

Meu irmão mais novo, Eric, por me inspirar e por esta história. E seu filho, meu sobrinho com o nome invejável de Talon (Garra), por me ensinar sobre o tipo especial de coragem que pode derivar de ser o filho de um soldado.

Minha melhor amiga, Cristin O’Keefe Aptowicz, por seu amor, apoio na vida e incentivo constante no decorrer de nossa longa amizade, e mais especialmente durante o tempo em que este romance foi escrito. Eu não poderia ter feito isso sem ela.

Minha linda e brilhante filha, Libby Willett-Cline, por me inspirar todos os dias a ser um melhor pai, escritor, gamer e ser humano. E a mãe dela, a Dra. Susan B.A. Somers-Willett, por me ajudar a criar a garota mais legal do mundo, e por trazê-la para ele, antes de tudo.

Também sou extremamente grato ao meu *manager* de anos, amigo, e parceiro de crime de Hollywood Dan Farah (também conhecido por “O Jedi de Jersey”), e ao meu fantástico agente literário, Yfat Reiss-Gendell, junto com Kirsten Neuhaus, Jessica Regel e todos os outros milagreiros da Foundry Literary and Media.

Também quero estender uma nota especial de agradecimento ao

meu incansável e brilhante editor, Julian Pavia, que merece uma Medalha de Honra ao Mérito da Aliança de Defesa da Terra pela sua contribuição a este trabalho, e por me suportar durante sua criação. E obrigado também a Sarah Breivogel, Jay Sones, Jessica Miele, Molly Stern, Maya Mavjee, Robert Siek e todas as outras pessoas incrivelmente bacanas da Crown Publishing.

Sou extremamente grato ao meu amigo Wil Wheaton, por mais uma vez emprestar sua voz e seu talento à minha história. Obrigado também a Amy Metsch e Dan Musselman na Penguin Random House Audio pelo seu trabalho no audiolivro.

Um agradecimento especial para meu camarada astrofísico Dr. Andy Howell, por suas tentativas de me ajudar a acertar pelo menos parte da ciência nesta história. (Quando há alguma imprecisão, sei que isso acontece porque optei por ignorar as sugestões de Andy com meus próprios objetivos escusos.)

Preciso também agradecer:

A Mike Mika, por permitir que eu me beneficiasse de seu campo de distorção da realidade e me ajudar a transformar os videogames nos meus romances em realidade, uma linha de código de cada vez.

A Katherine Europa Welch, por seu fantástico nome do meio, seu mojo de webdesign irado, e por responder minhas infinitas perguntas sobre o trabalho na indústria de videogame moderna.

Ao Astronauta Kjell Lindgren, por me dar uma excursão guiada na NASA, por dividir seu patriotismo e entusiasmo comigo, e por levar a capa do meu primeiro romance para o espaço sideral. Quero ser ele quando crescer.

Ao falecido Aaron Allston, por ter me dado conselhos sobre esta história e por seu trabalho que ajudou a inspirá-la. Sentimos sua falta, e sempre sentiremos.

Meu humilde agradecimento e gratidão também vão para George Lucas, por criar a mitologia da minha juventude e encher meu jovem coração de um profundo desejo de aventura entre as estrelas, e a Steven Spielberg, pelo papel que sua obra desempenhou para inspirar esta história e por me animar quando eu o estava escrevendo com a notícia maravilhosa de que havia escolhido dirigir a adaptação do meu primeiro romance. Nada mais dá a você a coragem de sonhar alto do que um dos heróis de toda a sua vida decidir literalmente tornar um de seus maiores sonhos realidade.

E por falar em sonhos que se realizam, também quero agradecer a Scott Stuber, Jeffrey Kirschenbaum, Alexa Fagan e todos na Universal Pictures, por acreditar que esta história também daria um grande filme e por fazer tantos dos filmes que o inspiraram.

Por seu conselho, sua ajuda, seu incentivo e sua amizade, também sou eternamente grato a Craig Tessler, Matt Galsor, Trevor

Astbury, Deanna Hoak, Elena Stokes, Jack Fogg e seu pai, Tony Fogg, George R.R. Martin, Patrick Rothfuss, John Scalzi, Erin Morgenstern, Jeff Knight, Jed Strahm, Chris Beaver, Mike Henry, Harry Knowles, Dannie Knowles, Giovanni Knowles, Aaron Dunn, Chris Nine e Phil McJunkins. E obrigado a Hildy, minha assistente canina, que ficou deitada enroscadinha aos meus pés durante a redação deste livro e do anterior. *Cave lupum*.

Por fim, meus sinceros agradecimentos a todos os escritores, cineastas, músicos e artistas cujo trabalho ajudou a inspirar este romance, e a todos os meus amigos, família, fãs e leitores, pelo entusiasmo e pela paciência sem limites que demonstraram comigo enquanto eu estava escrevendo.

QAFECV,
Ernest Cline
Austin, Texas
30 de abril de 2015

Índice

CAPA

Ficha Técnica

FASE UM

1

2

3

4

5

6

7

FASE DOIS

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

FASE TRÊS

22

23

24

25

26

Epílogo

Agradecimentos